



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Gabriela Graudenz Muller Erandorena

A ambiguidade ideológica em Fernando Pessoa

Florianópolis

2023

Gabriela Graudenz Muller Ernandorena

A ambiguidade ideológica em Fernando Pessoa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras e Literatura Vernáculas, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Letras e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Heronides M. Moura.

Florianópolis

2023

Ernandorena, Gabriela Graudenz Muller
A ambiguidade ideológica em Fernando Pessoa / Gabriela
Graudenz Muller Ernandorena ; orientador, Heronides
Moura, 2023.
278 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua
Portuguesa, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

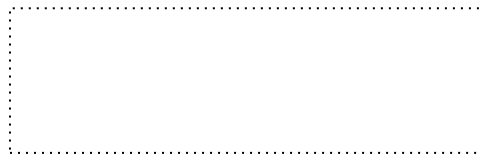
1. Letras - Língua Portuguesa. 2. Ambiguidade. 3.
Ideologia. 4. Fernando Pessoa. I. Moura, Heronides. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras
- Língua Portuguesa. III. Título.

Gabriela Graudenz Muller Ernandorena

A ambiguidade ideológica em Fernando Pessoa

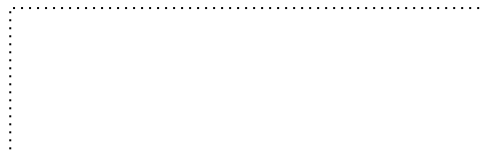
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras e Literatura de Língua Portuguesa

Florianópolis, 21 de novembro de 2023



Coordenação do Curso

Banca examinadora



Prof. Heronides M. Moura, Dr.

Orientador



Prof. Fábio Lopes da Silva, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. André Cechinel, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2023

A minha filha, meus pais e toda minha família de coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu orientador pela paciência e grandes ensinamentos. Agradeço também aos meus coordenadores de bolsa, Dr. Pablo Bittencourt e Dr. Marcelo Arend por toda confiança em mim depositada.

“A política partidária é a arte de dizer a mesma
coisa de duas maneiras diferentes.”

Fernando Pessoa

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo investigar a ambiguidade ideológica presente nas obras de Fernando Pessoa, abrangendo sua prosa e poesia. Ocorre a ambiguidade ideológica quando uma palavra, expressão ou frase incorpora diversas orientações políticas, sem permitir identificar de forma precisa a ideologia particular associada. Identificar sua posição ideológica revela-se um desafio devido à diversidade de perspectivas encontradas em seus escritos, já que Pessoa apresenta uma variedade de vozes literárias, expressando visões políticas distintas, o que resulta em uma ambiguidade inerente. A obra de Pessoa reflete a ambiguidade intrínseca à natureza humana e sua existência, abordando temas sociais e políticos de forma multifacetada e contraditória, desafiando classificações definitivas. A ambiguidade de sua posição ideológica enriquece sua contribuição para a literatura. Sua obra, permeada *per se* e por múltiplas personas, exige uma análise cuidadosa das nuances e contradições presentes. A pesquisa focaliza a ideologia de Pessoa por meio da análise de seus textos políticos e literários. A seleção de obras aborda campos semânticos relacionados a temas como autoridade, colonialismo, democracia, ditadura, imperialismo, liberalismo, nacionalismo, salazarismo e tradição. A análise busca compreender como esses temas foram tratados, linguisticamente, em sua produção literária e identificar possíveis ambiguidades ideológicas, explícitas ou implícitas. A abordagem adotada é qualitativa, buscando a compreensão e exploração de aspectos da ideologia de Pessoa. O estudo é de cunho bibliográfico, com análises de textos pessoanos para identificar sua ideologia. A coleta de dados foi realizada por meio de busca de termos-chave em textos éditos e inéditos de Fernando Pessoa. Espera-se que esta pesquisa contribua para um entendimento mais abrangente da obra de Fernando Pessoa e promova discussões enriquecedoras sobre a fluidez e a pluralidade das ideologias presentes na literatura.

Palavras-chave: Ambiguidade; ideologia; Fernando Pessoa.

ABSTRACT

The present undergraduate thesis aims to investigate the ideological ambiguity present in the works of Fernando Pessoa, encompassing both his prose and poetry. Ideological ambiguity occurs when a word, expression, or phrase incorporates multiple political orientations, without allowing for the precise identification of a particular associated ideology. Identifying his ideological position proves to be a challenge due to the diversity of perspectives found in his writings, as Pessoa presents a variety of literary voices expressing distinct political views, resulting in inherent ambiguity. Pessoa's work reflects the intrinsic ambiguity of human nature and existence, addressing social and political themes in a multifaceted and contradictory manner, challenging definitive classifications. The ambiguity of his ideological position enriches his contribution to literature. His work, permeated both by itself and by multiple personas, requires a careful analysis of the present nuances and contradictions. The research focuses on Pessoa's ideology through the analysis of his political and literary texts. The selection of works addresses semantic fields related to themes such as authority, colonialism, democracy, dictatorship, imperialism, liberalism, nationalism, Salazarism, and tradition. The analysis seeks to understand how these themes were linguistically treated in his literary production and to identify possible ideological ambiguities, explicit or implicit. The adopted approach is qualitative, aiming at the understanding and exploration of aspects of Pessoa's ideology. The study is bibliographical, with analyses of Pessoa's texts to identify his ideology. Data collection was carried out by searching for keywords in edited and unpublished texts by Fernando Pessoa.

It is expected that this research will contribute to a broader understanding of Fernando Pessoa's work and promote enriching discussions about the fluidity and plurality of ideologies present in literature.

Keywords: Ambiguity; ideology; Fernando Pessoa.

TABELAS

Tabela 1.....	35
Tabela 2.....	36
Tabela 3.....	38
Tabela 4.....	100
Tabela 5.....	101
Tabela 6.....	102
Tabela 7.....	103
Tabela 8.....	105
Tabela 9.....	106
Tabela 10.....	107
Tabela 11.....	108
Tabela 12.....	110
Tabela 13.....	111
Tabela 14.....	112
Tabela 15.....	113
Tabela 16.....	115
Tabela 17.....	116
Tabela 18.....	117
Tabela 19.....	118
Tabela 20.....	120
Tabela 21.....	121
Tabela 22.....	122
Tabela 23.....	123
Tabela 24.....	125
Tabela 25.....	126
Tabela 26.....	127
Tabela 27.....	128
Tabela 28.....	130

Tabela 29.....	131
Tabela 30.....	132
Tabela 31.....	133
Tabela 32.....	135
Tabela 33.....	136
Tabela 34.....	137
Tabela 35.....	138
Tabela 36.....	140
Tabela 37.....	141
Tabela 38.....	142
Tabela 39.....	143

GRÁFICOS

Gráfico 01.....	97
Gráfico 02.....	100
Gráfico 03.....	104
Gráfico 04.....	109
Gráfico 05.....	114
Gráfico 06	118
Gráfico 07.....	123
Gráfico 08.....	128
Gráfico 09.....	133
Gráfico 10.....	138

FIGURAS

Figura 01.....	22
Figura 02.....	22
Figura 03.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1.1 Objetivo Geral	19
1.1.2 Objetivos Específicos	19
1.1.3 Metodologia	19
2 AMBIGUIDADE	21
2.1 A AMBIGUIDADE E SUAS CARACTERÍSTICAS	22
2.1.1 Ambiguidade e metalinguagem.....	27
2.2 ALGUMAS FORMAS DE AMBIGUIDADE	28
2.2.1 Vagueza	28
2.2.2 Ambiguidades	29
2.2.3 Metáfora	31
2.2.4 Polissemia.....	33
2.2.5 Ironia.....	35
2.3 AMBIGUIDADE SEMÂNTICA: MAPA DAS ESTRUTURAS	36
2.4 A ILUSÃO DA UNIDADE SEMÂNTICA.....	37
3. IDEOLOGIA E IDEOLOGIAS.....	42
3.1 DE IDEOLOGIA A IDEOLOGIAS	44
3.1.1 Afinal, o que é ideologia?	48
3.2 IDEOLOGIAS	50
3.2.1 Liberalismo	51
3.2.2 Conservadorismo	58
3.2.3 Socialismo	63
3.2.4 Anarquismo.....	66
3.2.5 Nacionalismo	68
3.2.6 Fascismo	72
3.2.7 Imperialismo	80
3.3 AMBIGUIDADE IDEOLÓGICA	82
4. FERNANDO PESSOA E O CONTEXTO HISTÓRICO EM PORTUGAL	87
4.1 PORTUGAL (1890-1935)	87

4.2 FERNANDO PESSOA.....	91
4.2.1 Fernando Pessoa e Sebastianismo	96
5 ANÁLISE DE CORPUS	98
5.2 METODOLOGIA.....	98
5.2 CORPUS.....	101
5.2.1 Autoridade.....	101
5.2.2 Colonialismo	106
5.2.3 Democracia	111
5.2.4 Ditadura.....	116
5.2.5 Imperialismo	121
5.2.6 Liberalismo	126
5.2.7 Nacionalismo	131
5.2.8 Salazarismo	136
5.2.9 Tradição.....	141
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS.....	151
ANEXOS	162
ANEXO 1: DISCURSO COMPLETO DE SALAZAR NA PREMIAÇÃO ANTERO DE QUENTAL EM 1934:	162
ANEXO 2: AMOSTRA DA LETRA DE FERNANDO PESSOA.....	164
ANEXO 3: DECRETO-LEI N.º 23 054, DIÁRIO DO GOVERNO, 25-10-1933.....	165
APÊNDICE.....	167

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo investigar a ambiguidade ideológica presente nas obras de Fernando Pessoa, abrangendo tanto sua prosa quanto sua poesia (dentro do recorte de corpus – explicado na metodologia e aprofundado no capítulo 5). Identificar com precisão sua posição ideológica revela-se um desafio devido à complexidade e diversidade de perspectivas encontradas em seus escritos, já que Pessoa apresenta uma variedade de vozes literárias, expressando visões políticas distintas, o que resulta em uma ambiguidade inerente. A ambiguidade ideológica se verifica quando uma palavra, expressão ou frase incorpora múltiplas orientações políticas, tornando impossível discernir de maneira precisa a ideologia específica associada. Isso resulta em uma ambiguidade intrínseca, dificultando a classificação clara e inequívoca da perspectiva ideológica subjacente.

A obra de Pessoa reflete de maneira excepcional a ambiguidade intrínseca tanto à natureza humana quanto a sua própria existência, estabelecendo um terreno fértil para interpretações diversas. Por meio de suas diferentes personas literárias, incluindo ele próprio, Pessoa aborda de modo multifacetado temas sociais e políticos, frequentemente contraditórios, proporcionando um desafio àqueles que buscam classificá-lo de forma definitiva. A dificuldade em determinar sua posição ideológica é um aspecto intrigante e enriquecedor de sua contribuição para a literatura, uma vez que explora a complexidade das questões sociais e provoca reflexões sobre a condição humana. Assim como a própria identidade de Pessoa se desdobra em diversas personas, sua ambiguidade ideológica pede uma análise cuidadosa e uma apreciação das nuances e contradições que permeiam sua obra.

O escopo da pesquisa visa aprofundar a investigação da ideologia de Fernando Pessoa através da minuciosa análise de seus textos de natureza política. A delimitação deste estudo engloba a meticulosa seleção de obras que abordam termos pré-determinados, os quais se relacionam com os temas e o léxico de **autoridade, colonialismo, democracia, ditadura, imperialismo, liberalismo, nacionalismo, salazarismo e tradição**. Por meio desta abordagem, almeja-se alcançar uma

compreensão abrangente de como esses temas foram abordados por Pessoa, em termos linguísticos, dentro de sua produção literária.

Para tanto, a pesquisa será conduzida de forma minuciosa e criteriosa, examinando os textos selecionados em seus contextos históricos e sociais. O estudo pretende fornecer uma contribuição significativa para o entendimento da complexa visão política de Fernando Pessoa e sua relevância na literatura e no pensamento contemporâneo.

Contudo, é importante reconhecer que a natureza polifônica da obra de Pessoa pode apresentar desafios adicionais na determinação de sua ideologia. A criação de múltiplos heterônimos, cada um com suas próprias perspectivas, indefinições e vozes distintas, contribui para a pluralidade e a indefinição ideológica que permeiam sua escrita.

Este estudo se diferencia de outras abordagens ao evitar o enquadramento do autor em uma única categoria ideológica. Em vez disso, adotará uma abordagem abrangente, analisando textos que contêm diferentes ideologias, buscando uma compreensão mais profunda e diversificada de sua obra.

A ambiguidade ideológica de Fernando Pessoa é um aspecto enigmático e enriquecedor de sua produção literária, que desafia as noções tradicionais de categorização política e abre espaço para uma apreciação mais ampla e reflexiva de sua polifonia.

A presente pesquisa está estruturada em cinco capítulos, além desta introdução. No Capítulo 2, abordaremos a ambiguidade, explicando os mecanismos linguísticos explícitos e implícitos que podem gerar algum tipo de ambiguidade. No Capítulo 3, traçaremos um panorama dos conceitos de ideologia e, em seguida, discorreremos sobre cada ideologia política presente nos escritos pessoanos. O Capítulo 4 apresentará o contexto histórico e político de Portugal durante a vida de Fernando Pessoa, bem como os principais movimentos político-literários do autor. No Capítulo 5, discorreremos sobre a metodologia e analisaremos os textos que abrangem as áreas temáticas citadas, realizando um estudo sobre a ambiguidade ideológica ali presente. E, por fim, no Capítulo 6, apresentaremos nossas conclusões finais.

1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral do trabalho de conclusão de curso é examinar se a ideologia de Fernando Pessoa pode ser simplificada em um único espectro político ou se é, em sua essência, caracterizada pela ambivalência e ambiguidade.

1.1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos incluem:

- (a) Compreender o fenômeno da ambiguidade semântica;
- (b) Investigar o conceito de ideologia e de ideologias políticas;
- (c) Analisar os textos selecionados para identificar as ideologias políticas que possam estar presentes.

1.1.3 Metodologia

A nossa pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, voltada para a compreensão e exploração de aspectos da ideologia de Fernando Pessoa que não podem ser quantificados. Nosso objetivo principal é investigar e interpretar os escritos políticos pessoanos, ultrapassando a simples mensuração de variáveis. De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa se aprofunda no universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, buscando compreender os processos e fenômenos sociais em um nível mais profundo, que não se limita apenas à operacionalização de variáveis.

O estudo será de cunho bibliográfico, consistindo em um levantamento de referências teóricas que já foram analisadas e publicadas em diversas fontes, como livros, artigos científicos e páginas de websites (Souza; Oliveira; Alves, 2021).

Serão realizadas análises em textos de Fernando Pessoa, com o objetivo de identificar sua(s) ideologia(s). Essas análises serão focadas nos campos semânticos relacionados aos seguintes termos: **autoridade, colonialismo, democracia,**

ditadura, imperialismo, liberalismo, nacionalismo, salazarismo e tradição. Através dessa análise, busca-se compreender as concepções e posicionamentos de Fernando Pessoa em relação a esses temas e como eles se manifestam em sua produção literária e política, em textos que contenham o léxico pertencente aos campos semânticos supracitados.

Os detalhes da metodologia em pormenores estão no capítulo 5, seção 5.1 (metodologia).

2 AMBIGUIDADE

A ambiguidade semântica é um fenômeno que acontece quando a um significante, lexical ou frásico, podem ser dados mais de um significado, ou seja, como diz Moura (1998, p.107) “quando o mapeamento entre forma e sentido não é unívoco”. Segundo o autor, em relação a este ponto haveria uma contradição entre teorias, a linguística e a literária pois, enquanto para a primeira, é fundamental encontrar o sentido único, ou pelo menos, principal, da ambiguidade, para a segunda a ambiguidade pode ser um recurso estilístico a ser explorado, ou seja, há em jogo um valor poético da não-univocidade quando “uma e outra alternativa cabem paradoxalmente no poema. A escolha de uma delas pode ter um significado histórico ou moral, mas não estético” (Moura, 98, p.110). No trabalho do autor-objeto desta monografia toda ideologia política de Fernando Pessoa pode ser fruto de um procedimento estético que deixa tudo intencionalmente ambíguo, pois talvez não se trate de uma representação linguística do real, mas de uma imagem literária.

Um exemplo de ambiguidade semântica na sua poesia podemos encontrar no trecho do poema “Antonio de Oliveira Salazar”¹ (poema sem data definida mas, por razões de acontecimentos na linha do tempo da vida do autor, pode-se especular que foi escrita entre 1933 (ano das diretrizes² para arte que o governo Salazar criou e que muito indignou Fernando Pessoa) e 30 de novembro de 1935 (morte do autor):

Coitadinho
do tiraninho!
Não bebe vinho.
Nem sequer sozinho...

Nesse poema, os terceiro e quarto versos podem suscitar sentidos como:

1. Salazar era abstêmio ;
2. Salazar não bebia pois era paranoico e tinha medo de ser envenenado;
3. Salazar não bebia pois não tinha ninguém que bebesse com ele.

¹ Alguns dos textos utilizados no *corpus* dessa pesquisa encontram-se no site <http://arquivopessoa.net/> e tem uma numeração. Esse é o 4357.

² Decreto-Lei n.º 23 054, Diário do Governo, 25-10-1933 (anexo 3)

A ambiguidade, ou não-biunivocidade, entre forma significante e o significado é inerente à linguagem, poética ou de prosa. Na vida real, no discurso diário, há uma propensão a optar por alguma das escolhas em jogo, porém, há a possibilidade de, na poesia, manter-se um grau de incerteza. Nas palavras de Moura (1998, p.111) “o problema da não-univocidade é real, está lá no texto e nos angustia, mas a solução não reside na escolha”.

2.1 A AMBIGUIDADE E SUAS CARACTERÍSTICAS

Uma das características que pertence ao conjunto de modelos semânticos na área da linguística, dentro do estudo sobre ambiguidade, na prosa ou na poesia, é a que uma mudança de significado deve estar conectada a uma mudança de significante, e, na metalinguagem, deve estar desambiguado para que subsista apenas um significado da frase inicialmente ambígua.

A mudança de significado, segundo Bybee (2015), está inerentemente conectada a uma mudança no significante. Ela enfatiza que a relação entre forma e significado é crucial para entender a evolução e a mudança das línguas. Bybee argumenta que, em um processo de mudança linguística, é improvável que um novo significado surja sem alguma modificação no aspecto formal da palavra ou expressão. A pesquisadora destaca que o significante (a forma ou estrutura da palavra e da frase) e o significado (o sentido ou a função da palavra e da frase) estão interligados e influenciam-se mutuamente. Alterações na pronúncia, na fonologia, na morfologia ou na sintaxe de uma palavra ou expressão podem levar a mudanças semânticas.

Além disso, Bybee ressalta que as mudanças no uso e na frequência de uma palavra também podem levar a uma mudança no significante. Quando uma palavra é usada com frequência em um determinado contexto ou função, isso pode levar a uma simplificação ou redução do significante. Por exemplo, palavras independentes podem sofrer gramaticalização e, com o uso, se tornarem afixos. E, “[p]or fim, a autora explica que a metáfora é outra fonte para novos sentidos das construções em gramaticalização, visto que mapeia a relação estrutural de um domínio mais concreto para outro mais abstrato” (Aceti;Machado, 2016 p.31). Assim sendo, na área da

linguística, a ambiguidade pode ser "gerenciada" através de uma investigação da forma, uma vez que, em teoria, uma forma corresponde a um significado. No entanto, esse apelo a uma diferença de forma não produz o mesmo efeito na literatura.

Nessa monografia também será utilizado o conceito de indeterminação³ de Moura (1998, p.112). Este conceito abarca a grande variedade de tipos de indefinição e ambiguidade utilizadas pelo linguistas como “[...] tais como ambiguidade, polissemia, vagueza, falhas pressuposicionais, não-dito, generalidade, metáfora, etc.”, isto é, “a indeterminação (ou indefinição) ocorre quando mais de uma representação semântica pode ser construída para essa sentença”.

Dado que um dos objetivos da pesquisa semântica reside na identificação do sentido "correto" - ou seja, aquele que o enunciador entende estar comunicando - exploraremos sucintamente algumas das abordagens propostas por linguistas para tal empreendimento. No tocante à determinação do sentido "correto", é imperativo destacar a distinção entre sentido explícito e implícito, tal como concebido por Grice (1975), que aborda a diferenciação entre os significados implícitos (implicaturas) e os significados explícitos na comunicação linguística.

Segundo Grice, o significado explícito é o conteúdo semântico convencionalmente associado a uma palavra ou expressão, baseado em sua definição literal e em seu uso convencional. É o significado que pode ser encontrado em dicionários ou manuais de gramática. O significado explícito é a informação direta e explícita transmitida pela mensagem.

Por outro lado, Grice destaca que a comunicação efetiva também envolve significados implícitos, que são inferidos pelo ouvinte a partir de pistas contextuais e do princípio cooperativo⁴. As implicaturas são as conclusões que se pode tirar a partir das informações fornecidas, mas que não são expressamente declaradas. Elas surgem de inferências baseadas no contexto, nas expectativas e na suposição de que

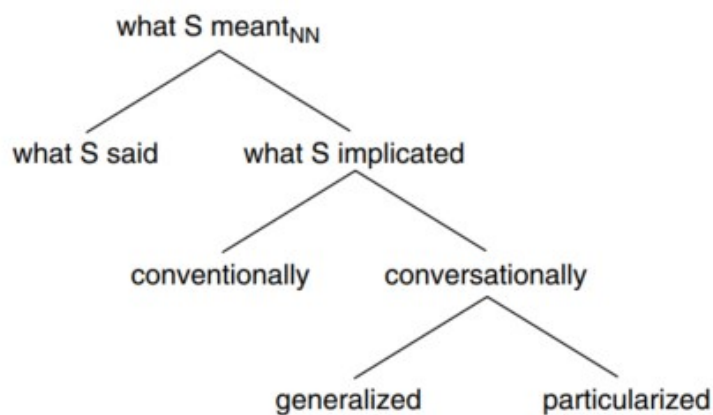
³ Alguns autores utilizam o termo “indeterminação” como genérico, porém, nesse trabalho utilizaremos o termo “ambiguidade” como genérico, considerando-os, assim, intercambiáveis.

⁴ Grice (1975) propõe que a comunicação bem-sucedida depende da aplicação do princípio cooperativo, que envolve a máxima da qualidade (dizer a verdade), a máxima da quantidade (fornecer informações suficientes), a máxima da relevância (ser relevante) e a máxima da maneira (ser claro e organizado).

o falante age cooperativamente e segue as regras conversacionais (Grice, 1989; Costa, 2009; Tendahl, 2009). Grice diferencia “[...] *between what is part of the conventional force (or meaning) of the utterance and what is not. This yields three possible elements – what is said, what is conventionally implicated, and what is nonconventionally implicated*”⁵ (Grice, 1989, p. 41).

Essas distinções estão ilustradas na figura 1:

Figura 1- Distinções de Grice

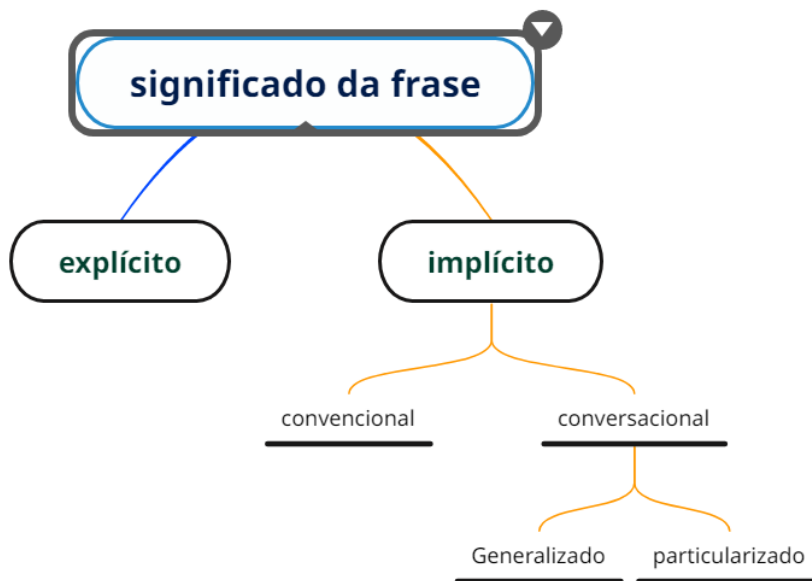


Fonte: Tendahl, 2009, p.9

Sobre esta figura, Costa (2009, p.01) explica: “implicatura convencional que está presa ao significado convencional das palavras e implicatura conversacional que não depende da significação usual, sendo determinada por certos princípios básicos do ato comunicativo”. A tradução da figura 1 está na figura 2:

Figura 2:

⁵ “[...] entre o que faz parte da força convencional (ou significado) da enunciação e o que não faz. Isso resulta em três elementos possíveis - o que é dito, o que é convencionalmente implicado e o que é não convencionalmente implicado (tradução nossa).



Fonte: Tendahl (2009, elaboração própria, tradução nossa).

Para ilustrar esta diferença entre significado implícito e significado explícito, vejamos as seguintes frases escritas por Fernando Pessoa em seu texto “A Loucura do Duce” publicado no jornal de Lisboa “O Diário de Notícias” em 22 de novembro de 1926 (Barreto, 2017, p.91):

A. – De noite todas as camisas são...negras;

B. No Consulado⁶ nunca se leu o *Mercure de France*;

C. E seria prestar um serviço bastante mau a esse homônimo desconhecido ⁷ o expô-lo[...] às violências sinistras, de que se compõe a lógica essencial dos servos do César Bórgia.

Em (A), (B) e (C) existem mais de uma interpretação semântica para cada sentença. Em (A) podemos inferir os seguintes sentidos: (i) não há luz durante à noite, portanto, todas as camisas são negras pois as cores não estão aparecendo; (ii) quando chega o horário noturno, aqueles que estão na rua vestem roupas pretas e

⁶ Fernando Pessoa está aqui se referindo ao Consulado da Itália, que Fernando Pessoa afirma não ter conhecimento de leis de outros países, nem conheceria o jornal *Mercure de France*, o qual G.B. Angioletti seria colaborador.

⁷ Homônimo de G.B. Angioletti (nome de uma pessoa real que Fernando Pessoa usou de heterônimo para assinar esse texto), italiano que supostamente teria dado uma entrevista ao jornal “Sol”, chamando Mussolini de louco.

(iii) à noite, quem está na rua, são os fascistas, pois Camisas Negras pode ser uma metonímia⁸ para os *partisans* do partido fascista italiano. Em (B): (i) em todo consulado, ninguém lê, isto é nunca é lido tal jornal; (ii) a maioria das pessoas do consulado não lê. Em (C): (i) Cesar Borgia pode estar referindo a ele mesmo, ao filho de Rodrigo Bórgia (papa Alexandre VI), ou (ii) uma alusão ao Mussolini.

A compreensão desse tipo de ambiguidade independe do entendimento prévio que se possa ter dos fatos, e sim do significado que damos às palavras do enunciador, diz Moura (1998). Uma das abordagens sugeridas para a compreensão da intenção comunicativa do enunciador é abrangente e fundamenta-se na premissa de que a atribuição de significado é realizada por meio da consideração do contexto discursivo.

A ideia é que quando não é possível prever no comportamento linguístico (cujas regras se aplicam fora de contexto) as duas ou mais representações semânticas da sentença indeterminada, então a representação dessa sentença, fruto da aplicação das regras semânticas deve entrar como input no 'componente retórico'. Esse componente (formado pelas regras conversacionais [...] e dados contextuais) reinterpreta a representação semântica oriundo do componente linguístico e produziria mais de um sentido, adaptado ao contexto. A desambiguação, não realizada no componente linguístico, teria lugar no componente teórico. Essa formulação teórica encontra respaldo na intuição pré-teórica de que as ambiguidades e imprecisões podem ser eliminadas se situadas em contexto. (Moura, 1998, p.114-115)

Apesar da viabilidade de identificar o sentido "correto", torna-se imperativo abordar dois aspectos intrínsecos que a cercam. Primeiramente, na busca da carga semântica apropriada, ou do objetivo do enunciador, é possível valer-se do contexto da sentença e também de suas implicaturas, mas isso "seria cômodo, com efeito, [para] disfarçar o simplismo e o caráter artificial das significações fazendo intervir, no último momento, um *deus ex machina* psicossociológico que as metamorfoseasse em sentidos contextuais mais ou menos conformes à realidade empírica" (Ducrot, 1977, p.123).

⁸ A metonímia é uma figura de linguagem que envolve a substituição de um termo por outro com o qual mantém uma relação de associação, seja de contiguidade espacial, causalidade, pertencimento ou outra conexão semântica específica. Essa substituição ocorre quando uma palavra ou expressão é usada no lugar de outra com base em uma relação contextual ou conceitual, gerando um efeito expressivo ou enfatizando uma característica particular. A metonímia contribui para a economia linguística ao transmitir significados complexos de forma concisa e sugestiva (Wales, 2011).

Um segundo ponto a ser considerado é que o sentido inferido pelo contexto nem sempre é reestabelecido, mesmo quando se recorre às implicaturas e ao contexto imediato. A linguagem, de acordo com a perspectiva dos linguistas, se revela como "uma ferramenta poderosa para representação semântica. No entanto, não se pode conceber que essa ferramenta resolva todas as complexidades impostas pela indeterminação..." (Moura, 1998, p. 115).

2.1.1 Ambiguidade e metalinguagem

O linguista que, por meio da produção da metalinguagem, tentar encontrar um relação biunívoca de significante com significado, tem um trabalho semelhante ao do tradutor, ou tradutora, que tem a função de encontrar uma equivalência entre a língua-fonte e a língua-alvo (Moura, 1998).

O tradutor parte do postulado de que a equivalência que ele procura na língua-alvo deve ser a melhor representação possível do sentido da sentença na língua-fonte, assim como a representação semântica artificial construída pelo linguista deve dar conta dos fatos semânticos relevantes das sentenças representadas. Também como o linguista, o tradutor recorre, para seu trabalho, não só às estruturas gramaticais, mas igualmente ao contexto (Moura, 1998, p.116).

De qualquer maneira, tanto tradutor como linguista, terão opções de tradução (e de paráfrase, no caso do linguista) que combinam tanto com a estrutura como com contexto da frase originária. Nos anos 60, o filósofo Quine ([1960] 2013) desenvolveu a teoria da "indeterminação da tradução" e, desde então, compreendemos que as opções que estão à disposição não podem fundamentar-se "sobre uma questão de fato (*fact of matter*), pois justamente não há uma questão de fato para esse problema" (MOURA, 1998, p.116). Se os múltiplos significados da língua-alvo encaixam estrutural e contextualmente na língua-fonte, não há fato externo ao qual seria possível recorrer, e todas as hipóteses de hermenêutica seriam compatíveis.

Jakobson (1959) também elaborou uma importante tese sobre a tradução, que ele separou em dois tipos: intralingual e interlingual. A tradução intralingual, também conhecida como reformulação ou parafraseamento, refere-se à reescrita ou explicação de um texto em uma única língua, sem envolver a tradução entre idiomas

diferentes. Nesse caso, o falante trabalha dentro do mesmo sistema linguístico, buscando encontrar expressões alternativas, esclarecer o significado ou simplificar a linguagem utilizada no texto original.

A tradução interlingual é o tipo mais comum de tradução, envolvendo a transferência de um texto de uma língua de origem para uma língua de destino. Esse processo requer a compreensão das estruturas linguísticas, das convenções culturais e das nuances de significado presentes em ambas as línguas. O tradutor, segundo Jakobson, precisa tomar decisões sobre a melhor forma de transmitir a mensagem do texto original na língua de destino, levando em consideração as diferenças gramaticais, de vocabulário e sociolinguísticas entre os idiomas.

Esse paradoxo de escolha, com múltiplas alternativas conciliáveis – mesmo não sendo totalmente sinônimas – é muito semelhante àquele do semanticista focado na significação. Para construir a paráfrase ele teria que desambiguar e explicitar o significado das frases ambíguas, com muitas opções viáveis à sua escolha.

Unindo essas concepções às abordadas no início deste capítulo, que tratava da dicotomia entre as teorias linguística e literária, Moura (1998, p. 118) enfatiza que “não se trata, ao meu ver, de considerar uma formulação disciplinar superior à outra, tampouco mais humanizada. A legitimidade intelectual é igualmente válida em ambos os casos.” No contexto de um poema, a presença de significados diversos é perfeitamente admissível, enriquecendo a obra. Porém, quando se trata das sentenças (A), (B) e (C), surge a necessidade de questionar se a desambiguação é precisa e qual estratégia empregar para alcançar um sentido coeso em conformidade com a intenção do enunciador.

2.2 ALGUMAS FORMAS DE AMBIGUIDADE

2.2.1 Vagueza

Ocorre quando o uso de um vocabulário resulta em situações incertas de aplicação em determinados discursos, ou seja, um discurso no qual esse vocabulário pode ter mais de um sentido atribuído a ele. Quine (2013) descreve a ambiguidade

como uma característica das línguas naturais, mas isso não invalida o Princípio da Bivalência, que afirma que toda sentença tem um valor de verdade e deve ser necessariamente verdadeira ou falsa.

Contudo, Rossa aponta que, de acordo com Quine, há duas categorias de situações em que é impossível tomar uma decisão e que desafiam o Princípio da Bivalência, que são tanto as palavras quanto os fatos vagos. No que se refere aos fatos, existe também a impossibilidade de determinar se a frase é verdadeira ou não. Podemos usar de exemplo a frase “Tenho qualidades que são negativas ” em que quais e quantas dessas qualidades não estão determinadas no fato.

A autora explica que as palavras vagas contêm o predicado vago. O vocábulo ‘verdade’ pode ser chamada de vaga pois ‘verdade’ depende da perspectiva que tal pessoa vê a vida, a ideologia que faz com que encare-a de tal modo o mundo. Para Rossa (2011, p.12)

os termos vagos têm uma aplicabilidade duvidosa, enquanto que os termos ambíguos são verdadeiros ou falsos para os mesmos objetos. Assim a vagueza é uma qualidade inerente às línguas naturais. Ela ocorre quando não se pode determinar se um termo é verdadeiro ou falso em relação a um determinado objeto (casos nebulosos). Para o autor [QUINE], são as condições de verdade e extensão que definem a vagueza. Portanto, para Quine, uma sentença é vaga quando não recebe o valor de verdade, isto é, quando não é definida sua correspondência com um estado de coisas.

2.2.2 Ambiguidades

Para Kempson (1977, p.125), “a ambiguidade é, muitas vezes, concebida como um fenômeno no qual tanto as palavras quanto as sentenças podem ter mais de um significado, e são as regras semânticas que determinam quais as palavras ou sentenças ambíguas”.

2.2.2.1 Ambiguidade de sentido

A homonímia ocorre quando palavras que possuem significados diferentes possuem sons e/ou escrita idênticos. Isso significa que, mesmo que os sentidos das palavras estejam conectados a referências específicas, quando uma expressão

possui um sentido ambíguo inerente, haverá também uma referência ambígua quando essa expressão for usada em um contexto que não elimina a ambiguidade. Em outras palavras, a ambiguidade de referência ocorre quando, apesar do sentido explícito, é impossível compreender claramente a referência da expressão utilizada (Kempson, 1977).

Um exemplo temos na frase "você tem que cuidar desse corte" em que podemos identificar também uma ambiguidade de sentido. Essa ambiguidade ocorre devido à interpretação ambígua do termo "corte" :

- i) Na interpretação em que "corte" é entendido como ferimento, a frase ganha sentido da seguinte maneira: "trate desse ferimento".
- ii) Interpretação de "corte" como demissão: Nessa interpretação, a frase pode ser compreendida como "tome cuidado com uma possível demissão".

A ambiguidade surge porque o termo "corte" pode ser interpretado de maneiras distintas, tanto como uma lesão quanto como uma possibilidade de desemprego. A estrutura da frase não oferece informações suficientes para determinar claramente qual é a intenção do autor, deixando aberta a possibilidade de diferentes interpretações.

2.2.2.2 Ambiguidade estrutural

Na gramática gerativa, esse tipo de ambiguidade é chamado de "homonímia de frase", pois a ambiguidade ocorre na estrutura da frase, em que diferentes constituintes são conectados a uma mesma construção (Crystal, 1985). Abaixo temos um exemplo de ambiguidade estrutural:

A frase "o homem bateu na velha com a bengala" apresenta uma ambiguidade estrutural. Essa ambiguidade ocorre devido à possibilidade de interpretação dupla do sintagma da frase. Dependendo da interpretação, pode-se entender que a bengala foi usada para bater na senhora (sintagma adverbial) ou que o homem bateu na senhora que usava uma bengala (sintagma nominal). A falta de clareza na estrutura da frase permite diferentes leituras, resultando em ambiguidade frasal.

2.2.3 Metáfora

É um fenômeno semântico que também gera ambiguidade e ocorre quando uma ou um conjunto de palavras é utilizada de maneira figurativa para falar sobre outra coisa, sem usar seu sentido literal. Essa figura de linguagem/pensamento é bastante usada em diferentes idiomas de língua natural, desempenhando uma importante função na maneira como as pessoas pensam e falam.

George Lakoff e Mark Johnson ([1980], 2013) criaram a teoria da metáfora conceptual, em que a metáfora não é mais reduzida a uma figura de linguagem (sentido aristotélico) e passa a ser uma forma básica de pensamento e de organização da experiência humana. Segundo eles, a metáfora surge da combinação de conceitos de distintos domínios mentais, possibilitando que as pessoas compreendam ideias abstratas em termos de conceitos mais concretos e conhecidos.

Por exemplo, a metáfora “minha pátria é a língua portuguesa”⁹ conecta o conceito complexo de pátria com a língua portuguesa, algo mais concreto e de simples compreensão, ajudando as pessoas a entenderem que o conceito de pátria para Fernando Pessoa é o próprio idioma falado, no caso, em Portugal.

Outro exemplo, agora na poesia, do mesmo autor,

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade
E a fecunda-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre¹⁰

utiliza da expressão “e a fecunda-la decorre” como metáfora para, provavelmente, “impregnar a realidade com a lenda”.

Ricouer (2000) dá ênfase à relevância da metáfora na produção e construção de sentidos e significados em literatura. Segundo ele, a metáfora é um mecanismo de criação simbólica que auxilia na ampliação da conotação das palavras e a invocação de imagens e emoções nos leitores. Para o autor, a metáfora é uma figura de linguagem que consiste na atribuição de significado a partir de uma relação de

⁹ Livro do Desassossego, parte 259

¹⁰ Texto 1274

similaridade entre dois termos ou conceitos distintos. Ele afirma que a metáfora é uma ferramenta essencial para compreender expressões figuradas, nas quais palavras ou frases adquirem significados simbólicos ou subjetivos, diferentes de seu sentido literal. Além disso, ele destaca que a metáfora contribui para a fruição e apreciação de obras artísticas e literárias, pois adiciona camadas de significado, imagens e sensações, enriquecendo a experiência estética (Ricouer, 2000; Marques, 2008).

Ricouer pesquisou a metáfora a partir de Aristóteles, visto que este é apontado como pioneiro no estudo, que definiu metáfora como “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (Aristóteles, 1959, p. 312). Assim sendo, Ricouer diz que a perspectiva de Aristóteles refere-se a três concepções principais imanentes à metáfora: o desvio, o empréstimo e a substituição. Conhecendo que esses conceitos só acontecem em razão da

diferenciação do sentido próprio – também chamado primeiro – do sentido estranho – também chamado figurado. Dessa forma, a metáfora seria um desvio do uso habitual da palavra; um empréstimo de sentido; uma substituição de uma palavra (ausente) por outra (metafórica) (MARQUES; 2008, p.2).

Posto isso, a metáfora aristotélica é compreendida com base nos sentidos da palavra, pelos quais são formadas as relações de correspondência e semelhança. Assim, o uso metafórico envolve utilizar um termo substituindo outro, na forma de desvio, empréstimo ou substituição (semânticos). Dessa maneira, quando considera-se a metáfora como figura de linguagem, para Ricouer (2000), ela pode assemelhar-se a uma imagem.

Além disso, a metáfora desempenha um papel crucial na comunicação intercultural e linguística, ao permitir que conceitos abstratos sejam compreendidos por meio de termos mais familiares, o que reforça sua relevância transcultural. Quando nos referimos à metáfora como figura de linguagem, podemos associá-la a uma imagem que representa algo além de seu significado literal. Ela permite explorar novas perspectivas, transmitir emoções e despertar a imaginação do receptor (Marques, 2008). Por exemplo, quando dizemos "seu sorriso é um sol brilhante", estamos

utilizando uma metáfora para transmitir a ideia de que o sorriso é radiante e iluminado, evocando a imagem do sol. Como outros exemplos de metáforas destacamos:

1. "Seu coração é uma fortaleza." Nesse caso, a metáfora compara o coração de alguém a uma fortaleza, transmitindo a ideia de que essa pessoa possui uma grande força interior, capaz de resistir a desafios e proteger suas emoções.

2. "O amor é um fogo que arde sem se ver." Nesse verso do poeta Luís de Camões (Camões, 1997; Moraes, 2010), a metáfora associa o amor a um fogo invisível, transmitindo a ideia de que o amor é intenso, poderoso e capaz de nos consumir, mesmo sem uma forma física visível.

No entanto, a compreensão da metáfora por meio da hermenêutica pode ser influenciada pelo contexto cultural e pelas experiências pessoais individuais, o que pode resultar em diversas interpretações e significados. É importante reconhecer que a interpretação das metáforas não é universal e pode variar significativamente entre diferentes indivíduos e grupos sociais. Isso ocorre porque a percepção de uma metáfora está intrinsecamente ligada às experiências e vivências particulares de cada pessoa, bem como ao seu contexto cultural e histórico (Tendahl, 2009).

Portanto, uma mesma metáfora pode ser interpretada de maneiras diversas por diferentes pessoas, e até mesmo por uma mesma pessoa em momentos distintos da sua vida. As diferenças ideológicas, culturais, valores, crenças e experiências individuais moldam a maneira como cada indivíduo atribui significado e compreende uma metáfora específica.

2.2.4 Polissemia

É conceituada como a existência de mais de um significado para o mesmo significante, possuindo tais significados com algum tipo de conexão semântica entre si. É a concepção utilizada na análise semântica para caracterizar um item lexical com inúmeros significados, como "espanhol", que pode ser "alguém que nasceu na Espanha" ou "o idioma falado em Espanha". Uma boa parte da língua é polissêmica (isso é, um mesmo signo com vários significados) e uma das questões trabalhadas por linguistas é diferenciá-la da homonímia (ocorrência de palavras diferentes que

possuem a mesma pronúncia ou escrita, mas possuem significados distintos) (Crystal, 1985).

A polissemia (ou significado múltiplo) é uma propriedade de lexemas simples. Por exemplo, “*neck*” (pescoço, gargalo) é normalmente tratado pelos dicionários de inglês como um único lexema com diferentes significados: ou seja, polissêmico. Os lexemas não têm um número determinado de significados distintos. A descontinuidade na linguagem é uma propriedade da forma, não do significado. Está na própria essência das línguas se mesclarem uns com os outros e de serem indeterminadamente aplicáveis. A única forma de resolver, ou talvez de delimitar, o problema é abandonar totalmente os critérios semânticos, na definição de lexema, contando apenas com os critérios sintáticos e morfológicos (Lyons, 1981, p.142).

Rehfeld (1980) argumenta que as questões culturais exercem influência significativa sobre a experiência discursiva e lexical, resultando na aceitação, transformação e até mesmo eliminação de certas palavras do vocabulário vernacular. O significado do léxico pode ser alterado devido ao desconhecimento da etimologia por parte dos falantes ou, mesmo quando conhecida, pode ser confundida de forma intencional ou inconsciente. Além disso, os enunciadores também têm a capacidade de adaptar palavras a determinados atos discursivos, promovendo mudanças na sua utilização e sentido.

Diante da complexidade de discernir a demarcação entre homonímia e polissemia, o pesquisador opta por abraçar uma abordagem sincrônica, na qual a diferenciação de significado é determinada pelo uso em frases e contextos em que o vocabulário é empregado. Através dessa abordagem, busca-se resolver a questão subjacente à distinção entre os fenômenos de polissemia e homonímia.

Um exemplo de homonímia que se dissolve por meio do contexto, ao qual nos deparamos na obra de Fernando Pessoa, em seu heterônimo Álvaro de Campos, está no verso 05 de Ode Triunfal¹¹ que diz: “Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!”. Nesse trecho, a palavra “rodas” pode ser interpretada tanto como o verbo “rodar”, conjugado na segunda pessoa do presente do indicativo, quanto como o substantivo “roda”, no plural. No entanto, o contexto vocativo “ó” exige um substantivo e não

¹¹ Texto 2459

permite a interpretação de um verbo conjugado, o que resolve a ambiguidade, sobrando apenas o substantivo.

2.2.5 Ironia

Figura semântica que simboliza a tentativa de expressar uma ideia exatamente oposta àquela que aparece no discurso, de forma a causar tensão, efeito surpresa ou humorístico. Tal figura de linguagem é comumente usada em muitas línguas e realiza uma fundamental função na forma como os falantes trocam e compreendem mensagens.

Wayne Booth (1975) apresenta uma teoria em que a ironia pode ser classificada em três subtipos: (i) verbal, (ii) situacional e (iii) dramático. No caso da ironia verbal, o enunciador comunica uma ideia que é oposta àquela que ele realmente pretende transmitir internamente, utilizando palavras e/ou expressões que significam exatamente o contrário de sua literalidade. Por exemplo, no poema mencionado na primeira página do capítulo, intitulado "Antonio de Oliveira Salazar", há o verso "coitadinho do tiraninho", onde aparentemente expressa um sentimento de pena pelo eu-lírico, mas existe uma grande possibilidade de que o verdadeiro sentimento seja o oposto, ou até mesmo desprezo.

Em (ii) a ironia é construída pelo contexto em que as palavras são expressas. Por exemplo em "Autopsicografia"¹²:

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente

A ironia aqui está pois, simultaneamente a admitir ser um fingidor, ele também comunica a dor emocional verdadeira. A ironia situacional aparece porque, apesar do eu-lírico estar dizendo que está a fingir, a dor de fingimento é um momento emocional verdadeiro, real, para ele. Assim, Pessoa inverte a ideia tradicional de arte como expressão autêntica da emotividade, propondo que a arte pode ser também uma representatividade de fingimento (Booth, 1975).

¹² Texto 4234

A ironia dramática (ou satírica) ocorre quando o público sabe mais sobre a situação dramática do que os personagens em cena. Isso cria uma tensão dramática, uma vez que o público espera que os personagens tomem decisões que serão trágicas ou irônicas, dado o conhecimento que o público tem da situação (Aristóteles, [séc. III a.n.E.] 1959).

E também, para Aristóteles a ironia pode ser, sutilmente, usada como crítica sociopolítica, motivando que falantes coloquem suas ideias opostas aos valores e leis em vigor de forma humorística.

Assim sendo, ironia, vagueza, ambiguidade, polissemia, metáfora, etc. são características intrínsecas às línguas naturais e não devem ser conceituadas como problemas ou erros. E

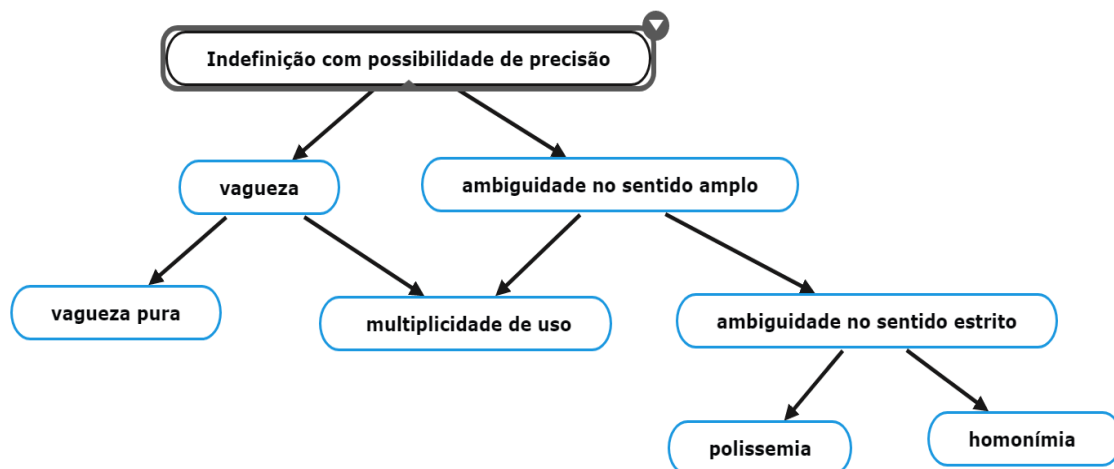
[o] próprio código se encarrega de produzi-las, uma vez que a existência destes fenômenos ocorre no uso comum do falante, ou seja, não é apenas um postulado teórico. O locutor utiliza-se dos fenômenos empregando-os de forma consciente ou não durante o ato comunicacional. Sendo inerente ao código, não há por que pressupor que, na mente do locutor, a indeterminação semântica não exista. Código e cognição são complementares e não dicotômicos (Rossa, 2001, p.44).

2.3 AMBIGUIDADE SEMÂNTICA: MAPA DAS ESTRUTURAS

Para concluir as afirmações apresentadas acima, conforme enfatizado por Pinkal, (1985, p.109) *“the typology of the indefinite”*¹³, o autor fez um mapa com as estruturas que podem gerar ambiguidade semântica. Para melhor compreensão, refizemos o mapa, traduzindo-o.

Figura 3: tradução da figura que consta em Pinkal (1985, p.109)

¹³ Tradução: “A tipologia da indefinição” (tradução nossa).



Fonte: Pinkal (1995, elaboração e tradução nossa)

2.4 A ILUSÃO DA UNIDADE SEMÂNTICA

Evans (2015) argumenta que uma das implicações resultantes do agrupamento de palavras em categorias distintas de significado, embora interconectadas, reside na capacidade de criar uma ilusão de coesão semântica.

Para exemplificar e melhor caracterizar a ideia de ilusão de unidade semântica, usaremos Evans (2015) com o exemplo em inglês da palavra *time* (tempo, tabelas 2 e 3), “[f]or the sake of variety, let’s consider a different word: the English noun *time*. This word encompasses a range of quite distinct conventional meanings”¹⁴(2015 p.214).

Tabela 1

Sentence	Meaning
The time for action has arrived.	moment
Time flies when you’re having fun.	temporal compression

¹⁴ "Pela variedade, vamos considerar uma palavra diferente: o substantivo inglês 'time' [tempo]. Essa palavra abrange uma série de significados convencionais bastante distintos."

Time drags when you have nothing to do.	protracted duration
The relationship lasted a long time.	duration
His time [=death] had come.	event
Time flows on forever.	matrix

FONTE: Evans, 2015, p.215

Tabela 2 (traduções)

Frase	Significado
Chegou a hora da ação.	momento
O tempo voa quando você está se divertindo	compressão temporal
O tempo arrasta quando não se tem nada para fazer.	duração prolongada
O relacionamento durou muito tempo.	duração
Chegou a hora [da morte] dele	evento
O tempo flui eternamente.	matrix

FONTE: tradução nossa

No primeiro exemplo, a palavra "tempo" se refere a um ponto ou momento temporal específico, sem levar em consideração a sua duração. Podemos chamá-lo de "momento". Em seguida, "tempo" é usado para descrever a experiência real em que a duração, embora seja objetivamente constante quando medida, por exemplo, por um relógio, "parece" ser mais curta do que realmente é. Isso é conhecido como "compressão temporal". No próximo exemplo, "tempo" é usado para descrever a sensação de que a duração é mais longa do que o normal, ou seja, a duração "parece" ser maior do que é na realidade. Isso é chamado de "duração prolongada". Na frase seguinte, "tempo" assume o significado de "duração". E na frase subsequente, "tempo" assume o significado de "evento". Na última frase, "tempo" se refere ao evento em que tudo o mais ocorre, como uma espécie de "matrix" na qual toda a existência se desenrola (Evans, 2015).

No entanto, o que fica evidente é o seguinte: o fato de que a palavra "time" em inglês possui tantos significados diferentes leva o questionador a pensar se de fato há

algo intrinsecamente central nas diversas formas de uso dessa palavra. E, conseqüentemente, acredita que existe algo homogêneo na categoria à qual a palavra "tempo" se refere. A resposta dada pela autora aponta para dois conceitos distintos: o "*time*" como um ponto temporal - um momento específico - e o "*time*" como uma referência a um sistema de medição, como o tempo de um relógio, e mais especificamente a expressão "*on time*" que se relaciona à ideia de "ser pontual", um significado convencional associado a essa frase.

Enquanto o inglês usa uma única palavra "tempo" para abranger uma variedade de experiências bastante distintas, outras línguas não possuem um termo único que cubra todo esse território semântico. Por exemplo, pesquisas recentes sobre a língua Amondawa, falada na região amazônica, mostram que não há um equivalente da palavra "tempo" em inglês nessa língua. Outro exemplo são as línguas inuítes - as línguas faladas pelos nativos norte-americanos, principalmente nas partes norte do Canadá. Além disso, mesmo as línguas relacionadas ao inglês de forma genética utilizam palavras diferentes para descrever o amplo espectro semântico abrangido pela única forma lexical "tempo" em inglês (Evans, 2015, p.217).

A polissemia de um termo pode gerar uma ilusão de unidade semântica devido à sua interconexão em diferentes sentidos, mesmo quando representado por uma única forma-palavra. Na língua portuguesa, é frequente compreendermos um determinado termo como possuindo um significado único, quando, na realidade, sua conotação pode ser muito mais abrangente do que a que conhecemos inicialmente. Isso implica que o entendimento de um vocábulo não deve ser restrito a uma única definição, mas sim estar sujeito a um espectro mais vasto de significados que se entrelaçam e enriquecem mutuamente.

A compreensão plena de um termo polissêmico requer uma análise contextual aprofundada, levando em conta os diferentes cenários em que é empregado, as relações semânticas estabelecidas com outras palavras e o contexto sociocultural em que é utilizado (Evans, 2015). Tal variação fica mais evidente no caso de termos político-ideológicos, como exemplificaremos a seguir.

Para este estudo utilizaremos o termo "liberal" (um dos termos de busca para a análise de corpus) , dentro dos escritos produzidos por Fernando Pessoa (tabela 1):

Tabela 3

Sentença	Ideologia
1. Para se ser “ liberal ” é preciso ser-se inimigo do povo, não ter contacto nenhum com a alma popular, nem a noção das noções instintivas que lhe são naturais e queridas ¹⁵	Conservadorismo
2. [...] (Pax profunda, frater!) é a saudação rosicruciana, tanto para Irmãos como para profanos), o autor de um livro assim seria forçosamente um liberal por derivação, quando o não fosse já por índole. Mas, de facto, fui sempre fiel, por índole, e reforçada ainda por educação — a minha educação é toda inglesa — , aos princípios essenciais do liberalismo [...] ¹⁶	Liberalismo
3. Entre um estado de guerra civil, real ou latente, e um governo de força, por ilegal que seja, que coíba essa anarquia, nenhum homem de recto critério, por liberal ou democrata que seja, hesitará em qual apoie.. ¹⁷	Fascismo
4. Ser revolucionário é servir o inimigo. Ser liberal é odiar a pátria. A Democracia moderna é uma orgia. ¹⁸	Nacionalismo

FONTE: elaboração própria

No primeiro exemplo, a palavra "liberal" é utilizada para descrever alguém que é considerado inimigo do povo, não mantém qualquer conexão com a mentalidade popular e carece de entendimento das noções instintivas naturais e afetivas. Essa perspectiva pode ser enquadrada como uma visão cultural e política, inserida em um ponto de vista conservador.

No segundo exemplo, em contraste, a palavra "liberal" adquire um contexto rosicruciano para descrever alguém que, ao escrever um livro sobre o tema, é considerado um liberal por associação, principalmente devido à sua natureza . O autor manifesta fidelidade aos princípios fundamentais do liberalismo, os sentidos abrangem tanto aspectos filosóficos quanto políticos.

Prosseguindo para o terceiro exemplo, a frase sugere que em situações de guerra civil ou ameaça de guerra civil, um homem de princípios íntegros, mesmo que

¹⁵ Texto 2900, p. 5

¹⁶ Texto 612, p. 2

¹⁷ Barreto, 2017, p.270

¹⁸ Texto 2900 p. 9

seja considerado liberal ou democrata, não hesitará em apoiar um governo de força, ainda que ilegal, para conter a anarquia. Isso reflete a priorização da manutenção da ordem estatal centralizada. Portanto, o uso do termo "liberal" aqui é adotado em uma perspectiva fascista.

Por fim, no quarto exemplo, "liberal" é utilizado de maneira pejorativa, associando-o à ideia de ser um inimigo da pátria, ao mesmo tempo em que o caráter revolucionário também é considerado prejudicial. Neste contexto, o termo "liberal" é empregado para expressar desdém pela democracia moderna e promover uma ideologia nacionalista. Isso evidencia uma visão "social e política" que denuncia o liberalismo em favor do nacionalismo.

Em resumo, os exemplos apresentados ilustram a flexibilidade do termo "liberal," que é utilizado de diversas formas, refletindo diferentes ideologias e significados, que vão desde o conservadorismo até o liberalismo, o fascismo e o nacionalismo, dependendo do contexto em que é empregado.

3. IDEOLOGIA E IDEOLOGIAS

Dentre os conceitos que permeiam a vida social e estão presentes em sua investigação, poucos possuem um leque tão abrangente de conotações como a “ideologia”. De maneira concisa, o termo "ideologia" manifesta uma abordagem abrangente, uma filosofia de existência, que se origina a partir de uma multiplicidade de reivindicações, tanto individuais quanto coletivas. Essa ideologia incorpora propósitos, crenças, valores e modalidades de pensamento diversos (Ostrowski, 2022).

Há duas maneiras, segundo Ostrowski (2022 p.50), de definir “ideologia”, que são, aparentemente, antagônicas: a primeira dá uma ênfase pejorativa ou negativa: como uma ferramenta de manipulação e disseminação, que gera uma unidade fictícia de igualdade entre as pessoas, um simulacro de equanimidade social, felicidade e possibilidade de locupletação para todos. A segunda forma assume uma visão positiva ou, pelo menos, não-pejorativa: um jeito de decodificar e descrever a natureza e os signos ao nosso redor. Mesmo existindo uma forma de interseccionar e compatibilizar ambas as visões, essas compreensões estão envolvidas numa disputa epistêmica pela primazia.

Essa disputa nos conduz a uma questão central: a ideologia é uma maneira de lidar com a realidade ou simplesmente uma ficção inserida nas mentes das pessoas com o propósito de evitar que elas questionem a classe dominante? A resposta depende de como concebemos a ideologia. Podemos compreendê-la como uma estrutura integrada de ideias que correspondem à realidade, ou podemos ver essas ideias como realidades alternativas que ofuscam, desviam ou contrastam com a realidade como ela realmente é (Ostrowski, 2022). Ostrowski explica que a ideologia e as ideias que a compõem têm uma realidade própria para o sujeito ideológico, atuando como um "guarda-chuva" abrangente que abarca desde pensamentos individuais até instituições sociais. Em última instância, a ideologia constrói e perpetua uma tensão entre nossa cognição e nosso empirismo, considerando que existe uma realidade "verdadeira" além de nossa capacidade de compreensão e percepção, mesmo após experiências pessoais.

Um ponto relevante na discussão é a forma como compreendemos a ideologia, se no singular ou no plural: ideologia ou ideologias. A questão central diz respeito a considerar a ideologia como um dos pilares da “superestrutura¹⁹”, juntamente com outras forças sociais como educação, religião e judiciário. No entanto, ao tratá-la de maneira homogênea, corremos o risco de simplificar e generalizar as diferentes formas e nuances ideológicas presentes na sociedade, o que limita uma análise crítica e detalhada das complexas relações dinâmicas entre indivíduos e grupos no contexto do fenômeno ideológico. Portanto, essa dicotomia nos leva a questionar se devemos abordar a ideologia como uma entidade única e abrangente, ou se é necessário reconhecer suas múltiplas manifestações e diversidades contextuais para obtermos uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno (Ostrowski, 2022).

Outras diferenças na concepção de ideologia aparecem também quando insiste-se em tratar a ideologia como um domínio social, frequentemente subordinado aos domínios políticos, encontrando expressão no discurso, no sujeito e na cultura. Essa perspectiva é relevante para as teorias de Bakhtin e Althusser, os quais abordaram de maneira distintiva a relação entre ideologia, linguagem e sujeito. Para Bakhtin “tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não existe ideologia.[...] O domínio do ideológico coincide com os domínios dos signos: são mutuamente correspondentes” (1986, p. 31 e 32). E para Althusser só na materialidade os sujeitos humanos podem existir pois “suas ideias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas pelos rituais materiais, eles mesmos definidos pelo aparelho ideológico²⁰ material de onde provêm as ideias do dito sujeito” (1974, p.86). No contexto dessas perspectivas teóricas, é crucial reconhecer que

¹⁹ A superestrutura, segundo Louis Althusser (1974), é a parte da estrutura social que abrange os aspectos ideológicos, políticos e culturais de uma sociedade. Ela engloba instituições como o Estado, a educação, a religião e a mídia, que desempenham um papel fundamental na reprodução e legitimação das relações de classe dominantes. A superestrutura possui uma relativa autonomia e influencia ativamente a estrutura social, disseminando ideologias dominantes e moldando percepções e comportamentos dos indivíduos.

²⁰ Os aparelhos ideológicos do Estado (AIE), teoria de Louis Althusser (1974), são instituições e práticas sociais que desempenham um papel fundamental na reprodução e disseminação das ideologias dominantes em uma sociedade. Eles incluem instituições como a educação, a mídia, a religião, a família, o sistema judiciário, entre outros. Althusser argumenta que esses aparelhos não apenas transmitem conhecimento ou exercem controle social, mas também moldam as subjetividades individuais, influenciando a forma como as pessoas percebem a realidade e se posicionam nas relações

[n]ão são suas condições reais de existência, seu mundo real, que os 'homens' 'se representam' na ideologia. O que é nela representado é, antes de mais nada, a sua relação com as condições reais de existência. É essa relação que está no centro de toda representação ideológica (ibidem, p.81).

Uma das questões centrais reside na questão de se a ideologia se apresenta de forma manifesta e consciente, articulando suas ideias constituintes de maneira clara e indubitavelmente ideológica, ou se ela opera de forma inconsciente, até mesmo sob o véu da não-ideologia, criando conteúdos ideológicos de maneira sutil e frequentemente disfarçada nos Aparelhos Ideológicos do Estado. Essa discussão nos leva a refletir sobre a presença e os mecanismos de atuação da ideologia, considerando tanto suas manifestações explícitas como aquelas que se infiltram de maneira mais velada nas instituições e práticas sociais (Althusser, 1974).

3.1 DE IDEOLOGIA A IDEOLOGIAS

Os primeiros filósofos do Esclarecimento tardio na França pós-revolucionária foram os responsáveis por utilizar a alcunha "ideologia" para descrever esse fenômeno. O criador original do termo "ideologia", Antoine Destutt de Tracy (1754-1836), durante o período pós-Revolução Francesa, tinha o objetivo de estabelecer um campo de estudo dedicado às ideias. O propósito subjacente consistia em forjar conceitos de pensamento e orientações de conduta fundamentados em dados empíricos, dos quais emergiriam tanto a avaliação crítica das concepções quanto o desenvolvimento de uma disciplina científica voltada para o estudo das mesmas ideias. Essa iniciativa estava em consonância com o movimento positivista do século XIX na França, que propunha a possibilidade de estudar a sociedade utilizando ferramentas específicas e acuradas (Freeden, Sargent, Stears, 2013).

Contudo, na contemporaneidade pós-positivista, não se sustentou a ideia de que o alcance do pensamento humano e da imaginação possa ser caracterizado pela mesma precisão e permanência que os estudiosos pioneiros imaginavam. No entanto,

de poder. Os aparelhos ideológicos do Estado desempenham um papel estratégico na reprodução da ordem social, ao transmitir e legitimar as ideias e valores que sustentam as relações de classe dominantes.

Destutt de Tracy deixou seu legado. Suas intenções refletiram a necessidade percebida pelos estudiosos contemporâneos de abordar o estudo da ideologia de forma profissional e dedicada. Com o passar do tempo, a concepção de ideologia foi modificada por Karl Marx e Friedrich Engels, que adotaram uma abordagem muito diferente (Freedman, Sargent, Stears, 2013). Como diz Ostrowski (2022, p. 39-40)

[...] its rise to prominence (and its metonymic shift) came with the Marxist transformation of social thought from post-Hegelian philosophical materialism into the embryonic outlines of sociology which tied 'ideology' explicitly to the cultural manifestations of capitalist, classist society.²¹.

No correr dos anos a crescente emergência de métodos de pesquisa científicos e estatísticos possibilitou novos procedimentos nos estudos sobre ideologia via pesquisas científicas quantitativas e de opinião. Em meados do século XX, a ascensão das ciências sociais orientou o estudo da ideologia à política e, simultaneamente, o período viu o crescer das “escolas do pensamento” que são integradas, fundamentalmente, a estruturas de ideias, que são ostensivamente definidas como “ideologias”(Ostrowski, 2022).

Desde o início do século XIX, o pensamento pós-Iluminista trouxe consigo a divisão da ideologia em quatro grandes correntes: conservadorismo, liberalismo, socialismo e anarquismo, que abrangiam diversas áreas, como economia, religião, sociedade e judiciário. Contudo, ao longo do século passado e início do atual, essas correntes ideológicas passaram por transformações significativas impulsionadas pelo surgimento de novas formas ideológicas, incluindo o nacionalismo, a social-democracia, o comunismo, a ditadura conservadora e o fascismo. Essas transformações refletem a emergência de novas ideias e abordagens dentro do espectro que vai do conservadorismo ao socialismo. À medida que o quadro de ideologias se expandiu, também ocorreu um aumento da polarização e das disputas de poder entre elas, resultando em uma intensa manifestação de divisão "nós *versus* eles". Essa dinâmica é caracterizada pela desconfiança mútua entre os diferentes

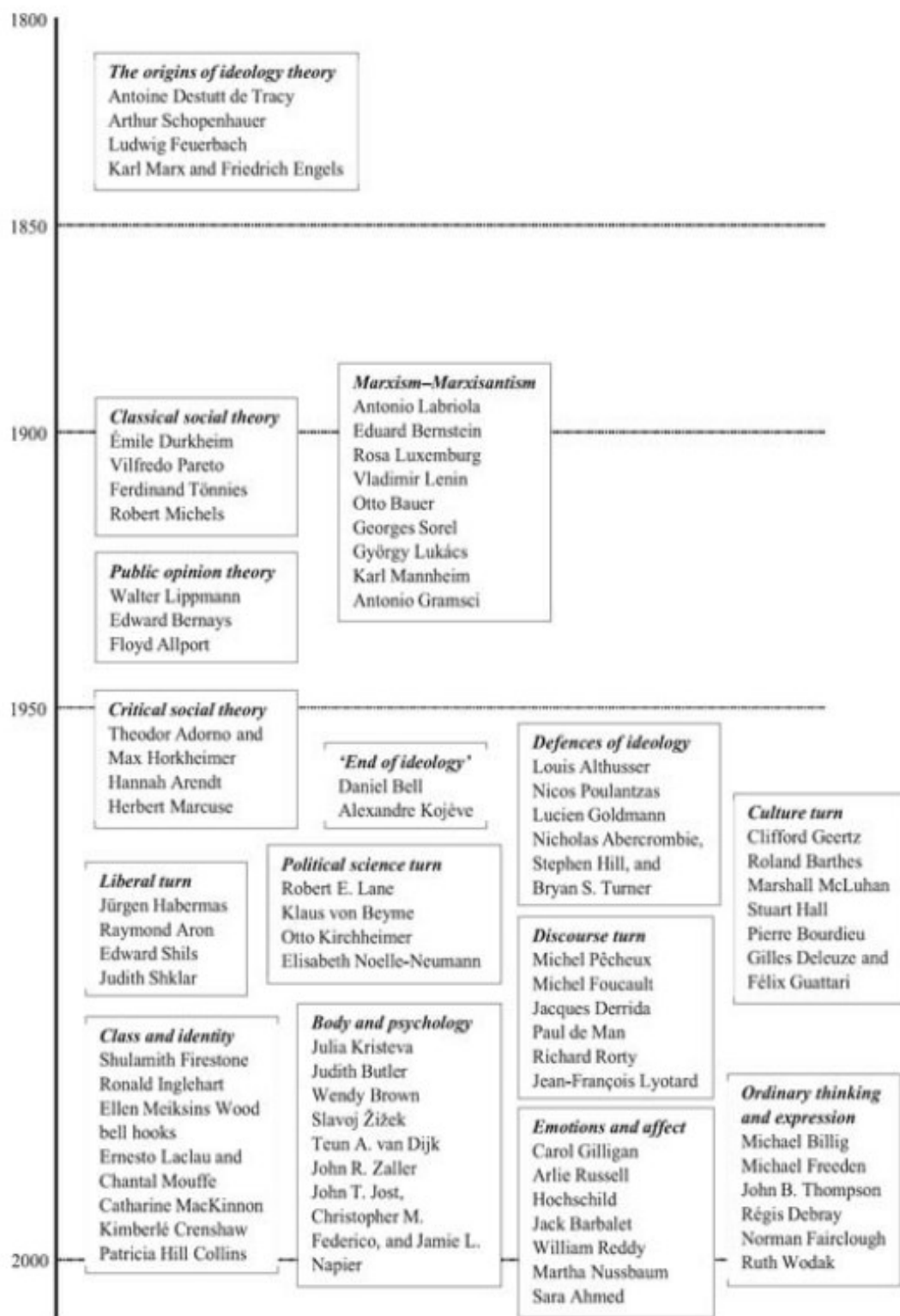
²¹ “Sua ascensão à proeminência (e sua mudança metonímica) ocorreu com a transformação marxista do pensamento social do materialismo filosófico pós-hegeliano em esboços embrionários da sociologia, que ligaram explicitamente a "ideologia" às manifestações culturais da sociedade capitalista e classista.”(tradução nossa).

campos ideológicos, com questionamentos à legitimidade uns dos outros e a consideração dos outros como possíveis ameaças (Ostrowski, 2022).

É frisada a importância da aceitação que não há apenas uma única história da teoria da ideologia mas, ao invés disso, muitas histórias, que mostram concomitantes e mútuas continuidades, descontinuidades e sobreposições temporais (Eagleton, 1991), uma baseada em ciência materialista e ilusão, de Destutt de Tracy via Marx e Engels aos integrantes da Segunda Internacional socialista, com Émile Durkheim como contraste²²; uma segunda, baseada na psiquê, que passa por Schopenhauer através de Georges Sorel e Vilfredo Pareto a Freud; a terceira, que inclui historiadores contextualistas como Lukacs, Manheim, Gramsci e Goldmann; por fim, caracterizado por uma orientação estruturalista, que encontra seu início na Escola de Frankfurt, Barthes, Levi-Strauss e fechando com Althusser, Poulantzas e Bourdieu (Ostrowski, 2022).

Figura 2: História da teoria da ideologia

²² Émile Durkheim adotava uma abordagem que se destacava pela ênfase na análise das estruturas sociais e das interações coletivas. Diferenciando-se da tendência materialista que percorria outros teóricos, sua linha de pensamento era centrada na compreensão das relações sociais como influências significativas na formação das ideias e crenças compartilhadas na sociedade. Essa perspectiva funcionalista, característica de Durkheim, contrastava com a abordagem predominante na teoria da ideologia, que muitas vezes era orientada por um viés mais materialista e econômico (Sell, 2001).



FONTE: Ostrowski, 2022, p.57

3.1.1 Afinal, o que é ideologia?

Para discutir uma perspectiva de ideologia que seja acessível e amplamente aplicável na maioria dos contextos sociais e nas pesquisas científicas em que o conceito é utilizado, é necessário estabelecer um senso comum entre suas diversas concepções. Esse senso comum deve ser fundamentado tanto na história da ideologia quanto nas contribuições dos teóricos que a estudaram. Apesar das divergências, tanto o entendimento pejorativo (marxiano) quanto o não-pejorativo (semântico) convergem na visão de que as ideologias são compostas por combinações e arranjos de ideias. Assim, ao buscar um entendimento mais abrangente da ideologia, é fundamental considerar essas diferentes perspectivas e encontrar um ponto de convergência que permita uma compreensão mais ampla e consistente desse fenômeno complexo (Freeden, 2006).

A construção interior de uma ideologia, sua morfologia, é determinada por quais ideias ela absorve e como faz suas combinações e arranjos (Freeden, 2006, p.8). O objetivo de construir essa "listagem ideológica" e suas associações é criar uma representação mental da realidade, especialmente da realidade social. Essa representação abarca tanto como a realidade é ou costumava ser, quanto como ela não é, como será, como seria ou como deveria ser. O motivo para isso é que a realidade em si é composta por múltiplos elementos: tanto materiais físicos, como objetos inanimados, quanto seres humanos e outros seres vivos, além de recursos utilizados como ferramentas e meios. Esses elementos estão interconectados em uma vasta rede de relações, e a maneira como eles se distribuem e se organizam é verdadeiramente caótica: uma massa amorfa e confusa de eventos aparentemente aleatórios e imprevisíveis, incluindo mudanças ou a ausência delas (Freeden, 2006).

Essa rede também é contraditória, caracterizada pela coexistência simultânea de tendências e pressões opostas e inversas. Portanto, a realidade não possui uma única unidade ou um único significado. Sua natureza heterogênea e complexa reflete não a fragmentação de uma totalidade antiga, mas sim a multiplicidade imanente que a constitui. A realidade é um reflexo da constante interação e conflito entre diferentes

forças, perspectivas e interesses, resultando em uma teia intrincada de relações em constante transformação (Deleuze; Guattari, 2004).

Além disso, a realidade em sua totalidade é vasta e complexa demais para ser algo que possamos experimentar ou compreender completamente. Ao invés disso, nós a vivenciamos apenas de forma parcial, momentânea e com limitada consciência, frequentemente mediada pela ideologia. Através da ideologia, moldamos nossa percepção e interpretação da realidade, filtrando-a de acordo com nossas crenças, valores e perspectivas. Essa mediação ideológica influencia a forma como compreendemos e interagimos com o mundo ao nosso redor, criando uma visão limitada e subjetiva da realidade. Portanto, nossa experiência da realidade é necessariamente parcial e condicionada pelas lentes ideológicas que utilizamos. (Ostrowski, 2022).

Sendo assim, ideologia atua como um mapa que desvenda as características, conceituando-as de uma forma que podemos compreender

[a]s a type of analgesic therapy that numbs the intensity of our experience of reality so we can (mentally and physically) function within it [...], and- bridging them two- as a form of 'counselling' that empowers us 'to do the work' needed to overcome reality's capacity to swamp and devastate us. All three together aim to enable us to confront reality confidently and capably and escape the anxiety and cluelessness that accompanies our unmediated experience of it²³(Ostrowski, 2022, p.99-100).

Em contraste com a concepção marxiana de ideologia, Freedon (2006) explica que a ideologia define fenômenos, atribui-lhes importância, especifica suas associações e envoltórios, delimita-os e agrupa-os com base em critérios de similaridade e distinção, e justifica sua existência em termos de ordem, processo, sequência, contexto, entre outros. Ela transforma a "realidade" em "nossa realidade", proporcionando-nos uma compreensão tanto de sua magnitude macroscópica quanto de seus detalhes microscópicos. Através da ideologia, construímos uma visão

²³ “[c]omo uma forma de terapia analgésica que diminui a intensidade de nossa experiência da realidade, para que possamos funcionar mental e fisicamente dentro dela [...], e, conectando essas duas coisas, como uma forma de 'aconselhamento' que nos capacita 'a fazer o trabalho' necessário para superar a capacidade da realidade de nos sobrecarregar e devastar. Os três juntos têm como objetivo nos capacitar a enfrentar a realidade com confiança e habilidade, escapando da ansiedade e da falta de pistas que acompanham nossa experiência não mediada dela” (tradução nossa).

interpretativa da realidade que molda nossa percepção e nos dá uma estrutura conceitual para compreender o mundo ao nosso redor (Freeden, 2006, p.19-20).

Sendo assim, um conjunto de ideias e suas concepções sobre a realidade se transforma em uma determinada ideologia ao receber um rótulo, geralmente na forma de um sufixo "ismo" adicionado a uma raiz lexical pré-existente (como o "social" no socialismo). Essa rotulação ideológica também impõe suas próprias ideias, pois cada forma lexical carrega um conteúdo semântico específico. Ao nomear uma ideologia, utilizando uma combinação particular de palavras seguida pelo sufixo "ismo", estamos criando uma forma de representação ideológica. Essa representação é composta pelo conteúdo semântico da palavra raiz, acrescido do "ismo", e abrange a maioria, se não todas, as ideias associadas a essa ideologia em termos vernaculares (Ostrowski, 2022).

Ao atribuirmos rótulos ideológicos, ampliamos as conotações da raiz lexical ao agregar e combinar ideias, conferindo conteúdo a uma determinada ideologia. No exemplo mencionado anteriormente, a palavra "socialismo" tem em sua raiz lexical o termo "social", que evoca significados como coletividade e solidariedade. Da mesma forma, o termo "liberal" em "liberalismo" traz consigo a ideia de tolerância e liberdade. Por sua vez, o adjetivo "conservador" descreve aqueles que resistem a mudanças, caracterizando assim o conservadorismo. A rotulação ideológica engloba, portanto, um conjunto de terminologias relacionadas, seja ao ideologizar palavras já existentes ou ao criar novos termos que sejam representativos de uma determinada ideologia (Ostrowski, 2022).

3.2 IDEOLOGIAS

Na segunda parte deste capítulo, serão exploradas as diversas ideologias presentes nas obras de Fernando Pessoa, o autor-objeto deste estudo. No entanto, também será brevemente abordado o tema do socialismo, devido às referências feitas por Pessoa a essa ideologia. É relevante ressaltar que Pessoa manteve uma posição ideológica coerente, contrapondo-se a todos os aspectos do socialismo. Essa

distinção na relação de Pessoa com o socialismo é notável quando comparada às outras correntes ideológicas examinadas neste contexto, nas quais ele costumava adotar uma postura ambígua e oscilante. O foco principal será nos temas sociais, uma vez que Fernando Pessoa aborda pouco ou quase nada sobre economia, afirmando ser um não entendedor quando escreve “ nada sei de finanças”²⁴.

3.2.1 Liberalismo

A terminologia "liberal" tem sido utilizada desde o século XIV e ao longo do tempo adquiriu uma ampla variedade de significados. Originária do termo latino "*liber*", a palavra remetia a uma classe de homens livres, que não estavam submetidos à escravidão ou ao serviço servil (Heywood, 2017, p.82). No contexto histórico, o liberalismo emergiu como uma corrente de pensamento político e econômico que enfatizava a liberdade individual, a propriedade privada e a limitação do poder do Estado. No entanto, ao longo dos séculos, o conceito de liberalismo evoluiu e adquiriu diferentes interpretações e nuances, sendo associado a correntes políticas e econômicas distintas (Heywood, 2017).

O princípio fundamental na ideologia liberal é o compromisso com o indivíduo e o desejo de construir uma sociedade em que as demandas do povo possam ser atendidas e alcançar a autorrealização. Os liberais acreditam que os seres humanos são, acima de tudo, indivíduos dotados de razão. Isso significa que cada indivíduo deve desfrutar do máximo de liberdade possível, desde que essa liberdade seja compatível com a liberdade de todos. No entanto, embora as pessoas tenham direitos de igualdade legal e política, cada indivíduo deve ser recompensado de acordo com sua disposição para trabalhar e seus talentos. As sociedades liberais são politicamente organizadas em torno de dois princípios: constitucionalismo e consenso, para evitar os perigos de um governo tirânico (Heywood, 2017).

O liberalismo, como uma ideologia desenvolvida, surgiu como resultado da queda do feudalismo na Europa e do surgimento de uma sociedade com tipo de

²⁴ Texto 4036 “Sim, sou situacionista. Mas vamos lá a uma coisa...”

produção capitalista em seu lugar. Em muitos aspectos, o liberalismo representava as demandas da classe média, cujos interesses entravam em conflito com o poder estabelecido das monarquias absolutistas e da aristocracia. Naquela época, as ideias liberais eram consideradas radicais, buscando reformas e, em alguns momentos, mudanças revolucionárias.

A Revolução Industrial na Inglaterra no século XVIII, a Independência Americana em 1776 e a Revolução Francesa de 1789 (também conhecida como a revolução burguesa) incorporaram elementos que claramente faziam parte da ideologia liberal, mesmo que a palavra "liberal" não fosse amplamente utilizada naquele momento com sentido político. Os liberais desafiaram o poder absoluto da monarquia, questionando a suposta base de direito divino do rei. Em vez do absolutismo, eles inicialmente buscaram um governo constitucional e, posteriormente, um governo representativo. Os liberais fizeram duras críticas aos privilégios econômicos da aristocracia rural e à injustiça de um sistema feudal em que a posição social era determinada pelo nascimento. Além disso, eles apoiaram os movimentos em direção à liberdade religiosa e questionaram a autoridade da Igreja (Fawcett, 2014).

Os desenvolvimentos históricos desde o século 19 tiveram um impacto significativo na natureza e no conteúdo da ideologia liberal. A essência do liberalismo passou por transformações à medida que as classes médias alcançaram sucesso em estabelecer e manter sua hegemonia política e econômica. À medida que o liberalismo obtinha conquistas, as causas radicais e revolucionárias foram gradualmente perdendo força. Consequentemente, o liberalismo foi se tornando progressivamente mais conservador, buscando menos mudanças e reformas e, em vez disso, focando na preservação das instituições liberais construídas (Fawcett, 2014).

Apesar da "virada para a direita conservadora", Fawcett (2014, p.485) destaca que uma das características peculiares do liberalismo foi seu compromisso com o **republicanismo**. Assim, o liberalismo foi tornado-se, em certo sentido, a ideologia predominante no Oeste industrializado, abrangendo a Europa Oriental e os Estados Unidos – os Estados que estavam se tornando democráticos e republicanos (Fawcett, 2014).

O corpo do liberalismo, sua moral e ideologia são incorporadas em compromisso com um conjunto de credos e princípios. Os mais significativos são: “(i) individualismo; (ii) liberdade; (iii) justiça, (iv) igualdade; (v) razão e (vi) tolerância” (Heywood, 2017, p.161, destaque, tradução e formatação nossos).

Ao abordar o tema do **individualismo**, Heywood salienta que, à medida que a sociedade feudal declinava, um novo ambiente intelectual emergia. Nesse contexto, o individualismo ganhou destaque como uma filosofia que valorizava a liberdade individual, a iniciativa pessoal e a responsabilidade pelos próprios atos. Nessa conjuntura, as explicações científicas e racionais gradativamente superavam as teorias religiosas, gerando uma sociedade cada vez mais propensa a valorizar a perspectiva do ser humano como indivíduo. Conforme a sociedade evoluía, o enfoque na autonomia e liberdade individuais se fortalecia. O pensamento científico e a busca pelo conhecimento racional viabilizaram uma compreensão mais profunda do mundo e das relações humanas (Heywood, 2022). As explicações antigas, enraizadas na religião, foram gradualmente substituídas por uma abordagem embasada em evidências e lógica. Entretanto, é crucial notar que essa transição também apoiou-se na ideia do racismo "científico" (Bolsanello, 1996, p.155)²⁵.

Dessa maneira, o individualismo emergiu como um princípio fundamental que moldou a forma como vemos a nós mesmos e nossas relações com os demais membros da sociedade. Tal consequência acontece pois, primeiramente, ela enxerga a unicidade de cada ser humano: os indivíduos são definidos inicialmente por seus atributos e particularidades específicos a eles mesmos. Em segundo lugar, todos²⁶ dividem o mesmo *status quo* ao nascer, ou seja, são, principalmente, sujeitos únicos e equânimes (Heywood, 2017).

Assim sendo, individualismo pode ser definido como a crença na primazia do indivíduo em relação ao grupo social ou coletivo. Essa perspectiva sugere que o

²⁵ O racismo científico dos liberais clássicos foi a promoção de teorias pseudocientíficas que defendiam hierarquias raciais e a superioridade de certos grupos étnicos. Durante os séculos XIX e XX, muitos liberais adotaram concepções racistas baseadas na ideia de supremacia racial e darwinismo social. Essas visões foram usadas para justificar a exploração, colonização e opressão de povos não europeus, indo contra os princípios de liberdade e igualdade que eles defendiam.

²⁶ Todos os que eram considerados humanos, isto é, “seres superiores” (homens, brancos, com condições financeiras decentes, heterossexuais).

indivíduo desempenha um papel fundamental nas teorias políticas e nas explicações sociais, sendo que todas as afirmações sobre a sociedade devem se basear nas condições individuais dos seus membros. Além disso, o individualismo ético argumenta que a estrutura da sociedade deve ser voltada para o benefício dos indivíduos, priorizando suas demandas, direitos e interesses. Os liberais clássicos, em especial, defendem o individualismo egoísta, que enfatiza as liberdades individuais e a autoconfiança (Fawcett, 2014).

Nessa perspectiva, o indivíduo é visto como o agente central de suas próprias escolhas e ações, buscando sua realização pessoal e perseguindo seus interesses individuais. O individualismo egoísta defende a liberdade individual como um valor fundamental, permitindo que cada pessoa busque seus objetivos e alcance seu potencial máximo (Fawcett, 2014).

Outro dos pilares fundamentais do liberalismo é a valorização da **liberdade**, especialmente a liberdade individual. Para os liberais, a liberdade individual é o valor político mais proeminente e, de muitas maneiras, o princípio unificador dentro da ideologia liberal. Os liberais clássicos²⁷ dão apoio à “liberdade negativa”, entendida como a ausência de limites dados pelo Estado, ou liberdade plena de escolha (Heywood, 2017, p.94).

No que diz respeito à **justiça**, Heywood (2022) explica que esta seria um padrão de imparcialidade social, concedendo benefícios a todos aqueles merecedores que se enquadram dentro da sociedade liberal.

O próximo princípio fundamental diz respeito à **igualdade**, que se baseia na crença de equidade legal e cidadania, defendendo a ideia de que os indivíduos devem desfrutar do mesmo *status quo* dentro de uma sociedade, especialmente na distribuição de direitos e privilégios, que isto se daria de forma meritocrática. Dessa maneira, aqueles que se consideram liberais deveriam ser contrários a quaisquer privilégios sociais concedidos a alguns e negados a outros com base em questões de gênero, raça, religião ou classe (Heywood, 2022).

²⁷ Por questões de relevância, será tratada nessa monografia apenas o liberalismo clássico pois Fernando Pessoa não viveu a época do liberalismo moderno.

No entanto, é importante ressaltar que essa ideia pode ser considerada uma grande falácia, pois, como os liberais são defensores do sistema econômico capitalista, são justamente fatores de desigualdade que sustentam esse sistema. Portanto, a teoria liberal não se sustenta quando confrontada com a realidade, uma vez que não aborda de maneira efetiva a questão das desigualdades sociais e econômicas presentes na sociedade.

Fawcett (2014) aborda o tema da igualdade de oportunidades, uma teoria liberal que defende que todos os indivíduos devem ter as mesmas chances de alcançar sucesso ou declínio na sociedade. No entanto, quando se trata de igualdade social, que envolve questões de gênero, raça e religião, essa ideia é considerada indesejável pelos liberais clássicos. As justificativas para a rejeição da igualdade social possuem semelhanças com argumentos conservadores, afirmando que as pessoas não nascem iguais, possuem habilidades e talentos distintos, e algumas estão mais "preparadas" para trabalhar arduamente do que outras.

Os liberais acreditam que é correto recompensar o mérito, que na concepção liberal é a competência e a vontade de trabalhar. Na verdade, eles defendem que essa recompensa meritocrática é fundamental para que as pessoas tenham motivos extras para trabalhar mais e com mais empenho, desenvolvendo seus talentos e habilidades inatas. Portanto, a meritocracia estabelece que aqueles que possuem mais talentos e méritos pessoais desenvolvidos devem ser melhor recompensados do que os demais (Fawcett, 2014).

A **razão**, mais uma das características do liberalismo, é grande parte do projeto do Iluminismo. O assunto principal do Esclarecimento era o desejo de libertar a sociedade da ignorância e superstição, e criar uma Era da Razão. Iluminismo esclarecido, ou racional, influenciou o liberalismo em muitos aspectos, no sentido que humanos sendo racionais, criaturas pensantes, eles estão aptos a criar, delimitar e ir atrás de seus interesses. também conferiu legados que tendem a ser compreendidos pelos liberais como uma narrativa de progresso na história humana. Progresso, nesse caso, é tecnologia, avanço, pois a razão emancipa a humanidade do obscurantismo do passado e do peso da tradição (Heywood, 2022).

Liberais também são teoricamente contra força, agressão e guerras, esta mesmo só sendo utilizado como último recurso disponível. Da perspectiva liberal, o uso ostensivo da força é justificado como auto-defesa, defesa de outrem ou contra opressão, mas sempre e somente após uma argumentação ter sido feita (Heywood, 2017).

E o último princípio citado por Heywood (2022), para os liberais, a **tolerância** é uma questão de ética e se caracteriza pela disposição em aceitar a diversidade cultural e política, pois está enraizada no respeito ao individualismo. Isso significa que os liberais valorizam a liberdade individual e reconhecem a importância de permitir que cada indivíduo tenha suas próprias crenças, valores e identidade política, desde que isso não prejudique os direitos e liberdades dos outros.

Todavia, os liberais não acreditam que uma sociedade tolerante e equilibrada vai simplesmente surgir das ações individuais ou associações voluntárias. Este é um dos pontos que eles divergem com os anarquistas, que acreditam que leis e Estado são inúteis, ou pior, fazem mal à sociedade. Contudo, os liberais têm medo que, sem o Estado, os indivíduos podem explorar outros, roubar suas propriedades e torná-los escravos se assim for do seu interesse, isto é, eles acreditam que a serventia de um Estado soberano está na garantia da lei, ordem e propriedade (Fawcett, 2014). Liberdade, portanto, só pode existir obedecendo a lei, ou como Locke explica “objetivo de uma lei não é abolir ou restringir, mas preservar e ampliar a liberdade ... Pois a liberdade deve ser livre de restrição e violência por parte dos outros, o que não pode existir onde não há lei” (Locke, [1690] 2001 p.18).

Por conseguinte, para os liberais, o governo surge da concordância, ou consentimento, dos governados. Isso sugere que os cidadãos não tem obrigação concreta de obedecer todas as leis ou aceitar quaisquer forma de governância. Se o governo é baseado em um contrato entre este e a sociedade, o próprio governo pode ser revogado em bases contratuais pois, quando sua legitimidade some, o povo teria direito a se rebelar (Fawcett, 2014, p.531).

Segundo Heywood (2017), o constitucionalismo é uma das necessidades apontadas pelos liberais para viabilizar a governança. Na perspectiva liberal, todos os governos têm o potencial de exercer tirania sobre o indivíduo isolado. Por um lado,

isso se baseia no fato de que o governo possui poder soberano, o que pode ser percebido como uma ameaça constante à individualidade. Por outro lado, considerando que a humanidade é composta por pessoas que buscam seus próprios interesses, se algumas delas detiverem poder, naturalmente tentarão exercê-lo sobre os outros e obter vantagens de sua posição.

Com o intuito de limitar essa possibilidade, os liberais defendem a implementação de restrições constitucionais e a adoção do princípio democrático. Por meio dessas medidas, busca-se assegurar que o governo atue dentro de limites preestabelecidos e que as decisões políticas sejam tomadas de maneira participativa e inclusiva. Desse modo, o constitucionalismo liberal tem como objetivo proteger os direitos individuais e evitar abusos de poder, promovendo uma governança que respeite a liberdade e a autonomia dos cidadãos. Uma constituição é um conjunto de leis e normas que estabelece obrigações, poderes e funções entre as várias instituições do Estado, sendo assim, o constitucionalismo, em seu sentido estrito, refere-se à prática governamental que surge da existência de uma constituição (Heywood, 2022).

Democracia, segundo Fawcett (2014), é compreendida em termos individuais de consentimento apresentado através dos votos, sendo que nenhum voto teria um peso maior que os dos demais e isso seria equilibrado com eleições regulares e competitivas. Contudo, os liberais do século XIX e início do século XX, em alguns lugares, achavam que a democracia era perigosa, mesmo quando cerceada por constituição. O principal problema era que, de alguma forma, a democracia viraria inimigo da liberdade individual. Tal ideia surge do fato de que “o povo” não é uma entidade única, ao contrário, é a soma dos indivíduos e grupos, que têm diferentes interesses e opiniões. A solução democrática aos conflitos é recorrer aos números e na execução da regra da maioria, isto é, o princípio que a vontade da maioria deve prevalecer sobre a minoria, uma perspectiva que Alexis de Tocqueville (2019, p.475) chamou de “ tirania da maioria”.

3.2.2 Conservadorismo

O conservadorismo é a ideologia política que busca preservar uma ordem social existente, expressando resistência e desconfiança em relação a mudanças. No entanto, o que o torna distinto de outras ideologias é a maneira singular como essa perspectiva é adotada, especialmente através do apoio à tradição, ao reconhecimento da falibilidade humana e à preservação da estrutura orgânica da sociedade. Apesar disso, o conservadorismo engloba diversas tendências e vieses. O conservadorismo tradicional apoia as instituições estabelecidas do Estado, desde que elas garantam a estabilidade da sociedade e proporcionem aos indivíduos um senso de pertencimento e segurança (Scruton, 2001).

Conforme Heywood (2017), as ideias conservadoras surgiram como resposta às transformações econômicas, políticas e sociais simbolizadas pela queda da monarquia durante a Revolução Francesa. No século XIX, os Estados ocidentais passaram por mudanças impulsionadas pela industrialização, resultando no crescimento de correntes como o liberalismo, socialismo e nacionalismo. Enquanto essas ideologias clamavam por reformas e, por vezes, pela revolução, o conservadorismo se manteve em defesa de uma ordem social tradicional.

As crenças fundamentais dessa ideologia são: **“(i) valorização da tradição; (ii) reconhecimento da imperfeição humana na sociedade; (iii) defesa da autoridade e hierarquia; e (iv) promoção da propriedade privada”**, para Heywood (2017, p.203, destaque, tradução e formatação nossos).

Para uma parcela dos conservadores, a **tradição** está intrinsecamente ligada à fé, frequentemente de natureza cristã no contexto ocidental e, em países latinos (inclusive europeus), mais especificamente católica. Esses conservadores sustentam a convicção de que a sociedade é um presente divino para a humanidade, moldada pelas leis sagradas. Contudo, após a Idade Média, tornou-se progressivamente desafiador para as pessoas aceitarem que a tradição é unicamente um reflexo da vontade de Deus, devido ao impacto do Iluminismo e das revoluções. Para manter seu poder político de maneira geral, o conservadorismo teve que efetuar algumas adaptações institucionais. É interessante observar que as novas instituições

conservadoras - um paradoxo em si - foram aquelas socialmente criadas pelos seres humanos, frequentemente pela elite econômica, que muitas vezes compreendia aristocratas ou nobres. Em síntese, para os conservadores, a tradição carrega consigo os valores, práticas e instituições que resistiram ao tempo (ou foram recriados pelos próprios conservadores) e foram transmitidos de geração em geração (Heywood, 2022).

A outra parte dos conservadores apoia a tradição sem o viés religioso, sem o apelo para as origens sociais divinas. Segundo G.K. Chesterton, um ensaísta e romancista inglês, disse “[t]radition means giving votes to the most obscure of all classes: our ancestors. It is a democracy of the dead. Tradition refuses to submit to the arrogant oligarchy of those who merely happen to be walking around”²⁸(Chesterton, 1908, p.32).

No que diz respeito ao segundo fundamento, a concepção de uma **sociedade inerentemente imperfeita** encontra-se profundamente entrelaçada com a filosofia da imperfeição humana. Enquanto outras correntes ideológicas advogam pela bondade intrínseca do ser humano, ou ao menos pela possibilidade de que, em um contexto social propício, as pessoas possam se revelar benevolentes, os conservadores consideram essa ideia como uma utopia, rejeitando-a. Em contrapartida, os conservadores sustentam a visão oposta de que os seres humanos são tipicamente imperfeitos. Eles reconhecem plenamente as limitações psicológicas dos indivíduos e sua dependência (Heywood, 2022).

De acordo com a perspectiva conservadora, as pessoas experimentam o temor da solidão e da insegurança, o que as instiga a buscar ambientes mais seguros e familiares. Nesse contexto, a tradição e as instituições sociais estabelecidas são vistas como âncoras que proporcionam estabilidade e um senso de pertencimento. Essa noção advém da compreensão de que a natureza humana é suscetível a falhas e fraquezas, o que molda as escolhas e comportamentos das pessoas em busca de segurança emocional e bem-estar. Portanto, a visão conservadora sobre a imperfeição humana influencia diretamente a maneira como os conservadores

²⁸ “Tradição significa dar votos à classe mais obscura de todas: nossos ancestrais. É uma democracia dos mortos. A tradição se recusa a se submeter à oligarquia arrogante daqueles que simplesmente estão por aí” (tradução nossa).

percebem a sociedade e a importância da tradição na sua preservação (Heywood, 2022).

Scruton (2001) explica que o desejo do povo por segurança e estabilidade impeliu os conservadores a apelarem para a importância da ordem social e para a suspeição de liberdade irrestrita. A ordem assegura que a vida humana será constante, invulnerada, ela dá segurança num mundo perigoso. Liberdade, por outro lado, dá aos indivíduos um (ilusório) poder de escolha, e isso pode gerar uma situação de incerteza e insegurança. Nesse sentido, Heywood (2017) esclarece que conservadores são hobbesianos no sentido de estarem dispostos a sacrificarem sua liberdade individual em favor da ordem pública.

Enquanto outras ideologias argumentam que a imoralidade e o comportamento criminoso têm suas raízes em questões sociais, os conservadores acreditam que esses problemas estão enraizados no indivíduo. Nesse sentido, os conservadores também compartilham uma visão hobbesiana, que apresenta uma perspectiva radicalmente pessimista sobre a natureza humana. Eles acreditam que as pessoas são egoístas, gananciosas e têm um desejo constante, conforme expresso por Hobbes em sua obra "Leviatã" ([1651] 1968), de buscar mais poder.

De acordo com Heywood (2017), uma parte dos conservadores justifica essa "tendência" humana fazendo referência ao Antigo Testamento e à teoria do Pecado Original. Para eles, o crime não é resultado de condições socio-históricas, como acreditam os socialistas e anarquistas, mas sim uma parte inerente dos instintos humanos mais primitivos. Heywood escreve que, para os conservadores,

[p]eople can only be persuaded to behave in a civilized fashion if they are deterred from expressing their violent and anti-social impulses. And the only effective deterrent is the law, backed up by the knowledge that it will be strictly enforced. This explains the conservative preference for a strong government and for "tough" criminal justice regimes, based, often, on long prison sentences and the use of corporal or even capital punishment. For conservatives, the role of the law is not to uphold liberty, but to preserve order. The concepts of "law" and "order" are so closely related in the conservative mind that they have almost become a single, fused concept (Heywood, 2017, p.190-191)²⁹.

²⁹ As pessoas só podem ser persuadidas a se comportarem de maneira civilizada se forem dissuadidas de expressar seus impulsos violentos e antissociais. E o único dissuasor eficaz é a lei, respaldada pelo conhecimento de que será rigorosamente aplicada. Isso explica a preferência conservadora por um governo forte e por regimes de justiça criminal "rígidos", frequentemente baseados em longas penas

Ainda no contexto das características relacionadas à imperfeição humana, conforme exposto por Heywood (2022), os conservadores mantêm a convicção de que o intelecto humano é intrinsecamente limitado. Nesse sentido, eles encaram o mundo como excessivamente complexo para ser plenamente apreendido pela razão humana. É por essa razão que nutrem um certo grau de desconfiança em relação a teorias que proclamam possuir tal capacidade, uma vez que percebem a intrincada complexidade dos mecanismos humanos e a vastidão do mundo como algo, em essência, impenetrável.

Ademais, os conservadores repudiam princípios como "direitos humanos", "justiça social" e "igualdade". Sob a ótica conservadora, tais conceitos são vistos com suspeita, pois há a crença de que essas ideias podem desencadear reformas e revoluções que, longe de aliviar o sofrimento humano, tendem a agravá-lo. Esta perspectiva é ancorada na percepção de que a busca pela igualdade ou pela justiça social absoluta poderia potencialmente perturbar o delicado equilíbrio da sociedade e resultar em consequências indesejáveis para a ordem estabelecida (Heywood, 2022).

O terceiro princípio fundamental do conservadorismo, **hierarquia e autoridade**, sustenta que a sociedade é naturalmente hierárquica, com diferentes graus estabelecidos entre os indivíduos. Dessa forma, os conservadores veem a igualdade social como algo indesejável e inalcançável, uma vez que acreditam que poder, propriedade e *status* serão sempre distribuídos de maneira desigual. Nesse sentido, os conservadores compartilham com alguns liberais a aceitação da desigualdade social como algo inerente à sociedade e desejável, argumentando que algumas pessoas possuem habilidades e talentos inatos superiores aos outros. A diferença está no fato de que, para os liberais, os privilégios podem ser redistribuídos por meio da meritocracia, enquanto para os conservadores esses privilégios têm raízes mais profundas, não relacionadas a questões sociais, mas geralmente

de prisão e no uso de punições corporais ou até mesmo da pena de morte. Para os conservadores, o papel da lei não é manter a liberdade, mas preservar a ordem. Os conceitos de "lei" e "ordem" estão tão intimamente relacionados na mente conservadora que se tornaram quase um único conceito fundido" (tradução nossa).

associadas a questões de origem familiar nobre, real ou aristocrática (Heywood, 2017).

Scruton (2001) esclarece que, tradicionalmente, os conservadores acreditam que a desigualdade é uma consequência natural da sociedade orgânica, e não somente um efeito de diferenças individuais, isto é, são partidários da “aristocracia natural” (a ideia de que liderança, autoridade, talento e habilidade são inatos e não podem ser adquiridos com nenhum tipo de esforço pessoal – por exemplo, o “direito divino” dos reis).

Os conservadores autoritários do século XIX mantiveram fidelidade aos rígidos princípios e valores hierárquicos inerentes à aristocracia natural. Eles revelaram uma notável inflexibilidade diante dos crescentes movimentos políticos socialistas, nacionalistas e liberais, especialmente evidentes em nações de tradição católica, como Portugal e Espanha. Essa resistência foi especialmente notória na sua relutância em acatar quaisquer formas de reforma ou adotar modelos governamentais democráticos. Essa postura resistente perdurou ao longo do século XX (Heywood, 2017).

Um exemplo marcante desse conservadorismo extremo foi a adesão das elites autoritárias, muitas delas orientadas pelo catolicismo, aos governos de Salazar (Portugal [1926]1932-1968) e Franco (Espanha [1936]1939-1975), que evoluíram para regimes governamentais de caráter fascista. Nos casos mais extremos, como na Alemanha e na Itália, esse grupo desempenhou um papel crucial ao facilitar a ascensão de Hitler (1933-1945) e Mussolini (1922-1943) ao poder. Inicialmente, ofereceram apoio e legitimidade aos movimentos nazifascistas (Arendt, 2013).

O autoritarismo, explica Heywood (2017), é a convicção que a prática governamental deve partir de cima, ou seja, da autoridade estatal, sobre a população, não importa se com ou sem consentimento dos governados. Pensadores autoritários normalmente argumentam suas perspectivas num sentido de crença na sabedoria dos líderes estabelecidos ou na ideia que a ordem só consegue ser obtida e mantida por obediência cega às autoridades. Contudo, na visão do autor, há distinção entre autoritarismo e totalitarismo (como o nazifascismo): a prática governamental “de cima”, a qual é associada a ditaduras tradicionais, monarquias absolutas e maior parte

de governos militares está preocupada com a repressão política de seus opositores e liberdade política para si “*rather than the more radical goal of obliterating the distinction between the state and civil society*”³⁰ (Heywood, 2017,p.209).

Apesar de o conservadorismo apresentar uma tendência autoritária, é importante destacar a existência de uma corrente conservadora libertária. Embora o conservadorismo se baseie em ideias como a imperfeição humana e a hierarquia social, essa ideologia também sofreu influências das doutrinas liberais clássicas. Dessa forma, certos conservadores abraçaram princípios liberais, especialmente aqueles relacionados ao livre mercado. Os conservadores libertários não adotaram o liberalismo em sua totalidade, mas acreditavam que a teoria econômica liberal é compatível com uma filosofia social conservadora e tradicional, fundamentada em valores como autoridade e dever(Scruton, 2001).

E, para concluir a discussão sobre o conservadorismo, o último pilar dessa ideologia é a **propriedade privada**. De acordo com a visão conservadora, a propriedade privada consiste no direito dos indivíduos, grupos ou até mesmo do Estado de possuírem bens, meios de produção e riquezas. Para os conservadores, a propriedade individual é considerada uma parte intrínseca da personalidade de cada pessoa. As pessoas se identificam e se expressam por meio daquilo que possuem. Dessa forma, as posses não são apenas objetos externos destinados a suprir necessidades e utilidades, mas também refletem a personalidade e o caráter de seus proprietários (Heywood, 2022).

3.2.3 Socialismo

O termo “socialista” deriva da palavra latina *sociare*, que tem o significado de compartilhar. Tom Bottormore (s.d.), segundo Wright (1996, p. 15) tentou definir o socialismo como “[a] social order in which there is the maximum feasible equality of access, for all human beings, to economic resources, to knowledge, and to political

³⁰ “Ao invés do objetivo mais radical de obliterar a distinção entre o Estado e a sociedade civil” (tradução nossa).

power, and the minimum possible domination exercised by any individual or social group over any others"³¹.

O socialismo, enquanto ideologia, tem sido historicamente contraposto ao capitalismo como um modo de produção. Sua essência reside na proposta de oferecer uma alternativa ao capitalismo que seja mais humanitária, justa e igualitária. Seu embasamento está na concepção de que os seres humanos são criaturas sociais que podem se unir em torno de sua humanidade comum. Essa humanidade é moldada por condições sociais compartilhadas e influenciada por fatores externos ao indivíduo, principalmente fatores econômicos.

O socialismo possui uma inclinação para a coletivização em vez da individualização e competição. Seu princípio central é a busca pela igualdade socioeconômica, pois os socialistas acreditam que é por meio dessa igualdade que a verdadeira liberdade é alcançada, no sentido de atender às necessidades materiais que servem como base para o crescimento pessoal criativo. No entanto, assim como outras ideologias, o socialismo abarca diferentes correntes de pensamento que frequentemente divergem em relação à forma de alcançar o socialismo (por meio de reformas ou revolução) e sobre como seria a sociedade socialista do futuro – socialismo utópico ou científico (Wright, 1996).

As raízes do socialismo remontam ao século XIX, sendo uma resposta às condições socioeconômicas europeias decorrentes do rápido processo de industrialização e do capitalismo desenfreado. As ideias socialistas se conectaram à nova classe de trabalhadores industriais, conhecidos como proletários, que sofriam com a pobreza e condições de vida degradantes que caracterizavam essa fase industrial. Assim, por meio das lutas de classe e do pensamento dos intelectuais proletários, o socialismo, no final do século XIX, foi capaz de trazer melhorias nessas condições de vida, embora por meio de abordagens reformistas, adaptando-se aos sistemas parlamentares democráticos burgueses. Com o avanço das sociedades capitalistas industriais na Europa Ocidental, tornou-se cada vez mais difícil para os

³¹ "Uma ordem social na qual haja o máximo de igualdade viável de acesso, para todos os seres humanos, aos recursos econômicos, ao conhecimento e ao poder político, e o mínimo possível de dominação exercida por qualquer indivíduo ou grupo social sobre os demais" (tradução nossa).

proletários buscar uma revolução, pois gradualmente os partidos socialistas passaram a adotar os sistemas legais e constitucionais burgueses, encorajando a população a buscar mudanças nessas adversas condições por meio do voto (Heywood, 2017).

Para Wright (1996), os socialistas estavam divididos em socialismos: entre aqueles que buscavam a reforma através de eleições e aqueles que clamavam pela revolução socialista. A Revolução Russa de 1917 aumentou a disputa: socialistas leninistas revolucionários e o partido Bolchevique adotaram para si o “rótulo” de comunistas, enquanto os socialistas reformistas foram chamados de sociais democratas. E Heywood (2017, p.365, destaque, tradução e formatação nossos) explica que, como ideologia, é caracterizada por algumas ideias principais, sendo elas: **“(i) comunidade; (ii) cooperação; (iii) igualdade; (iv) classe política e (v) coletivização dos meios de produção”**.

Em relação ao primeiro princípio, a visão coletivista da **comunidade**, que enfatiza a capacidade de ação coletiva e união dos seres humanos em prol do bem comum, está intrinsecamente ligada à perspectiva socialista. Os socialistas defendem que os indivíduos não nascem com características inatas, divergindo assim da visão conservadora, mas são moldados pela sociedade em que vivem e pelas comunidades das quais fazem parte. Para os socialistas, o ser humano é inseparável da sociedade, e a compreensão e o autoconhecimento dos indivíduos são alcançados por meio dos grupos sociais aos quais pertencem (Heywood, 2017).

O segundo pilar, a **cooperação**, conforme destacado por Heywood (2022), é considerado pelos socialistas como uma alternativa à competição, pois a cooperação auxilia no desenvolvimento de laços de simpatia, afeto e cuidado entre as pessoas. O incentivo "moral" para trabalhar arduamente de forma coletiva está no desejo de contribuir para o bem comum.

O terceiro sustentáculo, a **igualdade**, é o valor político que distingue o socialismo de outras ideologias, como o liberalismo e o conservadorismo. No contexto socialista, a igualdade é representada pela crença na equidade social e sustenta valores como a cooperação comunitária. Acredita-se que, em circunstâncias sociais igualitárias, as pessoas teriam mais oportunidades de se identificar umas com as

outras, o que levaria à empatia e ao desejo de trabalhar coletivamente em prol do bem comum, conforme apontado por Wright (1996).

Sobre a **classe política**, de acordo com Heywood (2022), os socialistas teorizam que a divisão social mais profunda é a divisão de classes, e, portanto, a classe proletária, ou a classe dominada, deve estar envolvida na política para lutar por seus direitos e emancipação. Uma parte dos socialistas acredita que devem ter representação na política tradicional e alcançar seus direitos por meio de reformas legais, enquanto outros socialistas acreditam na derrubada da política burguesa e argumentam que seus direitos só podem ser conquistados por meio de revolução.

O último pilar abordado é a noção de **propriedade comum dos meios de produção**, como elucidado por Heywood (2017). Essa concepção é considerada como um meio de alcançar um estado de maior igualdade, uma vez que a competição exacerbada e a desigualdade inerente à privatização destes meios são apontadas como a raiz dos desafios socioeconômicos enfrentados pela classe proletária.

A propriedade comum dos meios de produção reflete uma perspectiva que preconiza a posse coletiva e gerenciamento compartilhado dos recursos e instrumentos necessários para a produção de bens e serviços. Tal abordagem objetiva atenuar as disparidades de poder e riqueza que surgem no contexto de uma propriedade privada concentrada. O raciocínio subjacente é que, ao eliminar a concentração de recursos nas mãos de poucos, a propriedade comum dos meios de produção promoveria um ambiente mais equitativo, onde os benefícios da produção seriam distribuídos de maneira mais uniforme entre os membros da sociedade (Heywood, 2022).

3.2.4 Anarquismo

A palavra “anarquia” é originária do grego *anarkhos* e significa, *ipsis litteris*, “sem regra”. A ideologia anarquista se fundamenta na convicção de que o exercício do poder e da autoridade política, em todas as suas manifestações, é intrinsecamente cruel e desnecessário. Nesse sentido, o objetivo central do anarquismo consiste na

consecução de uma sociedade desprovida de Estado, por meio da abolição do governo e das leis (Heywood, 2017, p.562). Além disso, os anarquistas se opõem de modo veemente a determinadas formas de hierarquia social que prevalecem na estruturação da sociedade.

No que diz respeito à política tradicional, os anarquistas não rejeitam totalmente essa forma de organização, porém a enxergam como intrinsecamente corrupta e corruptora. Em contrapartida, depositam sua confiança em modelos organizacionais alternativos que se destacam pela ampla participação popular. Essas formas alternativas de organização social se fundamentam na participação ativa da sociedade, na prática da autogestão e no estabelecimento de relações horizontais de poder (Kinna, 2012).

Um aspecto fundamental do anarquismo, conforme destacado por Kinna (2012, p. 171), é a sua contestação à hierarquia e à dominação, sendo o Estado considerado geralmente como a forma paradigmática dessas estruturas. Os adeptos do anarquismo defendem uma sociedade sem Estado, na qual os indivíduos são livres para administrar suas vidas por meio de acordos voluntários, sem a necessidade de compulsão ou coerção estatal. Em relação à concepção humana, os anarquistas não acreditam em uma natureza humana fixa ou inata. Em sua maioria, consideram que os seres humanos são moldados pelo ambiente em que vivem e são capazes de mudança, mas ressaltam que o exercício do poder corrompe os indivíduos.

A pesquisadora explica que o anarquismo tem traços do liberalismo e do socialismo e, portanto, tem um caráter dicotômico pois pode ser tanto interpretado como um “ultraliberalismo”, por seu viés individualista, ou “ultrassocialismo”, por seu viés de forte coletivismo. Apesar disso, segundo Heywood (2017, p.564, destaque, tradução e formatação nossos) o anarquismo é visto como uma ideologia à parte de ambos, no sentido de que apesar de tradições políticas diferentes, unem-se em torno de alguns princípios, sendo os principais: “**(i) anti-estatismo; (ii) ordem natural; (iii) anti-clericalismo e (iv) liberdade econômica**”.

Começando pela ideia do **antiestatismo**, a abordagem anarquista se manifesta de forma clara e concisa: a autoridade corrompe os princípios de liberdade e igualdade, fundamentando-se na desigualdade política, e essa corrupção afeta tanto

aqueles que detêm a autoridade quanto os que estão sujeitos a ela. Nesse sentido, a autoridade dá origem à chamada "psicologia do poder", caracterizada por um padrão de submissão e dominação (Kinna, 2012).

No que diz respeito à **ordem natural**, William Godwin (1793) postula que os seres humanos são essencialmente criaturas racionais, moldadas pela educação, cultura e pensamento crítico para viverem em conformidade com a verdade e com leis morais universais. Ele argumenta que os indivíduos possuem uma inclinação inata para conduzir suas vidas de maneira pacífica e harmoniosa dentro do contexto social, sendo o governo e suas leis antinaturais responsáveis por exercer uma influência corruptora sobre essa propensão. Nessa perspectiva, o governo não é visto como uma solução para os problemas, mas sim como sua causa. Os anarquistas clássicos também compartilham dessa simpatia pela visão expressa por Rousseau ([1762] 2007, p.4) de que "o homem nasce livre, e por toda parte é acorrentado".

No que diz respeito ao terceiro princípio, o **anti-clericalismo**, Heywood (2022) destaca que, embora o Estado seja o principal alvo das críticas anarquistas, essa mesma hostilidade se estende a qualquer forma de autoridade, incluindo a religião. A ideia de um Deus representando um ser superior que detém uma autoridade inquestionável é combatida e rejeitada pelos anarquistas.

Para finalizar, em relação à **liberdade econômica**, Heywood (2022) explica que a intervenção estatal distorce o mercado competitivo, resultando em economias dominadas por monopólios, sejam eles de natureza privada ou pública. Enquanto os anarquistas coletivistas defendem uma economia baseada na propriedade comum e na cooperação, os individualistas apoiam o mercado e a propriedade privada.

3.2.5 Nacionalismo

A palavra "nação" tem origem no latim "*nasci*", que significa nascer, e em sua forma "*natio*" significa um grupo de pessoas unidas pelo local de seu nascimento. No entanto, foi somente no final do século XVIII que esses grupos ganharam voz política e, como resultado, passaram a ser chamadas de nacionalistas. A palavra

"nacionalismo" foi usada pela primeira vez em 1789, na França, pelo padre anti-jacobino Augustin Barruel (Heywood, 2017, p.626).

Crosby (2005) define o nacionalismo como a convicção de que a nação é o pilar fundamental da organização política, fundamentando-se em duas concepções principais. A primeira delas é a ideia de que a humanidade é naturalmente dividida em diferentes nações, enquanto a segunda afirma que a nação é o único princípio político legítimo. Nesse sentido, o nacionalismo político clássico busca estabelecer os limites do Estado de acordo com as fronteiras da nação, promovendo a correspondência entre nacionalidade e cidadania dentro dos Estados-nação. No entanto, é importante destacar que o nacionalismo apresentava pontos de conexão com diversas ideologias, que vão desde o liberalismo até o fascismo.

Crosby igualmente explica que as características do nacionalismo mudaram com o tempo. Inicialmente, associou-se com movimentos progressistas e liberais, mas ao longo do tempo foi sendo cada vez mais usado por conservadores reacionários e fascistas, em razão do crescimento do socialismo internacionalista, e o perigo de emancipação da classe proletária.

Em função disso, o nacionalismo buscou cooptar o proletariado em sua ideologia, visando manter a estabilidade de sua estrutura social. No entanto, ao longo do tempo, o fervor patriótico deixou de se voltar para a conquista de liberdade e democracia, passando a exaltar glórias nacionais e vitórias militares passadas. Essa transformação levou a um aumento do chauvinismo, em que cada nação passou a enxergar as outras como possíveis ameaças, ao mesmo tempo em que considerava seu próprio povo superior aos demais. Esse sentimento exacerbado acabou por desencadear a Primeira Guerra Mundial em 1914, conforme apontado por Heywood (2017).

A Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914, representa uma das consequências mais marcantes do nacionalismo exacerbado. O fervor patriótico, que antes buscava a adoração de glórias nacionais, culminou em um conflito sangrento que devastou nações e resultou em perdas humanas incalculáveis. Nesse contexto, as rivalidades entre as nações se intensificaram, alimentadas pela visão de superioridade em relação aos povos de outras nações. O nacionalismo, que

inicialmente procurava manter a estabilidade social, acabou contribuindo para um clima de hostilidade e confronto entre os Estados. Essa tragédia histórica evidencia os perigos de um nacionalismo extremista e serve como um alerta para a importância de buscar uma abordagem mais equilibrada e cooperativa na busca por identidade e soberania nacional.

A despeito de ter, como anteriormente citado, se conectado no passado a diferentes ideologias, frequentemente opostas, conforme explicado por Crosby, Heywood (2017, p. 638, destaque, tradução e formatação nossos), destaca princípios políticos que são inerentes ao, ou aos, nacionalismos, a saber: **"(i) a nação; (ii) comunidade orgânica; (iii) autodeterminação; e (iv) culturalismo"**.

Sobre a **nação**, Crosby (2005) escreve que é o princípio político essencial, basilar, contudo, a definição de nação é complexa e, por razão disso, só fala no seu conceito superficialmente: nações são grupos culturais, conglomerados de pessoas unidas por hábitos e convicções, compartilhando uma determinada língua, uma história, uma religião predominante e comumente ocupando o mesmo espaço geográfico. Heywood (2022), todavia, esclarece que, apesar de alguns traços culturais serem usualmente correlacionado com nacionalidade – linguagem, religião, tradição, história e etnicidade – não há critério objetivo que estabelece onde e quando uma nação passa a existir. Para os chauvinistas, nações existem e mantêm-se por “laços primários”: elos emocionais inatos e poderosos, religião, estilo de vida conservador e amor pela pátria.

Em relação às **comunidades orgânicas**, apesar de os nacionalistas discordarem sobre os atributos da nação, são unidos pela crença que nações são comunidades orgânicas. Em outros termos, o mundo é dividido em um conjunto de nações, cada uma tendo propriedades e identidades diferentes e, por isso, uma mais alta lealdade e significância política se conecta mais à nação do que a qualquer outro grupo social ou corpos coletivos (Heywood, 2017).

Anderson (1983) desafia as premissas nacionalistas ao introduzir a noção de nações como "comunidades imaginadas", um conceito culturalmente construído, em oposição à visão orgânica. Ele explora a evolução do nacionalismo na Europa, apontando a sua emergência como uma busca consciente, não gradual. A

comparação histórica e a distinção entre "modernidade" e "antiguidade" influenciaram a concepção de nação. A expansão do conhecimento sobre grandiosas civilizações não europeias, bem como a comparação das línguas, impulsionou a valorização das línguas populares e a inequidade entre línguas "civilizadas" e nativas. Anderson também examina a interligação entre patriotismo, racismo e nacionalismo, destacando que o nacionalismo abraça destinos históricos, enquanto o racismo busca a contaminação eterna. Ele demonstra como o racismo surgiu em contextos extra-europeus, alimentado pela dominação colonial europeia, através do nacionalismo oficial e da russificação colonial.

Contudo, em relação ao terceiro ponto abordado, que é a **autodeterminação**, Heywood (2017) apresenta uma perspectiva divergente em relação a Anderson, argumentando que o nacionalismo, enquanto ideologia política, realmente ganhou força quando a concepção de comunidade orgânica nacional se alinhou com a doutrina da soberania, o que ocorreu principalmente durante a Revolução Francesa. Segundo essa visão, o nacionalismo como ideologia destaca que a nação não é apenas uma comunidade orgânica, mas sim uma comunidade política orgânica. Essa abordagem enfatiza a importância da autonomia e do autogoverno da nação como elementos centrais do nacionalismo, conferindo-lhe uma dimensão política e institucional.

Essa perspectiva de Heywood (*ibidem*) destaca que o nacionalismo político, fundamentado na ideia de autodeterminação nacional, busca a criação e a preservação de um Estado soberano que represente e defenda os interesses da nação. Nesse contexto, a nação deixa de ser apenas uma entidade cultural ou étnica, mas passa a ter uma dimensão política claramente definida. A ideologia nacionalista, então, busca legitimar a busca pela independência, pela formação de um Estado-nação e pela conquista de direitos políticos e liberdades individuais para o povo que compõe a nação.

Para concluir esta seção, abordaremos o **culturalismo**, uma vertente do nacionalismo que enfatiza a preservação e proteção da identidade cultural da nação, priorizando-a sobre as questões políticas. O culturalismo busca renovar a concepção de nação como uma civilização moderna e distinta, muitas vezes envolvendo

elementos de misticismo e nostalgia. Seu fundamento reside na crença de que a nação possui uma história única e gloriosa, representando a verdadeira sociedade orgânica. Essa abordagem valoriza a preservação das tradições, língua, costumes e símbolos nacionais, buscando fortalecer a coesão interna e a autoafirmação cultural da nação (Heywood, 2022).

Özkirimli (2010) explica que, além disso, o culturalismo ressalta a importância da preservação das expressões culturais autênticas e da valorização do patrimônio cultural como elementos centrais da identidade nacional. A ênfase recai sobre as manifestações artísticas, literárias, musicais e folclóricas que caracterizam a singularidade cultural de uma nação. Nesse contexto, a memória coletiva desempenha um papel fundamental, pois é por meio dela que se perpetuam as tradições e se reforça o sentimento de pertencimento. No entanto, é importante destacar que o culturalismo também pode dar ênfase excessiva na preservação cultural leva à exclusão de grupos minoritários ou à marginalização de perspectivas diversificadas. A promoção de uma identidade cultural nacional pode gerar tensões entre a preservação das tradições e a promoção da diversidade e inclusão social.

Portanto, o culturalismo, como uma abordagem dentro do nacionalismo, busca proteger e reforçar a identidade cultural de uma nação, valorizando suas expressões artísticas, históricas e tradicionais. No entanto, é necessário um equilíbrio cuidadoso entre preservação cultural e respeito à diversidade, garantindo a inclusão de todos os grupos sociais e promovendo uma sociedade mais justa e igualitária (Heywood, 2022).

3.2.6 Fascismo

O termo "fascismo" tem origem nas palavras latinas "*fasces*" e italiana "*fascio*", que significa "feixe". Esse feixe simbolizava um machado envolvido por varetas de madeira, e seu significado remetia à ideia de que uma vareta pode ser quebrada facilmente, enquanto um feixe é resistente. No final do século XVIII, a palavra "*fascio*" começou a ser utilizada na Itália para referir-se a grupos políticos, geralmente de orientação socialista. Foi somente quando Mussolini empregou o termo para descrever os esquadrões milicianos armados que ele formou durante e após a

Primeira Guerra Mundial que o "fascismo" adquiriu um significado ideológico definido (Heywood, 2017).

O fascismo é caracterizado pelo conceito de uma comunidade nacional unificada sob o Estado, com a crença na "força por meio da unidade". Além de direcionar sua violência contra adversários políticos, como socialistas, comunistas e anarquistas, o fascismo buscava conquistar os espaços públicos por meio desses grupos (Paxton, 2007).

No entanto, sua atuação não se limitava apenas ao nacionalismo e aos ataques aos opositores, mas também envolvia a criação de conflitos e atos violentos contra o intelectualismo "de rejeição a soluções de compromisso e de desprezo pela sociedade estabelecida, características essas comuns aos três grupos que constituíam a massa de seus primeiros seguidores – veteranos de guerra, sindicalistas pró-guerra e intelectuais futuristas" (Paxton, 2007, p.17).

O fascismo constituiu uma nova ideologia de massa, conforme minuciosamente delineado por Paxton (2007), emergindo de um contexto pós-guerra e amadurecendo através de uma intrincada convergência de forças históricas que permearam o intervalo entre as duas grandes guerras mundiais. Mussolini, como líder emblemático desse movimento, empregava uma gama diversificada de estratégias de apelo emocional, recorrendo a rituais meticulosamente coreografados, cerimônias simbólicas e uma retórica habilmente elaborada. Cumpre ressaltar que o fundamento do fascismo não se enraíza em uma base filosófica substancial, mas, ao contrário, encontra sustentação no fervor sentimental das massas, que ansiavam por uma autoafirmação enquanto uma coletividade superior. Este fervor é igualmente respaldado pela percepção de injustiça na realidade sócio-política vigente na Itália da época, aliada ao anseio de estabelecer uma supremacia sobre nações percebidas como subalternas (Paxton, 2007).

Na ideologia fascista, o indivíduo, em sentido literal, não possui significado próprio: a identidade individual deve estar completamente subordinada ao Estado. O fascista ideal é o "novo homem": um herói impulsionado pelo senso de dever, dignidade e auto-sacrifício, disposto a dar a própria vida em prol da glória da nação ou raça - conceitos frequentemente interligados pelos fascistas - e a obedecer

cegamente ao seu líder supremo. Essa ideologia apresenta, de acordo com Heywood (2017, p.703, destaque, tradução e formatação nossos), elementos essenciais em sua estrutura para ser identificada, tais como: “**(i) anti-racionalismo; (ii) luta e força; (iii) liderança e elitismo; e (iv) ultranacionalismo**”.

O **anti-racionalismo** surge como uma reação ao movimento iluminista, uma corrente que defendia ideias como a razão universal, a bondade universal e o progresso, buscando libertar a humanidade das superstições religiosas e do irracionalismo (Heywood, 2022). No entanto, no final do século XIX e início do século XX, pensadores começaram a questionar os limites da razão e a chamar a atenção para os desejos e impulsos humanos. Um exemplo notável é Nietzsche, que teorizou que os seres humanos são impulsionados por emoções intensas e pela vontade, em contraposição à mente racional (Le bon, [1895] 2018; Nietzsche, 2011).

O anti-racionalismo exerceu uma gama significativa de influências sobre o pensamento e a estrutura do fascismo. Em um primeiro plano, conferiu a esta ideologia uma notória inclinação anti-intelectualista, notabilizada pelo desdém direcionado ao pensamento abstrato, ao passo que enalteceu a primazia da ação. A abordagem adotada pelo fascismo, como devidamente exposto por Heywood (2017), com base nas contribuições de Le Bon ([1895] 2018), concentra-se profundamente na esfera da psique, das emoções e dos instintos humanos. Delineia-se, assim, uma orientação que não se fundamenta na coesão lógica das ideias, mas sim na aspiração de evocar um apelo emocional e mítico, buscando estabelecer uma conexão íntima com a experiência subjetiva das massas. Líderes de destaque no movimento fascista, a exemplo de Hitler e Mussolini, se destacaram como exímios manipuladores da propaganda, demonstrando habilidades singulares ao identificar pontos sensíveis capazes de instigar respostas emocionais e mobilizar as vastas multidões.

Em decorrência, o fascismo se consolida como um paradigma que preconiza e promove as denominadas "políticas da vontade", ancoradas na mobilização das energias e sentimentos coletivos em detrimento da mera argumentação racional. A rejeição ao racionalismo conferiu ao fascismo uma natureza destrutiva, marcada pela

sua condição de "anti-filosofia"³², ou seja, uma posição contrária ao liberalismo, ao conservadorismo, ao capitalismo, à burguesia, ao comunismo, entre outros.

O segundo elemento, na realidade composto por dois, configura-se como um binômio indissociável no contexto do fascismo: a **força e a luta**. O fascismo se apropria e integra concepções provenientes do darwinismo social, mediante as quais é delineado um processo de "seleção natural" que engendra a sobrevivência apenas dos indivíduos considerados mais aptos e vigorosos (Passmore, 2002, p. 149). Tais fundamentos darwinianos conferem ao fascismo um conjunto de princípios políticos nos quais a "bondade" é equiparada com a "força", ao passo que o "mal" é concomitantemente associado à "fraqueza".

Nesse panorama, os valores intrinsecamente enaltecidos pelos adeptos do fascismo abrangem a lealdade, tanto em relação ao líder quanto ao Estado personificado no líder supremo, bem como o senso de dever, obediência incondicional e disposição para o auto-sacrifício. Nota-se, entretanto, uma manifesta intolerância frente à fraqueza ou quaisquer manifestações de deficiência (Heywood, 2022).

Sobre o terceiro alicerce, **liderança e elitismo**, podemos inferir, segundo Heywood, que o fascismo se distancia do pensamento político convencional, rejeitando qualquer forma de igualdade e adotando uma postura profundamente elitista, não no sentido intelectual, mas no que se refere a corpos. Ademais, o caráter patriarcal do fascismo se manifesta de maneira incontestável, sendo que esse elitismo é não apenas percebido como natural, mas também almejado, haja vista que os adeptos do fascismo sustentam a crença de que a sociedade é intrinsecamente dividida em estratos distintos.

Nessa hierarquia, no vértice se encontra o líder supremo, investido de toda a autoridade; imediatamente abaixo, emerge a elite "guerreira", constituída por indivíduos do sexo masculino alinhados com a ideologia fascista; por derradeiro, são as massas que se posicionam, as quais, de acordo com as perspectivas de Le Bon

³² As aspas empregadas destacam o fato de que, apesar do fascismo ser teoricamente definido como antiliberal, anti-conservador, anticapitalista e anti-burguês, Mussolini, na prática, angariou o apoio desses mesmos segmentos para ascender ao poder. Essa aliança foi forjada em função da preocupação mútua com o avanço do socialismo ao longo da década de 1920, culminando em uma espécie de "frente ampla" destinada a conter a expansão dessa corrente ideológica.

([1895] 2018), são caracterizadas como destituídas de conhecimento, guiadas pela emotividade e tidas como vulneráveis, predestinadas a uma obediência acrítica. A influência do pensamento de Nietzsche ([1884] 2011) e sua noção de *Übermensch*, o super-homem, se revela de forma manifesta na ideologia fascista, que reverencia indivíduos de destaque, dotados de poder singular e incumbidos de liderança.

Os ideais **ultranacionalistas** do fascismo também estão intrinsecamente ligados à busca por uma identidade nacional única e superior. Os fascistas promovem a noção de que sua nação possui características excepcionais, que a destacam das demais, e buscam preservar e promover essas características distintivas. Essa visão ultranacionalista alimenta um sentimento de rivalidade e competição entre as nações, levando a uma mentalidade de dominação e expansão territorial (Heywood, 2022).

Griffin (1993) destaca que uma das características centrais do fascismo é a fusão entre um passado mítico e um ultranacionalismo populista. O fascismo se apoia no mito de um passado glorioso, real ou imaginado, para criar uma narrativa que justifica a superioridade e a missão histórica de sua nação. Essa narrativa é combinada com um ultranacionalismo populista, que busca conquistar o apoio e a adesão das massas, prometendo restaurar a grandeza passada e liderar o caminho para um futuro grandioso.

Dessa forma, o fascismo se baseia na exaltação da identidade nacional, na crença na superioridade da nação em relação às demais e na busca por expandir e dominar outras nações. Essa visão ultranacionalista e expansionista impulsionou movimentos fascistas ao redor do mundo, resultando em conflitos e guerras de proporções devastadoras.

3.2.6.1 Ditadura Salazarista: um fascismo de cátedra

Na análise dos escritos de Fernando Pessoa, torna-se imperativo conduzir uma investigação aprofundada sobre a presença de traços protofascistas e fascistoides em sua ideologia ambígua, visto que algumas características dessas correntes são identificáveis em seus textos. Nesse sentido, é necessário estabelecer um contexto

adequado, considerando tanto a cronologia temporal quanto as características intrínsecas desses escritos.

Embora a ascensão de Mussolini ao poder na Itália tenha ocorrido em 1922, propõe-se neste estudo uma abordagem ampla que engloba escritos pessoais anteriores a essa data, desde que na seleção dos textos sejam identificados elementos que compartilhem semelhanças com as ideias fascistas. Tais elementos incluem, mas não se limitam a, exaltação do nacionalismo, defesa de um Estado autoritário e centralizado, valorização da ordem e da disciplina, supressão de liberdades individuais em nome do bem comum e rejeição de ideologias democráticas e igualitárias.

É relevante ressaltar que a ideologia de Fernando Pessoa é complexa e multifacetada, sofrendo influências de variados movimentos e correntes de pensamento, e, por consequência, oscilações. Portanto, é necessário proceder com uma análise minuciosa e contextualizada, levando em consideração fatores históricos, intelectuais e literários, bem como as nuances presentes na própria obra de Pessoa.

É preciso destacar também a relevância de examinar atentamente o contexto político da época em que Pessoa expressou elogios ao Ditador Salazar ou manifestou apoio a seu governo (o que parou de acontecer em 1933). A análise dessas posições deve levar em conta o ambiente sociopolítico do regime salazarista em Portugal, estabelecido em 1926, que se caracterizava por elementos autoritários e centralizadores.

O conceito de "fascismo de cátedra", conforme discutido por Sousa (2009), é aplicado à ditadura de Salazar em Portugal, conhecida como Estado Novo. O autor fundamenta essa caracterização ao identificar diversos elementos do regime que refletem essa vertente específica do fascismo. Em primeiro lugar, destaca-se a criação de um culto de personalidade em torno de Salazar, comparável aos líderes fascistas, como Mussolini. Salazar era percebido como um líder carismático e intelectual, cuja figura desempenhava um papel central no governo.

Além disso, Sousa ressalta a realização de cerimônias de transladação dos restos mortais de figuras como Sidónio Pais e o general Carmona. Tais eventos

contaram com a presença de altos hierarcas do regime, evidenciando o reconhecimento e a importância política atribuída à ditadura sidonista.

No aspecto ideológico, o Estado Novo adotou a concepção político-jurídica do fascismo italiano, refletida na Constituição de 1933. Essa constituição foi a primeira no mundo a ter uma orientação corporativista, antecipando em um ano a constituição semelhante da Áustria. O autor destaca que o Estado Novo também se baseou na experiência ditatorial sidonista de 1917, caracterizando-o como uma ditadura soberana anterior ao regime fascista de Mussolini.

No que diz respeito à questão racial, Sousa argumenta que o Estatuto dos Índigenas, incorporado na Constituição de 1933, estabelecia a discriminação racial e a legislação específica para os índigenas das colônias portuguesas. Essa discriminação racial tornou-se um argumento político para os movimentos anticoloniais.

Do ponto de vista econômico, o Estado Novo concordou com a orientação corporativista do fascismo italiano, subordinando os problemas econômicos ao Estado e ao bem-estar da nação, mantendo a propriedade privada como elemento da liberdade individual.

Sousa destaca também a militarização da política interna durante a Guerra Civil Espanhola, por meio da criação de organizações paramilitares como a Legião Portuguesa, a Mocidade Portuguesa e a Obra das Mães pela Educação Nacional. Essas organizações utilizavam terminologia e simbologia militar para fortalecer o sentimento nacionalista e a preparação para a luta.

No âmbito da política externa, Sousa destaca a intervenção militar de Portugal na Guerra Civil Espanhola ao lado das tropas franquistas, posicionando-se ao lado das potências do Eixo. Essa intervenção demonstrou a disposição do Estado Novo de confrontar e agredir, mesmo que de forma dissimulada, países e governos com os quais não concordava ideologicamente.

Com base nessas considerações, o autor conclui que o Estado Novo de Salazar pode ser compreendido como um exemplo de "fascismo de cátedra". Essa caracterização enfatiza a influência do fascismo italiano, a militarização da política

interna, a repressão política, a política externa alinhada com o Eixo e o uso do modernismo estético para a propaganda do regime.

O termo "fascismo de cátedra" é empregado pelo autor para descrever o regime salazarista do Estado Novo em Portugal, destacando a influência da academia e da intelectualidade no estabelecimento e na manutenção do regime. A palavra "cátedra" remete aos professores universitários, acadêmicos e intelectuais que ocupavam cargos de destaque no governo e desempenhavam um papel fundamental na formulação das políticas do Estado Novo.

Ao utilizar o conceito de "fascismo de cátedra", o autor ressalta a combinação de características do fascismo italiano, como a ideologia corporativista, a militarização da política interna e a promoção de um culto de personalidade em torno do líder, com a presença de acadêmicos e intelectuais no governo e na elaboração das políticas do Estado Novo. Essa terminologia sugere que o Estado Novo de Salazar representou uma forma particular de fascismo, adaptada à realidade portuguesa e influenciada pela intelectualidade acadêmica (neste ponto diferindo do regime fascista italiano que, ao longo dos anos, transformou-se em um regime caracterizado pela manifestação de uma postura antintelectual) .

Outro autor que aborda a ditadura salazarista como um período fascista é Bernardo (2015), que argumenta que a ditadura de Salazar em Portugal apresenta características fascistas por diversas razões. Primeiramente, destaca-se a criação da União Nacional, partido único do regime, por meio de um decreto da ditadura militar em julho de 1930. Essa fusão de diferentes elementos político-militares e grupos de interesses econômicos, com tendências fascistas, converteu-os em uma força impulsionadora singular.

Outro ponto relevante, de acordo com Bernardo (2015), é o controle exercido sobre os sindicatos corporativos. Eles foram proibidos de tomar qualquer iniciativa além de sua função reguladora do mercado de trabalho, tornando-se meros órgãos repressivos auxiliares. A Legião Portuguesa, criada como uma milícia do Estado Novo em 1936, inicialmente atraiu elementos radicais do fascismo, mas acabou sendo controlada pelo regime, desempenhando um papel secundário.

Por fim, a Mocidade Portuguesa, organização juvenil do regime, também sofreu restrições. Embora alguns de seus líderes fossem recrutados das forças armadas, a ênfase não estava na preparação militar, mas sim em virtudes educacionais e disciplinares. A mobilização de massas foi limitada, com a participação principalmente de estudantes do ensino médio.

Portanto, segundo Bernardo, a ditadura salazarista em Portugal foi considerada fascista devido à criação da União Nacional, à restrição dos sindicatos corporativos e ao controle exercido sobre a Legião Portuguesa e a Mocidade Portuguesa. Esses elementos, juntamente com a busca por uma pátria portuguesa liderada, ordenada e forte, caracterizaram o fascismo salazarista, que combinava elementos conservadores, nacional-sindicalistas, militares e religiosos, sem permitir um protagonismo político efetivo desses setores (Bernardo, 2015).

3.2.7 Imperialismo

Embora seja, na verdade, uma característica presente em diversas ideologias, o imperialismo é abordado aqui de maneira separada devido à sua relevância e complexidade. Assim como Fernando Pessoa transita entre diferentes correntes ideológicas, o imperialismo também exibe uma flexibilidade similar, sendo empregado como uma estratégia de poder e controle em contextos variados. O imperialismo, enquanto fenômeno político e econômico, transcende as fronteiras de uma única ideologia e encontra aplicação em cenários diversos, independentemente de suas inclinações políticas subjacentes.

Nesse sentido, a separação da discussão sobre o imperialismo proporciona uma oportunidade para examinar suas nuances variadas e sua adaptação em diferentes cenários políticos e ideológicos. A compreensão dessa abordagem multifuncional do imperialismo contribui para uma apreciação mais abrangente de seu papel na história e na evolução das ideologias ao longo do tempo. A compreensão das complexas estruturas políticas e ideológicas dos impérios exige uma análise interdisciplinar que aborde tanto as formas de governo imperiais quanto as ideologias que os sustentam.

As formas de governo do império são fundamentais para entender como o poder é exercido, mantido e contestado em contextos imperiais. Essas formas abrangem uma variedade de aspectos, desde a justificação inicial do império até a administração contínua das regiões subordinadas. A justificação do império pode ser realizada por meio de argumentos religiosos, culturais, econômicos ou militares, refletindo a diversidade de fundamentos ideológicos que permeiam essa prática política. Além disso, a administração do império envolve a definição de estruturas de poder, instituições de autoridade e práticas de governança que regulam as áreas subordinadas (Bell, 2013).

Uma análise interdisciplinar das formas de governo do império pode ser realizada por meio de várias abordagens. Segundo Bell (2013), o modelo coercitivo, por exemplo, enfoca a presença militar e a coerção como principais instrumentos de governança imperial. Em contraste, o modelo econômico considera o controle e a exploração de recursos como a base do poder imperial. O modelo cultural destaca a disseminação da cultura da metrópole como forma de dominação, enquanto o modelo de colaboração envolve elites locais na administração imperial. Adicionalmente, o modelo de governança global ressalta a cooperação internacional como método de administração imperial, por meio de organizações internacionais e abordagens multilaterais (Bell, 2013).

As ideologias de justificação do império são intrinsecamente ligadas às formas de governo, oferecendo um contexto ideológico para a conquista e o domínio imperial. As ideias de justificação são compostas por cinco formas principais: comercial-explorativa, realista-geopolítica, liberal-civilizacional, republicana e marcialista³³. Esses (sub)ideologias frequentemente se sobrepõem e interagem, sendo moldados por uma variedade de fatores, como interesses econômicos, segurança nacional,

³³ A (sub)ideologia marcialista é, para Fernandes (2022), um conjunto de crenças e valores que atribui uma ênfase significativa à supremacia da força militar e à glorificação da guerra como um meio essencial para alcançar objetivos políticos, sociais e culturais. O termo "marcialismo" deriva de "Marte", o deus romano da guerra, e está intrinsecamente ligado à exaltação das virtudes guerreiras e ao papel central das atividades militares na conformação e manutenção de uma sociedade ou Estado (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO).

disseminação da civilização, glória nacional e valorização da masculinidade guerreira (Bell, 2013).

As abordagens de governança, como o modelo coercitivo, podem, para Bell, encontrar respaldo em ideologias marcialistas que enfatizam a supremacia da força militar, em essência uma manifestação de militarismo de natureza fascista. O modelo econômico, por sua vez, pode estar alinhado com a ideologia comercial-explorativa, ressaltando a exploração de recursos como sua motivação central. Ideologias de cunho republicano, por sua vez, podem estar intrinsecamente ligadas ao modelo de colaboração, no qual elites locais são cooptadas para administrar o império em nome da metrópole. Além disso, é possível estabelecer uma relação entre o modelo de governança global e o liberalismo civilizacional, que enxerga a disseminação da civilização como um imperativo moral (Bell, 2013).

3.3 AMBIGUIDADE IDEOLÓGICA

O fenômeno em que uma palavra, expressão ou frase abriga múltiplas ideologias políticas, sem a possibilidade de se determinar precisamente a ideologia específica, chamamos de ambiguidade ideológica. Essa terminologia é empregada para descrever a ausência de clareza ou coerência no que diz respeito às crenças políticas, sociais ou econômicas de um indivíduo. Essa ausência de definição implica que a pessoa em questão não possui uma perspectiva nitidamente delineada ou uniforme sobre temas como liberdade individual, papel governamental na sociedade, igualdade social e outros tópicos relacionados à ideologia. A ambiguidade ideológica pode derivar de lacunas informativas, indecisão ou mesmo da flutuação constante de opiniões. Esse fenômeno é uma característica observada na produção literária de Fernando Pessoa, por pensadores como Cabral (2014) e Barreto (2017), tanto na prosa quanto na poesia, como será ilustrado nos capítulos subsequentes.

A ambiguidade, ou indeterminação, é um traço inerente à linguagem (Moura, 1998), e a ambiguidade ideológica constitui um elemento das interações sociais e políticas que são mediadas por meio da linguagem. A utilização dos conceitos de Mikhail Bakhtin e Louis Althusser visa enriquecer a compreensão desse fenômeno

complexo. Embora esses dois teóricos tenham abordado a questão da ideologia de maneiras distintas, ambos oferecem contribuições relevantes para a elucidação da ambiguidade ideológica. Conseqüentemente, a aplicação desses conceitos proporciona uma abordagem abrangente e fundamentada para analisar as complexas interações entre linguagem, significado e ideologia presentes na investigação proposta.

Como explicado na seção 3.1, para Bakhtin, "tudo o que é ideológico é um signo. Sem signo, não existe ideologia. [...] O domínio do ideológico coincide com os domínios dos signos: são mutuamente correspondentes" (1986, p. 31 e 32). Por seu lado, para Althusser, somente na materialidade os sujeitos humanos podem existir, pois "suas ideias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas pelos rituais materiais, eles mesmos definidos pelo aparelho ideológico material de onde provêm as ideias do dito sujeito" (1974, p. 86).

Aprofundando a perspectiva de Bakhtin, é possível observar que todo signo carrega em si uma dimensão ideológica, uma vez que está impregnado de significados sociais e históricos. A articulação linguística de um signo é moldada pela interação das diversas vozes e perspectivas dos variados grupos e estratos sociais presentes na sociedade. Cada uma dessas vozes reflete interesses, valores e ideologias específicas, engajando-se em um contínuo diálogo e confronto.

Para Bakhtin, a ideologia transcende a concepção de uma entidade estática ou monolítica, assumindo a forma de um processo discursivo interativo em que distintas visões de mundo são articuladas e negociadas. Esse processo é impregnado pela presença da ambiguidade ideológica, uma vez que um mesmo signo ou frase pode abarcar múltiplos significados e interpretações, variando conforme o contexto e as posições sociais dos sujeitos envolvidos.

É importante ressaltar, de acordo com Bakhtin, que a ideologia manifesta-se de modo onipresente em todas as dimensões da linguagem e dos signos, e a ambiguidade ideológica emerge como uma característica imanente desse dinâmico processo. Cada sujeito é invariavelmente moldado por sua posição social e histórica, e suas percepções e interpretações são forjadas por esse contexto subjacente. Mediante o constante diálogo entre as distintas vozes e perspectivas, os significados

dos signos são continuamente construídos e reconstruídos, refletindo, assim, a complexidade e a fluidez da interação ideológica na esfera discursiva.

A teoria do sujeito ideológico de Althusser (1974), por sua vez, parte de uma perspectiva marxista, na qual a ideologia desempenha um papel fundamental na reprodução das relações de poder e dominação na sociedade. Contudo, para Althusser, todo sujeito é um sujeito ideológico, ou seja, sua subjetividade e identidade são moldadas pelas ideias e valores que circulam na sociedade.

Althusser destaca a existência e importância dos "aparelhos ideológicos do Estado", que são instituições responsáveis por disseminar e reproduzir a ideologia dominante. Esses aparelhos incluem a escola, a família, a mídia, a igreja, entre outros. Através desses aparelhos, a ideologia é internalizada pelos sujeitos e torna-se parte de sua forma de pensar e agir, muitas vezes de maneira inconsciente.

Essa internalização da ideologia pelos sujeitos é chamada de interpelação. Althusser argumenta que os sujeitos são interpelados pelos discursos ideológicos, ou seja, são chamados a assumir papéis e identidades sociais específicas. Por exemplo, a escola interpela os indivíduos como estudantes, a família os interpela como membros de determinada estrutura familiar, a mídia os interpela como consumidores, e assim por diante.

A teoria do sujeito ideológico de Althusser proporciona uma compreensão da ideologia como um sistema de representações que molda as formas de pensar e agir dos indivíduos. A ambiguidade ideológica pode surgir quando os sujeitos, mesmo não possuindo interesses da classe dominante, adotam e reproduzem, ora os discursos e práticas ideológicas que os oprimem, ora os que os favorecem, podendo estar "situados" em mais de uma ideologia, simultaneamente ou em momentos diferentes. Nesse sentido, a ideologia atua de maneira sutil e dissimulada, ocultando as contradições e antagonismos presentes na estrutura social.

Ao estabelecer um paralelo entre a teoria do sujeito ideológico de Althusser e a teoria ideológica do signo de Bakhtin, podemos observar que ambas enfatizam a influência da ideologia nas interações sociais. Bakhtin destaca a presença da ideologia na linguagem e nos signos, ressaltando a multiplicidade de vozes e interpretações que coexistem. Althusser, por sua vez, destaca que a ideologia atua na

formação do sujeito, moldando sua subjetividade e identidade. Dessa forma, é possível inferir que os escritos de Fernando Pessoa, incluindo tanto seus heterônimos, quanto ele próprio, podem ser considerados ideológicos, mas de forma ambígua.

Essa ambiguidade ideológica presente na obra de Fernando Pessoa é resultado de sua natureza plurifacetada e da influência de diferentes correntes de pensamento. Pessoa foi um autor profundamente enigmático e polifônico, escrevendo textos contraditórios e com diversos heterônimos que expressavam visões de mundo distintas e até mesmo contraditórias. Essa diversidade de vozes e perspectivas reflete a complexidade da própria condição humana e a dificuldade em se estabelecer uma única ideologia como verdade absoluta.

Ao longo de sua obra, podemos identificar elementos que dialogam com diferentes ideologias políticas e filosóficas, como o liberalismo, o conservadorismo, o nacionalismo e até mesmo traços protofascistas/fascistóides. Essa variedade de abordagens ideológicas evidencia a capacidade de Pessoa em explorar e questionar diferentes perspectivas, desafiando as classificações e definições convencionais.

A ambiguidade ideológica na obra de Pessoa também pode ser entendida como uma busca por uma visão ampla e abrangente da existência humana, excedendo os limites estreitos de uma única ideologia. Pessoa era um observador atento da sociedade e das contradições presentes nela, reconhecendo a complexidade e a fluidez das ideias e das relações sociais. Sua obra reflete a multiplicidade de vozes e discursos que compõem o tecido social, e sua ambiguidade ideológica pode ser uma forma de capturar essa riqueza e diversidade.

É importante ressaltar que a ambiguidade ideológica não implica em uma falta de compromisso ou de posicionamento por parte de Pessoa. Pelo contrário, sua obra revela um profundo engajamento com as questões políticas, sociais e filosóficas de seu tempo. No entanto, sua abordagem é caracterizada pela busca por novas perspectivas e pela recusa em se submeter a uma única visão de mundo.

Assim, a ambiguidade ideológica na obra de Fernando Pessoa não deve ser interpretada como uma fraqueza ou indecisão, mas sim como uma expressão da complexidade e da pluralidade da experiência humana. Sua escrita ultrapassa as

limitações das ideologias fixas e oferece um convite para a reflexão crítica e a exploração constante dos muitos ângulos da sua visão mundo.

4. FERNANDO PESSOA E O CONTEXTO HISTÓRICO EM PORTUGAL

Nesta seção, examinaremos minuciosamente os eventos político-históricos que ocorreram em Portugal durante a vida de Fernando Pessoa, reconhecendo sua possível influência em seus escritos e opiniões políticas. Discorreremos sobre os acontecimentos e contextos históricos relevantes que moldaram o cenário político do país, como as mudanças de governo, os conflitos internos e externos, os movimentos sociais e as transformações sociais, econômicas e culturais ocorridas ao longo do tempo. Na segunda subseção, analisaremos os principais marcos políticos que fizeram parte da vida de Pessoa, como a publicação de obras ou, no mínimo, a escrita das mesmas. A compreensão desses eventos nos proporcionará *insights* a respeito do contexto em que Pessoa viveu e de que maneira isso pode ter influenciado suas ideias políticas e reflexões presentes em sua produção literária.

4.1 PORTUGAL³⁴ (1890-1935)

No final do século XIX, segundo Ramos (2014), Portugal enfrentava um contexto econômico e sociopolítico de significativa instabilidade, enfrentando desafios tanto financeiros quanto de governabilidade, devido às frequentes trocas de governos em curtos intervalos de tempo. Em 1890, a nação portuguesa encontrava-se sob o regime monárquico constitucional, tendo D. Carlos I como seu monarca, o qual almejava expandir o império colonial, particularmente na África. Entretanto, a cobiça colonial portuguesa conduziu a tensões com a Grã-Bretanha, resultando no Ultimato Inglês de 1890.

O Ultimato inglês configurou-se como uma crise diplomática entre Portugal e a Grã-Bretanha. O governo britânico, liderado por Lorde Salisbury, apresentou um ultimato ao governo português, exigindo a retirada das tropas portuguesas de

³⁴ Para esta subseção usaremos Ramos (2014), com a exceção às outras partes que estão com fontes indicadas.

territórios disputados na região entre Moçambique e Angola. A Grã-Bretanha ameaçou tomar medidas coercitivas caso Portugal não acatasse as demandas.

Em 1º de fevereiro de 1908, ocorreu um evento que marcaria profundamente a história de Portugal: o regicídio. O rei D. Carlos I e o príncipe herdeiro Luís Filipe foram assassinados em Lisboa. Esse ato teve um impacto dramático na população portuguesa, abalando ainda mais a já frágil estabilidade política do país. Após o regicídio, o filho mais novo de D. Carlos I, D. Manuel II, ascendeu ao trono, porém enfrentou grandes desafios para manter a unidade e a estabilidade da nação. O novo rei, com apenas 18 anos, teve sua liderança questionada por diversos grupos políticos.

A partir do regicídio, as forças republicanas ganharam maior apoio popular e tornaram-se cada vez mais atuantes na oposição ao regime monárquico. Os republicanos defendiam uma mudança profunda na estrutura política e social de Portugal, pleiteando a implantação da república como solução para os problemas do país. Em 4 de outubro de 1910, ocorreu a Revolução Republicana, também conhecida como a Implantação da República. Esse movimento revolucionário, liderado pelo Partido Republicano Português, culminou na queda da monarquia e na Proclamação da República Portuguesa. D. Manuel II foi forçado ao exílio e o regime monárquico chegou ao fim. Após a implantação da República em 1910, o novo regime republicano buscou consolidar seu poder e implementar reformas políticas e sociais. A Constituição de 1911 foi promulgada, estabelecendo a estrutura do Estado republicano e garantindo direitos fundamentais aos cidadãos, inclusive cláusulas progressistas, como o divórcio. Contudo, o país enfrentava desafios econômicos, sociais e políticos significativos.

Nesse período, diversos partidos políticos disputavam o poder, tais como o Partido Republicano Português, os Monarquistas e o Movimento Integralista Lusitano. Essas agremiações representavam correntes ideológicas e interesses distintos, contribuindo para a dinâmica política do país. No âmbito cultural, a década de 1910 foi marcada por um movimento de renovação e vanguarda conhecido como modernismo. Um dos marcos desse movimento foi a revista *Orpheu*, publicada entre 1915 e 1916.

A revista *Orpheu* desempenhou um papel fundamental na introdução das vanguardas artísticas e literárias em Portugal, trazendo influências do modernismo, com destaque para o futurismo. Ela reuniu um grupo de escritores e artistas que se destacaram por sua inovação e rebeldia estética. Entre os principais colaboradores da revista encontrava-se Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Por meio de suas obras, esses artistas desafiaram as convenções estabelecidas, explorando novas formas de expressão e questionando as normas sociais e culturais vigentes. No entanto, a revista *Orpheu* também gerou controvérsias e debates acalorados. Sua abordagem radical e provocativa chocou uma parte da sociedade portuguesa conservadora, que enxergava nas propostas dos modernistas uma ameaça à moral e à tradição. A revista enfrentou censura e foi proibida após a publicação do segundo número (Pizarro, 2015).

Paralelamente à efervescência cultural, Portugal enfrentava desafios econômicos e sociais. A participação na Primeira Guerra Mundial trouxe dificuldades adicionais, incluindo o aumento da inflação e a escassez de bens essenciais. A situação econômica precária gerou crescente insatisfação popular e instabilidade política. Em 1914, eclodiu uma revolta militar conhecida como a Revolta de 14 de maio, liderada por oficiais insatisfeitos com as condições de trabalho e a falta de perspectivas no Exército. Essa revolta resultou na queda do governo presidido por Afonso Costa, marcando um ponto de inflexão na dinâmica política do país.

Após a Revolta de 14 de maio, Portugal ingressou em um período de grande turbulência política. Vários governos se sucederam, enfrentando desafios econômicos, sociais e militares decorrentes da participação do país na Primeira Guerra Mundial. Em 1916, um contingente de pelo menos 55 mil homens foi enviado para a guerra ao lado dos Aliados.

Em dezembro de 1917, ocorreu um golpe militar liderado por Sidónio Pais, um oficial do Exército português. Esse golpe resultou na queda do governo de Afonso Costa e marcou o início de um período conhecido como a Ditadura Nacional. Sidónio Pais assumiu a presidência de Portugal, concentrando em si amplos poderes executivos e legislativos. Seu governo foi caracterizado por uma política autoritária, com supressão de direitos políticos e restrições às liberdades individuais. Sidónio Pais

buscou implementar reformas econômicas e sociais, mas enfrentou resistência e oposição de diferentes grupos políticos.

Em 1918, Portugal assinou o Armistício, encerrando sua participação na Primeira Guerra Mundial. No entanto, o retorno dos soldados portugueses desmobilizados agravou os problemas econômicos e sociais do país. Houve aumento da inflação, escassez de empregos e crescente insatisfação popular. Sidónio Pais foi assassinado em dezembro de 1918, levando a um novo período de instabilidade política. Vários governos sucederam-se rapidamente, enfrentando dificuldades para lidar com a situação econômica e social e responder às demandas populares.

Em 1921, António Granjo assumiu a presidência do governo e procurou implementar reformas econômicas e políticas. No entanto, seu governo foi marcado por tensões e conflitos, culminando em mais uma revolução militar em 1926. Em maio de 1926, ocorreu o golpe militar que marcou o fim da Primeira República e o início de um período de ditadura militar em Portugal. Esse golpe, liderado pelo general Gomes da Costa, contou com o apoio de setores conservadores e monárquicos, encerrando uma década de instabilidade política.

O golpe de 1926 deu origem a um regime autoritário conhecido como Ditadura Militar, posteriormente transformado no Estado Novo, regime político que perdurou até 1974. O Estado Novo baseava-se nos princípios do nacionalismo, conservadorismo e corporativismo. António de Oliveira Salazar, um economista e professor universitário, assumiu um papel proeminente no governo e, posteriormente, tornou-se o principal responsável pela política econômica do país. Em 1933, a Ditadura Militar evoluiu para o Estado Novo. Salazar assumiu a liderança do regime e exerceu poder absoluto, ocupando o cargo de Presidente do Conselho de Ministros. Durante o período de 1926 a 1936, Salazar implementou uma série de reformas econômicas e políticas com o objetivo central de estabilizar a economia do país. Através de uma política de austeridade, centralização do poder e controle estatal, Salazar promoveu o desenvolvimento de uma economia mais autárquica e protecionista.

O Estado Novo caracterizou-se como um regime autoritário, no qual os direitos políticos e as liberdades individuais eram restringidos. A censura era uma prática

comum, e a oposição política e social era reprimida. As organizações políticas e sindicais eram controladas pelo Estado, e a participação política estava restrita aos simpatizantes do regime. Em 1933, o governo de Salazar estabeleceu diretrizes³⁵ para a arte, visando promover um nacionalismo conservador e uma estética alinhada aos princípios do Estado Novo.

Essas diretrizes para a arte tinham como objetivo estabelecer uma estética oficial e controlar a produção cultural, alinhando-a aos valores e narrativas do Estado Novo. Por meio da censura e do controle das instituições culturais, o governo de Salazar procurou moldar a expressão artística de acordo com os interesses e ideologias do regime (Silva, 1982; Medeiros, 2010).

Em 1934, foi instituída a premiação Antero de Quental, uma distinção literária em homenagem ao poeta romântico português Antero de Quental. Essa premiação tinha como objetivo reconhecer e incentivar obras de escritores alinhadas aos valores e princípios do Estado Novo, contando com discurso de Salazar na sua abertura (Salazar, 1967, p.135-137)³⁶. Nesse contexto, a premiação Antero de Quental de 1934 representou um esforço do regime para controlar e moldar a produção cultural no país.

Encerrando esta subseção com o ano do falecimento de Fernando Pessoa, 1935, é importante destacar que durante esse período, o ditador português António de Oliveira Salazar ofereceu apoio à Itália na invasão da Abissínia (atual Etiópia). No comando do regime do Estado Novo em Portugal, Salazar cultivou uma relação de afinidade e endosso ao regime fascista liderado por Benito Mussolini na Itália. Esta estreita relação entre os dois regimes foi marcada pelo suporte político e colaboração em eventos como a invasão da Abissínia por parte da Itália fascista (Pinto, 1994).

4.2 FERNANDO PESSOA

Nasce em 1888 na cidade de Lisboa, Fernando Antonio Nogueira Pessoa. Após a morte de seu pai, sua mãe casa-se de novo e ele se muda para Durban, África do

³⁵ Anexo 3

³⁶ O discurso completo encontra-se no anexo 2 desta monografia.

Sul, onde permanece até 1905, quando retorna a Portugal. Em 1903, ainda em África, começa a escrever com seu heterônimo Alexander Search, seu primeiro heterônimo conhecido a falar poeticamente sobre temas sociopolíticos (Correia, 2019). Em 1905, ingressou no Curso Superior de Letras, do qual desiste.

Entre os anos de 1905 e 1910, grande parte de seus escritos têm um caráter republicano e antimonárquico, uma vez que, como outros portugueses, ele vivenciava a decadência da monarquia portuguesa desde o Ultimatum britânico de 1890, e, em razão disso, culpabilizava diretamente o regime. Conforme Teixeira (2017, p.152), "daí a necessidade da Revolução de 05 de outubro para findar o regime e dar ocasião à constituição de uma forma política adequada à vida portuguesa, que dela brotasse ao invés de se impor a ela". Pessoa assinou alguns escritos republicanos, em forma de sátira, nos anos de 1909-10, como o republicano anticlerical Joaquim Moura da Costa. Em 1908 acontece o regicídio e em 1910 a revolução republicana. Com o surgimento da república, Moura da Costa desaparece por um tempo, assim como a sátira pessoana (Barreto, 2015).

Cabral (2014) explica que Pessoa se associava ao republicanismo porque acreditava que ser monárquico, naquele momento, poderia ser interpretado como uma traição à alma e ao futuro dos portugueses.

Em 1912, Fernando Pessoa passa a defender uma nova poesia e, assim, estabelece uma forte conexão entre literatura e política, embasado em um conjunto de ideias de um tipo de messianismo republicano, expressando também "vigorosamente seu nacionalismo e desprezo pela política demo-liberal" (Cabral, 2014, p. 100). A dupla rejeição de Pessoa, tanto ao socialismo quanto ao liberalismo, é acompanhada por um forte apelo à estética do modernismo literário e político, como um verdadeiro "valor civilizacional" (*ibidem*).

No ano de 1915, Pessoa e seus amigos lançaram a revista modernista *Orpheu*, causando revolta e perplexidade na sociedade devido à quebra de padrões e paradigmas artísticos anteriores, o que gerou a sensação de uma guerra estética que acabou por fragmentar ainda mais a cultura e a legitimidade da República perante os intelectuais. Inspirada principalmente pelo movimento futurista italiano e outras vanguardas, a revista *Orpheu* simbolizou uma nova política estetizada com o objetivo

de revolucionar a ordem, tanto pública como privada. O lançamento da revista Portugal Futurista em 1917 marcou o ápice dessa estética moderna, especialmente com o manifesto "*Ultimatum*" de Álvaro de Campos (um dos heterônimos de Pessoa) presente nela (Cabral, 2014).

Sidónio Pais, um líder militar de inclinação nacionalista e autoritária, assumiu a presidência de Portugal no final de 1917 após conduzir um golpe militar (Ramos, 2014). Embora as razões pelas quais Fernando Pessoa poderia ter se aproximado politicamente de Sidónio Pais permaneçam em grande parte especulativas, uma vez que Sidónio faleceu antes de completar um ano de mandato e era conhecido que ele mantinha valores e políticas cristãs, que frequentemente entravam em conflito com as perspectivas de Pessoa. No entanto, tornava-se nítido o descontentamento de Pessoa em relação à República, que ele via como responsável por instaurar a total desordem em Portugal (Teixeira, 2017).

Em 1920, Fernando Pessoa escreveu um longo poema, um dos mais extensos de sua vida, intitulado "Em memória do Presidente-Rei" (Martins, 2011), de caráter claramente messiânico e saudosista (sebastianista). Esse poema, uma longa ode, foi publicado no jornal *Acção*, e colocava o mito de Dom Sebastião encarnado na figura do "presidente-rei" Sidónio Pais (Barreto, 2015).

Avançando para o ano de 1923, Pessoa publicou o "Aviso por causa da Moral", no qual faz duras críticas à hipocrisia dos estudantes católicos que haviam lançado uma campanha contra Raul Leal e Antonio Botto, artistas contemporâneos próximos a Pessoa, por sua arte "subversiva", (Cabral, 2014). Pessoa escreveu: "Quando o público soube que os estudantes de Lisboa, nos intervalos de dizer obscenidades às senhoras que passam, estavam empenhados em moralizar toda a gente, teve uma exclamação de impaciência. Sim - exatamente a exclamação que acaba de escapar ao leitor..."³⁷.

Para Cabral, sobre as atitudes de Pessoa para com os amigos, de aceitação de condutas consideradas femininas ou homossexuais, "[n]ada está mais longe dos mitos fascistas e futuristas da virilidade e da violência" (2014, p.114), ou seja,

³⁷ Texto 660

contraria os ímpetus futuristas (e protofascistas) de Álvaro de Campos, ao mesmo tempo que os concilia com o saudosismo sebastianista, criando em seus escritos um tipo de nacionalismo místico. Em 1923, acredita Barreto³⁸,(2017), Pessoa escreve um texto (não publicado) em que Pessoa fala sobre povos mais e menos civilizados, com partes racistas, porém, no mesmo texto ataca explicitamente o fascismo e seus métodos, principalmente no que tange à queima de livros (Barreto, 2017, p.51).

Outro golpe militar acontece no ano de 1926 e, em 1928, Pessoa escreve o problemático manifesto “O Interregno- Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal”, o qual traz a perspectiva da instauração da ditadura como um momento de transição que objetiva fazer a unificação do país, e que esse momento deveria ser conduzido pelas Forças Armadas (Teixeira, 2017). Contudo, no ano de 1927 tinha escrito a poesia “Fado da Censura” (nunca publicado), em que critica a censura imposta em Portugal desde a instauração da ditadura e em versos que, aparentemente, está desaprovando o fascismo, pois fala em esquadras violentas³⁹ (Barreto, 2017, p. 94-96):

E a Ideia, batida, tem
Uma impressão de pancada,
Como a que dão numa esquadra
Onde o guarda nos mantém

Ao longo dos anos, torna-se evidente um senso de arrependimento por parte de Pessoa em relação à autoria do “Interregno- Defesa e justificação da ditadura militar”, e em 1932 ele redige "O Interregno e suas Consequências", outra manifestação escrita que, desta vez, aborda críticas e reservas ao regime. Nessa obra, vislumbram-se traços de perspectivas monárquicas, onde Pessoa argumenta que somente uma "Aristocracia da Inteligência" teria a capacidade de efetivamente administrar Portugal (Teixeira, 2017). Escreve um texto sem nome⁴⁰ que é ao mesmo

³⁸ Grande parte dos textos que estão em Barreto (2017) só foram descobertos postumamente, numa arca deixada por Pessoa e, como este tinha uma caligrafia de difícil compreensão, algumas letras e números são difíceis de precisar (BARRETO, 2017).

³⁹ *Fasci di Combattimento*, ou Esquadra de Combate, fundado em Milão por Benito Mussolini no dia 23 de março de 1919 (ORSI, s.d).

⁴⁰ Texto 2064

tempo: antifascista, anticomunista, democrático, liberal e anti-conservador (Barreto, 2017, p.170).

No entanto, em um texto não publicado de 1930, Pessoa adota um tom monárquico e conservador, apresentando até mesmo traços de ideologia fascista e elogiando Salazar, ao mesmo tempo em que critica o ditador espanhol Primo de Rivera, que posteriormente se tornaria alvo de elogios por parte de Pessoa. Em outro texto não publicado do mesmo ano, Pessoa faz duras críticas a Salazar, insinuando que ele não era verdadeiramente nacionalista devido à sua associação com o Integralismo Lusitano, um movimento importado de Charles Maurras, na França (Barreto, 2017).

Em 1931, houve uma intensa troca de cartas com João Gaspar Simões, destacando-se a correspondência na qual Fernando Pessoa agradece a Gaspar Simões pela correspondência recebida e expressa seu interesse em fazer uma crítica ao livro de Simões, "Mistério da Poesia". Pessoa elogia o talento de Simões, mas ressalta suas preocupações em relação ao excesso de influências europeias e interpretações sexuais do freudismo. Ele destaca a importância de utilizar esses sistemas como estímulos críticos, em vez de aceitá-los como dogmas científicos⁴¹.

Em 1932 começam as críticas mais fortes de Fernando Pessoa a Salazar e em 1933 críticas à ditadura portuguesa e demais sistemas políticos fascistas (Barreto, 2017).

Em 1934, ocorre a premiação do Prêmio Antero de Quental, no qual Pessoa recebe o segundo lugar com seu livro "Mensagem", de caráter sebastianista, nacionalista e saudosista. No entanto, ele decide não comparecer à cerimônia para receber o prêmio. Especula-se que sua ausência tenha sido motivada tanto pela indignação com as diretrizes artísticas de Salazar quanto pelo fato de não ter conquistado o primeiro lugar, mesmo que o valor monetário do segundo prêmio fosse o mesmo do primeiro (Martins, 2011).

No ano de seu falecimento, em 1935, Fernando Pessoa compartilha, por cartas, com Adolfo Casais Monteiro informações sobre a origem dos heterônimos, produz o

⁴¹ Texto 2987

artigo "Associações Secretas", uma defesa da maçonaria, e elabora diversos textos não divulgados publicamente. Esses últimos, devido à censura vigente, eram inacessíveis à publicação, alguns deles trazendo críticas a Salazar (Martins, 2011; BARRETO, 2017). Seu óbito ocorre em 30 de novembro, um dia após ser internado no hospital, vítima de cirrose hepática. Pessoa deixa um legado notável, um baú repleto de milhares de manuscritos inéditos (anexo 2).

4.2.1 Fernando Pessoa e Sebastianismo

No início de 1912, Fernando Pessoa, segundo Sepúlvida e Uribe (2012), começou a demonstrar um forte interesse em explorar um conteúdo místico na ideia de nacionalidade portuguesa. Nesse mesmo ano, ele delineou um plano de publicações que incluía referências ao sapateiro profeta de Trancoso, Gonçalo Annes Bandarra, importante figura do imaginário sebastianista.

Os autores explicam que embora o interesse de Pessoa pelo sebastianismo possa ser rastreado até 1912, demorou alguns anos para ele realmente começar a escrever sobre o assunto. Uma carta de 1914 dirigida a Sampaio Bruno, um erudito republicano, revelou seu interesse misterioso no fenômeno nacional do Sebastianismo, buscando orientações sobre livros para estudar o tema em sua dimensão histórica e religiosa, além de possíveis análogos em outras nações.

Durante o período de 1914 a 1918, Pessoa explorou vários temas, incluindo a criação de "ismos" literários, a concepção de heterônimos como Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e o sebastianismo como um discurso messiânico nacional. Ele hierarquizou esses tópicos, passando de uma abordagem centrada no sebastianismo para uma concentração crescente no conceito do Quinto Império, o império definitivo e universal, associado ao retorno de D. Sebastião.

À medida que Fernando Pessoa aprofundava sua exploração do sebastianismo ao longo dos anos, ele gradualmente inseria a concepção do Quinto Império como um elemento central, promovendo uma análise reflexiva da relação entre esses dois conceitos. Dentro dessa temática, Pessoa identificou em Sidónio Pais, durante seu

governo, uma possível manifestação de Dom Sebastião, e a partir de 1927 iniciou a composição da obra "Mensagem", que seria vencedora do Prêmio Antero de Quental em 1934 (Sepúlveda;Uribe, 2012).

Para finalizar, os autores explicam que o livro "Mensagem" de Fernando Pessoa estabelece uma intrincada ligação entre o sebastianismo e a visão subjacente ao Quinto Império, encapsulando a essência mítica e messiânica inerente ao imaginário português. A obra manifesta a profunda convicção na regeneração e restauração de Portugal através do aguardado retorno de D. Sebastião, harmonizando-se com a perspectiva do Quinto Império como um período de supremacia e glória nacional. O sebastianismo, enraizado na concepção de um monarca messiânico, entrelaça-se de modo orgânico nas poesias de "Mensagem", as quais exploram a busca por um destino grandioso e a concretização do desígnio histórico de Portugal, culminando na realização do Quinto Império enquanto uma utopia gloriosa e redentora.

5 ANÁLISE DE CORPUS

Nesta seção será realizada a análise dos excertos pessoais destinados à tal.

5.2 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa será conduzida em etapas cuidadosamente planejadas, com o objetivo de analisar de forma minuciosa os textos de Fernando Pessoa, especialmente aqueles de natureza política, embora não se restrinja a eles. O foco principal será a identificação das ideologias que permearam sua obra, centrando-se nos seguintes termos: **autoridade**, **colonialismo**, **democracia**, **ditadura**, **imperialismo**, **liberalismo**, **nacionalismo**, **salazarismo** e **tradição**.

O propósito principal dessa abordagem é compreender as concepções e posicionamentos adotados por Fernando Pessoa em sua produção textual, especificamente em textos que incorporam o léxico associado aos termos mencionados. Cada uma dessas áreas foi escolhida meticulosamente devido à sua capacidade de promover uma compreensão aprofundada das correntes ideológicas em estudo.

A coleta de dados foi conduzida por meio de uma busca por palavras-chave dentro dos termos especificados. As palavras-chave de busca foram feitas a partir da raiz das palavras, isto é, para **autoridade** (45 ocorrências) foram: “autoridade”, “autoridades”, “autoritário” e “autoritarismo”; para **colonialismo** (22 ocorrências) a busca foi feita por “colônia”, “colônias”, “colonial”, “colonialismo” e “colonialista”; em **democracia** (82 ocorrências) buscamos “democracias”, “democracias”, “democrático” e “democrática”; no item **ditadura** (29 ocorrências) foram pesquisados “ditadura”, “ditaduras”, “ditatorial” e “ditador”; para o léxico **imperialismo** (51 ocorrências) foram buscados os termos “imperialismo” e “imperialista”; em **liberalismo** (53 ocorrências) procuramos “liberal”, “liberais”, “liberalismo” e “liberalista”; para **nacionalismo** (32 ocorrências) pesquisamos “nacional”, “nacionais”, “nacionalismo” e “nacionalista”; em **salazarismo** (12 ocorrências) e busca utilizou os termos “Salazar” e “salazarismo” e, por último, em **tradição** (10 ocorrências) buscamos as palavras “tradição”, “tradições”, “tradicionalismo”, “tradicionalista” e “tradicional”.

O total de ocorrências foi 337. Disponibilizamos o gráfico abaixo com as ideologias preponderantes, na totalidade dos termos de busca.

Gráfico 1: número total de ocorrências levantadas dentro de cada ideologia preponderante.



Fonte: elaboração própria

Utilizamos o website oficial dos textos éditos de Fernando Pessoa (<http://arquivopessoa.net/>) e textos inéditos organizados no livro de José Barreto (2017), intitulado "Fernando Pessoa sobre o fascismo, a ditadura portuguesa e Salazar."

A seleção abrangeu uma ampla gama de obras do autor, incluindo poemas, ensaios, correspondências e outros escritos, a fim de abordar distintas fases de sua produção literária. Isso nos permitiu mapear a transformação de suas ideias e posicionamentos em enunciados que contenham as palavras-chave das áreas mencionadas .

A escolha consistiu na seleção de quatro trechos inseridos em cada um das nove palavras identificadas, totalizando 36 ocorrências destinadas à análise. Cada excerto terá entre cinco e dez linhas. Aqueles tirados do site ARQUIVO PESSOA estarão marcados com a sigla "arq.pess." antes do número de referência do texto. Os trechos foram escolhidos com intuito de contemplar pelo menos uma vez cada uma das ideologias preponderantes dos escritos de Fernando Pessoa (liberalismo, conservadorismo, nacionalismo e fascismo). Alguns trechos demonstram sua

característica antissocialista, contudo, essa era uma idiossincrasia própria de Pessoa que, a parte de textos satíricos onde critica todas as ideologias, era sempre contra as características socialistas e comunistas. Certas passagens contém mais que uma ideologia, o que caracteriza ainda mais sua ambiguidade ideológica.

As demais ocorrências pesquisadas foram incluídas no Apêndice. Os excertos serão apresentados em formato de tabelas, nas quais a primeira coluna apresentará o número do trecho, a segunda coluna exibirá a passagem completa e a terceira coluna identificará a perspectiva ideológica, ou perspectivas ideológicas, às quais Fernando Pessoa estava vinculado no momento da redação. Essa seleção foi realizada com o intuito de assegurar uma representação ampla e significativa das diversas ideologias e maneiras pelas quais Fernando Pessoa empregou essas palavras-chave em sua obra literária.

A análise dos resultados coletados nesta pesquisa foi realizada de forma rigorosa e abrangente, empregando uma abordagem qualitativa. Após a coleta das passagens contendo as palavras-chave presentes nos discursos de Fernando Pessoa, o processo de análise seguiu as seguintes etapas:

1. Identificação e escolha das passagens para análise: As ocorrências foram coletadas e categorizadas com base no critério lexical de busca.

2. Interpretação das ideologias preponderantes: Cada passagem foi submetida a uma análise, visando compreender sua ideologia, ou ideologias. Esta etapa também envolveu categorizar as ocorrências dentro da ideologia preponderante identificada.

3. Contextualização discursiva: As ocorrências foram contextualizadas ideologicamente dentro dos discursos de Fernando Pessoa, levando em consideração estratégias discursivas, argumentativas e retóricas. Foi investigado como os termos se encaixam no discurso ideológico.

4. Montagem do gráfico: Com o levantamento de ocorrências (na totalidade, não somente as destinadas à análise) de cada termo foi possível quantificar quantas passagens foram cadastradas e assim houve a possibilidade da montagem de um gráfico (um geral e um para cada termo) para melhor visualização da proporção das ideologias preponderantes.

5. Discussão Teórica: Os resultados foram discutidos à luz das teorias apresentadas no Capítulo 3 sobre ideologias políticas. Isso permitiu uma conexão entre a análise empírica e o embasamento teórico, enriquecendo a interpretação dos resultados.

A análise dos resultados foi conduzida de forma crítica e reflexiva, buscando compreender não apenas o que as palavras dentro dos textos de Pessoa representam, mas também como elas desempenham um papel na construção de um discurso político ambíguo.

A pesquisa está focada na área da Linguística e na análise semântico-pragmática do discurso político de Fernando Pessoa. O objeto de estudo compreende os textos utilizadas por ele, tanto os éditos como os inéditos. A natureza da pesquisa realizada foi predominantemente qualitativa. Isso ocorreu devido à necessidade de analisar a linguagem, os termos e os discursos políticos de Fernando Pessoa de forma aprofundada.

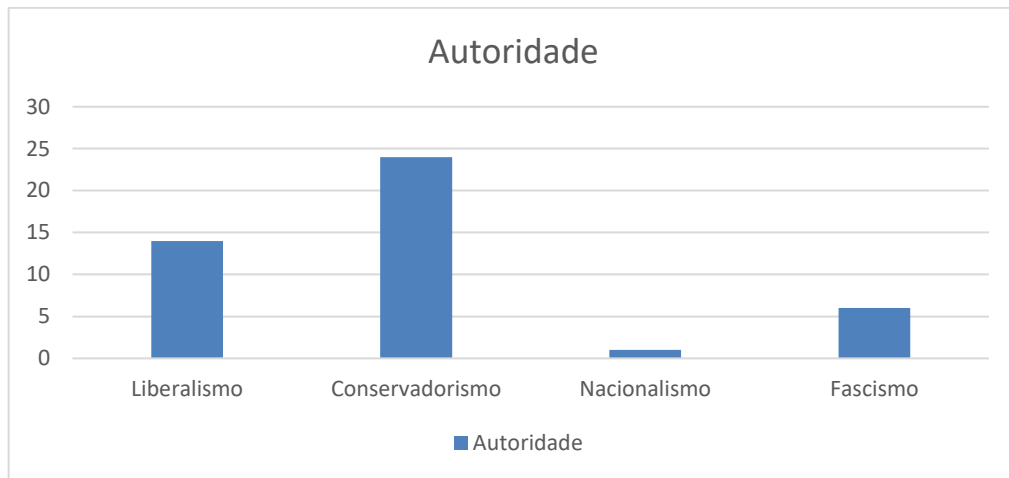
No entanto, é importante destacar que, embora a pesquisa seja predominantemente qualitativa, pode haver elementos quantitativos na análise, como a contagem da recorrência de determinadas palavras. Esses elementos quantitativos complementaram a análise qualitativa, mas a ênfase principal está na compreensão aprofundada dos aspectos ideológicos, culturais, linguísticos e retóricos do discurso pessoano.

5.2 CORPUS

5.2.1 Autoridade

Neste item foram buscados os termos “autoridade”, “autoridades”, “autoritário” e “autoritarismo” .

Gráfico 2- número de ocorrências levantadas dentro de cada ideologia preponderante. Total de ocorrências: 45



Fonte: elaboração própria

5.2.1.1 Texto A OPINIÃO PÚBLICA [a]

Tabela 04

01	A única verdadeira influência, que os Independentes podem ter, deriva do interesse que os gerentes dos partidos têm em conseguir os votos deles. Mas mesmo isto tem um efeito limitado. Porque há polémicas em que os partidários ardentes têm um interesse demasiado para que estejam dispostos a fazer concessões ao público extrapartidário. O facto formidável é que a autoridade suprema do nosso Império imenso e sem igual está alternadamente nas mãos de dois bandos de homens veementes, intransigentes e desequilibrados (PESSOA, 1919, p.9, arq.pess. texto 2908).	Nacionalismo
----	---	---------------------

FONTE: elaboração própria

A passagem **01** apresenta elementos que podem ser interpretados sob uma perspectiva **nacionalista**. Para entender essa conexão, é necessário examinar o contexto.

O trecho menciona "a autoridade suprema do nosso Império imenso e sem igual", o que sugere uma ênfase na importância do império, possivelmente fazendo referência ao Império Português. O nacionalismo é uma ideologia que valoriza a nação e sua unidade, frequentemente associada ao desejo de manter ou expandir a influência nacional em territórios estrangeiros.

A referência aos dois grupos de homens "veementes, intransigentes e desequilibrados" sugere que as divergências políticas são intensas e que esses

grupos podem estar dispostos a lutar firmemente por suas visões. Isso pode ser interpretado como uma representação das tensões internas em um contexto nacionalista, onde diferentes facções competem pelo controle ou direção do país.

Portanto, a passagem pode ser analisada sob uma perspectiva nacionalista devido à ênfase na autoridade suprema do império, nas disputas políticas intensas e no desejo de proteger os interesses nacionais em face de polêmicas e conflitos.

5.2.1.2 Texto O INTERREGNO. - Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal

Tabela 05

02	Há só três bases de governo — a força, a autoridade e a opinião. Qualquer forma de governo tem que participar, para ser governo, de todas elas: sem força não se pode governar, sem opinião não se pode durar, sem autoridade não se pode obter opinião. Embora, porém, qualquer governo de todas participe, uma delas haverá em que mais particularmente, em que distintivamente, se apoie (PESSOA, 1928, p.11, arq.pess. texto 4343).	Fascismo Conservadorismo
----	---	---

FONTE: elaboração própria

O trecho **02** não explicitamente endossa as ideologias **fascistas** e **conservadoras**, mas apresenta elementos que podem ser interpretados à luz dessas ideologias, especialmente no que diz respeito ao conservadorismo.

O conservadorismo é uma ideologia que geralmente enfatiza a autoridade, a tradição e a ordem social existente. Embora Pessoa destaca a importância da "autoridade" como uma das três bases essenciais do governo. Isso sugere uma valorização da estabilidade e da autoridade, elementos-chave do pensamento conservador.

Ademais, menção à "força" como uma das bases de governo pode ser vista como uma alusão à necessidade de capacidade coercitiva por parte do Estado para manter a ordem e fazer cumprir as decisões políticas. No contexto do fascismo, a força é frequentemente associada à centralização do poder e à imposição de uma ideologia dominante. Os regimes fascistas muitas vezes usaram a força militar e policial para suprimir a oposição e consolidar o poder do Estado.

5.2.1.3 Texto sem título

Tabela 6

03	Com que governa? Com força sem prestígio e autoridade sem opinião. Vive da fraqueza dos opositores, da anemia psíquica da razão. É a tirania em toda em sua injustiça, a prepotência em toda a sua imoralidade. Não pode V. Exa, porque nem seu cargo pessoalmente lho permite, nem a quem exerça tal cargo chegam informações verdadeiras, verificar até que ponto se acha enxovalhado o indivíduo português, até que [sic]..(BARRETO, 2017, p.282 [PESSOA, 1935])	Liberalismo
----	--	--------------------

FONTE: elaboração própria

O excerto **03** pode ser interpretado como uma crítica à falta de legitimidade e à natureza opressiva de um determinado tipo de governo. Neste contexto, o excerto apresenta traços de uma visão **liberal** em relação à governança.

A análise desse trecho sob uma perspectiva liberal requer uma observação cuidadosa do termo "autoridade". O trecho sugere que o governo em questão governa "com força sem prestígio e autoridade sem opinião". Isso implica que a liderança política carece de respaldo popular e de uma base de apoio sólida. No pensamento liberal, a legitimidade do governo é geralmente associada à vontade do povo e ao consentimento dos governados. Quando um governo carece de prestígio e opinião, ele é visto como ilegítimo.

Além disso, a descrição do governo como "tirania em toda a sua injustiça, a prepotência em toda a sua imoralidade" denota uma crítica à opressão e ao comportamento ditatorial por parte das autoridades. Os princípios liberais frequentemente enfatizam a importância dos direitos individuais e da justiça na governança. Quando um governo é percebido como tirânico e imoral, isso vai de encontro aos valores liberais de liberdade e igualdade.

Em resumo, o excerto apresenta uma crítica contundente a um governo que carece de legitimidade democrática, é considerado autoritário e imoral, e não se baseia na opinião pública. Essas preocupações refletem princípios centrais do pensamento liberal, como a importância da participação popular, da justiça e da responsabilidade governamental. O termo "autoridade", para Fernando Pessoa, desta forma, pode ser definido como um valor positivo quando associado à ordem ou negativo quando assoa-se à opressão.

5.2.1.4 Texto O SEBASTIANISMO — SUA RENASCENÇA

Tabela 7

04	Uma religião é um fenómeno ligador de almas, porque é qualquer coisa que elas têm de comum; é um fenómeno imaginativo; é um fenómeno de autoridade . É, assim, um critério moral tanto como metafísico, estético tanto como político. Uma religião é socialmente útil quando se aproxima de preencher três condições: (1) ser nacional, isto é, diferente das religiões dos outros países, porque assim apoia-se no patriotismo, o mais radical dos sentimentos sociais, e ao mesmo tempo intensifica-o; (2) ser popular, isto é, quanto possível saída não se sabe donde, formada não se sabe como; (3) ser quanto possível susceptível de evolução e adaptação. (PESSOA, s.d.,p.1, arq.pess.texto 3335)	Conservadorismo
----	--	------------------------

FONTE: elaboração própria

O trecho **04** analisado ressalta a importância da autoridade dentro de um contexto **conservador e nacionalista**. Ele descreve a religião como um fenômeno que desempenha um papel crucial na sociedade, unindo as almas das pessoas por meio de elementos compartilhados e comuns. Além disso, a religião é caracterizada como um fenômeno que envolve uma autoridade significativa.

A religião, de acordo com essa perspectiva conservadora, é vista como algo mais do que apenas um conjunto de crenças individuais. Ela representa uma autoridade que exerce uma influência substancial sobre a vida das pessoas. Essa autoridade religiosa se estende às esferas morais, éticas e políticas da sociedade, desempenhando um papel fundamental na orientação das ações e na tomada de decisões.

A importância da "autoridade" na religião se torna evidente ao considerar que a religião é vista como um "fenômeno de autoridade". Além disso, o texto destaca a importância da religião ser "nacional", ou seja, diferente das religiões de outros países, para fortalecer o patriotismo. Isso reflete a visão de que a religião pode ser uma força unificadora dentro de uma nação, fortalecendo os laços de identidade e pertencimento nacional.

Nesse contexto, a religião é considerada um critério tanto moral quanto metafísico, estético e político. Ela fornece um conjunto de princípios e valores pelos

quais os indivíduos orientam suas vidas, e serve como uma base sólida para a ética e a moralidade na sociedade.

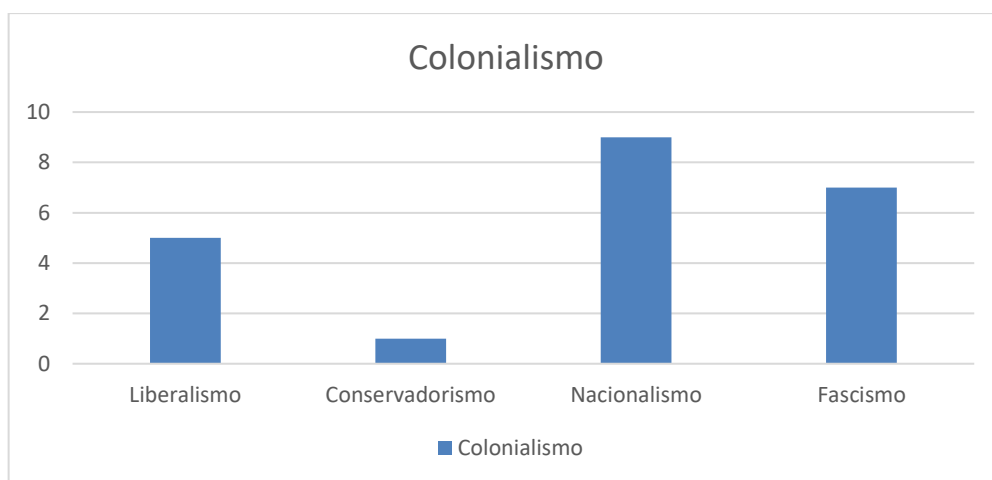
Para os conservadores, a autoridade religiosa é fundamental para a preservação dos valores tradicionais e da estabilidade social. Ela representa uma força unificadora que sustenta as tradições, orienta o comportamento humano e mantém a ordem na sociedade. Portanto, o trecho enfatiza a relevância da autoridade religiosa como um elemento vital dentro da perspectiva conservadora, destacando seu papel na coesão social e na manutenção dos valores tradicionais.

Em resumo, este trecho enfatiza a relevância da religião como um fenômeno de autoridade que desempenha um papel significativo nas perspectivas conservadoras e nacionalistas, unindo a sociedade, promovendo o patriotismo e servindo como um critério moral e metafísico. Isso demonstra como a religião desempenha um papel complexo e multifacetado na vida social e política.

5.2.2 Colonialismo

Neste item foram buscado os termos “colônia”, “colônias”, “colonial”, “colonialismo” e “colonialista”.

Gráfico 3- número de ocorrências levantadas dentro de cada ideologia preponderante. Total de ocorrências: 22



Fonte: elaboração própria

5.2.2.1 Texto A Aliança Ibérica

Tabela 8

05	Coisas há que nos separam nacionalmente: o facto, por exemplo, de sermos um país colonial , e o de a Espanha já o não ser. Conservemos as outras coisas que nos separam: a república aqui e a monarquia lá (urge que nenhuma simpatia vá de nós para os republicanos espanhóis, gente aliás de curtas vistas em matéria nacional), o anticatolicismo entre nós, e entre eles o catolicismo (PESSOA, s.d., p.1, arq.pess. texto 1232)	Nacionalismo Imperialismo Liberalismo
----	---	--

FONTE: elaboração própria

O excerto **05** apresenta uma combinação de elementos das ideologias **nacionalista, imperialista e liberal** fornecendo uma visão complexa sobre as relações entre Portugal e Espanha.

O trecho começa destacando as "coisas que nos separam nacionalmente." Isso reflete uma perspectiva nacionalista, pois enfatiza as diferenças entre Portugal e Espanha. O nacionalismo é uma ideologia que valoriza a identidade, cultura e interesses nacionais, e o texto ressalta essas distinções.

A referência à condição de "país colonial" de Portugal aponta para elementos imperialistas na ideologia. A ideia de manter uma nação como uma potência colonial sugere um desejo de expansão e controle sobre territórios além das fronteiras nacionais. A referência à Espanha, que "já o não ser" colonial, pode ser interpretada como uma comparação que ressalta as distinções entre o império colonial português e o território espanhol. Isso pode ser visto como um argumento em defesa da singularidade e continuidade do império português.

Além disso, nota-se a influência do liberalismo neste trecho, especialmente quando se menciona a dualidade entre "república aqui e monarquia lá". Essa comparação evidencia uma clara preocupação com as formas de governo e a organização política vigente. Isso sugere um anseio por viver em sistemas políticos alinhados com os princípios essenciais do liberalismo, como a salvaguarda das liberdades individuais, o estabelecimento do Estado de direito e a promoção da representação democrática.

Além disso, o trecho também sugere traços de anticatolicismo, um elemento que pode ser associado ao pensamento liberal. Isso ocorre porque, ao longo da

história, o catolicismo foi frequentemente considerado a religião estabelecida, gozando de status privilegiado em muitas sociedades. No entanto, do ponto de vista liberal, que valoriza a liberdade de religião e de pensamento, a preferência por uma religião estabelecida é vista com desconfiança.

Em síntese, o excerto apresenta uma visão complexa que combina elementos nacionalistas, imperialistas e liberais pois destaca as diferenças nacionais, questiona as formas de governo e expressa um desejo de manter a identidade e o poder de Portugal, refletindo as complexidades políticas e ideológicas.

5.2.2.2 *Texto A lucidez, a sobriedade, a concisão não são postulados*

Tabela 9

06	Quais são as causas actuanes que podem ser concebidas como dificultantes do paganismo? Uma é o cosmopolitismo criado pela causação económica actual; outra o imperialismo gerado pela existência de colónias , quando por mais não fosse; outra a importância tomada pelo proletariado na nossa época. (PESSOA, 1917, p.1, arq.pess. texto 877).	<p>Liberalismo</p> <p>Anti-imperialismo</p> <p>Antissocialismo</p>
----	---	---

FONTE: elaboração própria

O excerto **06**, sob análise, revela facetas de diversas ideologias, notadamente o **liberalismo**, o **anti-imperialismo** e o **antissocialismo**.

O liberalismo, enquanto perspectiva ideológica, se destaca por sua defesa da separação entre Estado e religião. Isso promove um ambiente no qual a fé religiosa se torna uma questão pessoal, não sujeita a regulamentações estatais. Essa separação, típica do liberalismo, muitas vezes resulta em uma sociedade mais secular, na qual as crenças religiosas tradicionais podem perder influência, refletindo um compromisso com a liberdade individual e a tolerância religiosa.

Posteriormente, o trecho introduz a preocupação com o "imperialismo gerado pela existência de colónias," que denuncia uma abordagem anti-imperialista. O imperialismo, caracterizado pelo controle de territórios estrangeiros por uma nação mais poderosa, é visto como potencialmente prejudicial ao paganismo. Aqui, o autor parece argumentar que a presença de colônias pode dar origem a uma forma de

imperialismo que ameaça as tradições locais, possivelmente introduzindo valores e práticas culturais estrangeiras em detrimento das tradições portuguesas.

Por fim, a menção à "importância tomada pelo proletariado na nossa época" sugere uma perspectiva antissocialista. Ele sugere que o aumento da influência do proletariado está ligado a desafios enfrentados pelo paganismo, insinuando que o socialismo, ao priorizar questões econômicas e sociais, pode inibir a expressão de crenças espirituais, como o paganismo.

Assim, o excerto 06 traça uma complexa rede de ideologias, onde o liberalismo se destaca por sua ênfase na liberdade individual, o anti-imperialismo se manifesta na preocupação com o impacto do imperialismo colonial sobre as tradições locais e a visão antissocialista critica o papel crescente do proletariado, associando-o a desafios enfrentados pelo paganismo. Essas perspectivas complexas refletem as tensões ideológicas presentes no pensamento de Fernando Pessoa.

5.2.2.3 *Texto Associações secretas*

Tabela 10

07	Não venha o Sr. José Cabral dizer-me que não precisamos de empréstimos do estrangeiro. Nem só de empréstimos vive o país. Precisa, por exemplo, de colônias , sobretudo das que ainda tem. E precisa de muitas outras coisas, incluindo o não incorrer na hostilidade activa dos cinco e tal milhões de maçons que, por apolíticos, ainda nos não têm hostilizado (PESSOA, 1935, p.7, arq.pess. texto 4165).	Nacionalismo Imperialismo
----	---	--

FONTE: elaboração própria

O enunciado **07** em questão apresenta uma abordagem que combina elementos das ideologias **nacionalista** e **imperialista**, concomitantes e complementares. Neste trecho, encontramos uma defesa clara da importância das colônias, o que pode ser interpretado como uma manifestação do nacionalismo, juntamente com a presença de elementos imperialistas, já que há uma preocupação explícita com os interesses e a influência de Portugal.

Fernando Pessoa sugere que é crucial para o país manter ou recuperar suas colônias.. Nesse contexto, o nacionalismo se manifesta como um desejo de preservar

e fortalecer a identidade, a cultura e os interesses nacionais. A manutenção das colônias é vista como uma maneira de proteger e promover os interesses de Portugal no cenário internacional, o que está alinhado com os princípios do nacionalismo. Isso reflete também os princípios do imperialismo, uma ideologia que busca a expansão e a dominação de territórios estrangeiros em busca de recursos, poder e prestígio para a nação.

Dessa forma, no enunciado em questão, Fernando Pessoa parece defender a ideia de que o país deve não apenas manter suas colônias existentes, mas também buscar a expansão territorial como parte de uma estratégia nacionalista e imperialista.

5.2.2.4 Texto PORTUGAL, VASTO IMPÉRIO

Tabela 11

08	Com as Descobertas, e o estabelecimento do Imperialismo Ultramarino, criámos o mundo moderno — criação absoluta, tanto quanto socialmente isso é possível, que não simples elaboração ou renovação de criações alheias. Nas mais negras horas da nossa decadência, prosseguiu, sobretudo no Brasil, a nossa acção imperial, pela colonização; e foi nessas mesmas horas que em nós nasceu o sonho sebastianista, em que a ideia do Império Português atinge o estado religioso. (PESSOA, s.d, p.3, arq.pess. texto 982).	<p style="text-align: center;">Fascismo</p> <p style="text-align: center;">Conservadorismo</p>
----	--	--

FONTE: elaboração própria

O trecho **08** apresentado pode ser analisado sob a perspectiva do **fascismo** e do **conservadorismo**.

Dentro da ideologia fascista, a noção de império e nacionalismo desempenha um papel significativo. O trecho destaca o estabelecimento do Imperialismo Ultramarino por meio das Descobertas, que é apresentado como uma criação absoluta. Isso reflete a visão fascista de uma nação que busca recuperar sua grandeza por meio da expansão territorial e do controle sobre territórios ultramarinos. A colonização é vista como uma expressão do poder e da influência da nação, o que é um elemento central no pensamento fascista, que valoriza a expansão territorial como um meio de afirmar a superioridade nacional.

Além disso, o trecho menciona o Brasil como um exemplo da continuação da ação imperial portuguesa, mesmo durante períodos de decadência. Isso pode ser

interpretado como uma expressão do conservadorismo, que valoriza a manutenção das tradições e da ordem social estabelecida. O fato de a colonização ter continuado mesmo nas "mais negras horas" da história de Portugal destaca a importância da colonização como parte da identidade nacional e da herança cultural.

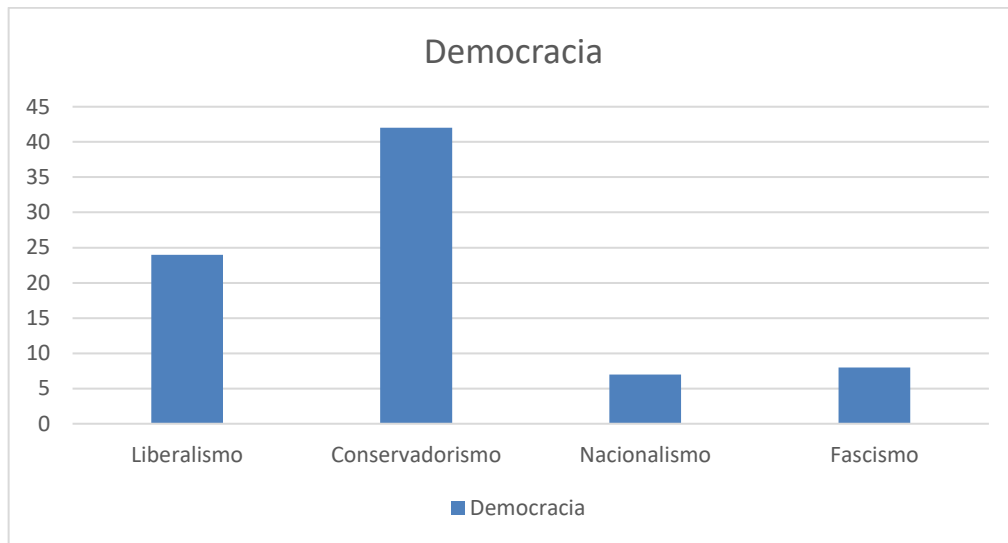
A menção ao "sonho sebastianista" também é relevante para a análise sob a perspectiva do conservadorismo. O sebastianismo é uma corrente cultural e política que remonta ao século XVI em Portugal e que envolve a crença no retorno de Dom Sebastião, um rei falecido, para salvar o país em seu momento de necessidade. Esse tipo de crença em uma restauração ou retorno a valores e tradições passadas é característico do conservadorismo, que busca preservar e restaurar elementos culturais e sociais que são considerados fundamentais para a identidade nacional.

Portanto, o trecho enfatiza a importância da colonização como parte do projeto imperialista e destaca elementos do conservadorismo, como a continuidade das ações colonizadoras em momentos de crise e a crença em mitos culturais tradicionais, como o sebastianismo, que têm um papel central na construção da identidade nacional.

5.2.3 Democracia

Nesta subseção pesquisamos o léxico: "democracias", "democracias", "democrático" e "democrática".

Gráfico 4 - número de ocorrências levantadas dentro de cada ideologia preponderante. Total de ocorrências: 82



FONTE: elaboração própria

5.2.3.1 Texto A tese foi posta em tempos, como uma verdade suprema

Tabela 12

09	No sul da europa a democracia é uma impossibilidade. O sul-europeu é ditatorial em política e nunca outra coisa senão ditatorial. Pode usar a democracia ou a liberdade como argumentos, mas são argumentos em prol da sua ditadura ou da do seu partido contra a ditadura de outros. Porque o sul-europeu não é um inimigo da ditadura: ele simplesmente é um inimigo da ditadura do outro partido (BARRETO, 2017, p.163 [PESSOA, 1931])	Fascismo
----	--	-----------------

FONTE: elaboração própria

Sob a perspectiva **fascista**, o trecho 09 enfatiza a incompatibilidade percebida entre a democracia e o sul da Europa, apresentando uma visão que contesta a viabilidade da democracia nessa região. O texto argumenta que os países do sul da Europa têm uma tendência intrínseca em direção à ditadura política e que a democracia é vista como uma impossibilidade realista nesse contexto.

O autor argumenta que os sul-europeus, apesar de ocasionalmente usarem a retórica democrática e da liberdade, o fazem principalmente como justificção para a ascensão de sua própria ditadura ou a de seu partido, em oposição à ditadura de

outros partidos. Essa abordagem sugere que, para o autor, a democracia no sul da Europa é frequentemente uma fachada para o autoritarismo.

Essa perspectiva fascista enfatiza a natureza competitiva e muitas vezes conflituosa da política no sul da Europa, onde diferentes grupos e partidos políticos lutam pelo poder, muitas vezes recorrendo a argumentos democráticos para alcançar seus objetivos autoritários. Em resumo, sob a ótica fascista, o sul da Europa é caracterizado como uma região onde a democracia é percebida como uma estratégia para alcançar a dominação, em vez de um sistema político genuinamente democrático.

5.2.3.2 Texto Demonstrado, assim, que a Democracia moderna é radicalmente anti-social

Tabela 13

10	A demonstração far-se-á contrapondo o segundo dos princípios democráticos , o liberalismo, ao segundo dos princípios do instintivismo social, a conservatividade; e contrapondo o terceiro dos princípios democráticos, o pacifismo, ao terceiro dos princípios do instintivismo social, que é o antagonismo. Assim se provará, no primeiro caso, a antipopularidade da democracia moderna, e, no segundo caso, o seu antipatriotismo (PESSOA, 1919, p.1, arq.pess. texto 744).	<p>Conservadorismo</p> <p>Nacionalismo</p>
----	---	--

FONTE: elaboração própria

A passagem **10** revela perspectivas de ideologias **conservadora e nacionalista**.

O trecho contrapõe o liberalismo aos princípios do instintivismo social, especialmente à conservatividade. Essa oposição sugere uma inclinação conservadora, já que o conservadorismo tende a valorizar a manutenção das tradições, da ordem social e da autoridade estabelecida, enquanto o liberalismo frequentemente busca mudanças e enfatiza a liberdade individual.

Pessoa argumenta que a democracia moderna é antipopular e antipatriótica, o que indica uma visão negativa em relação a esse sistema político. O conservadorismo, em várias formas, frequentemente critica a democracia, especialmente quando ela é vista como ameaça à estabilidade social.

Ao alegar que a democracia moderna é antipatriótica, Pessoa está sugerindo que ela é prejudicial aos interesses nacionais. Isso reflete uma visão nacionalista que coloca a nação acima de outros interesses, como a democracia de cunho internacionalista.

Logo, a passagem de Pessoa destaca a oposição entre o liberalismo e a conservatividade, bem como entre o pacifismo e o antagonismo, sugerindo uma crítica à democracia moderna e uma ênfase na importância da conservação dos valores tradicionais e dos interesses nacionais. Esses elementos refletem uma visão ideológica que combina elementos do conservadorismo e do nacionalismo.

5.2.3.4 Texto A OPINIÃO PÚBLICA [b]

Tabela 14

11	Só a paz é infecunda, só a concórdia é improfícua, só o humanitarismo é anti-humanitário. E assim morre, ante a análise sociológica, o último dos falsos princípios da Democracia moderna. E como vimos que a base do instintivismo social é o sentimento patriótico; como vimos que o instinto é radicalmente antagonista, sabemos, por conclusão, que não há instinto patriótico que não seja antagonista e guerreiro. No que pacifista, portanto, a Democracia moderna é radicalmente inimiga do sentimento patriótico, radicalmente antipatriótica e antinacional (PESSOA, 1919, p.7, arq.pess. texto 2900).	Nacionalismo Protofascismo
----	--	---

FONTE: elaboração própria

O excerto **11** apresenta elementos das ideologias **nacionalista** e **protofascista**.

O trecho enfatiza o sentimento patriótico como a base do instintivismo social. Isso reflete uma visão nacionalista, que coloca a nação e seus interesses acima de outros princípios ou valores. Pessoa argumenta que a democracia moderna é radicalmente antipatriótica e antinacional quando é pacifista. Essa afirmação sugere que ela é prejudicial aos interesses nacionais e, assim, que está alinhada com o nacionalismo, que muitas vezes vê a democracia como uma ameaça à coesão nacional.

Ademais, a crítica à democracia moderna, por ser pacifista, é semelhante à perspectiva protofascista (o texto foi escrito antes de 1922, quando não existia o

regime fascista historicamente original, ou seja, o fascismo italiano), que muitas vezes valoriza a guerra e o conflito como meios de afirmar a grandeza nacional. Pessoa menciona que "não há instinto patriótico que não seja antagonista e guerreiro." Isso ecoa a ideologia fascista, que frequentemente defende a luta como um meio de fortalecer a nação e promover seus interesses.

Portanto, o excerto de Pessoa combina elementos nacionalistas e profascistas ao destacar a importância do sentimento patriótico, criticar a democracia moderna por sua tendência pacifista e enfatizar a natureza antagonista e guerreira do instinto patriótico. Esses elementos refletem uma visão ideológica que valoriza a nação, o conflito e a luta como componentes fundamentais para a afirmação dos interesses nacionais.

5.2.3.4 Texto Em matéria de assuntos sobre que se possam ter opiniões

Tabela 15

12	O que é preciso é fazer com que seja possível o eleitor, em democracia , escolher o eleito por sugestão, e não ser-lhe este imposto à força ou por fraude. Não é preciso mais nada. E assim se fará a verdadeira experiência da democracia — experiência essa que até aqui se não fez, sendo por isso que se não pode dizer que a democracia falhou, senão que falharam várias formas Imperfeitas dela, ou, melhor dizendo, várias formas da ausência ou da perversão dela (PESSOA, 1919, p.1, arq.pess. texto 2870).	Liberalismo
----	--	--------------------

FONTE: elaboração própria

O excerto **12** em questão pode ser analisado a partir de uma perspectiva **liberal**.

No contexto do pensamento liberal, a democracia é concebida como um sistema em que o poder emana da vontade popular, e os representantes são eleitos de forma livre e democrática pelos cidadãos. O trecho aborda a relevância de assegurar que o eleitor tenha a capacidade de escolher seu representante mediante sugestão, o que evidencia o princípio fundamental da liberdade de escolha no âmbito democrático.

A crítica apresentada no trecho recai sobre as imperfeições existentes em algumas formas de democracia, onde o eleitor muitas vezes não possui a verdadeira

liberdade de selecionar seus representantes. Essa crítica expressa uma visão liberal que enfatiza a genuína liberdade de escolha e a participação efetiva dos eleitores como elementos essenciais na dinâmica democrática.

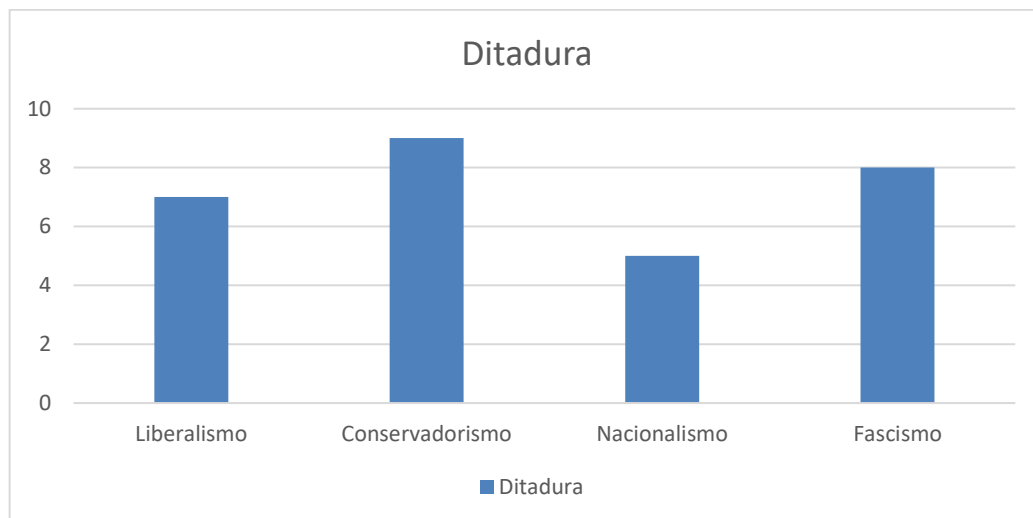
A menção à "verdadeira experiência da democracia" realça a importância de assegurar que os princípios democráticos sejam aplicados de maneira autêntica e integral. Para os liberais, a democracia não se restringe a ser apenas um sistema de governo; é um processo contínuo de engajamento cidadão e respeito pelos direitos individuais, bem como pela autonomia das escolhas dos cidadãos.

Em síntese, o trecho destaca a democracia como um sistema político em que a liberdade de escolha do eleitor desempenha um papel central. A crítica às deficiências em algumas formas de democracia reflete a preocupação liberal com a preservação da integridade do processo democrático e a garantia de que ele efetivamente represente a vontade do povo. Assim, a análise sob a perspectiva liberal ressalta a importância da democracia como um sistema que valoriza a liberdade individual e a participação ativa dos cidadãos na formulação de decisões políticas.

5.2.4 Ditadura

Neste campo semântico fizemos a busca pelos termos-chave "ditadura", "ditaduras", "ditatorial" e "ditador".

Gráfico 5 - número de ocorrências levantadas dentro de cada ideologia preponderante. Total de ocorrências: 29



FONTE: elaboração própria

5.2.4.1 Texto A OPINIÃO PÚBLICA [b]

Tabela 16

13	Vemos, com efeito, que esses pobres diabos busquem espontaneamente qualquer resultado de acordo com a base liberalista e igualitária da sua doutrina? Não o vemos. O que encontramos, é, ao contrário, a tendência para substituir aos pretensos “privilégios” do capital uns outros “privilégios” — os do chamado “trabalho”. A tendência espontânea é para a inversão dos factores, não para a sua igualização. E a célebre “ ditadura do proletariado”, último avatar da ignorância e da asneira, revela, com a ingenuidade mental característica dos seus criadores, aquele <i>naturel que revient au galop</i> ⁴² , quanto mais o querem escorraçar (PESSOA, 1919, p.4, arq.pess. texto 2900).	Conservadorismo
----	---	------------------------

FONTE: elaboração própria

O trecho **13** reproduz claramente uma ideologia **conservadora**, se opondo tanto ao liberalismo quanto ao socialismo. O autor argumenta que, mesmo na época contemporânea, marcada por ideias liberais e igualitárias, essas correntes de pensamento não conseguem conter ou compreender o "egoísmo humano fundamental".

O autor escolhe como exemplo a classe popular, especificamente aqueles que expressam ideias socialistas dentro dessa classe. Ele descreve essas pessoas como

⁴² Natural que volta a emergir (tradução nossa).

"infelizes mentais" com falta de compreensão da sociologia e da história. Para o autor, o socialismo é visto como uma espécie de demência causada pelo liberalismo.

O trecho sugere que, em vez de abraçar ideais igualitários e liberais, aqueles que o autor chama de "pobres diabos" na verdade buscam substituir os supostos "privilégios" do capital por outros "privilégios" ligados ao trabalho. Isso indica uma resistência à igualdade de oportunidades preconizada pelo liberalismo, sugerindo que a classe popular, mesmo quando influenciada pelo socialismo, não busca uma verdadeira igualdade, mas sim a inversão dos papéis.

A referência à "ditadura do proletariado" é feita de forma pejorativa, considerando-a um avatar da ignorância e da estupidez. O autor argumenta que aqueles que a promovem demonstram uma ingenuidade mental característica, sugerindo que a ideia não é fundamentada nem realista.

No geral, o trecho representa uma visão conservadora que rejeita tanto o liberalismo quanto o socialismo, enfatizando a natureza supostamente egoísta e contraproducente da busca por igualdade social e econômica.

5.2.4.2 Texto O Interregno Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal

Tabela 17

14	Nossas revoluções são, contudo, e em certo modo, um bom sintoma. São o sintoma de que temos consciência da fraude como fraude; e o princípio da verdade no conhecimento do erro. Se, porém, rejeitando a fraude como fundamento de qualquer coisa, temos que apelar para a força para governar o país, a solução está em apelar clara e definitivamente para a força, em apelar para aquela força que possa ser consentânea com a tradição e a consecução da vida social. Temos que apelar para uma força que possua um carácter social, tradicional, e que por isso não seja ocasional e desintegrante. Há só uma força com esse carácter: é a Força Armada. É esta a terceira Doutrina do Interregno, a terceira e última justificação da Ditadura Militar (PESSOA, 1928, p.18, texto 4343).	Conservadorismo Fascismo
----	---	---

FONTE: elaboração própria

A passagem **14** reflete elementos das ideologias **conservadora** e **fascista**, especialmente no que diz respeito à abordagem da autoridade, da verdade e do uso da força. O trecho sugere que, se a mencionada fraude for rejeitada como fundamento,

a solução pode ser apelar para a força para governar o país. Aqui, encontramos uma abordagem mais autoritária, com a ideia de que a força é necessária para manter a ordem, mostrando traços fascistas. Por seu lado, a referência à tradição e à vida social indica um apelo à preservação dos valores culturais e sociais existentes, o que é uma característica conservadora .

O trecho atinge seu ponto culminante com a assertiva de que a única entidade dotada das características apropriadas para desempenhar essa função é a Força Armada, constituindo-se, assim, na terceira justificação para a Ditadura Militar. Esta declaração evidencia uma inclinação de caráter autoritário e, possivelmente, fascista, na medida em que o autor insinua a necessidade de que as Forças Armadas portuguesas exerçam o controle como uma autoridade centralizada e robusta, visando à preservação da coesão social.

Em resumo, o trecho combina elementos conservadores, como a valorização da preservação da ordem social e a tradição, com elementos autoritários e potencialmente fascistas, ao sugerir que a força militar é a única solução para governar a sociedade de forma coesa e em conformidade com a tradição.

5.2.4.3 Texto sem título

Tabela 18

15	Ditadura quer dizer simplesmente poder político absoluto, isto é, sem entrave prático excepto a revolta armada. A monarquia absoluta, por exemplo, é uma ditadura hereditária. Se esse poder absoluto for conferido - como, por exemplo, a Hitler na Alemanha - por maioria de votos em sufrágio universal, essa ditadura será democrática, porque o governar em virtude de tal mandato é que constitui democracia. Se esse poder absoluto é exercido, como pode ser, com pleno respeito pela liberdade de opinião - como o exerceu na Prússia Frederico Segundo, que permitia toda crítica à sua pessoa, que deu guarida — ele, protestante oficial e maçom - aos jesuítas expulsos de tantos países essa ditadura será liberal, pois o liberalismo consiste na tolerância de todas as opiniões e da expressão delas (BARRETO, 2017, p.182 [PESSOA, 1932]).	Liberalismo Antifascismo
----	--	---

FONTE: elaboração própria

O trecho **15** apresenta elementos que podem ser interpretados como representativos das ideologias **liberalista e antifascista**.

O exemplo de Frederico Segundo da Prússia é apresentado como uma ditadura liberal. O autor destaca que Frederico Segundo permitia críticas à sua pessoa e protegia a liberdade de expressão. Isso é característico do liberalismo, que valoriza a liberdade individual e a tolerância de todas as opiniões, incluindo aquelas que criticam o governo. Além disso, o autor menciona que Frederico Segundo deu abrigo aos jesuítas expulsos de outros países, demonstrando uma atitude de tolerância religiosa, isto é, faz críticas positivas ao que chama de “ditadura liberal”. A ênfase na tolerância religiosa também é uma característica do liberalismo e está em oposição às ideologias totalitárias, como o fascismo, que frequentemente restringem a liberdade religiosa.

Dessa forma, o trecho representa elementos do pensamento liberal, enfatizando a liberdade de opinião e a tolerância religiosa. Além disso, ao destacar a ditadura liberal de Frederico Segundo como um exemplo, o autor implicitamente critica as ideologias autoritárias, como o fascismo, que limitam essas liberdades.

5.2.4.4 Texto O INTERREGNO. — Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal.

Tabela 19

16	Este opúsculo contém uma justificação completa da Ditadura Militar em Portugal presente. Com isso justificámos a Ditadura de hoje, em seus fundamentos. Não falámos, porém, particularmente dela. Nenhuma consideração particular importava ao nosso argumento, que era geral. provámos que é hoje legítima e necessária uma Ditadura Militar em Portugal; triplamente o provámos. Se esta, que o é, é composta como convém que seja, ou se se orienta como convém que se oriente, ou se subsistirá como convém que subsista — tudo isso é estranho à nossa demonstração. Se amanhã a Ditadura Militar cair, não cairá com ela a justificação dela. O ser necessária uma coisa não implica nem que exista, nem que, existindo, subsista; implica tão-somente que é necessária (PESSOA, 1928,p.18, arq.pess. texto 4343).	Nacionalismo Fascismo
----	--	--

FONTE: elaboração própria

O trecho **16** apresenta uma perspectiva que pode ser interpretada sob as lentes das ideologias **nacionalista e fascista**. Neste contexto, a discussão gira em torno da legitimidade e da necessidade da Ditadura Militar em Portugal.

No que diz respeito ao nacionalismo, o trecho não apenas justifica a ditadura Militar, mas também a enquadra como algo legítimo e necessário para Portugal. Isso sugere um forte compromisso com a soberania e a identidade nacionais, características essenciais do nacionalismo. A defesa da ditadura como um sistema político vigente é vista como uma forma de proteger e fortalecer os interesses nacionais.

Por outro lado, o trecho também pode ser interpretado à luz do fascismo, uma ideologia que valoriza um governo forte, podendo ser também liderado por militares, e que prioriza a autoridade, a liderança e a ordem acima de tudo. A menção à "Ditadura Militar" como algo legítimo e necessário está alinhada com os princípios fascistas de liderança autoritária e controle do Estado sobre a sociedade.

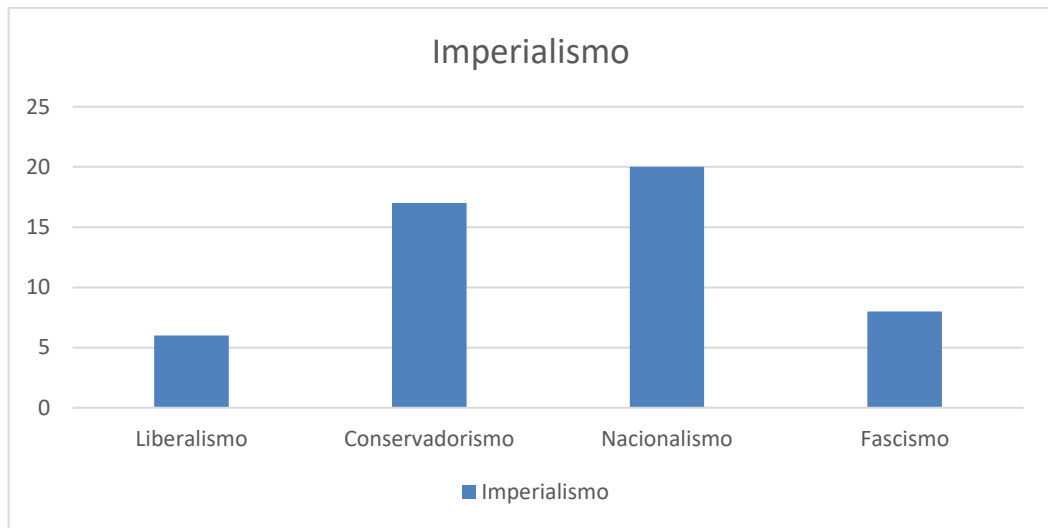
Além disso, a afirmação de que a queda da Ditadura Militar não invalidaria a justificção para sua existência sugere uma visão autoritária e inabalável da governança. Isso está em consonância com a natureza inflexível do fascismo, que busca manter um controle rígido sobre o poder político.

Em resumo, o trecho analisado apresenta uma justificção ideológica para a Ditadura Militar em Portugal, que pode ser interpretada sob as perspectivas nacionalista e fascista.

5.2.5 Imperialismo

Nessa subseção pesquisamos as palavras-chave "imperialismo" e "imperialista".

Gráfico 6 - número de ocorrências levantadas dentro de cada ideologia preponderante. Total de ocorrências: 51



FONTE: elaboração própria

5.2.5.1 Texto **PROBLEMA IBÉRICO** [a]

Tabela 20

17	Formado o Estado Ibérico, qual deve ser a sua orientação conjunta? Tripla: (1) o domínio espiritual das Américas do centro e do sul, e assim o imperialismo de cultura no Novo Mundo, (2) a conquista definitiva dos territórios do Norte de África, onde vivem os homens nossos parentes, as raças árabes, berberes, [. . .]; (3) a destruição militar da França (e da Itália). (PESSOA, s.d, p.3, arq.pess. texto 1226).	Nacionalismo imperialista Fascismo
----	---	---

FONTE: elaboração própria

Fernando Pessoa, no trecho **17**, apresenta uma visão que se alinha com diversas ideologias, nomeadamente o **nacionalismo imperialista** e o **fascismo**.

A referência à "conquista definitiva dos territórios do Norte de África" reflete um forte sentimento nacionalista, onde o objetivo é consolidar o domínio ibérico em territórios historicamente relacionados, mencionando as "raças árabes" e "berberes" como parte dessa identidade. O autor defende o "domínio espiritual das Américas do centro e do sul", indicando uma busca por expansão territorial e cultural, o que é característico do imperialismo. A proposta de "imperialismo de cultura no Novo Mundo" sugere a intenção de impor a cultura ibérica nas Américas.

Embora o trecho não adote completamente o fascismo, a menção à "destruição militar da França e da Itália" sugere uma postura agressiva e expansionista, característica do fascismo.

Em resumo, este trecho de Fernando Pessoa demonstra uma visão geopolítica ambiciosa, que busca unificar as nações ibéricas, expandir sua influência cultural nas Américas e, de certa forma, adotar uma postura agressiva em relação a outras nações europeias. Embora contenha elementos das ideologias fascista, imperialista e nacionalista, não se pode afirmar que ele adira plenamente a nenhuma delas, refletindo uma perspectiva política complexa e ambígua.

5.2.5.2 *Texto A única realidade social é o indivíduo*

Tabela 21

18	Por isso a sociedade se divide em nações, e não é possível «humanidade» em matéria social. Assim como tem que haver um egoísmo individual, tem que haver um egoísmo colectivo — é o que se chama o instinto patriótico. Assim como há uma vaidade individual — tem que haver uma vaidade colectiva — é o que se chama imperialismo . Só não há uma socialidade colectiva, (. . .) (PESSOA, 1915, p.2, arq.pess. texto 1767).	Nacionalismo Imperialismo Conservadorismo
----	---	--

FONTE: elaboração própria

O excerto **18** de Fernando Pessoa pode ser analisado sob as perspectivas ideológicas **nacionalista, imperialista e conservadora antissocialista**.

Primeiramente, o trecho aborda a divisão da sociedade em nações e enfatiza a importância do "instinto patriótico". Isso reflete uma perspectiva nacionalista, pois destaca a ideia de que as nações são entidades distintas e que os indivíduos devem ter um compromisso com seu próprio país. O nacionalismo é uma ideologia que valoriza a identidade, cultura e interesses nacionais, e o trecho ressalta essa perspectiva ao mencionar a necessidade do "egoísmo coletivo".

Em seguida, o trecho faz referência à "vaidade coletiva" e ao "imperialismo". Aqui, encontramos elementos do imperialismo, que envolve a busca por poder e influência em nível internacional. O imperialismo frequentemente está ligado à ideia de que uma nação busca expandir sua autoridade sobre territórios estrangeiros.

Nesse contexto, a menção à " vaidade coletiva " sugere um desejo de grandiosidade e influência por parte das nações, característico do imperialismo.

Além disso, a última parte do trecho, que afirma que não há " socialidade coletiva, " pode ser interpretada como uma perspectiva conservadora antissocialista. O conservadorismo valoriza a tradição, a ordem social e a estabilidade, frequentemente resistindo a mudanças radicais na sociedade. A referência à falta de uma " socialidade coletiva " pode indicar uma visão cética em relação a transformações sociais profundas, o que é contrário aos ideais socialistas de busca por igualdade e justiça social.

Em resumo, o trecho 18 de Fernando Pessoa apresenta elementos das ideologias nacionalista e imperialista, destacando a importância do patriotismo e da busca por influência internacional. Além disso, ele sugere uma perspectiva conservadora antissocialista ao enfatizar a falta de uma " socialidade coletiva, " refletindo as complexidades ideológicas presentes no pensamento do autor.

5.2.5.3 *Texto Há três imperialismos: de domínio, de expansão e de cultura*

Tabela 22

19	Na evolução de uma civilização, o primeiro estágio é o do imperialismo de domínio; segue-se o da expansão, acaba pelo da cultura. É que a uma civilização decadente, onde o poder militar fraqueja, onde o comércio [. . .], só resta de grande a cultura que produziu, porque essa — ao contrário da força militar e do vigor comercial, que são coisas presentes — domina desde o passado, fica (PESSOA, s.d.,p.1, arq.pess. texto 1007).	Nacionalismo imperialista Conservadorismo
----	--	--

FONTE: elaboração própria

No excerto **19** encontramos uma passagem que remete às ideologias **nacional imperialista e conservadora**, à medida que ele discute a evolução de uma civilização e seus estágios subsequentes.

Embora o trecho não mencione diretamente o nacionalismo, a ideia subjacente é que a cultura é um elemento vital e duradouro de uma civilização. Isso implica um forte senso de identidade cultural e, por extensão, nacional. A preservação da cultura

ao longo do tempo pode ser vista como uma expressão do nacionalismo, já que se valoriza a herança cultural de uma nação como algo intrinsecamente importante.

O termo "imperialismo de domínio" sugere a busca por controle e expansão territorial por parte de uma civilização. Isso se encaixa na ideia de que uma nação ou civilização pode procurar dominar outras regiões e povos. O imperialismo, muitas vezes, está ligado ao poder militar e à expansão territorial, e Pessoa menciona esse estágio como parte da evolução de uma civilização.

A ideia de que, em uma civilização decadente, "só resta de grande a cultura que produziu" reflete uma perspectiva conservadora. O conservadorismo geralmente enfatiza a importância da preservação das tradições e valores culturais, mesmo em tempos de declínio. Neste trecho, a cultura é vista como algo que perdura desde o passado e, portanto, deve ser mantida e valorizada, mesmo quando outros aspectos da civilização estão enfraquecendo.

Assim, Fernando Pessoa explora a relação entre cultura, imperialismo e conservadorismo na evolução de uma civilização. Ele sugere que a cultura é o legado duradouro de uma civilização decadente e que o imperialismo pode ser uma fase em sua trajetória. Essas ideias refletem diferentes perspectivas ideológicas sobre a importância da cultura, da expansão territorial e da preservação das tradições.

5.2.5.4 Texto O grande problema do Estado futuro consiste na organização

Tabela 23

20	É vasto o império inglês, mas a Inglaterra não criou um imperialismo ; expandiu-se, mas não civilizacionou o espírito de expansão. O seu império é uma obra de acaso, de indivíduos, de muitos indivíduos, de muitos indivíduos pessoalmente activos e trabalhadores, cada qual tratando de si, ou unindo-se em grupos sem outro fim que um fim estreitamente administrativo, como se viu no sentido estreito e material da estreita obra do seu sumo homem, Cecil Rhodes. Ora, nenhuma nação tem o direito de usar do império (<i>to wield empire</i>) se não é capaz de organizar o império. (PESSOA, s.d.,p.1, arq.pess. texto 836).	Liberalismo
----	--	--------------------

FONTE: elaboração própria

O trecho **20** pode ser analisado sob a perspectiva da ideologia **liberal**. O autor, ao mencionar o vasto império inglês, destaca uma diferença essencial: a Inglaterra não teria criado um imperialismo, mas sim se expandido. Essa distinção é fundamental para a compreensão da abordagem liberal em relação ao imperialismo.

No contexto liberal, o imperialismo é frequentemente visto com ambivalência. O liberalismo enfatiza valores como a liberdade individual, a propriedade privada e a limitação do poder do Estado. Portanto, a expansão territorial e a dominação de outros povos podem ser vistas como contrárias a esses princípios, especialmente quando ocorrem em detrimento da liberdade e dos direitos dos povos colonizados.

Ao mencionar que o império inglês é uma obra de acaso, de indivíduos e de grupos com objetivos administrativos limitados, o autor parece argumentar que a expansão da Inglaterra não foi planejada com base em uma ideologia imperialista coesa. Isso ressoa com a perspectiva liberal de que as ações do Estado devem ser limitadas e não planejadas para a conquista de territórios.

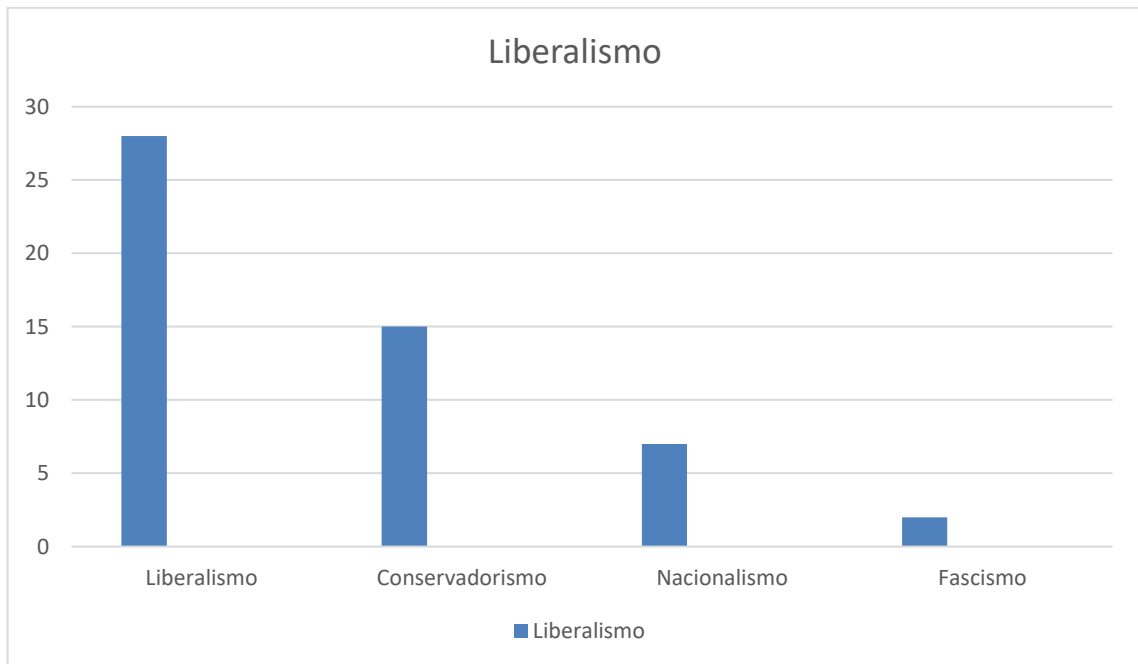
A afirmação de que "nenhuma nação tem o direito de usar do império se não é capaz de organizar o império" enfatiza a responsabilidade e o fardo que o controle de territórios distantes impõe a uma nação. Para os liberais, essa responsabilidade deve ser exercida com prudência e cuidado, a fim de garantir que os princípios liberais fundamentais sejam mantidos, mesmo em territórios colonizados.

Portanto, o trecho reflete a perspectiva liberal de que o imperialismo deve ser exercido com responsabilidade e que a expansão territorial não deve comprometer os valores liberais fundamentais, como a liberdade e a limitação do poder estatal. É uma visão crítica das empreitadas coloniais que enfatiza a importância de organizar e administrar um império de forma justa e responsável.

5.2.6 Liberalismo

Neste item foram procuradas as palavras “liberal”, “liberais”, “liberalismo” e “liberalista”.

Gráfico 7 - número de ocorrências levantadas dentro de cada ideologia preponderante. Total de ocorrências: 53



Fonte: elaboração própria

5.2.6.1 Texto A OPINIÃO PÚBLICA [b]

Tabela 24

21	<p>Não custa a ver que o princípio liberalista, ou igualitário, inteiramente se contrapõe ao egoísmo são dos homens. Busca o liberalismo a abolição de privilégios, a abolição de diferenças sociais entre os homens; e leva isto mais ou menos longe — teoricamente, consoante a ousadia ou indisciplina mental dos teorizadores; praticamente, segundo o grau de perturbação social que se achesse (PESSOA, 1919, p.3, texto 2900).</p>	Conservadorismo
----	---	------------------------

FONTE: elaboração própria

No trecho **21**, Fernando Pessoa aborda a ideologia **conservadora**.

O conservadorismo, como ideologia, tende a resistir a mudanças radicais na sociedade. No trecho, Pessoa sugere que o liberalismo busca a "abolição de privilégios" e a eliminação das "diferenças sociais entre os homens". Esse é um aspecto central do pensamento liberal, que procura a igualdade de oportunidades. Ao destacar isso, Pessoa insinua que o liberalismo está promovendo uma perturbação social ao tentar eliminar diferenças sociais. Isso reflete a perspectiva conservadora de que mudanças sociais rápidas podem ser prejudiciais.

A ideologia conservadora valoriza as diferenças sociais e a hierarquia na sociedade. Pessoa menciona que o liberalismo busca a "abolição de diferenças sociais entre os homens". Essa ênfase nas diferenças sociais é contrária à visão conservadora, que pode ver essas diferenças como parte natural da ordem social.

Em resumo, no trecho, Fernando Pessoa destaca a oposição entre o liberalismo igualitário e o pensamento conservador. Ele sugere que o liberalismo está perturbando a ordem social ao buscar a igualdade e a abolição de diferenças sociais, refletindo assim uma perspectiva conservadora que valoriza a tradição, a hierarquia social e resistência a mudanças sociais rápidas.

5.2.6.2 Texto sem título

Tabela 25

22	Não, nós os liberais , não aceitamos. Não aceitamos que o governo chamado do povo que se pressupõe usar da força que deriva da aritmética, em geral fraudulenta, de eleições para suprimir todas as liberdades e oprimir todos os sentidos. Mais vale, então, um governo autoritário, que, ao menos, mantém a ordem nas ruas (BARRETO, 2017, p.57 [PESSOA, 1925]).	Liberalismo Fascismo
----	---	---

FONTE: elaboração própria

A passagem **22** apresenta uma combinação de elementos das ideologias **liberal** e **fascista**, por mais paradoxal que possa aparentar, embora predomine a perspectiva do liberalismo.

O autor inicialmente enfatiza que "nós, os liberais," não estão dispostos a aceitar um governo que, embora tenha obtido poder por meio de eleições fraudulentas, utilize esse poder para restringir as liberdades individuais e oprimir a expressão de ideias. Esse posicionamento revela uma visão profundamente liberal, que prioriza as liberdades individuais, ainda que isso implique em uma postura que pode ser considerada contrária aos princípios democráticos. Fernando Pessoa, em diversas de suas obras, adota uma perspectiva liberal, mesmo discordando do conceito tradicional de democracia.

Contudo, a passagem sugere que, em certas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um governo que abuse do poder em nome da aritmética eleitoral. Esse aspecto pode ser associado a traços fascistas, uma vez que o fascismo valoriza a autoridade centralizada e o controle estatal forte em nome da ordem.

No entanto, é importante notar que, nesse contexto, o autor não está defendendo integralmente o fascismo como ideologia, mas sim expressando uma preferência por um governo autoritário em detrimento de um governo que utilize eleições fraudulentas para justificar a repressão. A ênfase principal está no liberalismo, com a preocupação central sendo a defesa das liberdades individuais e a crítica às eleições fraudulentas que minam essas liberdades.

Portanto, a passagem apresenta traços de ambas as ideologias, mas o liberalismo é a ideologia preeminente, com elementos do fascismo se manifestando na discussão sobre a aceitação de um governo autoritário sob certas condições.

5.2.6.3 *Texto Sim, sou situacionista. Mas vamos lá a uma coisa...*

Tabela 26

23	Disse que confio porque confio. Não vou mais longe. Se me perguntarem se compreendo a obra financeira do Prof[essor] Salazar, digo que não, porque nada sei de finanças. Confio. Se os seus opositores me disserem que por estas e aquelas razões, essa obra é má, digo, com igual fundamento, que não sei. Confio. Dito isto, compreendamo-nos melhor. Além do situacionista que sou, sou um individualista absoluto, um homem livre e um liberal . E isto faz que tenha uma perfeita tolerância pelas ideias dos outros, que seja incapaz de considerar um crime o pensar outro do modo que não penso (PESSOA, 1928, arq.pess. texto 4036).	Liberalismo
----	--	--------------------

FONTE: elaboração própria

Sob a perspectiva **liberal**, a passagem 23 destaca a importância do indivíduo e do liberalismo na formação do entendimento e da tolerância. O termo "liberal" é central nesse contexto, referindo-se a uma visão de mundo que valoriza a liberdade individual e a capacidade de pensar de forma independente.

A afirmação do autor de que é um "individualista absoluto" e "um homem livre e um liberal" ressalta sua adesão a princípios centrais do liberalismo. O individualismo

ênfatiza a autonomia e a liberdade do indivíduo, ênfatizando que cada pessoa tem o direito de pensar, agir e expressar suas opiniões de acordo com suas próprias convicções.

Ademais, a referênça à "tolerância pelas ideias dos outros" traz outro princípio liberal fundamental: a tolerância. No contexto liberal, essa tolerância abrange respeitar as opiniões e perspectivas que dissentem, mesmo que sejam contrárias às nossas próprias. Isso mostra o compromisso com a liberdade de pensamento e expressão, princípios fundamentais no liberalismo clássico.

Finalizando, a passagem sob a perspectiva liberal destaca o enaltecimento da liberdade individual, do pensamento racional, da tolerância e do respeito pelas ideias destoantes. É uma asserção da relevância do liberalismo como uma filosofia que ênfatiza o valor intrínseco da liberdade e do pluralismo de ideias na sociedade.

5.2.6.4 *Texto QUANDO VOLTA D. SEBASTIÃO?*

Tabela 27

24	Desprezível está longe de ser — tanto pela razão, estritamente exotérica e sociológica, de que o sebastianismo é o único movimento profundamente nacional que tem havido entre nós, tendo toda a força de um movimento religioso, que é, e todo aquele cunho nacional que falta a todos os movimentos políticos entre nós, quer se trate do mimetismo da Grande França absolutista feito pelo Marquês de Pombal, quer da servil cópia do constitucionalismo inglês realizada esterilmente pelos nossos “liberais”, quer da reles subserviência aos ideais da Revolução Francesa, estrangeiros para nós, que são uma das coroas da ingloria e do antipatriotismo dos nossos pseudo republicanos de hoje em dia. (PESSOA, s.d.p.1, arq.pess. texto 1091).	Nacionalismo
----	---	---------------------

FONTE: elaboração própria

O trecho **24** aborda a perspectiva do **sebastianismo** sob uma ótica **nacionalista** e pode ser examinado com base no contexto histórico e ideológico em que se insere.

Primeiramente, é relevante observar que o autor não considera o sebastianismo como algo desprezível, mas, pelo contrário, o enxerga como um movimento profundamente nacional. Esse movimento é distinguido dos demais

movimentos políticos que ocorreram em Portugal ao longo da história. O autor argumenta que o sebastianismo é único, pois não apenas possui uma forte dimensão nacional, mas também é fundamentado em aspectos religiosos, o que lhe confere uma natureza especial.

No contexto nacionalista, a ênfase é colocada na preservação e na promoção dos interesses e da identidade nacionais. Nesse sentido, o sebastianismo é elogiado por ser uma expressão autêntica do nacionalismo português, ao contrário de outros movimentos políticos que podem ter sido influenciados por modelos estrangeiros, como o absolutismo francês ou o constitucionalismo inglês. O autor critica esses movimentos por não terem aprofundado a identidade nacional portuguesa.

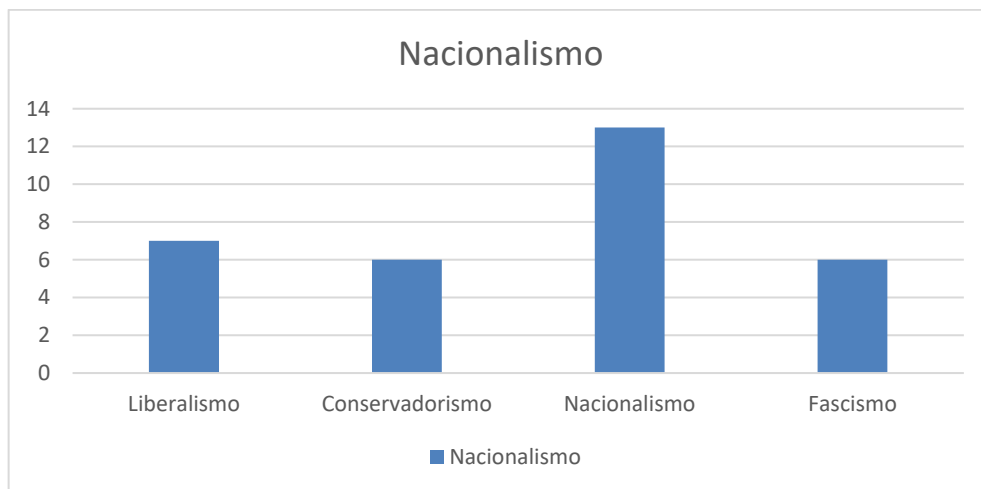
O trecho também critica a influência estrangeira, especialmente a Revolução Francesa, como algo estranho aos valores e à cultura portuguesa. Essa crítica reflete a preocupação do autor com a preservação da identidade nacional e sua resistência à assimilação de ideias estrangeiras que poderiam comprometer a autenticidade do nacionalismo português.

Portanto, sob a perspectiva nacionalista sebastianista, o trecho realça a singularidade do sebastianismo como um movimento profundamente enraizado na cultura e na identidade nacionais de Portugal, enquanto critica outros movimentos políticos por sua falta de autenticidade e por sua suposta submissão a influências estrangeiras. Isso demonstra a importância do sebastianismo como um elemento valorizado no contexto do nacionalismo português.

5.2.7 Nacionalismo

Neste item foram buscado os termos “nacional”, “nacionais”, “nacionalismo” e “nacionalista”.

Gráfico 8 - número de ocorrências levantadas dentro de cada ideologia preponderante. Total de ocorrências: 32



FONTE: elaboração própria

5.2.7.1 Texto [Correntes Literárias]

Tabela 28

25	A terceira, porém, aquela que trará em si uma dupla reacção, será qualquer coisa de mais completo e de mais forte, transcendendo imensamente as outras duas, mesmo que elas — até hoje tão frouxas — venham a revelar-se através de personalidades mais interessantes que os poetas astros que cercam a <i>Action Française</i> . Finalmente, expressão do revolucionarismo intensificado da época, teremos uma corrente oposta ao decadentismo, que será a corrente nacionalista , já tão marcada; teremos, oposta propriamente ao espírito de organização, outra corrente, estilo «poesia social». (PESSOA, 1916,p.2, arq.pess. texto 4065).	Nacionalista Protofascista
----	---	---

FONTE: elaboração própria

O trecho **25** apresenta uma complexa interseção de ideologias, principalmente a **nacionalista** e a **protofascista**.

A referência à "corrente nacionalista" indica uma clara presença dessa ideologia. O nacionalismo é uma corrente que coloca a nação no centro das preocupações políticas e culturais. Ele enfatiza a identidade nacional, a coesão e a promoção dos interesses do próprio país.

A menção ao "revolucionarismo intensificado da época" sugere uma conexão com o protofascismo futurista. Esse movimento, que precedeu o fascismo, enfatizava a rejeição do passado, a celebração da violência, do nacionalismo radical e da busca por uma nova ordem social.

A oposição ao "espírito de organização" e a referência à "poesia social" indicam uma afinidade com ideias profascistas que valorizavam a ação direta e a rejeição das estruturas tradicionais em favor de uma transformação radical da sociedade.

Portanto, nesse trecho, Fernando Pessoa parece estar observando a ascensão de movimentos nacionalistas e profascistas futuristas em um contexto de rejeição do decadentismo. Ele destaca a emergência de correntes políticas e culturais que buscam uma reafirmação da nação e da ação revolucionária como resposta aos desafios da época.

5.2.7.2 Texto O INTERREGNO. - Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal

Tabela 29

26	Escravos da mentalidade estrangeira, uns; escravos da falta de mentalidade própria, todos — nenhuns Portugueses, políticos ou não políticos, têm podido falar nacionalmente ou superiormente a este País. Fá-lo hoje, pela primeira vez desde 1578, e por nosso intermédio, o Núcleo de Acção Nacional . Para o que vamos afirmar, e para o que depois teremos que propor, não queremos a atenção dos sub-Portugueses que constituem a maioria activa da Nação. Mas a atenção dos outros, dos que têm um cérebro que pode ainda vir a pertencer-lhes, nem a queremos nem a pedimos — exigimo-la (PESSOA, 1928, p.2, arq.pess. texto 4343).	Nacionalismo Fascismo
----	---	--

FONTE: elaboração própria

No excerto **26**, identificamos a presença de algumas ideologias, notadamente o **nacionalismo** e o **fascismo**, que se manifestam por meio do Núcleo de Ação Nacional (NAN), uma organização criada por Fernando Pessoa. O NAN tinha como objetivo promover uma visão nacionalista de Portugal em um período marcado por agitação política e mudanças sociais no país.

Além disso, o trecho faz menção ao fato de algo estar ocorrendo "pela primeira vez desde 1578." Esse ano assume um significado notável na história de Portugal, uma vez que assinala a derrota na Batalha de Alcácer-Quibir, na qual o rei D. Sebastião desapareceu. O sebastianismo é uma ideologia que se fundamenta na convicção de que D. Sebastião retornará um dia para resgatar Portugal, incorporando assim um profundo componente nacionalista e messiânico, elementos que também

integram o arsenal de características fascistas. A alusão a 1578 sugere a busca por uma liderança redentora e a restauração do orgulho nacional.

Destarte, os movimentos fascistas frequentemente promoviam a ideia de uma elite que lideraria a nação em direção a um renascimento. Esse elitismo se alinha com a noção de que apenas aqueles biologicamente capazes de compreender questões nacionais são dignos de atenção, enquanto a maioria é considerada "sub-Portugueses".

A frase "falar nacionalmente ou superiormente a este País" indica uma ênfase tanto no nacionalismo quanto na superioridade. O autor parece estar reivindicando a voz nacional, destacando a importância de discutir assuntos nacionais de forma elevada e orgulhosa. Isso se alinha com a ideologia sebastianista de renovação nacional.

Portanto, no trecho apresentado, observamos uma mistura de nacionalismo sebastianista, que busca a restauração e a liderança redentora de Portugal, e um elitismo fascista, que promove a ideia de uma elite que deve guiar a nação através da liderança mítica. Essas ideologias coexistem na busca por uma transformação nacional, com ênfase na liderança e na identidade portuguesa.

5.2.7.3 Texto sem título

Tabela 30

27	Fui sempre, e através de quantas flutuações houvesse, por hesitação de inteligência crítica, em meu espírito, nacionalista e liberal; e nacionalista quer dizer, crente no País como alma e não como simples nação; e liberal quer dizer, crente na existência, de origem divina, da alma humana, e da inviolabilidade da sua consciência, em si mesma e em suas manifestações. Por isso me foram sempre origem de repugnância e asco todas as formas do internacionalismo, que são três: a Igreja de Roma, a finança internacional e o comunismo. (BARRETO, 2017, p. 365 [PESSOA, 1935]).	Nacionalismo Liberalismo
----	--	---

FONTE: elaboração própria

A análise da passagem **27** revela a presença de várias ideologias entrelaçadas, sendo elas o **nacionalismo**, o **liberalismo** e o **antissocialismo**.

No trecho, a afirmação "nacionalista e liberal" indica que o autor se identifica tanto com o nacionalismo quanto com o liberalismo. O nacionalismo, nesse contexto,

abrange uma forte ligação e dedicação à pátria, não apenas como uma entidade geográfica, mas como uma comunidade espiritual e cultural. Isso sugere um profundo amor pelo país e sua cultura, alinhando-se com os princípios do nacionalismo.

O trecho define o liberalismo como a crença na existência da alma humana e na inviolabilidade de sua consciência, mesmo explicitando uma ideia de "origem divina", que está mais conectado ao conservadorismo. Essa interpretação do liberalismo destaca o respeito pela individualidade, liberdade de pensamento e direitos individuais, que são princípios fundamentais do liberalismo.

A aversão expressa pelo autor a todas as formas de internacionalismo, incluindo a Igreja de Roma, a finança internacional e o comunismo, reflete uma postura antissocialista. O internacionalismo, especialmente na forma do comunismo, busca a cooperação internacional e a igualdade social em uma escala global. O autor parece rejeitar essas ideias em favor de uma abordagem mais nacionalista e liberal clássica.

Portanto, o trecho destaca a convergência dessas ideologias enfatizando a identidade nacional, a liberdade individual e a inviolabilidade da consciência humana. Além disso, o autor manifesta sua oposição ao internacionalismo em suas várias formas, incluindo o comunismo, demonstrando uma visão antissocialista em sua ideologia.

5.2.7.4 Texto Podem os elementos militares, que promoveram o pronunciamento recente

Tabela 31

28	Limitar a actividade política à manutenção da ordem e à administração é uma doutrina política: é o conservantismo simples, que defende a simples estabilização da vida nacional , em oposição ao conservantismo reformista, que procura impor-lhe um quadro de instituições em qualquer modo semelhantes a instituições do passado. Está certo, e achamos que está bem, que o Exército se declare partidário do conservantismo simples: é uma das doutrinas políticas mais sãs e mais úteis, pois quem não buscar reformar, mas só administrar, dificilmente causará perturbações sociais (PESSOA, s.d., p.1 arq.pess. texto 4340)	Conservadorismo
----	---	------------------------

FONTE: elaboração própria

O trecho **28** aborda a perspectiva **conservadora**, destacando o elemento "nacional" como parte integrante dessa abordagem ideológica.

No contexto conservador, a ênfase recai sobre a preservação da ordem, da moral e das instituições tradicionais como pilares fundamentais da estabilidade nacional. Os elementos militares mencionados no trecho alegam não fazer política, mas sim buscar manter a ordem, moralizar os serviços públicos e administrar. No entanto, o autor argumenta que, na prática, qualquer atividade que envolva a gestão da vida nacional é, de fato, uma atividade política.

A análise do trecho revela uma distinção importante no conservadorismo: entre o conservantismo simples e o conservantismo reformista. O conservantismo simples visa a estabilização da vida nacional, com a manutenção das tradições e instituições existentes, sem buscar alterações significativas. Por outro lado, o conservantismo reformista busca impor um quadro de instituições que se assemelhe, de alguma forma, às instituições do passado.

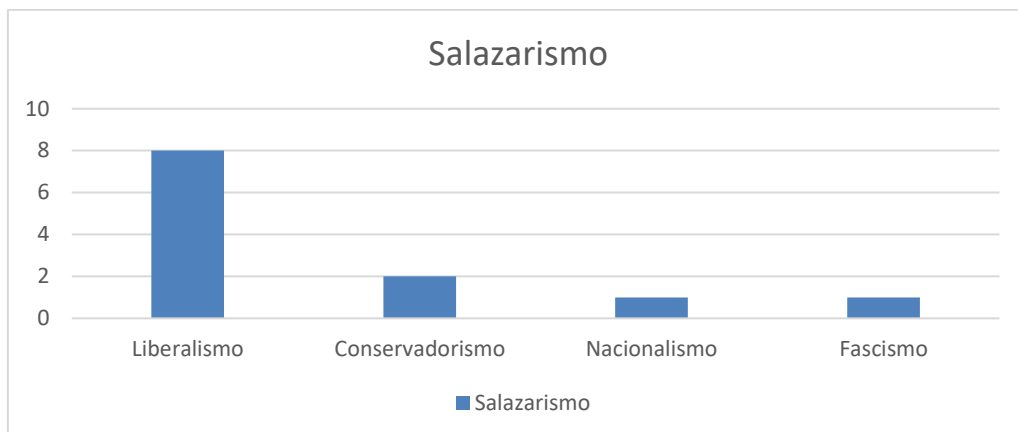
O autor demonstra concordância com a posição do Exército de declarar-se partidário do conservantismo simples. Para ele, essa abordagem política é saudável e útil, pois a ênfase na administração e na estabilização da ordem dificilmente resultará em perturbações sociais.

Assim, sob a perspectiva conservadora, o trecho enfatiza a importância da estabilidade nacional e da manutenção das instituições tradicionais como elementos cruciais para a preservação da ordem e da moral na sociedade. O conservadorismo simples é visto como uma doutrina política sólida e benéfica para a vida nacional, evitando mudanças drásticas que poderiam desencadear perturbações sociais.

5.2.8 Salazarismo

Neste campo semântico pesquisamos o léxico: "Salazar" e "salazarismo".

Gráfico 9 - número de ocorrências levantadas dentro de cada ideologia preponderante. Total de ocorrências: 12



FONTE: elaboração própria

5.2.8.1 Texto Sim, sou situacionista. Mas vamos lá a uma coisa

Texto 32

29	Sou situacionista por aceitação. Não discuto problemas políticos, constituições ou programas. Confio instintiva mas não irracionalmente, no General Carmona e no Professor Salazar . Confio no General Carmona porque tem a mais segura mão de timoneiro que há muitos anos temos tido. Desde quando, no período agudo da Ditadura, apoiou a acção defensiva e patriótica do General Vicente de Freitas, até quando, havendo já calma para pensar, deu apoio à acção coordenadora do Prof[essor] Salazar , o Presidente da República tem-se mantido numa atitude que é rara em qualquer caso, e raríssima em política — a maleabilidade dentro da dignidade. É um aristocrata da adaptação. (PESSOA, 1928, p.1, arq.pess. texto 4036).	Conservadorismo
----	--	------------------------

FONTE: elaboração própria

O excerto **29** destaca a perspectiva **conservadora** com uma conexão notável entre o General Carmona e a figura de Salazar, o Professor Salazar, que é mencionada no texto. O autor expressa sua posição como situacionista, alguém que, por aceitação, não busca discussões sobre questões políticas, constituições ou programas. Em vez disso, ele deposita sua confiança, que ele considera instintiva, embora não irracional, tanto no General Carmona quanto no Professor Salazar.

A confiança no General Carmona é justificada por sua habilidade como timoneiro, alguém que conduz o Estado com firmeza e por isso o autor considera notável o apoio do General Carmona à ação coordenadora (ditatorial) do Professor Salazar, Presidente da República.

A conexão entre o General Carmona e Salazar na narrativa do autor realça a ideologia conservadora subjacente. A ênfase na capacidade de Salazar e na estabilidade política que ele representa sugere a valorização da tradição, da continuidade e da ordem dentro dessa perspectiva conservadora.

Em síntese, o excerto enfatiza uma visão ideológica conservadora, enfatizando a relação entre o General Carmona e a figura de Salazar. Essa relação ressalta a importância do conservadorismo político e a busca por estabilidade e continuidade.

5.2.8.2 Texto Interregno

Tabela 33

30	O prestígio de Salazar não se deriva da sua obra financeira, tanto porque, sendo essa obra uma obra de especialidade, o público não tem competência, nem pretende ter competência, para a compreender, como porque o acolhimento calorosamente favorável, que essa obra teve, denotava já um prestígio anterior. O prestígio de Salazar nasceu vagamente da sugestão do seu prestígio universitário e particular, mas firmou-se junto do público, logo desde as suas primeiras frases como ministro, e as suas primeiras acções como administrador, por um fenómeno psíquico simples de compreender (PESSOA, s.d, p.1, arq.pess. texto 4156).	Liberalismo
----	--	--------------------

FONTE: elaboração própria

A passagem **30** permite identificar a presença de uma ideologia **liberal elitista**.

O trecho revela uma ênfase na importância do prestígio de Salazar, que não está relacionado à sua obra financeira, mas sim à sua imagem e reputação. O autor argumenta que o público em geral não possui a competência necessária para compreender a complexidade de sua obra financeira, o que reflete um traço do liberalismo, que valoriza o racionalismo e a meritocracia. No contexto desse trecho, o prestígio é atribuído a Salazar com base em seu conhecimento especializado, que o coloca em um patamar superior intelectualmente.

O trecho também menciona que o prestígio de Salazar se originou da sugestão de seu prestígio universitário e particular. Isso indica que seu reconhecimento se baseia em sua educação superior e em seu carácter único como indivíduo. Essa abordagem reflete o elitismo intelectual, que valoriza a expertise e a educação superior como critérios de prestígio e meritório.

Portanto, o trecho retrata uma visão liberalista elitista, na qual o reconhecimento e o prestígio são atribuídos a indivíduos com conhecimento especializado e habilidades superiores. Essa perspectiva enfatiza a importância da meritocracia e da competência individual na sociedade.

5.2.8.3 *Texto As qualidades mentais e morais necessárias para a conquista do poder político*

Tabela 34

31	O período entre 28 de Maio de 1926 e 27 de Abril de 1928 — a vinda de Salazar ao poder — é talvez dos períodos mais perigosos para a Nação que ela tem tido em sua longa vida. Não por este ou aquele elemento externo ou visível, mas pela surda confusão, pela permanência, sob forma diferente, da anarquia que o 28 de Maio viera para extinguir, sem saber como. O pior evitou-se logo de início, com a entrega ao general Carmona da chefia da Nação. O seu grande prestígio mantinha, ao menos, a seu lado a maior parte da Força Armada. Assim — e ainda assim com violentas interrupções, como o 7 de Fevereiro — se manteve a ordem na rua, por pouco que ela se mantivesse nos espíritos. (PESSOA, s.d, p.2, texto 4363).	<p>Nacionalismo</p> <p>Fascista</p>
----	---	---

FONTE: elaboração própria

A passagem **31** de Fernando Pessoa pode ser analisada sob as perspectivas ideológicas **nacionalista e fascista antianarquista**.

Primeiramente, do ponto de vista nacionalista, o trecho expressa uma preocupação profunda com a situação da Nação, destacando o período entre 28 de Maio de 1926 e 27 de Abril de 1928 como um dos mais perigosos em sua história. Isso reflete uma perspectiva nacionalista, que valoriza a identidade e a integridade da Nação como um todo. O autor demonstra preocupação não apenas com elementos externos visíveis, mas também com a "surda confusão" e a persistência da anarquia que o movimento de 28 de Maio pretendia eliminar.

Além disso, o trecho faz menção ao "general Carmona" e ao seu "grande prestígio" na liderança da Nação. A entrega da chefia da Nação a um líder militar, com destaque para seu prestígio, pode ser vista como uma medida nacionalista para manter a ordem e a estabilidade. O nacionalismo muitas vezes envolve a busca por líderes fortes que possam preservar a integridade da Nação.

Por outro lado, o trecho também apresenta traços de uma perspectiva antianarquista e, possivelmente, fascista. Ele menciona a anarquia que o movimento de 28 de Maio procurava extinguir, indicando uma aversão ao anarquismo. O antianarquismo é uma característica comum das ideologias fascistas, que buscam impor uma ordem rígida e hierárquica na sociedade, em oposição ao caos associado ao anarquismo. Embora o trecho não adote completamente o fascismo, ele sugere uma preferência por uma liderança forte, como a do general Carmona e de Salazar, para lidar com a anarquia.

Em resumo, a passagem 24 de Fernando Pessoa apresenta uma visão nacionalista, preocupada com a situação da Nação, mas também revela elementos antianarquistas e, possivelmente, fascistas, ao enfatizar a importância da ordem e da liderança forte na preservação da estabilidade nacional.

5.2.8.4 Texto *The very confused political situation in Spain*

Tabela 35

32	<p><i>The primary cause of the failure of the Spanish dictatorship lies outside any matter of politics or administration. It was, so to speak, a personal matter. The Spanish Dictatorship had no outstanding personality, no distinctive man. There was no Mussolini, as in Italy, no Salazar, as in Portugal now. Primo de Rivera was outstanding politically; he was not outstanding personally. It is the latter distinctiveness that is really important: Salazar is the man with the greatest prestige to-day in Portugal, he is the man who has held together, though a civilian, the Portuguese Military Government, yet he is not the Head of the State, nor even of the Government, being simply the Minister of Finance⁴³. (PESSOA, s.d, p.3, arq.pess. texto 1967).</i></p>	Fascista
----	--	----------

FONTE: elaboração própria

⁴³ A principal causa do fracasso da ditadura espanhola reside fora de qualquer questão de política ou administração. Foi, por assim dizer, uma questão pessoal. A Ditadura Espanhola não contou com uma personalidade marcante, um homem distinto. Não havia um Mussolini, como na Itália, nem um Salazar, como em Portugal atualmente. Primo de Rivera era destacado politicamente; no entanto, ele não se destacava pessoalmente. É essa distinção pessoal que é realmente importante: Salazar é o homem com maior prestígio nos dias de hoje em Portugal, é o homem que, embora civil, manteve unido o Governo Militar Português; no entanto, ele não é o Chefe de Estado, nem mesmo do Governo, sendo simplesmente o Ministro das Finanças.

O excerto **32** pode ser visto com um escrito com perspectiva ideológica **fascista**. Nesse contexto fascista é essencial a importância dada a um líder carismático e populista. O insucesso da ditadura na Espanha está fortemente conectada à falta desse personagem carismático com capacidade de liderar com firmeza o Estado.

A referência de personalidades como Mussolini (Itália) e Salazar (Portugal) mostra o importante papel desses líderes que desempenham as funções principais e essenciais no comando de suas respectivas ditaduras.

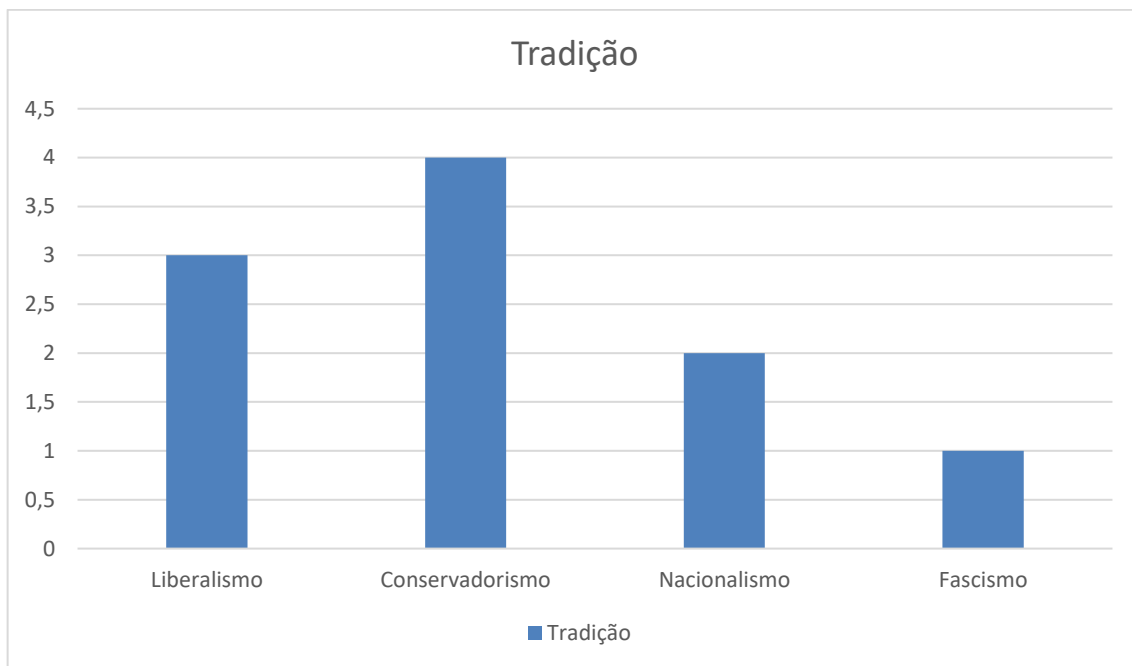
O realce na força como líder de Salazar (e Mussolini) traz uma idiossincrasia fascista, a qual o líder tem a veneração populacional em sua totalidade e sua presença é tida como basilar para a estabilidade e o triunfo do regime. Destarte, tais lideranças são idealizadas como a personificação mítica do Estado e da nação.

Finalizando, a análise da passagem, sob à perspectiva do fascismo, destaca a importância da presença de um líder forte, como Salazar, que foi fator definitivo para manutenção e êxito de um governo de cunho ditatorial em Portugal.

5.2.9 Tradição

Neste campo foram utilizados as palavras “tradição”, “tradições”, “tradicionalismo”, “tradicionalista” e “tradicional”.

Gráfico 10 - número de ocorrências levantadas dentro de cada ideologia preponderante. Total de ocorrências: 10



FONTE: elaboração própria

5.2.9.1 Texto O GRÉMIO DA CULTURA PORTUGUEZA assenta os seus intuítos nos seguintes fundamentos

Tabela 36

33	A missão imperial a que têm que obedecer as duas nações que formam o Império Português encontra-se estabelecida nas seguintes origens: (a) como memória e tradição, a fundação da civilização universal moderna pelo Infante D. Henrique, (b) como propósito e utopia, a criação, pelos Sebastianistas, da ideia de um Império Português, designado como o Quinto Império, e formado em bases diversas das de todos os impérios passados, (c) como tipo de acção, a concentração em uma unidade espiritual, a criar progressivamente, da tradição em que assenta a razão histórica do Quinto Império, e da esperança em que reside a razão religiosa d'ele. (PESSOA, s.d.,p.1, arq.pess. texto 1600).	<p style="text-align: center;">Fascismo</p> <p style="text-align: center;">Conservadorismo</p>
----	---	--

FONTE: elaboração própria

O trecho 33 analisado revela uma presença notável das ideologias **conservadora e fascista sebastianista**, essa última emergindo notadamente da ênfase no passado mítico.

A menção à "memória e tradição" como uma das origens da missão imperial do Império Português é um traço inegável das ideologias conservadoras. Estas correntes de pensamento valorizam a continuidade das práticas culturais e sociais, buscando ancorar o presente nas raízes do passado.

A referência ao Infante D. Henrique como o fundador da civilização universal moderna é um claro exemplo de conservadorismo, já que coloca o foco em uma figura histórica tradicionalmente reconhecida e reverenciada como um alicerce da cultura e identidade portuguesas.

Entretanto, para uma análise mais abrangente, é essencial reconhecer os traços fascistas presentes nesse contexto. O sebastianismo, com sua crença messiânica em um "Quinto Império" de Portugal, é uma característica intrínseca desse movimento. Os sebastianistas acreditavam na vinda de um rei perdido, Dom Sebastião, e na instauração de um Império Português renovado sob sua liderança. Essa crença no ressurgimento e na renovação de um império perdido se assemelha a elementos utópicos frequentemente associados a movimentos políticos com traços fascistas.

O trecho, ao unir elementos conservadores - enfatizando a tradição representada por D. Henrique - com a esperança de um Quinto Império, relacionada aos sebastianistas, cria uma narrativa que abraça tanto a herança histórica quanto a utopia de um Império renovado. Essa fusão de conservadorismo e sebastianismo reflete, em certa medida, os traços ideológicos presentes no contexto fascista, que muitas vezes recorrem ao passado mítico para fundamentar suas visões políticas.

Portanto, além das correntes conservadoras, o trecho aponta para uma conexão mais profunda com o fascismo, especialmente no que se refere à ênfase no passado mítico e à busca por uma renovação utópica do Império Português.

5.2.9.2 Texto PROBLEMA IBÉRICO [a]

Tabela 37

34	Fortemente aristocrática na sua constituição espiritual, ferrenhamente católica no seu habitus moral, absurdamente tradicionalista no conjunto	
----	---	--

	quotidiano dos seus usos e costumes, Castela apresenta-se como um elemento anteprejudicador de uma confederação, e como um elemento (e é isto que aqui importa) violador da nossa grande tradição árabe — de tolerância e de livre civilização (PESSOA, s.d., p.1, texto 1226).	Liberalismo
--	--	--------------------

FONTE: elaboração própria

O trecho **34** apresentado reflete uma ideologia **liberal**, apesar de usar a palavra "tradição" de maneira positiva ao conectá-la à "tolerância e civilização".

A ideologia liberal valoriza princípios como liberdade individual, tolerância, e civilização. No texto, a menção à "nossa grande tradição árabe — de tolerância e de livre civilização" destaca valores que estão alinhados com o pensamento liberal.

O liberalismo, em sua essência, defende a liberdade de pensamento, a tolerância religiosa e a promoção da civilização por meio do respeito aos direitos individuais. A referência à tradição árabe nesse contexto sugere uma visão liberal que enxerga positivamente a contribuição cultural árabe para a civilização.

Embora o texto mencione que Castela é "absurdamente tradicionalista" em seus costumes, essa afirmação não é feita de forma positiva. Pelo contrário, ela é usada para criticar Castela como um elemento que não se alinha com a tradição de "tolerância e livre civilização".

O anticonservadorismo se manifesta na crítica à natureza tradicionalista de Castela, sugerindo que essa tradição é prejudicial e contraproducente em relação à tradição árabe de tolerância e civilização.

O texto apresenta uma perspectiva liberal que valoriza princípios como a tolerância e a civilização, enquanto critica a tradicionalismo exagerado de Castela. Ele destaca uma visão que enaltece a tradição árabe como parte da herança cultural que contribuiu para a tolerância e a civilização, ao mesmo tempo em que questiona o tradicionalismo excessivo de Castela. Portanto, essa análise demonstra uma ideologia liberal anticonservadora no texto, apesar da referência à tradição de forma positiva quando associada à tolerância e civilização.

5.2.9.3 Texto Não é grande, nem absoluta nem relativamente, o número de revistas

Tabela 38

35	Implica tão-somente um estabelecimento de entendimento e de amizade, natural no caso de Portugal e de Espanha, que nenhum conflito de ambições hoje separa, que uma civilização tradicional comum aproxima, e que se encontram mais que nunca ante o problema, comum também, de defender, naquela larga extensão da América que por ambos foi civilizada e aberta à continuidade do progresso, a tradição civilizacional ibérica contra a incursão disruptiva de conceitos civilizacionais estranhos(PESSOA, s.d., texto 1248).	Conservadorismo
----	--	------------------------

FONTE: elaboração própria

A passagem **35** uma ideologia **conservadora imperialista**, que pode ser analisada da seguinte forma:

A ideia de "uma civilização tradicional comum" entre Portugal e Espanha sugere um apreço pela tradição e pela continuidade cultural. O conservadorismo valoriza a estabilidade, a autoridade e a manutenção das estruturas tradicionais. Por sua vez, a referência à "tradição civilizacional ibérica" reflete uma preocupação em preservar a herança cultural e histórica dessas nações. O conservadorismo frequentemente busca proteger e valorizar elementos tradicionais da cultura.

A menção à "larga extensão da América que por ambos foi civilizada e aberta à continuidade do progresso" indica um interesse na manutenção e expansão da influência dessas nações em territórios colonizados. Isso é característico do imperialismo, que envolve o controle e a expansão de impérios ou nações sobre outros territórios.

A ideia de "defender a tradição civilizacional ibérica contra a incursão disruptiva de conceitos civilizacionais estranhos" mostra uma preocupação imperialista em manter o controle cultural sobre esses territórios e proteger sua visão de civilização contra influências externas.

Assim, a passagem reflete uma ideologia conservadora imperialista, que valoriza a tradição cultural ibérica comum e busca preservá-la e expandi-la em territórios colonizados na América. Isso se alinha com a perspectiva conservadora de proteger a estabilidade e a continuidade cultural, ao mesmo tempo em que expressa

um desejo imperialista de manter e ampliar a influência dessas nações em outros lugares.

5.2.9.4 *Texto Até agora, na história da humanidade*

Tabela 39

36	Implica tão-somente um estabelecimento de entendimento e de amizade, natural no caso de Portugal e de Espanha, que nenhum conflito de ambições hoje separa, que uma civilização tradicional comum aproxima, e que se encontram mais que nunca ante o problema, comum também, de defender, naquela larga extensão da América que por ambos foi civilizada e aberta à continuidade do progresso, a tradição civilizacional ibérica contra a incursão disruptiva de conceitos civilizacionais estranhos. (PESSOA, s.d, p.1 arq.pess. texto 1248)	Conservadorismo Nacionalismo
----	---	---

FONTE: elaboração própria

A passagem **36** revela uma perspectiva que pode ser analisada à luz das ideologias **nacionalista e conservadora**.

Primeiramente, a noção de "estabelecimento de entendimento e de amizade" entre Portugal e Espanha representa um entendimento de cooperação e harmonia entre essas nações. Isso alinha-se com princípios nacionalistas que podem buscar a unidade e a cooperação entre Estados que compartilham tradições culturais e históricas semelhantes. O apelo à "civilização tradicional comum" destaca a relevância de manter e consolidar a herança cultural compartilhada entre essas nações, o que é um elemento do nacionalismo.

Ademais, a passagem destaca a ideia de que Portugal e Espanha não estão em conflito de ambições, o que é uma preocupação para o nacionalismo, que busca garantir a soberania e a independência de uma nação. A alusão à "defesa da tradição civilizacional ibérica" insinua um compromisso com a preservação das raízes culturais e históricas da Península Ibérica, o que está em sintonia com a perspectiva conservadora, que valoriza a continuidade das práticas culturais e sociais.

Por fim, a preocupação em proteger a "tradição civilizacional ibérica" contra a influência de "conceitos civilizacionais estranhos" ecoa a postura conservadora de resistência a mudanças abruptas ou à importação de ideias que possam ameaçar a

identidade e a cultura tradicional. Isso indica uma atitude de preservação e manutenção dos valores culturais e históricos existentes, alinhada com os princípios conservadores.

Portanto, a passagem pode ser interpretada à luz das ideologias nacionalista e conservadora, destacando a ênfase na cooperação entre nações, a preservação da herança cultural compartilhada e a resistência contra influências externas que possam ameaçar essa tradição.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fernando Pessoa, inquestionavelmente, figura como um dos autores mais enigmáticos do século XX, deixando uma marca profunda na literatura mundial. Sua complexidade como escritor se revela em diversos aspectos de sua vida e obra. Em vida, ele nos presenteou com uma produção literária polifônica, adotando a criação de heterônimos como uma das facetas mais intrigantes de sua escrita. Seu homônimo, juntamente aos heterônimos (mais de 150 conhecidos), como Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, encarnaram diferentes personalidades e visões de mundo, tornando a obra de Pessoa um verdadeiro mosaico de ideologias e perspectivas.

A sua obra póstuma, por sua vez, é uma caixa de Pandora literária que continua a surpreender os estudiosos até os dias de hoje. Um baú repleto com mais de 30 mil documentos foi encontrado na posteridade à sua morte, e dentre eles, ainda se encontram textos inéditos que permanecem à espera de uma análise mais aprofundada.

Assim sendo, análises e contribuições apresentadas neste trabalho, que incluem tanto sua obra em vida quanto os publicados após sua morte, proporcionam uma abordagem profunda e esclarecedora da complexa ambiguidade ideológica presente nas obras de Fernando Pessoa. A ambiguidade ideológica acontece quando uma palavra, expressão ou frase abrange múltiplas direções políticas, tornando difícil identificar claramente a ideologia específica a ela associada.

Ao longo desta pesquisa, foi possível realizar uma minuciosa análise, avaliação e compreensão das diversas perspectivas políticas expressas pelo autor em sua prosa e poesia, ressaltando a desafiadora tarefa de categorizar sua posição ideológica devido à multiplicidade de vozes literárias que ele incorpora.

Este estudo revelou que a ambiguidade ideológica em Pessoa não é mero acaso, mas sim uma característica intrínseca à sua obra e à sua persona literária. Através de suas múltiplas vozes, Pessoa explora temas sociais e políticos de maneira multifacetada e muitas vezes contraditória, desafiando qualquer tentativa de classificação definitiva. Esta indefinição inerente é enriquecedora, pois não apenas

reflete a complexidade da condição humana, mas também convida os leitores a refletirem sobre a diversidade de perspectivas que permeiam a sociedade.

A pesquisa contribui significativamente para o entendimento da riqueza da visão política de Fernando Pessoa, ao analisar com minúcia textos que abrangem campos semânticos específicos, tais como autoridade, colonialismo, democracia, ditadura, imperialismo, liberalismo, nacionalismo, salazarismo e tradição. Através da análise de sua retórica, torna-se possível uma compreensão mais profunda de como as ideologias políticas se manifestam em sua produção literária, evidenciando sua capacidade de adotar diferentes perspectivas.

Além disso, é importante ressaltar que este estudo difere de abordagens tradicionais, pois evita enquadrar Pessoa em uma única categoria ideológica, adotando, em vez disso, uma abordagem abrangente que reconhece a pluralidade e a indefinição ideológica que permeiam sua escrita. Isso nos permite apreciar a polifonia presente em sua obra e questionar as noções convencionais de categorização política.

Os resultados obtidos a partir da análise detalhada dos textos pessoanos relacionados aos termos previamente especificados revelaram uma notável ambiguidade ideológica presente na obra de Fernando Pessoa. Ao estudar de perto o uso variado desses termos em diferentes contextos, a pesquisa destaca a habilidade de Pessoa em criar um discurso literário que transcende as fronteiras ideológicas tradicionais, convidando os leitores a explorarem a diversidade de perspectivas políticas presentes em sua escrita.

Diante dos resultados desta pesquisa, fica claro que ainda há espaço para aprofundar e aprimorar a análise da ambiguidade ideológica nas obras de Fernando Pessoa. Uma investigação mais abrangente poderia incluir a ampliação do corpus de textos pessoanos a serem analisados, abrangendo uma gama mais ampla de obras e contextos históricos. Além disso, uma análise comparativa com outros escritores da mesma época ou que abordaram temas semelhantes poderia enriquecer ainda mais a compreensão das estratégias retóricas e das perspectivas ideológicas presentes na obra de Pessoa.

Outro caminho de melhoria seria considerar estudos interdisciplinares que explorem as influências filosóficas, culturais e históricas que moldaram as ideias de Pessoa. Isso ajudaria a contextualizar melhor as variações ideológicas em sua obra e a identificar conexões mais profundas entre sua produção literária e os acontecimentos políticos e sociais de sua época.

Em resumo, a pesquisa sobre a ambiguidade ideológica de Fernando Pessoa oferece uma compreensão mais profunda e enriquecedora de sua produção literária, desafiando a categorização simplista e convidando os leitores a explorarem as nuances e contradições que caracterizam sua visão de mundo. Este estudo contribui de maneira significativa para o entendimento do pensamento de Pessoa e sua relevância na literatura e na política.

REFERÊNCIAS

ACETI, Bruna; MACHADO, Natalia. Resenha - Joan Bybee. Language Change. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2016. Pdf.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1974. pdf.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ARENDT, Hanna. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013. epub.

ARISTÓTELES, Aristote. **Arte retórica e arte poética**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959. djvu.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pdf.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986. pdf.

BARRETO, José. **A publicação de O Interregno no contexto político de 1927-1928**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012. pdf.

BARRETO, José. **Fernando Pessoa sobre o fascismo, a ditadura portuguesa e Salazar**. Lisboa: Tinta da China, 2017.

BARRETO, José. A POESIA POLÍTICA DE FERNANDO PESSOA. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, [s. l.], v. 7, ed. 14, 2015. pdf.

BARRETO, José. Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923. **Pessoa Plural: revista de estudos pessoanos/journal of Fernando Pessoa studies**, Lisboa, ed. 2, p. 140-170, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/7480>. Acesso em: 19 out. 2022.

BARRETO, José. Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923. **Pessoa Plural: revista de estudos pessoanos/journal of Fernando Pessoa studies**, [s. l.], v. 2, 2012. pdf.

BARRETO, José. Fernando Pessoa e a invasão da Abissínia pela Itália fascista. **Análise Social**, [s. l.], v. 193, 2009. pdf.

BARRETO, José. Fernando Pessoa e a invasão da Abissínia pela Itália fascista. **Análise Social**, [s. l.], v. 193, 2009. pdf.

BARRETO, José. History of a Dictatorship: um ensaio político inacabado do jovem Fernando Pessoa. **Portuguese Literary & Cultural Studies**, Dartmouth, v. 28, p. 109-142, 2015. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/jspui/bitstream/10451/20021/3/ICS_JBArreto_History_Versao_OA.pdf. Acesso em: 21 set. 2022.

BARRETO, José. O fascismo e o salazarismo vistos por Fernando Pessoa. **Estudos italianos em Portugal**, Lisboa, n. 8, ed. Nova Série, 2013. pdf.

BARRETO, José. Os destinatários dos panfletos pessoanos de 1923. **Pessoa Plural: revista de estudos pessoanos/journal of Fernando Pessoa studies**, Lisboa, 2016. pdf.

BELL, D. IDEOLOGIES OF EMPIRE. In: FREEDEN, M.; SARGENT, L.; STEARS, M. (Eds.). **Political Ideologies**. Oxford: Oxford Press, 2013.epub.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Rio de Janeiro: L&PM, 2018. mobi.

BENTO MAFRA, José Maria. **Pode o Salazarismo ser considerado o equivalente português dos fascismos europeus surgidos no período de entre guerras?**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - Universidade Nova de Lisboa, [S. l.], 2018.

BERNARDINO, Maria Santos. **O CARTAZ CULTURAL EM PORTUGAL (1933-1960): CASOS DE ESTUDO: TEATRO, BAILADO E CINEMA**. 2019. Dissertação (Mestrado em Design e Publicidade) - Faculdade de Design e Comunicação, Universidade Europeia, [S. l.], 2019.

BERNARDO, João. **Labirintos do Fascismo**. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <https://archive.org/details/jb-ldf-nedoedr/BERNARDO%2C%20Jo%C3%A3o.%20Labirintos%20do%20fascismo.%202%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%2C%20aumentada/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo científico: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. **Educar**, Curitiba- UFPR, p. 153-165, 1996. pdf.

BOOTH, Wayne. **A rhetoric of irony**. Londres: Chicago Press, 1975. pdf.

BRAGANÇA, Gustavo. Mito e História ? Reflexões a Partir da Lenda de Dom Sebastião. **Philia&Filia**, [s. l.], v. 03, ed. 1, 2012. pdf.

BROWN, Keith. **Encyclopedia of Language and Linguistics**. Amsterdã: Elsevier, 2005. pdf.

BYBEE, Joan. **Language change**. Cambridge: Cambridge Press, 2015. epub.

CABRAL, Manuel Villaverde. A estética do nacionalismo: Modernismo literário e autoritarismo político em Portugal no início do século XX. **Novos Estudos**, [s. l.], v. 98, ed. II, 2014. pdf.

CAMOCARDI, Elêusis. **Fernando Pessoa MENSAGEM: HISTÓRIA. MITO. METÁFORA**. São Paulo: Arte & Ciência, 1996. pdf.

CAMPOS, Álvaro de. TABACARIA. *In: Arquivo Pessoa*. [S. l.], 1928. heterônimo de Fernando Pessoa. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/163>. Acesso em: 17 maio 2023.

CAMPOS, Álvaro de. Ultimatum. *In: Arquivo Pessoa*. [S. l.], 1917. Heterônimo de Fernando Pessoa. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/456>. Acesso em: 2 maio 2023.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. pdf.

CHESTERTON, Gilbert K. **Orthodoxy**. [S. l.]: Dollit Press, 1908. pdf.

CORREIA, Victor (org.). **Textos de rejeição para com as mulheres em Fernando Pessoa**. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: https://www.academia.edu/83139237/As_mulheres_em_Fernando_Pessoa. Acesso em: 19 jul. 2022.

CORREIA, Victor. **Fernando Pessoa: Obra Literária sobre Política**. Lisboa: Sinapsis, 2019. pdf.

COSTA, Jorge Campos da. A Teoria Inferencial das Implicaturas: descrição do modelo clássico de Grice. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 12-17, 12 jul. 2009.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Oxford, UK: Blackwell, 1985. pdf.

CUNHA, Maria Angélica. Resenha de BYBEE, Joan. 2010. Language, usage and cognition. **D.E.L.T.A**, UFRN, v. 29, ed. 1, p. 171-178, 2013. pdf.

D'ORSI, Angelo. **O fascismo, os intelectuais e a política cultural**. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/academico/publicacoes/anais/modernidade/pdfs/ANGELO_PORT.pdf. Acesso em: 23 maio 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Feliz. **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia**. 10. ed. atual. Minneapolis: University Minneapolis Press, 2005. epub.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Feliz. **A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia**. 3. ed. atual. New York: Continuum, 2004. epub.

DUCROT, Oswald. **Dizer e não dizer. Princípios de semântica linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977. pdf.

ENCONTROS DE OUTONO, 2003, Portugal. **Atas [...]**. [S. l.: s. n.], 2004. pdf. Tema: Fernando Pessoa, o Estado Novo e a Igreja Católica.

EVANS, Vyvyan. **The Crucible of Language: How Language and Mind Create Meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. pdf.

FAWCETT, Edmund. **Liberalism the life of an idea**. Princeton-NJ: Princeton University Press, 2014. epub.

FERNANDES, R. O mavorcismo infodémico anti-imigração nos Estados Unidos da América. **ICPOL**, 2022.

FERREIRA, Maria Cristina. **Resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambigüidade ao equívoco**. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) - Unicamp, [S. l.], 1994.

FREEDEN, Michael. **Ideology studies: New Advances and Interpretations**. New York: Routledge, 2021. pdf.

FREEDEN, Michael. **Ideology a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2003. pdf.

FREEDEN, Michael; SARGENT, Lyman Tower; STEARS, Marc (org.). **The oxford handbook of political ideologies**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2013.

FREEDEN, Michael; TALSHIR, Gayil; HUMPREY, Mathew. **Taking Ideology Seriously**. New York: Routledge, 2006. epub.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. pdf.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994. pdf.

GRAMSCI, Antonio. **Selections from Prison Notebooks**. [S. l.: s. n.], 1971. epub.

GRICE, Paul. **Studies in the way of words**. New York: Harvard Press, 1989. djvu.

HEYWOOD, Andrew. **Political ideologies an introduction**. Londres: Palgrave MacMillan, 2017. epub.

HEYWOOD, Andrew. **Political ideologies**. Londres: Bloomsbury, 2022. mobi.

II CONGRESSO INTERNACIONAL FERNANDO PESSOA, 2010, Lisboa. **Fernando Pessoa e António Ferro: do espírito do Orpheu à ?Política do Espírito? [...]**. [S. l.: s. n.], 2010. pdf.

KEMPSON, R. M.; INTERNET ARCHIVE. **Semantic theory**. [s.l.] Cambridge ; New York : Cambridge University Press, 1977.

KINNA, Ruth. **Anarchism**. Oxford, UK: One World, 2005. epub.

LACAN, Jacques. **The First Complete Edition in English**. Tradução: Bruce Fink. New York: W.W.Norton, 2006. djvu.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. 2. ed. atual. Chicago: Chicago Press, 2003. epub.

LE BON, Gustave. **Psicologia das Massas**. Niterói: E. L. de Teodoro Editor, 2018. epub.

LIPPMAN, Walter. **Public Opinion**. New York: Start Publishing LLC, 2015. epub.

LOCKE, John. **Segundo Tratado sobre o Governo Civil e outros escritos**. Petrópolis: Vozes, 2001. pdf.

LOPES, Hugo Ferrinho. Salazarismo: Autoritarismo ou Fascismo? A União Nacional em perspectiva organizacional e comparativa. **Observatório Político**, [s. l.], 2017. Disponível em: http://www.observatoriolpolitico.pt/wp-content/uploads/2017/11/WP_76_HL.pdf. Acesso em: 11 nov. 2022.

LYONS, John. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. pdf.

MARQUES, Luciana Moraes. **Análise Discursiva da Metáfora: revisitando o estruturalismo saussuriano**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, [S. l.], 2008. pdf.

MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. A METÁFORA EM TRÊS NÍVEIS: A ESTRUTURAÇÃO DE RICOEUR. *In*: MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. **Análise Discursiva da Metáfora: revisitando o estruturalismo saussuriano**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo, [S. l.], 2008.

MARQUES, Luciana Moraes Barcelos; ABRAHÃO, Virgínia Beatriz Baesse. A metáfora e a produção de sentido. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, UFES- ES, v. 2, ed. 2, p. 123-141, 1 mar. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5212>. Acesso em: 6 maio 2023.

MARTINS, Fernando Cabral. **Dicionário Fernando Pessoa e do modernismo português**. São Paulo: Leya, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Collected Works**. Moscou: Progress Publishers, 1987. v. 25. pdf.

MEDEIROS, Nuno. O SPN e o SNI na encruzilhada do livro: António Ferro e o campo oficial da edição no Estado Novo. **Projetos editoriais e propaganda**, [s. l.], p. 41-51, 2010. Disponível em: https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/13500/1/O%20SPN%20e%20o%20SNI%20na%20encruzilhada%20do%20livro_Ant%C3%B3nio%20Ferro%20e%20o%20campo%20oficial%20da%20edi%C3%A7%C3%A3o%20no%20Estado%20Novo.pdf. Acesso em: 4 mar. 2023.

MILL, John Stuart. **On Liberty**. Hazleton: Pennsylvania State University, 1998. pdf.

MINAYO, M. C. S (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001. pdf.

MOURA, Heronides. Indeterminação na língua e na poesia. **Revista da ANPOLL**, [s. l.], v. 5, p. 107-120, 1998. pdf.

MOURA, Heronides. **Vamos pensar em metáforas?** São Leopoldo: Unisinos, 2019

MULLER, Jerry Z. (ed.). **Conservatism: an anthology of social and political thought from David Hume to the present**. Princeton-NJ: Princeton University Press, 1997. ebook.

Origem da expressão ARTES MARCIAIS - Etimologia. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/artes-marciais/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

OSTROWSKI, Marius. **Ideology: key concepts**. Londres: Polity, 2022.epub.

O'SULLIVAN, Noel. **Conservatism**. Londres: St. Martin Press, 1976. pdf.

PASSMORE, Kevin. **Fascism: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2002. epub.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. pdf.
PERNA, Cristina Lopes. Ironia e interdiscurso. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, ed. 1, 2005. pdf.

PESSOA, Fernando. **As Algemas**. [S. l.], 26 fev. 1929. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/101>. Acesso em: 13 dez. 2022.

PESSOA, Fernando. **A democracia**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3597>. Acesso em: 9 jan. 2023.

PESSOA, Fernando. **A lucidez, a sobriedade, a concisão não são postulados**. [S. l.], 2017. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/877>. Acesso em: 8 set. 2023.

PESSOA, Fernando. **A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico**. [S. l.], 1912. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3101>. Acesso em: 9 jan. 2023.

PESSOA, Fernando. **A Opinião Pública [a]**. [S. l.], 19 maio 1919. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2908>. Acesso em: 5 set. 2023.

PESSOA, Fernando. **A opinião pública [b]**. [S. l.], 1919. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2900>. Acesso em: 20 fev. 2023.

PESSOA, Fernando. **A situação presente, a chamada República Nova, contrapondo-se**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2126>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PESSOA, Fernando. **A tese foi posta em tempos, como uma verdade suprema**. [S. l.], 1918. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/874>. Acesso em: 5 set. 2023.

PESSOA, Fernando. **António de Oliveira Salazar**. [S. l.], [193-]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4357>. Acesso em: 7 mar. 2023.

PESSOA, Fernando. **Associações secretas**. [S. l.], 1935. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4165>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PESSOA, Fernando. **Aviso por causa da moral**. [S. l.], 1923. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/660>. Acesso em: 28 mar. 2023.

PESSOA, Fernando. **A única realidade social é o indivíduo**. [S. l.], 1915. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1767>. Acesso em: 22 ago. 2023.

PESSOA, Fernando. **Autopsicografia**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4234>. Acesso em: 11 jan. 2023

PESSOA, Fernando. **As qualidades mentais e morais necessárias para a conquista do poder político**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4363>. Acesso em: 28 ago. 2023.

PESSOA, Fernando. **Ao contrário do catolicismo, o comunismo não tem uma doutrina**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1706>. Acesso em: 16 jan. 2023.

PESSOA, Fernando. **Considerações pós-revolucionárias**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1003>. Acesso em: 11 jul. 2023.

PESSOA, Fernando. **Demonstrado, assim, que a Democracia moderna é radicalmente anti-social**. [S. l.], 1919. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/744>. Acesso em: 14 fev. 2023.

PESSOA, Fernando. **Escritos sobre política e sociedade**. [S. l.: s. n.], 2015. kindle.

PESSOA, Fernando. **Explicação de um livro**. [S. l.], 1935. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/612>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PESSOA, Fernando. **Há três imperialismos: de domínio, de expansão e de cultura**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1007>. Acesso em: 28 ago. 2023

PESSOA, Fernando. **Interregno**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4156>. Acesso em: 28 ago. 2023.

PESSOA, Fernando. **Não é grande, nem absoluta nem relativamente, o número de revistas**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1248>. Acesso em: 16 ago. 2023.

PESSOA, Fernando. **Nevoeiro**. [S. l.], 10 dez. 1928. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2293>. Acesso em: 17 jan. 2023.

PESSOA, Fernando. **O Grémio da Cultura Portuguesa assenta os seus intuitos...** [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1600>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PESSOA, Fernando. **O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal**. [S. l.], 1928. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4343>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PESSOA, Fernando. **O preconceito tradicionalista**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/661>. Acesso em: 17 ago. 2023.

PESSOA, Fernando. **Ode Triunfal**. [S. l.], 14 jun. 1914. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2459>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PESSOA, Fernando. **Portugal, vasto império ? Um inquérito nacional**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/982>. Acesso em: 14 dez. 2022.

PESSOA, Fernando. **Problema ibérico [a]**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1226>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PESSOA, Fernando. **Sim, é o Estado Novo**. [S. l.], [1935]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4352>. Acesso em: 16 jan. 2023.

PESSOA, Fernando. **Sim, sou situacionista. Mas vamos lá a uma coisa**. [S. l.], 1928. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4036>. Acesso em: 14 ago. 2023.

PESSOA, Fernando. **Sucede que tenho precisamente aquelas qualidades...** [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2064>. Acesso em: 8 mar. 2023.

PESSOA, Fernando. **Ulisses**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1274>. Acesso em: 14 fev. 2023.

PESSOA, Fernando. **[Carta a João Gaspar Simões - 11 Dez. 1931]**. [S. l.], 11 dez. 1931. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2987>. Acesso em: 11 maio 2023.

PESSOA, Fernando. **[Correntes Literárias]**. [S. l.], 1916. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4065>. Acesso em: 27 ago. 2023.

PESSOA, Fernando; CAMPOS, Álvaro de. **Ultimatum**. [S. l.], 1917. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/461>. Acesso em: 19 jul. 2023.

PESSOA, Fernando; MORA, Antonio. **Os princípios pagãos do governo social são**. [S. l.], [19--]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/726>. Acesso em: 20 jun. 2023.

PESSOA, Fernando; SOARES, Bernardo. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Montecristo, 2012. epub.

PINKAL, Manfred. **Logic and lexicon :The Semantics of the Indefinite**. Hamburgo: Springer, 1995. pdf.

PINTO, A. C. **Salazar e o Estado Novo**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. pdf.

PIZARRO, Jeronimo. Orpheu, uma revista-manifesto. **Desassossego**, [s. l.], 2015. pdf.

QUINE, Willard. **Theories and things**. Cambridge-MA: Harvard Press, 1981. pdf.

QUINE, Willard. **Word and Object**. Cambridge-MA: MIT Press, 2013. pdf.

RAMOS, Rui (coord.). **História de Portugal**. São Paulo: Esfera dos Livros, 2014. epub.

REHFELD, Gladys Knak. **Polissemia e campos semânticos**. Porto Alegre: UFRGS, 1980.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2000. pdf.

ROSSA, Leticia Pires. **Indeterminação semântica: ambigüidade, vagueza e polissemia na teoria da relevância**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2001. pdf.

SALAZAR, Antonio de Oliveira. **Discursos e Notas Políticas**: de 1928 a 1966. Coimbra: Editora Coimbra, 1967. pdf.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica: Durkheim, Weber e Marx**. Itajaí: [s. n.], 2001. pdf.

SCRUTON, Roger. **Conservadorismo**: um convite à grande tradição. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019. epub.

SCRUTON, Roger. **The Meaning of Conservatism**. Londres: Palgrave MacMillan, 2001. pdf.

SCRUTON, Roger. **The Palgrave Macmillan Dictionary of Political Thought**. New York: Palgrave MacMillan, 2007. pdf.

SEPÚLVIDA, Pedro.; URIBE, Jorge. Sebastianismo e Quinto Império: o nacionalismo pessoano à luz de um novo corpus. **Pessoa Plural**, 2012.pdf.

SILVA, Beatriz Felipa Costa. a mensagem: uma representação utópica de Portugal. **E-Revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP**, Porto, v. 1, ed. 9, 2021.

Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/e-rei/article/view/4185>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SILVA, Renata. Linguagem e ideologia: embates teóricos. **Linguagem em (Dis)curso ? LemD**, [s. l.], v. 9, ed. 1, 2009. pdf.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVEZ, Laís Hilário. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS. **Cadernos da Fucamp**, [s. l.], v. 20, ed. 43, p. 64-83, 2021. pdf.

SOUSA, Jorge Paz. **O Estado Novo de Salazar como um fascismo catedrático fundamentação histórica de uma categoria política**. [S. l.], 2013. Disponível em: http://www.intellectus.uerj.br/Textos/Ano12n2/artigo_jorge_pais.pdf. Acesso em: 13 out. 2022.

SOUZA, Felipe Bellini; MORAES, Ana Lucia Barbosa. Análise da poética de Camões: o amor é fogo que arde sem se ver. **Revista de Casos e Consultoria**, [s. l.], v. 1, ed. 1, 2010. pdf.

TENDAHL, Markus. **A Hybrid Theory of Metaphor: Relevance Theory and Cognitive Linguistics**. Londres: Palgrave McMillan, 2009. pdf.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. A pena conservadora de Fernando Pessoa: breve incursão nos caminhos autoritários que levam Portugal ao seu Destino. **Pensata**, Unifesp, 2017. pdf.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **Democracia na América**. São Paulo: Edipro, 2019. epub.

WALES, Katie. **A Dictionary of Stylistics**. 3. ed. New York: Routledge, 2011.pdf.

WILLIAM Godwin. [S. l.], [17--]. Disponível em: <https://www.anarquista.net/william-godwin/>. Acesso em: 17 maio 2023.

WRIGHT, Tony. **Socialisms old and new**. New York: Routledge, 1996. epub.

ÖZKIRIMLI, Umut. **Theories of Nationalism: A Critical Introduction**. Londres: Palgrave McMillan, 2010. epub.

ANEXOS

ANEXO 1: DISCURSO COMPLETO DE SALAZAR NA PREMIAÇÃO ANTERO DE QUENTAL EM 1934:

Meus Senhores: Inauguramos neste acto os serviços do Secretariado da Propaganda Nacional. Como tantas vezes acontece com iniciativas de todo o género, uma vez criada a instituição, logo deixaram de julgá-la útil alguns dos que durante muito tempo proclamaram a sua necessidade, e falaram em desperdício outros que justamente pensavam não deverem ser feitas restrições nos seus recursos. E nós, os que pensamos maduramente as coisas e as realizamos com pertinácia, os que temos ideias, convicções, propósitos mais firmes que as folhas que os ventos do Outono volteiam no ar, que ideia fazemos do Secretariado? Por mim aproveito a oportunidade de dizer singelamente o que me ia na alma ao criar o novo serviço e ao entregá-lo aos seus actuais directores. Em primeiro lugar: o Secretariado denomina-se da propaganda nacional. Quem penetrar bem o seu significado, entenderá que não se trata duma repartição de elogio governativo, que não se trata de elevar artificialmente a estatura dos homens que ocupam as posições dominantes do Estado; compreenderá que o Secretariado não é um instrumento do Governo, mas um instrumento de governo no mais alto significado que a expressão pode ter. Não se vai certamente evitar, com mal entendido pudor, toda a referência pessoal elogiosa, toda a homenagem prestada aos que se afirmam pelo trabalho, pela dedicação, pelo desinteresse com que servem a causa pública. Mas não é esse objectivo que directamente prossegue o Secretariado da Propaganda Nacional. A que se destina então?

Vamos abstrair de serviços idênticos noutros países, dos exaltados nacionalismos que os dominam, dos teatrais efeitos a tirar no tablado internacional. Tratemos do nosso caso comezinho.

Politicamente só existe o que o público sabe que existe: a ignorância das realidades, dos serviços, dos melhoramentos existentes é causa de descontentamento, de frieza nas almas, de falta de orgulho patriótico, de não haver confiança, alegria de viver. O facto tem interesse político, porque o tem no terreno da coesão, da vitalidade nacional. Este homem vê arruinado o quilómetro de estrada que passa pela aldeia; aquele que uma vez viajou chegou com atraso de minutos à estação de destino; aquele outro soube duma criança que foi encontrada morta. O espírito de precipitada generalização levará os três observadores a decretar que as nossas estradas estão intransitáveis, os comboios não têm horários, não há no País assistência infantil.

Aquela gleba além não anda cultivada por ausência, por morte do proprietário - aventa-se que está inculta grande parte do País; é nua ainda, lavada dos temporais, a serra fronteira - e logo parece que nos últimos anos se não tem plantado uma árvore nem semeado um pinhal; fechou a escola por falta de alunos - sinal evidente de que nada se fez pela instrução. É muito difícil ver o mundo da janela do nosso quarto.

Se há uma nação, esta é uma realidade muito mais lata que a nossa casa, a nossa rua, a nossa terra, a nossa estrada, a nossa escola. Mas é preciso que alguém tenha a preocupação constante de contrapor ao facto singular a universalidade dos factos, ao caso pessoal e local o caso nacional, de corrigir a ideia que cada um involuntariamente forme das realidades nacionais, filosofando à soleira da porta, com o que todos devem conhecer dos mesmos factos no conjunto da vida da Nação. Os homens, os grupos, as classes vêem, observam as coisas, estudam os acontecimentos à luz do seu interesse. Só uma entidade, por dever e posição, tudo tem de ver à luz do interesse de todos. Ela deve ter para legítima e necessária correcção dos aspectos deformados ou incompletos das coisas os mesmos meios de que usam os particulares. Creio que este direito não será negado por ninguém.

No campo internacional acontece o mesmo com resultados que não são melhores. Todos protestam contra a injustiça com que - hoje menos que outrora, mas ainda bastas vezes - se referem a Portugal jornalistas, escritores e políticos estrangeiros. Não creio na má fé da generalidade; creio na ignorância acerca das nossas coisas proveniente das más informações que aqui mesmo lhes dão - vergonha de portugueses! - e de não haver acessíveis boas colectâneas de tudo o que mais interessa à vida da Nação, à sua história, aos seus monumentos, à sua actividade presente nos domínios do ensino, da ciência, da literatura, da arte, da economia, da finança e da política. Estão abertas, de par em par, as

fronteiras e a nossa vida pública; é além disso sempre obsequiosa a hospitalidade portuguesa, mas muitos dos que falam e escrevem sobre Portugal não visitaram nunca o País: deve haver ao dispor de uns e outros elementos bastantes para que inconscientemente não deturpem a verdade e se não dê o caso de até a doce amabilidade com que os recebemos aparecer nos seus escritos como prova de inferioridade moral.

Grande missão tem sobre si o Secretariado, ainda que só lhe toque o que é nacional, porque tudo o que é nacional lhe há-de interessar. Elevar o espírito da gente portuguesa no conhecimento do que realmente é e vale, como grupo étnico, como meio cultural, como força de produção, como capacidade civilizadora, como unidade independente no concerto das nações; clamar, gritar incessantemente o que é contra o que se diz ser, repor constantemente as coisas no terreno nacional, referi-las sempre à Nação, que nós tomamos como a primeira realidade da nossa organização política e social, é necessidade inadiável que devia ser satisfeita, que há-de sê-lo com a colaboração dos maiores valores portugueses dispostos a trabalhar nesta cruzada, e com alegria, com sentimento, com alma. Não só com estes predicados: também com verdade e com justiça.

Nem a Nação nem o Governo têm necessidade de que alguém minta a seu favor, nem pode o Secretariado ser injusto para ninguém. Começaria por faltar à sua índole educativa se houvesse de falsear, de colorir, de disfarçar a verdade. Ele tem de acreditar-se precisamente pelo seu escrúpulo em servir sempre a realidade, para que esta possa ser cada vez mais elevada e mais digna das nossas ambições. Ele deve cingir-se estritamente aos factos e utilizar de preferência a imagem e o número como as expressões mais frisantes, mais eloquentes dos factos da vida pública. Vão os tempos pouco propícios à meditação, ao estudo ponderado, à concentração dos espíritos. Na rapidez com que a vida voa e para não exigir vagares ao tempo já tomado pelas preocupações de todos é preciso fazer de modo que mesmo o olhar distraído possa apreender os factos e os ouvidos desatentos ouçam a verdade que se lhes pretende transmitir.

É preciso ser verdadeiro. E é preciso ser justo; direi que não é mesmo possível ser fiel à verdade sem servir a justiça. A Nação Portuguesa não é de ontem; estamos a reconstruí-la, mas não a edificá-la. Nos altos e baixos da sua história há muito esforço, muita inteligência, muita bravura, muito sacrifício. Aos que carregam para a obra a sua pedra, por vezes até não aproveitada ou inútil, tem de poupar-se a intenção generosa e o trabalho despendido. Quem se coloca no terreno nacional não tem partidos, nem grupos, nem escolas: aproveita materiais conforme a sua utilidade para reconstruir o País; tem a grande, a única preocupação de que sirvam e se integrem no plano nacional. Aos que se obstinam em não servir a Nação; aos que pensam que cada qual pode servi-la e a serve realmente trabalhando como quer; aos que vão mais longe e crêem não dever servir a Pátria para servir teóricamente a Humanidade, é preciso também a esses fazer justiça - ao seu valor, ao seu carácter, à sua honorabilidade, mas é preciso combater sem tréguas, ainda pelo interesse nacional, o gravíssimo erro da sua posição antinacional. Todo o homem que combate deve ter sempre presente ao espírito, para se não extraviar, nem diminuir, que só vence bem quem vence com honra, quer dizer: com verdade e com justiça.

Faz-se mister usá-las para as poder exigir a todos, custe o que custar. A batalha que o Secretariado vai travar contra o erro, a mentira, a calúnia ou a simples ignorância, de dentro ou de fora, há-de ser travada à sombra desta bandeira Meus Senhores: - Eu queria ser bastante claro nas palavras que pronunciasse na inauguração deste serviço, e desgostar-me-ia que persistisse no espírito de alguém qualquer pequena dúvida acerca do campo de acção do Secretariado, das suas directrizes, do espírito do seu trabalho: porque da fidelidade com que há-de subordinar-se aos princípios postos ninguém duvidará.

Aos que tiveram a gentileza de aqui vir peço apenas que se esforcem por facilitar a missão do Secretariado da Propaganda Nacional, nem que não seja senão tornando-o desnecessário... para si próprio."

Segunda-feira 25 de Setembro de 1933

I Série — Número 218



DIÁRIO DO GOVERNO

PREÇO DESTA NÚMERO — \$60

Toda a correspondência, quer oficial, quer relativa a anúncios e à administração do Diário do Governo, deve ser dirigida à Direcção Geral da Imprensa Nacional. As publicações literárias de que se recebem 2 exemplares abonam-se gratuitamente.

ABONAMENTOS	
As 3 séries	Ano 240\$
A 1.ª série	80\$
A 2.ª série	80\$
A 3.ª série	80\$

Avulsos: Número de duas páginas \$50;
de mais de duas páginas \$30 por cada duas páginas

O preço dos anúncios (pagamento adiantado) é de \$250 a linha, accrescido do respectivo imposto do selo. Os anúncios a que se referem os §§ 1.º e 2.º do artigo 2.º do decreto n.º 12-111, de 24-III-1934, têm 40 por cento do abatimento.

SUMÁRIO

- Presidência do Conselho:**
- Decreto-lei n.º 23:054** — Cria junto da Presidência do Conselho o Secretariado da Propaganda Nacional.
- Ministério das Finanças:**
- Decreto n.º 23:055** — Insere no actual orçamento as verbas necessárias para execução do decreto-lei n.º 23:054.
- Portaria n.º 7:681** — Autoriza o Banco Espírito Santo, com sede em Lisboa, a modificar parcialmente os seus estatutos.
- Ministério da Marinha:**
- Decreto-lei n.º 23:056** — Autoriza o Ministério da Marinha a inserir no seu orçamento para 1934-35 a quantia de \$14.100\$97 para pagamento do encargo contratado com a casa Maschinenfabrik Augsburg-Nürnberg. A. G. Weck-(M. A. N.).

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

Decreto-lei n.º 23:054

Considerando que todos os países novos ou renascentes têm sentido a necessidade de organizar e centralizar a propaganda interna e externa da sua actividade;

Considerando que os serviços dessa propaganda, nos estados modernos, são tão necessários e fundamentais que por vezes se chega com eles a formar um Ministério que lhes seja exclusivamente dedicado;

Considerando que Portugal é o único país que não tinha resolvido ainda esse problema, deixando entregues as diversas manifestações da nossa actividade ao sabor das paixões nacionais e internacionais;

Considerando que urge, para complemento da indiscutível obra de ressurgimento já realizada, integrar os portugueses no pensamento moral que deve dirigir a Nação;

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º É criado junto da Presidência do Conselho o Secretariado da Propaganda Nacional.

Art. 2.º Ao Secretariado incumbe a direcção e superintendência da Propaganda Nacional interna e externa, competindo-lhe, como órgão central dos serviços de propaganda, coordenar toda a informação relativa à acção dos diferentes Ministérios, de modo que, pela sua organização sistemática e oportuna difusão, possa eviden-

ciar-se, no País e no estrangeiro, o espírito de unidade que preside à obra realizada e a realizar pelo Estado Português.

Art. 3.º O Secretariado dividir-se-á em duas secções: interna e externa.

Art. 4.º Compete essencialmente à secção interna:

- Regular as relações da imprensa com os poderes do Estado;
- Fomentar a edição de publicações que se destinem a fazer conhecer a actividade do Estado e da Nação Portuguesa;
- Organizar um serviço de informação da acção desenvolvida pelos diferentes serviços públicos na parte que interesse à Propaganda Nacional;
- Servir permanentemente como elemento auxiliar de informação dos respectivos Ministérios;
- Organizar manifestações nacionais e festas públicas com intuito educativo ou de propaganda;
- Combater por todos os meios ao seu alcance a penetração no nosso País de quaisquer ideias perturbadoras e dissolventes da unidade e interesse nacional;
- Estimular, na zona da sua influência, a solução de todos os problemas referentes à vida do espírito, colaborando com os artistas e escritores portugueses e podendo estabelecer prémios que se destinem ao desenvolvimento de uma arte e de uma literatura acentuadamente nacionais;

A) Utilizar a rádio-difusão, o cinema e o teatro como meios indispensáveis à sua acção.

Art. 5.º Compete essencialmente à secção externa:

- Colaborar com todos os organismos portugueses de propaganda existentes no estrangeiro;
- Superintender em todos os serviços oficiais de imprensa que actuem fora do País;
- Promover a realização de conferências em vários centros mundiais por individualidades portuguesas e estrangeiras; fortalecer o intercâmbio com os jornalistas e escritores de grande nomeada; elucidar a opinião internacional sobre a nossa acção civilizadora e de modo especial sobre a acção exercida nas colónias e o progresso do nosso Império Ultramarino; promover a expansão, nos grandes centros, de todas as manifestações da arte e da literatura nacionais.

Art. 6.º Todas as repartições e serviços do Estado, corpos e corporações administrativas são obrigados a prestar as informações que o Secretariado da Propaganda Nacional lhes pedir para o bom desempenho das suas funções; a enviar-lhe todas as suas publicações oficiais ou officiosas; a facultar-lhe todos os meios necessários indispensáveis à realização dos fins estabelecidos pelo presente decreto-lei.

Art. 7.º Os funcionários do Secretariado da Propaganda Nacional, a quem para tal efeito sejam conferidos poderes especiais, têm livre entrada em todos os espectáculos e em quaisquer reuniões públicas que dependam de autorização administrativa.

Art. 8.º O pessoal do Secretariado da Propaganda Nacional é o seguinte:

- 1 director;
- 1 chefe dos serviços internos;
- 1 chefe dos serviços externos;
- 1 arquivista;
- 2 redactores;
- 1 dactilógrafa;
- 1 contínuo.

§ 1.º Além do pessoal a que se refere este artigo o director poderá admitir ao serviço o pessoal auxiliar que julgar necessário dentro dos limites da verba orçamentada.

§ 2.º Um dos chefes de serviços desempenhará, por designação do director, o cargo de sub-director.

Art. 9.º Os lugares de director e chefes de serviços serão de livre escolha do Presidente do Conselho e providos por contrato.

§ único. O restante pessoal será contratado pelo director do Secretariado da Propaganda Nacional.

Art. 10.º Os vencimentos do pessoal do quadro do Secretariado da Propaganda Nacional são os que constam do mapa anexo a este decreto e que dele faz parte integrante.

§ 1.º O director do Secretariado terá direito a uma verba para despesas de representação, que será fixada no respectivo contrato.

§ 2.º Ao chefe de serviços que desempenhar as funções de sub-director será abonada a gratificação mensal de 3006.

Art. 11.º O director do Secretariado da Propaganda Nacional, independentemente da acção interna e externa que lhe é atribuída, poderá ser incumbido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de qualquer missão de propaganda, sem prejuízo das atribuições cometidas aos chefes das missões diplomáticas.

§ único. O director do Secretariado da Propaganda Nacional, quando o Ministério dos Negócios Estrangeiros o julgar conveniente, poderá acompanhar as delegações portuguesas às conferências internacionais, competindo-lhe nesse caso dirigir e organizar a respectiva propaganda.

Art. 12.º O director do Secretariado da Propaganda Nacional, quando exercer as suas funções no estrangeiro, terá direito, além dos seus vencimentos, às despesas de viagem e à ajuda de custo que lhe for fixada e gozará das facilidades diplomáticas que são dadas em viagem aos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

§ único. Quando o serviço no estrangeiro for desempenhado nos termos do artigo 11.º e seu parágrafo, a ajuda de custo será fixada pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros como para os funcionários do seu Ministério e paga por este.

Art. 13.º No orçamento do Ministério das Finanças serão inscritas as verbas necessárias ao Secretariado da Propaganda Nacional, efectuando-se no orçamento decretado para o ano económico de 1933-1934, por simples decreto referendado pelo Ministro das Finanças, com dispensa da aprovação da proposta a que se refere a 1.ª parte do corpo do artigo 36.º do decreto n.º 18381, de 24 de Maio de 1930, a inserção dessas verbas, a anulação dos saldos disponíveis das dotações pertencentes aos serviços que passem para o mencionado Secretariado e a redução de quaisquer outras dotações.

Art. 14.º O Secretariado da Propaganda Nacional requisitará à 2.ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Pública, por meio de folhas assinadas pelo respectivo director ou, nas suas faltas ou impedimentos,

pelo sub-director, e visadas pelo Presidente do Conselho, as importâncias de que carecer em conta das verbas que no orçamento lhe estiverem consignadas, as quais serão autorizadas pela mesma Repartição sem dependência de duodécimo e de quaisquer outras formalidades além da do visto do Tribunal de Contas, e sua publicação no *Diário do Governo*, nos diplomas de nomeação do pessoal mencionado no corpo do artigo 8.º deste decreto.

§ único. O mesmo Secretariado enviará à citada Repartição da Contabilidade Pública, até ao dia 20 de cada mês e em referência ao mês anterior, uma relação tam discriminadamente quanto possível das despesas efectuadas, justificando-as sempre que possa com a junção dos documentos comprovativos. Esta relação será submetida pela Contabilidade Pública ao visto do Ministro das Finanças, constituindo depois documento legal da aplicação das quantias entregues ao Secretariado.

Art. 15.º Pela Presidência do Conselho serão publicadas as disposições regulamentares necessárias para a execução deste decreto lei. As normas internas de serviço constarão de instruções propostas pelo director e aprovadas pelo Presidente do Conselho.

Art. 16.º As disposições do presente decreto, com excepção da que se refere às alterações a efectuar no orçamento de 1933-1934, entram em vigor no dia 1 de Outubro de 1933, podendo porém, anteriormente a essa data, proceder-se à nomeação e contrato do pessoal de que trata o artigo 8.º

Publique-se e cumpra-se como nelle se contém.

Paços do Governo da República, 25 de Setembro de 1933.—ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA—António de Oliveira Salazar—António Raúl da Mata Gomes Pereira—Manuel Rodrigues Júnior—Luís Alberto de Oliveira—Aníbal de Mesquita Guimarães—José Castro da Mata—Duarte Pacheco—Armando Rodrigues Monteiro—Alexandre Alberto de Sousa Pinto—Sebastião Garcia Ramires—Leovigildo Queimado Franco de Sousa.

Tabela

Quadro do pessoal e seus vencimentos mensais

1 director	3.000600
2 chefes de serviço	1.500600
1 arquivista	1.200600
2 redactores	1.200600
1 dactilógrafa	565650
1 contínuo	512600

Gratificação ao chefe de serviços que desempenhar as funções de sub-director, 3006.

Presidência do Conselho, 25 de Setembro de 1933.—António de Oliveira Salazar.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

Direcção Geral da Contabilidade Pública

Decreto n.º 23055

Com fundamento no artigo 13.º do decreto-lei n.º 23054, de 25 de Setembro de 1933;

Usando da faculdade conferida pelo n.º 3.º do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo 1.º No orçamento do Ministério das Finanças para o ano económico de 1933-1934 são inscritas no

APÊNDICE

Ocorrências

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
Um dos erros mais graves, porque dos mais vulgares	Um dos erros mais graves, porque dos mais vulgares, e tanto mais vulgar porque se apoia na vaidade, que é a mais vulgar das qualidades humanas, é o do crítico, ou o simples leitor, se erigir, espontaneamente, em crítico absoluto, em autoridade universal. Isto sucede com grande frequência em matéria artística; por vezes, até, em matéria científica.	autoridade	conservadorismo	txt 2401
A moral da força (a)	Toda a noção moral pressupõe e em si inextrinsecamente inclui 3 conceitos: (1) o conceito de valor, (2) o conceito de utilidade, (3) o conceito de autoridade. O 1º tem em comum com a arte. O 2º em comum com a ciência. O 3º com a religião.	autoridade	conservadorismo	txt 3939
TERCEIRA JUSTIFICAÇÃO DA DITADURA MILITAR	Há só três bases de governo — a força, a autoridade e a opinião. Qualquer forma de governo tem que participar, para ser governo, de todas elas: sem força não se pode governar, sem opinião não se pode durar, sem autoridade não se pode obter opinião. Embora, porém, qualquer governo de todas participe, uma delas haverá em que mais particularmente, em que distintivamente, se apoie.	autoridade	fascismo	txt 4343
O sebastianismo - sua renascença	Uma religião é um fenómeno ligador de almas, porque é qualquer coisa que elas têm de comum; é um fenómeno imaginativo; é um fenómeno de autoridade. É, assim, um critério moral tanto como metafísico, estético tanto	autoridade	conservadorismo	txt 3335

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	como político.			
É a seguinte a tese do Novo Sebastianismo:	No terceiro género de forças de integração, também os integralistas fizeram uma confusão: confundiram a ordenação individual com o individualismo absoluto, e não viram que um indivíduo pode agir anarquicamente e de modo absolutamente social ao mesmo tempo e por essa mesma acção. Daí a teoria da autoridade, teoria do anti-individualismo, que não são mais do que confusões e incompreensões	autoridade	liberalismo	txt 3340
A opinião pública [a]	Porque há polémicas em que os partidários ardentes têm um interesse demasiado para que estejam dispostos a fazer concessões ao público extrapartidário. . . O facto formidável é que a autoridade suprema do nosso Império imenso e sem igual está alternadamente nas mãos de dois bandos de homens veementes. intransigentes e desequilibrados.»	autoridade	conservadorismo	txt 2908
A Renascença, com cujo advento a nossa civilização começou	A Renascença, com cujo advento a nossa civilização começou, teve origem em três elementos, de diversa parte contribuídos para a sua formação. O primeiro, no tempo, foi o elemento individualista, cuja primeira forma (produzida pela vida independente das primeiras cidades que se destacaram da amorfa internacionalidade medieval), foi a revolta contra a autoridade da Igreja	autoridade	liberalismo	txt 3188
Ultimatum, de Álvaro de Campos, foi publicado primeiro	Tendo escapado à censura por qualquer inexplicável golpe de sorte, esta desapareceu quando alguém chamou para Ultimatum a atenção das autoridades já depois de a revista se encontrar nos escaparates das livrarias. Portugal Futurista	autoridade	conservadorismo	txt 461

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	<p>foi imediatamente apreendido pela Polícia e instaurado processo contra todos os escritores que colaboraram. Passou-se isto (cumprir explicar) durante o ministério democrático derrubado por Sidónio Pais na revolução de 5 de Dezembro de 1917. No entanto, é difícil imaginar como qualquer ministério, estando o país em guerra, poderia consentir na publicação de Ultimatum, que, original e magnífico como é, embora não germanófilo (pois é «anti» tudo, Aliados e alemães), contém insultos contundentes contra os Aliados, e bem assim contra Portugal e o Brasil, os próprios países aos quais, sem dúvida, «P. F.» se destinava</p>			
Carta ao Presidente da República Gen. Óscar Carmona	É V.Exa a única entidade, hoje existe neste país, cuja autoridade pode ser considerada legítima.	autoridade	conservadorismo	Barreto(2017 p. 176)
Os 5 períodos civilizacionais	Caminhamos para o apogeu da nossa civilização. Depois, passando outra vez por um período de Dinheiro, cairemos por fim em outro de Autoridade, até que, no extremo, a nova barbárie, outra vez a Força, nos tome e leve.	autoridade	conservadorismo	txt 3917
A civilização a que chamamos de europeia	Consiste a cultura grega, base principal da nossa civilização, na supremacia da Razão sobre os outros elementos do espírito. Quer isto dizer, primeiro, que qualquer coisa é aceitável na proporção em que se nos apresenta racional; que o que emana da autoridade ou da tradição não tem como tal valor nenhum, adquirindo-o somente quando a razão o abona	autoridade	liberalismo	txt 3169
O interregno - defesa	Nem podemos recorrer à autoridade, porque a autoridade é	autoridade	fascismo	txt 2831

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
e justificação da ditadura militar	<p>incriável e indecretável, e a tradição, que é a sua essência, tem por substância a continuidade, que uma vez quebrada, se não reata mais. Temos pois que encarar, por necessidade histórica, o problema de extrair da opinião um sistema de governo. Se é este o problema, não cuidemos que é outro.</p>			
Propomo-nos determinar qual o valor do drama "Octávio"	<p>Como, nas coisas que são da arte, o gosto é que é juiz, porém não há-de ser o nosso gosto, que não pode ser juiz pelo alheio, nem o gosto de uns, porque não pode ser juiz pelo de outros, senão um gosto que a todos possa dar leis, e que traga consigo as razões da sua aceitação, temos que uma determinação daquelas tem que assentar em princípios, aos quais se reconheça o carácter de objectivos. E como em matéria de arte e de gosto nem há ciência, a que nos acostemos, nem autoridade que valha como ciência, temos que fazer essa determinação de modo que assente em princípios que nós-mesmos constituamos em científicos, demonstrando-os por meio do raciocínio.</p>	autoridade	liberalismo	txt 3914
s/t	<p>A monarquia absoluta é o único sistema que tem algum sentido a alma profunda do Sul da Europa. Quando não vivem decentemente numa monarquia absoluta, vivem indecentemente numa republica absoluta. Entre autoridade e licenciosidade não conhecem meio-termo.</p>	autoridade	conservadorismo	Barreto (2017 p.164)
O drama, como todo objectivo, compõe-se organicamente	<p>Sendo, pois, tão rigorosamente dada como particular, que pode ser assunto de um diagnóstico, mas, ao mesmo tempo, tão rigorosamente dada como geral, que qualquer de nós escusa de</p>	autoridade	conservadorismo	txt 3937

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
s/t	<p>saber isso para a sentir, a pessoa de Lear denota o emprego da ideia geral de universalidade pelo instinto psicológico de Shakespeare. No mesmo autor se encontra, no dizer das mesmas autoridades, um bom número de casos análogos, como o da histero-neurastenia de Hamlet e o da histero-epilepsia de Lady Macbeth.</p> <p>Por isso aqui, como na Alemanha, nunca é possível determinar responsabilidades; elas são sempre da sexta pessoa num caso onde só agiram cinco.</p> <p>Como os Alemães, nós esperamos sempre pela voz de comando. Como eles, sofremos da doença da Autoridade – acatar criaturas que ninguém sabe porque são acatadas, citar nomes que nenhuma valorização objectiva autentica como citáveis, seguir chefes que nenhum gesto de competência nomeou para as responsabilidades da acção</p>	autoridade	conservadorismo	txt 3501
Os 5 períodos civilizacionais da barbárie	<p>Desde que se separou, na Renascença e depois da Reforma, do cristianismo católico, o espírito cristão tem caminhado lentamente num determinado sentido. Esse sentido é o de afastar cada vez mais o dogma, a "letra", como diz o Evangelho, e de se dedicar cada vez mais ao "espírito". O protestantismo mais não é do que a subordinação do dogma à doutrina, a substituição gradual da autoridade pela consciência no cristianismo</p>	autoridade	liberalismo	txt 830
HISTÓRIA DA LITERATURA INGLESA	<p>Para a vida não pode haver mestres, porque as leis fatais, que a regem, têm uma autoridade absoluta, não admitindo divisão</p>	autoridade	fascismo	txt 1654

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
Terceira justificativa da ditadura militar	<p>de poderes, ou delegação de gerência</p> <p>Ao governo de força sucede, na linha de passagem das coisas, o de autoridade: a autoridade é a força consolidada, translata, a força tornada abstracta, por assim dizer. A estabilização dos governos de força os converte, passado tempo, em regimes de autoridade. Mas a autoridade não dura sempre, porque nada dura sempre neste mundo. Sendo a autoridade um prestígio ilógico, tempo vem em que, degenerando ela como tudo, a inevitável crítica humana não vê nela mais do que o ilogismo, visto que o prestígio se perdeu. Assim, no decurso das civilizações, se chega a um ponto em que – à parte os recursos incaracterísticos à força – se tem que estabelecer, ou buscar estabelecer, um sistema de governo fundado na opinião, pois não resta outro fundamento para a existência de um governo.</p>	autoridade	liberalismo	txt 4343
Intelectuais portugueses	<p>Nada encaram de frente. Pegam de cernelha os problemas. Não raciocinam; lêem. E acontece que, como não raciocinam, lêem mal.</p> <p>Quando escrevem sobre sociologia quem escreve é [. . .] Bom, imprópriamente falando.</p> <p>Mesmo em assuntos nacionais, onde lhes falha a autoridade estrangeira, vindam-se nas nacionais</p>	autoridade	liberalismo	txt 1876
Os 5 períodos civilizacionais na barbárie	<p>Como nasceu a Renascença? Não nasceu, repare-se, numa evolução do cristianismo; nasceu, ao contrário, numa aplicação de parte do espírito cristão a pontos anticristãos. Aquela parte do cristianismo representada pelo dogma, com a sua dureza e a sua autoridade, foi utilizada pela</p>	autoridade	conservadorismo	txt 830

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs
	Renascença, mas o espírito cristão abandonado por completo. De maneira que a Renascença é um movimento de característicos inteiramente opostos aos da Reforma (não esqueço que veio antes).			
s/t	Com que governa [Salazar]? Com a força sem prestígio e a autoridade sem opinião. Vive da fraqueza dos opositores, da anemia psíquica da nação. É a tirania em toda a sua injustiça, a prepotência em toda a sua imoralidade.	autoridade	liberalismo	Barreto (2017 p. 282)
A moral da força (a)	Ora há uma só coisa primordial que preencha essas condições — a força . A força vale (porque há graus nela — imperfeição indefinida); a força é útil , é a coisa essencialmente útil; e só a força pode, primordialmente, ter autoridade, porque é a única coisa que, por sua natureza, a pode impor.	autoridade	fascismo	txt 3939
s/t	A religião é um facto social; daí o inculcar-se no espírito de um povo; havendo preliminarmente susceptibilidade, nos nossos sentimentos para ela, não por provas, mas sim pela autoridade de quem a incute, seja essa autoridade primordialmente de influência pessoal, quer de influência representativa (de autoridade). Em ambos os casos, há a preparação psíquica para aceitar o que negado for	autoridade	conservadorismo	texto 4464
s/t	Haeckel era autoridade não só em filogenia, mas também em filosofia...	autoridade	conservadorismo	Barreto (2017 p. 80)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
s/t	Um povo com este temperamento não poderá ser governado senão por um sistema político à base de liberdade, em que a autoridade de um chefe, ou de mais de um, que seja aceitável pelo seu prestígio, não deixe o individualismo degenerar em anarquia.	autoridade	liberalismo	Barreto (2017 p. 336)
As algemas	Não olhemos, também, a que este interesse paternal é exercido pelo Estado, e que o Estado não é uma entidade abstracta, mas se manifesta através de ministros, burocratas e fiscais — homens, ao que parece, e nossos semelhantes, e incompetentes portanto, do ponto de vista moral, se não de todos os pontos de vista, para exercer sobre nós qualquer vigilância ou tutela em que sintamos uma autoridade inausível	autoridade	liberalismo	txt 101
Citei-lhes, propositadamente autoridades maçónicas	Citei-lhes propositadamente autoridades maçónicas que já passaram de categoria. Citei Findel, Kloss e Gould (. . .) os dois primeiros extintos como autoridades, o segundo autoridade na espécie restrita da história. Não li nenhum. Para quê, se em livros sei de muito melhor, e se, em ciência, estou muito mais certo?	autoridade	conservadorismo	txt 1815
Demonstrado, assim,	Na Idade Média usava-se a palavra liberdade, como hoje, mas	autoridade	conservadorismo	txt 744

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
que a Democracia moderna é radicalmente anti-social	com o sentido oposto ao que hoje se usa. O povo medieval considerava a liberdade como um privilégio concedido, não como a ausência de um privilégio nos outros (Quote Pollard). Qualquer citação de uma autoridade competente pode servir para autenticar esta asserção.			
Os 5 períodos civilizacionais	O Período da Força não existe dentro da civilização. O primeiro período civilizacional é o da Autoridade. Tal é a Idade Média, na nossa civilização.	autoridade	conservadorismo	txt 3717
Interregno- 3a justificação	Só há três bases para o governo: a força, a autoridade e a opinião.	autoridade	fascismo	Barreto (2017 p.120)
s/t	Mas entenda-se que é sempre a minoria que governa e compele; a maioria ou se submete a ela, enquanto força, ou a aceita, enquanto autoridade, ou concorda com ela, enquanto opinião.	autoridade	conservadorismo	Barreto (2017 p.185)
Os argumentos contidos no meu artigo eram os seguintes:	Citei vários nomes de autoridades maçónicas e de maçons proeminentes ou célebres	autoridade	conservadorismo	txt 4183
A traição dos democratas	De há tempos para cá, e sobretudo desde que começaram a estabelecer-se em Europa os regímenes de autoridade, os democratas iniciaram uma obra de traição - traição ao liberalismo. Em outras palavras, os democratas passaram a ser reacionários	autoridade	liberalismo	Barreto (2017 p.201)
Os grandes movimentos revolucionários	Para que a injustiça seja sentida como tal, e dê portanto azo à formação do espírito de revolta, é preciso que perca a base por onde existia. O czarismo não caiu só por ser tirânico, mas porque, sobre ser tirânico, perdeu o consenso geral. Quando o czar era na verdade o representante sentimental do povo russo, todas	autoridade	conservadorismo	txt 887

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
s/t	<p>as tiranias eram possíveis em seu nome, porque a sua autoridade, inclusive para praticá-las, era aceite geralmente</p> <p>Com que governa¹? Com força sem prestígio e autoridade sem opinião. É a tirania em toda em sua injustiça, a prepotência em toda a sua imoralidade.</p>	autoridade	liberalismo	Barreto (2017 p.282)
Pela primeira vez na minha vida fabriquei uma bomba	<p>Não lhes ocorreu, nem lhes poderia ocorrer, que houvesse alguém que, não sendo maçom, nem sendo portanto presa de qualquer sigilo que o impedisse de falar, tivesse contudo o conhecimento suficiente para poder falar com mais autoridade que todos os antimaçons juntos, assim como o sentimento fraternal.</p>	autoridade	conservadorismo	texto 3991
Ensaio sobre a poética	<p>E creio não parecer excessivamente pedante se procurar no armazém do Tempo, para citar como autoridade, algumas das obras de um certo William Shakespeare ou Shakespeare que viveu há alguns séculos e que desfrutava de alguma reputação como dramaturgo</p>	autoridade	conservadorismo	txt 2663
A Opinião Pública [b]	<p>E qual o critério de “liberdade” na Idade Média? O povo medieval tinha a liberdade como uma regalia, como um privilégio, como qualquer coisa que essencialmente valia por os outros a não terem. Qualquer citação de uma autoridade competente poderá servir para autenticar esta asserção.</p>	autoridade	conservadorismo	txt 2900
Interregno	<p>Europa, e nós com ela, seguiu este curso fatal. A todos nos confronta um problema político: extrair da opinião um sistema de governo. Não temos outro recurso. Não podemos recorrer à força, porque a força, numa sociedade formada,</p>	autoridade	nacionalismo	

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>não é mais que um travão, aplicável só nos perigos e nas descidas; se a quisermos sistematizar, pagaremos o preço por que são penhoradas as sociedades em que se pretende coordenar o ocasional, isto é, realizar uma contradição. Nem podemos recorrer à autoridade, porque a autoridade é incriável e indecretável, e a tradição, que é a sua essência, tem por substância a continuidade, que uma vez quebrada, se não reata mais. Temos pois que encarar, por necessidade histórica, o problema de extrair da opinião um sistema de governo. Se é este o problema, não cuidemos que é outro</p>			
<p>O "Duce" Mussolini é um louco pag 83 (barreto)</p>	<p>A vinda do Coronel Gray¹ à Portugal [...]vinda colônia italiana, algum representante dos princípios contrários com autoridade moral e, sobretudo, relevo intelectual, para nos dizer sobre o fascismo duas palavras dignas de imprimir</p>	<p>autoridade</p>	<p>fascismo</p>	<p>(BARRETO, 2017, p.82)</p>
<p>A Renascença como advento do individualismo</p>	<p>Paralelamente — e é este o terceiro elemento tendente ao individualismo — a revolta contra a autoridade religiosa da Igreja e, implicitamente, contra toda a autoridade política dela emanada, recebia um estímulo constante e directo na existência temporal e política da Sé Romana. O Papa era um</p>	<p>autoridade</p>	<p>liberalismo</p>	<p>txt 3188</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>príncipe da terra, com sua política e com a sua diplomacia, e estas, como todas as políticas e as diplomacias todas, mormente num tempo onde a guerra não havia ainda deixado de ser uma realidade, se não quotidiana deveras, pelo menos quotidiana como conceito, abriam constantes conflitos com outros estados, com outros notentados. com outras cidades independentes</p>			
Carta ao Presidente da República - b	O que porém quer dizer é que esse prestígio de chefe, desnecessário muitas vezes num governo de época normal, é indispensável num governo de época anormal, imprescindível num governo de autoridade.	autoridade	conservadorismo	txt 1703
s/t	São os países católicos, intocados pelo protestantismo. A autoridade é seu deus secreto.	autoridade	conservadorismo	Barreto (2017, p. 161)
Mas neste momento, chegados nós a esta solução,	<p>Em segundo lugar, porque as sociedades cristãs têm em geral sido sociedades atrasadas, como as medievais, onde, além do forte império das instituições sociais rudimentares, como a força, a autoridade, pouco campo psíquico há, dado que são sãs e rudes, para a aplicação dos princípios de ternura e paz que o cristianismo trouxe. — E pergunte o leitor a si próprio de que modo têm aplicado a liberdade, a igualdade e a fraternidade as próprias sociedades emanadas da Revolução Francesa</p>	autoridade	liberalismo	txt 830
Associações secretas	<p>Não venha o Sr. José Cabral dizer-me que não precisamos de empréstimos do estrangeiro. Nem só de empréstimos vive o país. Precisa, por exemplo, de colônias, sobretudo das que ainda tem.</p>	colônia	nacionalismo	txt 4165
Se o nosso imperialismo é um	Há três casos possíveis neste caso da unificação: ou só a nação de que se trata fala a sua língua, e em toda a parte dessa	colônia	nacionalismo	txt 3009

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
imperialismo cultural,	nação se fala essa língua e nenhuma outra; ou a nação de que se trata inclui povos que, embora culturalmente falem a sua língua, falam naturalmente outra; ou a nação de que se trata exclui povos, que não pode integrar em si, que falam a mesma língua. O melhor exemplo da primeira é a Itália, que não tem senão dialectos e em que todos falam italiano, sem que haja colónia alguma italiana, no sentido superior e nacional da palavra "colónia"			
A aliança ibérica	Coisas há que nos separam nacionalmente: o facto, por exemplo, de sermos um país colonial, e o de a Espanha já o não ser. Conservemos as outras coisas que nos separam: a república aqui e a monarquia lá (urge que nenhuma simpatia vá de nós para os republicanos espanhóis, gente aliás de curtas vistas em matéria nacional). o anticatolicismo entre nós. e entre eles o catolicismo.	colônia	nacionalismo	txt 1232
PORTUGAL, VASTO IMPÉRIO – Um inquérito nacional	Como Portugal, grande potência, está no futuro – ou, se se preferir, só pode estar no futuro –, não pode exigir ao presente que o considere por aquilo que ele ainda não é, nem se sabe ao certo se será. Mas, como é a terceira potência colonial, pode e deve exigir que o tratem como a terceira potência colonial.	colônia	fascismo	txt 982
A acção civilizacional, pela qual dominámos de leste a oeste da terra,	O que mostra, porém, ao mesmo tempo que a acção civilizacional do antigo Portugal e da antiga Espanha estava errada ibericamente é que, de todo esse imperialismo marítimo, colonial e europeu, não surgiu um imperialismo cultural. Sim, portugueses e espanhóis, dominámos aquém e além-mar;	colônia	nacionalismo	txt 3522

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>mas nunca houve uma civilização comum a nós dois. É a demonstração plena de que os nossos imperialismos não representavam uma expressão perfeitamente natural, hígida, dos fins rácios imanentes.</p>			
<p>A civilização europeia assenta em cinco tradições fundamentais,</p>	<p>Só de certo modo realizaram a tradição imperial, por ordem cronológica, os Portugueses nas suas colónias, os Espanhóis nas deles, e, acima de todos, os Ingleses.</p>	colônia	conservadorismo	txt 3171
<p>A acção civilizacional, pela qual dominámos de leste a oeste da terra</p>	<p>Visto que, apesar de nações separadas, tivemos uma acção imperialista, podemos ser imperialistas. Visto que separados, essa acção imperialista resultou incompleta (porque nunca floresceu em uma cultura ibérica, ou separadamente espanhola e portuguesa), a termos um verdadeiro imperialismo, devemos tê-lo conjuntamente, ibericamente. Visto que, criando um imperialismo colonial e europeu, nada conseguimos, de nosso, que não fosse apenas proveitoso para outros povos [. . .] deve ter outro sentido o nosso imperialismo conjunto</p>	colônia	nacionalismo	txt 3522
<p>A Renascença, com cujo advento a nossa civilização começou,</p>	<p>Por nós há cidades e civilizações na África, na Austrália, na Índia na Ásia longínqua. Tudo quanto, longe da Europa, é europeu, a nós o deve. De nós descende a grandeza presente do Japão, como a existência colonial da Inglaterra. Que, se nós o não houvéssemos feito, outros o fariam, não é argumento que se empregue. Porque não é precisa a hipótese, onde há o facto. E o facto é que fomos nós que o fizemos</p>	colônia	fascismo	txt 3188
<p>A indústria da</p>	<p>Para o caso de Portugal, temos que tomar em conjunto, visto que</p>	colônia	nacionalismo	txt 4506

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
editoria pode exercer-se,	efectivamente são um conjunto, o Continente e as Colónias. Excluiremos o Brasil, que tem vida à parte como os Estados Unidos em relação à Inglaterra.			
Sensacionismo. [Vida moderna]	Que o sentimento nacional decai, dada a maior necessidade de relacionar-se com o estrangeiro, e dado, também, o golpe que nesse sentimento vibra, por sua natureza, o instinto comercialista; que cada nação, à parte isso, passou a ser mais rica dentro de si própria, passou a resumir em si tudo quanto é típico das outras nações, que a vida de cada cidade da Europa (por exemplo) passou a conter em si elementos típicos da vida de todas as outras cidades, não só da Europa, mas de todo o mundo — isto quer pela presença em todas as colónias de naturais dessas outras nações, quer pelas constantes relações comerciais e intelectuais com essas, quer pela diária informação jornalística, espectacular, cinematográfica	colônia	liberalismo	txt 1659
Carta ao Banco Angola e Metrópole — 20 Out. 1925	A segunda é que V. Exas. têm mostrado um interesse especial pela expansão colonial portuguesa; e o meu processo permitiria englobar em pequeníssimo espaço, junto com a catalogação dos comerciantes e industriais da Metrópole, a dos de todas as colónias portuguesas, o que o «Anuário Comercial» presente não faz para não alongar o seu já longo número de páginas, e por não ter, por sua mesma natureza, saída nenhuma no estrangeiro.	colônia	nacionalismo	txt 4500
Carta ao Banco Angola e Metrópole — 20 Out. 192	A expansão comercial de qualquer país, e, no caso do nosso, também e sobretudo das colónias, necessita do apoio de uma informação e publicidade seguras, e o primeiro elemento permanente d'essas é a	colônia	nacionalismo	txt 4500

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
O que a nós verdadeiramente nos caracteriza e define	<p>catalogação, para divulgação geral, dos comerciantes e industriais do país – isto é, aquilo a que se chama um Anuário ou Indicador d'esses comerciantes e industriais.</p> <p>O que a nós verdadeiramente nos caracteriza e define é, não o imperialismo universalista, mas o universalismo imperialista. Éramos essencialmente navegadores e descobridores, e só derivada e corolariamente homens de conquista e de colonização. Nem éramos temperamentalmente guerreiros, excepto na proporção em que o era o espírito do tempo (apoiado pela ânsia religiosa de dilatar a fé), nem tínhamos, ou alguma vez tivemos, população cujo número naturalmente se não pudesse conter dentro das nossas fronteiras</p>	colônia	liberalismo	txt 1535
PORTUGAL VASTO IMPERIO	<p>Para o destino que presumo que será o de Portugal, as colónias não são precisas. A perda delas, porém, também não é precisa para esse destino. E, por certo, sem colónias, ficaria Portugal diminuído ante o mundo e perante si mesmo, material como moralmente. As colónias, portanto, não sendo uma necessidade. são contudo uma vantagem.</p>	colônia	liberalismo	txt 982
Ode Marítima	<p>Que comprastes artigos toscos em colónias à proa de sertões! E fizestes tudo isso como se não fosse nada! Como se isso fosse natural, Como se a vida fosse isso, Como nem sequer cumprindo um destino! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh! Homens do mar actual! homens do mar passado! Comissários de bordo! escravos das galés! combatentes de</p>	colônia	fascismo	txt 135

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>Lepanto! Piratas do tempo de Roma! Navegadores da Grécia! Fenícios! Cartagineses! Portugueses atirados de Sagres Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto, para realizar o Impossível! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh! Homens que erguestes padrões, que destes nomes a cabos! Homens que negociastes pela primeira vez com pretos! Que primeiro vendestes escravos de novas terras! Que destes o primeiro espasmo europeu às negras atónitas! Que trouxestes ouro, missanga, madeiras cheirosas, setas, De encostas explodindo em verde vegetação! Homens que saqueastes tranquilas povoações africanas, Que fizestes fugir com o ruído de canhões essas raças, Que matastes, roubastes, torturastes, ganhastes Os prémios de Novidade de quem, de cabeça baixa Arremete contra o mistério de novos mares! Eh-eh-eh-eh-eh! A vós todos num, a vós todos em vós todos como um, A vós todos misturados, entrecruzados, A vós todos sangrentos, violentos, odiados, temidos, sagrados, Eu vos saúdo, eu vos saúdo, eu vos saúdo! Eh-eh-eh-eh eh! Eh eh-eh-eh eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh eh! Eh ehê ehê ehê ehê é é à à!</p>			
<p>A acção civilizacional, pela qual dominámos de leste a oeste da terra,</p>	<p>Uma das coisas necessárias é desfazermo-nos de todos os elementos do passado que possam pesar sobre a nossa delineação cultural. Devem desaparecer as colónias portuguesas. As colónias portuguesas são uma tradição inútil. Nós não temos o direito de ter colónias. Na nossa mão, elas não nos servem, não servem aos outros, e pesam sobre nós, alimentando uma tradição funesta, que foi bela enquanto foi glória inútil, porque foi glória; mas tendo deixado de ser glória ficou sendo inutilidade apenas</p>	<p>colônia</p>	<p>liberalismo</p>	<p>txt 3522</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
A Renascença, com cujo advento a nossa civilização começou	Vieram, finalmente, as nossas descobertas marítimas, que criaram o elemento colonialista da civilização moderna. E a nossa glória imarcescível que a civilização europeia é numa das suas partes importantes criação nossa. Por nós existe hoje uma civilização americana	colônia	fascismo	txt 3188
A lucidez, a sobriedade, a concisão não são postulados,	Quais são as causas actuaes que podem ser concebidas como dificultantes do paganismo? Uma é o cosmopolitismo criado pela causa económica actual; outra o imperialismo gerado pela existência de colónias, quando por mais não fosse; outra a importância tomada pelo proletariado na nossa época.	colônias	liberalismo	txt 877
A lucidez, a sobriedade, a concisão não são postulados,	Do mesmo modo, uma coisa é o imperialismo cristista, que lhe vem (como vimos) da sua herança romana, e outra coisa o imperialismo que decorre das descobertas, da posse de colónias, sobretudo as que se não admitir que recebam, num governo autónomo, uma preparação para a nacionalidade independente. E identicamente, são duas coisas diversas o espírito igualitário do cristismo, essénio na sua origem, decadente romano na sua posse das almas, e o espírito igualitário que o regime de concorrência criou na nossa época mercantil	colônias	nacionalismo	txt 877
PORTUGAL, VASTO IMPÉRIO – Um inquérito nacional	Com as Descobertas, e o estabelecimento do Imperialismo Ultramarino, criámos o mundo moderno – criação absoluta, tanto quanto socialmente isso é possível, que não simples elaboração ou renovação de criações alheias.	colonização	fascismo	txt 982

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
O imperialismo de expansão tem um sentido normal	<p>Nas mais negras horas da nossa decadência, prosseguiu, sobretudo no Brasil, a nossa acção imperial, pela colonização; e foi nessas mesmas horas que em nós nasceu o sonho sebastianista, em que a ideia do Império Português atinge o estado religioso.</p> <p>Em segundo lugar, há a ocupação de territórios habitados por povos, não já selvagens ou incivilizáveis, mas degenerados de uma civilização antiquíssima.</p> <p>É o caso da Índia – talvez, mesmo, o caso do México, tal qual os espanhóis o encontraram. Aqui, não há já a mesma simplicidade no direito, que o povo expansivo tenha, de ocupar estes territórios. Recordemo-nos sempre que o fim de colonizar ou ocupar territórios não é civilizar a gente que lá está, mas sim levar para esses territórios elementos de civilização</p>	colonizar	fascismo	txt 1013
Há três imperialismos: de domínio, de expansão e de cultura.	<p>IMPERIALISMO DE EXPANSÃO</p> <p>(1) O que coloniza territórios desertos ou de raças incivilizáveis.</p> <p>(2) O que se aproveita de raças decadentes. (Inglaterra no Egipto e na Índia.)</p> <p>(3) O que procura dominar raças civilizadas, mas, ou mais fracas, ou menos civilizadas do que ela [?], sob, pelo menos, alguns pontos de vista.</p>	colonizar	fascismo	txt 1007
O INTERREGNO. – Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal.	<p>O conceito vulgar de democracia, o que pretende basear a opinião pública na soma das opiniões individuais fornecidas pelas inteligências; o que supõe que uma sociedade numericamente mais culta (que não só mais culta em seus representantes superiores) se orienta e governa melhor que uma sociedade</p>	democracia	conservadorismo	txt 4343

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	quantitativamente menos culta – este conceito é forçosamente erróneo.			
Mas neste momento, chegados nós a esta solução,	A Europa é cada vez mais cristã. Cada vez mais abandona a letra do Cristianismo e se aplica ao seu espírito. Todo o fanatismo, toda a intolerância, toda a confusão mental, a sentimentalidade doentia dos democratas, mostram bem a base doentamente religiosa do seu sistema.	democracia	liberalismo	txt 830
s/t	Um ditador é simplesmente um rei absoluto que não é rei, um homem que governa sem qualquer verdadeiro controlo sobre aquilo que faz. Pode ser o chefe de uma facção chegado ao poder por uma revolução e sem qualquer outra base legal; pode ser o líder do governo ou da maioria parlamentar num Estado de democracia parlamentar; pode ser um presidente eleito por sufrágio directo e mandatado, constitucionalmente ou incidentalmente, para assumir o controlo de todos os assuntos políticos. Seja como for, directa ou indirectamente disposto a sê-lo, ele será a lei.	democracia	conservadorismo	Barreto (2017, p. 186)
A OPINIÃO PÚBLICA [b]	E assim, como há verdade popular só nesses movimentos, a Democracia moderna, sobre ser provada falsa em toda a extensão dos seus princípios, queda provada também falsa em toda a extensão dos seus processos, que são os revolucionários. Ser revolucionário é servir o inimigo. Ser liberal é odiar a pátria. A Democracia moderna é uma orgia de traidores	democracia	conservadorismo	txt 2900
A OPINIÃO PÚBLICA [b]	Contrapusemos, assim, sucessivamente aos três princípios fundamentais do instintivismo social, base de toda a saúde das colectividades e das nações, os três princípios fundamentais do fenómeno de baixo intelectualismo chamado a Democracia moderna. Vimos que à não-intelectualidade do	democracia	fascismo	txt 2900

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>instintivismo se opunha a pseudo-intelectualidade princípio do sufrágio, e que assim, e por esse seu princípio, a Democracia moderna é anti-social. Vimos que à conservatividade do instintivismo se opunha a pseudo-intelectualidade do instintivismo se opunha o pseudo-altruísmo nivelador do liberalismo, e que assim, e por esse seu princípio, a Democracia moderna é antipopular. Vimos que ao antagonismo do instintivismo social se opunha o pacifismo fraternitário, e que assim, e por esse seu princípio, a Democracia moderna é antinacional e antinatriótica</p>			
<p>Demonstrado, assim, que a Democracia moderna é radicalmente anti-social,</p>	<p>A demonstração far-se-á contrapondo o segundo dos princípios democráticos, o liberalismo, ao segundo dos princípios do instintivismo social, a conservatividade; e contrapondo o terceiro dos princípios democráticos, o pacifismo, ao terceiro dos princípios do instintivismo social, que é o antagonismo. Assim se provará, no primeiro caso, a antipopularidade da Democracia moderna, e, no segundo caso, o seu antinatriotismo</p>	<p>democracia</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 744</p>
<p>Caímos na teorização estéril, seguindo, como a fogos-fátuos,</p>	<p>Caímos na teorização estéril, seguindo, como a fogos-fátuos, todas as teorias que não são mais que as exalações letais da civilização decomposta. Desde a teoria da democracia, concebida à moderna, e fora da sua coexistência com o princípio corrigente da escravatura, como na antiguidade, até à teoria do feminismo, em que o sexo inferior recebe foros de igual ao sexo</p>	<p>democracia</p>	<p>fascismo</p>	<p>txt 3710</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	imperante, tudo é uma dissolução e uma descida, tudo é, quando muito, a estrumeira onde colha vida a Europa futura, liberta do peso do dogma cristista.			
Até agora, na história da humanidade,	No regime monárquico o rei ocupa a mesma posição que no regime democrático ocupa o povo; é em ambos os casos ilusória a força política e muito real a aplicabilidade política.	democracia	liberalismo	txt 3245
A OPINIÃO PÚBLICA [rascunho]	O erro em uma objecção destas está no conceito democrático de governo. Se se julga que governar é seguir a opinião pública, não há resposta. Mas governar com a opinião pública não é segui-la; governar com a opinião pública é interpretá-la. A sociedade tem o seu esteio no instinto; o governo é um fenómeno intelectual. Ora a relação entre a inteligência e o instinto é interpretativa.	democracia	conservadorismo	txt 731
Em matéria de assuntos sobre que se possam ter opiniões,	O que é preciso é fazer com que seja possível o eleitor, em democracia, escolher o eleito por sugestão, e não ser-lhe este imposto à força ou por fraude. Não é preciso mais nada. E assim se fará a verdadeira experiência da democracia — experiência essa que até aqui se não fez, sendo por isso que se não pode dizer que a democracia falhou, senão que falharam várias formas Imperfeitas dela, ou, melhor dizendo, várias formas da ausência ou da nerversão dela	democracia	liberalismo	txt 2870
A TRAIÇÃO DOS DEMOCRATAS	É que a democracia, como é um meio de conquistar o poder, é um meio de ganhar a vida; ao passo que o liberalismo, que não é mais que respeito pelo individualidade dos outros, sem votos que obtenha nem parlamentos que eleja, ou finja que elege, não rende nada. Na materialidade crescente da vida hodierna, no	democracia	liberalismo	Barreto (2017, p. 223)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	desprezo consequentemente maior pelo espírito e portanto pelo indivíduo, a democracia de hoje dispensa o liberalismo, como a um fardo moral, e exige para si os mesmos direitos de opressão e de tirania que são mais naturais apanágio dos governos autoritários. Nós, os liberais, teremos que ser antidemocratas. Porque essa democracia anti-individualista e anti-homem já esboçada no socialismo - opomos, como (salvo seja) Pio IX e o nosso formal "Non possumus".			
A tese foi posta em tempos, como uma verdade suprema,	O liberalismo é um conceito aristocrático, e portanto inteiramente oposto à democracia	democracia	conservadorismo	txt 874
A OPINIÃO PÚBLICA [b]	Só a paz é infecunda, só a concórdia é improfícua, só o humanitarismo é anti-humanitário. E assim morre, ante a análise sociológica, o último dos falsos princípios da Democracia moderna. E como vimos que a base do instintivismo social é o sentimento patriótico; como vimos que o instinto é radicalmente antagonista, sabemos, por conclusão, que não há instinto patriótico que não seja antagonista e guerreiro. No que pacifista, portanto, a Democracia moderna é radicalmente inimiga do sentimento patriótico, radicalmente antipatriótica e antinacional	democracia	fascismo	txt 2900
Esta ingerência da ciência nos negócios humanos,	A ciência, porém, é antidemocrática e anti-igualitária. A ciência social é a última a constituir-se, porque os fenômenos sociais, sobre serem os mais complexos, são envolventes do observador e a série de preconceitos, que incidem sobre o cientista, são neste caso mais e maiores que noutro ponto científico	democracia	liberalismo	txt 757
Mas o problema essencial da democracia	Mas o problema essencial da democracia moderna está na maneira como se hão-de conciliar o princípio democrático, que, seja porque	democracia	conservadorismo	txt 604

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
moderna. . .	razões seja, se tornou necessário às sociedades modernas (e talvez, se virmos bem, a todas as sociedades) e aquele princípio aristocrático que evidentemente constitui a base de tudo quanto seja orientação e governo			
Esta ingerência da ciência nos negócios humanos	O conceito de ciência só se apresenta frio ou pavoroso ao espírito quando não seja verdadeiramente compreendido. As condições (tristes) mentais do nosso meio moderno inflingiram ao espírito científico um desvio. Como a ciência teve que atacar a Igreja, ao mesmo tempo que a «democracia» a teve que atacar, resultou, naturalmente, que as duas forças se uniram contra a Igreja, de onde se deduziu, erroneamente, que havia qualquer espécie de identidade entre o espírito científico e o democrático, quando o mais que houve, na verdade, foi uma coincidência no inimigo	democracia	liberalismo	txt 757
A OPINIÃO PÚBLICA [rascunho]	O primeiro corolário desta conclusão é que o sistema democrático é profundamente anticientífico, que o princípio do sufrágio, como expressão da opinião, é um erro crasso. O instinto não se exprime, o instinto não se define.	democracia	liberalismo	txt 731
As qualidades mentais e morais necessárias para a conquista do poder político,	São três as maneiras de conquistar o poder: a astúcia e a intriga, nos regimes autoritários, como a monarquia absoluta; a eloquência e a capacidade de persuasão, com a concomitante capacidade de mentir, até a si mesmo, para melhor mentir aos outros, como nos sistemas democráticos; e a violência, nos regimes impostos revolucionariamente. sejam eles de que tipo forem.	democracia	fascismo	txt 4363

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
A OPINIÃO PÚBLICA [b]	<p>Cumprir juntar a estas considerações só mais uma, tendente a esclarecer o aparecimento, nestes argumentos, de uma condicionação constante. Dissemos sempre “Democracia moderna”, e não foi sem razão que o dissemos.</p> <p>“Democracia”, de per si, comporta, além deste, dois outros sentidos possíveis.</p> <p>Podia entender-se, sem este escrúpulo nosso, que o nosso argumento negativo era extensivo também à democracia antiga dos pagãos, sistema muito diferente, solidamente assente, como era, na dupla base da escravidão e da aristocracia, e vacinado assim contra grande número de doenças sociais.</p> <p>Podia também entender-se que o nosso argumento visasse a democracia monárquica (tal, na verdade, se pode dizer que era) da Idade Média. Mas essa, sobre ser bárbara, e, portanto, para o caso, insignificativa, era, por bárbara, sã, e por isso (como em um argumento casual se viu) livre da justa injúria do nosso argumento analítico.</p> <p>Por isso acentuámos constantemente que os resultados destrutivos do nosso raciocínio se entendiam constantemente só com a Democracia</p>	democracia	conservadorismo	txt 2900
Sensacionismo. [Vida moderna]	<p>O fenómeno industrial alargou o intervalo natural entre o capital e o trabalho; o aumento de cultura alargou o intervalo entre o povo de educação e a aristocracia do pensamento; e o acréscimo constante da democracia, inevitavelmente produzido pela criação de proletariados cada vez mais hábeis e conscientes, veio pôr de pé todas as reacções tradicionalistas e</p>	democracia	conservadorismo	txt 1659

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
A OPINIÃO PÚBLICA [b]	<p>aristocráticas contra esse acréscimo.</p> <p>E assim demonstrámos que a análise escrupulosa do que seja a opinião pública, e de quais as bases psíquicas de uma vida social são e assente em essa opinião, leva inevitavelmente ao esfrangalhamento integral do conceito moderno de Democracia.</p>	democracia	conservadorismo	txt 2900
O cristismo está em liquidação.	<p>Essa reconstrução pagã terá que seguir três caminhos, porque, como o cristismo se dissolve em três elementos, que ficam independentes dele, o ataque directo ao cristismo deixa-os vivos e são. Temos que atacar o misticismo e o subjectivismo abjectos do ocultismo e do protestantismo decadente. Temos que atacar o humanitarismo e a democracia, produtos cristãos, filhos pródigos do cristismo. E temos que opor resistência, ainda que intelectual, ao stulto imperialismo moderno, imagem e semelhança da Igreja Católica, que viola aquele princípio da nacionalidade cujo símbolo máximo é a Cidade-Estado dos gregos e dos romanos.</p>	democracia	conservadorismo	txt 1543
Ultimatum	<p>Devemos pois operar a alma, de modo a abri-la à consciência da sua interpenetração com as almas alheias obtendo assim uma aproximação concretizada do Homem-Completo, do Homem-Síntese da Humanidade.</p> <p>Resultados desta operação: (a) Em política: Abolição total do conceito de democracia, conforme a Revolução Francesa, pelo qual dois homens correm mais que um homem só, o que é</p>	democracia	fascismo	txt 456

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>falso, porque um homem que vale por dois é que corre mais que um homem só! Um mais um não são mais do que um, enquanto um e um não formam aquele Um a que se chama Dois. — Substituição, portanto, à Democracia, da Ditadura do Completo, do Homem que seja, em si-próprio, o maior número de Outros; que seja, portanto, A Maioria. Encontra-se assim o Grande Sentido da Democracia, contrário em absoluto ao da actual, que, aliás, nunca existiu</p>			
<p>FRANCISCO — O fenómeno aristocrático tem sido, sempre, mal compreendido,</p>	<p>A democracia é uma tese tão falsa, que mesmo os argumentos, que os democratas não são capazes de ter, são fracos. O ponto é o seguinte. Não podendo a sorte ser eliminada do decurso da vida do indivíduo, tentemos eliminá-la do princípio da vida. A hereditariedade natural não está na nossa mão, mesmo supondo que possa ser atingida por uma transformação na hereditariedade social. O único ponto onde se concebe que possamos tocar é na sorte no princípio da vida. Como lhe poderemos tocar? O que é que se quer fazer? Fazer com que a sorte de cada indivíduo seja melhorada no princípio dessa vida — que ele parta de um ponto o menos desvantajoso possível</p>	<p>democracia</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 3073</p>
<p>A OPINIÃO PÚBLICA [b]</p>	<p>A demonstração far-se-á contrapondo o segundo dos princípios “democráticos”, o liberalismo, ao segundo dos princípios do instintivismo social, a conservatividade; e contrapondo o terceiro dos princípios “democráticos”, o pacifismo, ao terceiro dos</p>	<p>democracia</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 2900</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>princípios do instintivismo social, que é o antagonismo. Assim se provará, no primeiro caso, o carácter antipopular da Democracia moderna, e, no segundo caso, o seu carácter antipatriótico.</p>			
Até agora, na história da humanidade,	<p>Por isso a natureza essencial de uma democracia é ser individualista. Toda a democracia que o não for falta e trai a sua natureza de democracia. Na democracia pura não há limite a esse acesso individual; na democracia limitada há-de (. . .)</p>	democracia	liberalismo	txt 3245
O INTERREGNO	<p>De que lhes serve a cultura se entre si divergem num congresso, do mesmo modo que três operários numa taberna? Longe de, como se disse, a "democracia sem luzes" ser um "flagelo", é a democracia com luzes que o é. Quanto maior é o grau de cultura geral de uma sociedade menos ela se sabe orientar, pois a cultura necessariamente se quer servir da inteligência para fundar opiniões, e não há opinião que se funde na inteligência. Assenta ou funda-se no instinto, no hábito, na intuição, e a intromissão abusiva da inteligência, não alterando isso, apenas o perturba. A democracia moderna é a sistematização da anarquia</p>	democracia	conservadorismo	txt 4343
Na baixa política está bem.	<p>Para eles a democracia não é uma doutrina a analisar, a condicionar para que se aplique: é um dogma a repisar para si mesmos, um yo-yo mental.</p>	democracia	liberalismo	txt 4124
NOTA	<p>Quem hoje prega a sindicalização, o estado corporativo, a tirania social, seja fascismo ou comunismo, está dissolvendo a civilização europeia; quem defende a democracia e o liberalismo</p>	democracia	liberalismo	Barreto (2017, p. 170)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs
	a está defendendo.			
s/t	um Mussolini, pretendo reator contra a democracia, que repudia o que nela é europeu, que é o individualismo, e aceita o que é degradado, que é o corporativismo	democracia	liberalismo	Barreto (2017, p. 55)
A OPINIÃO PÚBLICA [rascunho]	Tratemos, primeiro, do erro democrático. Antes de ser inteligência, o homem é instinto; e, ao passo que intelectualmente os homens diferem muito, tanto em quantum intelectual como em conteúdo intelectual, nos instintos diferem pouco. Temos, pois, que são os instintos que unem os homens e a inteligência que os separa. Uma sociedade é uma reunião de instintos, não é um concurso de inteligências. Não são as ideias que regem as sociedades, mas sim a ausência de ideias. Um povo vale pelo que não sabe que vale	democracia	conservadorismo	txt 731
Caímos na teorização estéril, seguindo, como a fogos-fátuos	Qual a solução do problema democrático moderno? Como resolvê-lo, conservando o indispensável domínio das classes dirigentes, mas não pondo um inútil dique à ambição popular, que sobe e monta? Vários, muitos, se têm dedicado à solução de tal problema. Nunca lhes passou pela cabeça que o problema fosse irresolúvel. Nunca lhes ocorreu que estamos em decadência e que nos períodos assim chamados o mais característico aspecto das coisas sociais é o aparecimento de problemas que é impossível resolver. E porque é que o são? Porque só é possível equilibrar duas forças em conflito quando cada uma d'essas forças não exige absolutamente o extermínio da outra. Ora, na	democracia	fascismo	txt 3710

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
O grande problema do Estado futuro consiste na organização. . .	<p>decadência dos estados, o que precisamente se dá é aquela perda do instinto político, aquele affaisement da imaginação social (sociológica) que faz com que se ergam partidos e correntes que peçam coisas extremas, desequilibradoras do balanço da marcha da civilização.</p> <p>Grande e difícil é a obra! Grande e difícil o varrer dos ideais democráticos, humanitários e utilitários. Mas a grande anti-cristã (anti-cristã em tudo, antidemocrática, anticatólica antimonárquica) deve ser feita. Tristes de nós se faltarmos à missão divina que Aquele que nos pôs ao Ocidente da Europa, e tais nos fez quais somos, nos impôs quando nos deu este nosso acesso e transcendido espírito aventureiro</p>	democracia	liberalismo	txt 836
PROGRAMA GERAL DO NEOPAGANISMO PORTUGUÊS	<p>Mas, de comum, nós, neopagãos portugueses, rejeitamos a obra cristã por completo, na sua forma directa, e nas suas formas indirectas. Assim, rejeitamos: a democracia, todas as formas de governo não-aristocrático, todas as fórmulas humanitárias, todas as fórmulas de desequilíbrio como, por exemplo, o imperialismo germânico ou a democracia aliada; rejeitamos o feminismo, porque pretende igualar a mulher ao homem e conceder à mulher direitos políticos e sociais, quando a mulher é um ser inferior apenas necessário à humanidade para o facto essencial mas biológico apenas da sua continuação; rejeitamos as ternuras anti-científicas, como o vegetarianismo, o anti-alcoolismo, o anti-vivisseccionismo,</p>	democracia	conservadorismo	txt 1766

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
<p>Repare-se: não temos receio que a sociedade se democratize</p>	<p>não admitindo direitos aos animais inferiores ao homem. Rejeitamos o princípio pacifista; rejeitamos os imperialismos modernos, de índole católica todos – todo o sacro império romano que cada Inglaterra ou cada Alemanha ocultamente quer ser.</p> <p>Repare-se: não temos receio que a sociedade se democratize. Não pode haver democracia, porque o mero facto de haver sociedade inclui o facto aristocrático. Não se julgue, portanto, que o nosso protesto é contra a democracia como coisa que realmente exista ou ameace poder existir. Não pode, por sua natureza antinatural e autocontraditória.</p>	<p>democracia</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 2388</p>
<p>A OPINIÃO PÚBLICA [a]</p>	<p>A que conclusão levam estas constatações simples? Ao esfrangalhamento integral do conceito moderno de Democracia, à demonstração de que a Democracia, como modernamente se compreende, é essencialmente inimiga da opinião pública, e, portanto, anti-social, antipopular e antipatriótica. Vejamos isto nos seus detalhes.</p>	<p>democracia</p>	<p>nacionalismo</p>	<p>txt 2908</p>
<p>Demonstrado, assim, que a Democracia moderna é radicalmente anti-social,</p>	<p>O assunto comportaria uma série muito mais extensa de observações, entre as quais a menos interessante não seria, por certo, a demonstração de que o povo é naturalmente aristocratista, de que nunca um povo foi espontaneamente democrático, de que nunca o povo defendeu, de seu, senão os seus egoísmos, e a sua pátria; nunca, nunca, excepto por perversão imposta, ou perversão da decadência, os seus “direitos”, as suas “justiças” foram assunto por que o homem do povo fizesse [?] o esforço do levantar de um braço ou</p>	<p>democracia</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 744</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	de tirar as mãos das algibeiras.			
As qualidades mentais e morais necessárias para a conquista do poder político,	Outras figuras de prestígio, como o coronel Passos e Sousa, firmavam, ao menos, os alicerces da defesa da ordem. No resto, porém, confusão: a Revolução Nacional continuava sem ideias, pois não eram suas as dos integralistas – as únicas com sistema e coerência, mas de um grupo reduzido e, com razão ou sem ela, detestado, ou por monárquicos, ou por católicos, ou por antidemocráticos, pela grande maioria da Nação	democracia	fascismo	txt 4363
Contrapusemos, assim, sucessivamente aos três princípios fundamentais do instintivismo social	Contrapusemos, assim, sucessivamente aos três princípios fundamentais do instintivismo social, base de toda a saúde das colectividades e das nações, os três princípios fundamentais do fenómeno de baixo intelectualismo chamado a Democracia moderna.	democracia	conservadorismo	txt 744
A OPINIÃO PÚBLICA [b]	Consideremos agora a oposição, mais fácil de determinar, entre o instintivismo social, no seu característico antagonismo e a Democracia moderna, no pacifismo que a caracteriza. O patriotismo – vimos nós e demonstrámos – é a base do instinto social, é, mesmo, o único instinto social, verdadeiro; não é, de resto, mais que um egoísmo colectivo, ou, melhor, a forma colectiva do egoísmo, base de toda a vida psíquica. Demonstrámos também que, ao contrário da inteligência – que busca compreender e, pois que o busca, não pode odiar aquilo cuja compreensão a	democracia	conservadorismo	txt 2900

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>atrai —, o instinto odeia tudo quanto não seja ele, que o instinto é, portanto, radicalmente antagonista.</p> <p>Da fusão destas duas constatações se vê que o sentimento patriótico é forçosamente antagonista; que, portanto, a atitude normal de qualquer nação com relação às outras é o ódio; que a guerra é, por conseguinte, o estado natural da humanidade, não sendo a paz, evidentemente, mais que um estado de preparação para a guerra</p>			
<p>Nunca pude convencer-me de que podia,</p>	<p>A república inglesa, e, em França, os vários constitucionalismos e republicanismos precursores, representam épocas de transição, maximamente criadoras por maximamente transformadoras e porque introduziram o elemento novo (o de governo popular em Inglaterra, o de democracia em França) que, equilibrado por fim com os elementos tradicionais, fixaram o tipo de governo novo e nacional — em Inglaterra a monarquia liberal, em França a república conservadora. Esta fixação final coincide, como já apontámos, com o fim do terceiro estágio do grande período literário e princípio do período literário seguinte</p>	<p>democracia</p>	<p>liberalismo</p>	<p>txt 3095</p>
<p>INTERREGNO</p>	<p>A confusão advém do facto de se considerar que, tendo a democracia e o liberalismo crescido juntos, cada um desses termos implica necessariamente o outro. Tal não é o caso. A democracia já foi concisamente definida acima. O liberalismo pode ser definido como a tolerância em acção, ou tolerância activa: é o princípio segundo o qual todo o homem tem direito a sua opinião e a expressá-la, sob sua responsabilidade e dentro de certos limites naturais lógicos, sobre os quais liberais têm</p>	<p>democracia</p>	<p>liberalismo</p>	<p>Barreto (2017, p. 204)</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
[Cartas a João Gaspar Simões – 11 Dez. 1931]	<p>diferentes opiniões. Assim, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Uma é um sistema político, outra um sistema de ética prática. Não colidem, mas também não se fundem.</p> <p>Pasmo hoje, com vergonha inútil (e por isso injusta) de quanto admirei a democracia e nela cri, de quanto julguei que valia a pena fazer um esforço para bem da entidade inexistente chamado «o povo», de quão sinceramente, e sem estupidez, supus que à palavra «humanidade» correspondia uma significação sociológica, e não a simples acensão biológica de «espécie humana».</p>	democracia	conservadorismo	txt 1072
A OPINIÃO PÚBLICA [rascunho]	Pela doutrina democrática, mandar é obedecer. Pela verdadeira doutrina, mandar é compreender (mandar é orientar (no)) (mandar é interpretar).	democracia	liberalismo	txt 731
A DEMOCRACIA	Contra a democracia invoca-se, em primeiro lugar, o argumento da ignorância das classes cujo voto predomina, porque seja maior o seu número. Mas como os sábios divergem tanto como essas classes, não parece haver vantagens na ciência para elucidação dos problemas.	democracia	conservadorismo	txt 3597
A NOVA POESIA PORTUGUESA NO SEU ASPECTO PSICOLÓGICO	Iguamente inútil deve ser notar quanto essa futura fórmula deve distar do cristianismo e, especialmente do catolicismo, em matéria religiosa; da democracia moderna, em todas as suas formas, em matéria política; do comercialismo e materialismo radicais na vida moderna, em matéria civilizacional geral. E, finalmente, é da mesma inutilidade acrescentar, acentuando e especializando a sua divergência da democracia, que as formas extremas ou perturbadas desta – anarquismo,	democracia	nacionalismo	txt 3101

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
Uma coisa que preocupa muito, ao que parece, os críticos. . .	socialismo, etc. — serão varridas para fora da realidade, mesmo do sonho nacional; os humanitarismos morrerão ante essa nova fórmula social, de portuguesa origem, mais alta, provavelmente, em sentimento religioso do que outra qualquer que tenha havido, mais rude e cruel talvez em prática social do que o mais rude militarismo comercialista Uma coisa que preocupa muito, ao que parece, os críticos que já têm quarenta anos é a atitude pouco “generosa” — no sentido que dão a este termo em política — das novas gerações. Não são democráticos, não são libertários, não simpatizam com os oprimidos, não odeiam a Igreja, não erguem a voz pela Justiça.	democracia	anarquismo	txt 892
ÁLVARO DE CAMPOS, ENGENHEIRO NAVAL E POETA FUTURISTA	O eleitor não escolhe o que quer; escolhe entre isto e aquilo que lhe dão, o que é diferente. Tudo é oligárquico na vida das sociedades. A democracia é o mais estúpido de todos os mitos, porque nem sequer tem carácter místico	democracia	conservadorismo	txt 580
A crítica psicológica em sociologia dá resultados como o de sustentar erros.	A crítica psicológica em sociologia dá resultados como o de sustentar erros como o de que uma Democracia exige um povo culto, como o de medir o valor de um partido por actos dos seus chefes respeitados mas não respeitáveis	democracia	liberalismo	txt 918
Demonstrado, assim, que a Democracia moderna é radicalmente anti-social,	Demonstrado, assim, que a Democracia moderna é radicalmente anti-social, pois que um dos seus princípios fundamentais, o do sufrágio político, é substancialmente antagónico, por “intelectual”, ao não intelectualismo que	democracia	nacionalismo	txt 744

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
SAUDAÇÃO A WALT WHITMAN [a]	<p>caracteriza as manifestações do instintivismo social e da chamada “opinião pública”, base [. . .] de toda a vida política, resta, neste capítulo, que provemos que a Democracia moderna é por igual antipopular e antipatriótica.</p> <p>Cantor da fraternidade feroz e terna com tudo, Grande democrata epidérmico, contíguo a tudo em corpo e alma, Carnaval de todas as acções, bacanal de todos os propósitos Irmão gémeo de todos os arrancos, Jean-Jacques Rousseau do mundo que havia de produzir máquinas, Homero do insaisissable do flutuante carnal, Shakespeare da sensação que começa a andar a vapor, Milton-Shelley do horizonte da Electricidade futura!</p>	democracia	liberalismo	txt 926
APONTAMENTOS PARA UMA ESTÉTICA NÃO-ARISTOTÉLICA	<p>Na política há a democracia, que é a política de captação, e a ditadura, que é a política de subjugação. É democrático todo o sistema que vive de agradar e de captar — seja a captação oligárquica ou plutocrática da democracia moderna, que, no fundo, não capta senão certas minorias, que incluem ou excluem a maioria autêntica; seja a captação mística e representativa da monarquia medieval, único sistema portanto verdadeiramente democrático, pois só a monarquia, pelo seu carácter essencialmente místico, pode captar as maiorias e os conjuntos, organicamente místicos na sua profunda vida mental</p>	democracia	conservadorismo	txt 672
O INTERREGNO — Terceira Justificação	<p>O conceito vulgar de democracia, o que pretende basear a opinião pública na soma das opiniões individuais fornecidas pelas inteligências; o que supõe que uma sociedade numericamente mais culta (que não só mais</p>	democracia	conservadorismo	txt 2831

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	<p>culta em seus representantes superiores) se orienta e governa melhor que uma sociedade quantitativamente menos culta – este conceito é forçosamente erróneo. Acresce que, como não há ciência social, não pode haver cultura sociológica. Se a houvesse, como haveria, sobre os pontos mais simples e essenciais da vida social. divergência de opiniões entre homens da maior cultura</p>			
O INTERREGNO – Terceira Justificação	<p>Longe de, como se disse, a "democracia sem luzes " ser um "flagelo", é a democracia com luzes que o é. Quanto maior é o grau de cultura geral de uma sociedade menos ela se sabe orientar, pois a cultura necessariamente se quer servir da inteligência para fundar opiniões, e não há opinião que se funde na inteligência. Assenta ou funda-se no instinto, no hábito, na intuição, e a intromissão abusiva da inteligência, não alterando isso, apenas o perturba. A democracia moderna é a sistematização da anarquia</p>	democracia	conservadorismo	
A OPINIÃO PÚBLICA [rascunho]	<p>Afastemos imediatamente os dois erros palmares, que se dão em relação a este problema. A opinião pública não significa a opinião da maioria. A opinião pública não significa uma opinião política, mesmo que se trate de uma opinião pública em matéria política. Livres destes dois erros, poderemos atirar pela borda fora os dois erros palmares da pseudo-sociologia da época – o erro democrático, e o erro de supor que a opinião pública vale pelo que se manifesta</p>	democracia	conservadorismo	txt 731
O assunto, é claro,	Custa muito a um católico ibérico reconhecer que a fé dos papas	democracia	conservadorismo	txt 1229

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
<p>podia ser muito mais aprofundado.</p>	<p>é inimiga da sua Cidade-Península. Custa muito a um português republicano reconhecer que a sua ideia de república é um insulto que os franceses fizeram à sua nacionalidade. É muito difícil resolver o problema de conservarmos a república sem termos a democracia, importação francesa, do que os franceses trouxeram estragado de Inalaterra</p>			
<p>A OPINIÃO PÚBLICA [a]</p>	<p>Não quer isto dizer que nenhum país democrático seja governado de acordo com o instinto chamado a opinião pública. Onde a opinião pública é forte, coerente e rápida, eleitores, e sobretudo eleitos, sentem a sua pressão, e não ousam governar contra ela. Mas isso acontece em todo o país onde a opinião pública seja sã e forte, qualquer que seja o regime político desse país. Num caso destes a Democracia, essencialmente antipopular, não logra fazer o mal que pode; mas algum mal faz, porque há sempre, a estorvar o contacto directo entre a opinião pública verdadeira e os governantes, a pseudo-opinião que saiu das urnas, que constantemente perturba e obscurece as indicações instintivas da alma nacional</p>	<p>democracia</p>	<p>nacionalismo</p>	<p>txt 2908</p>
<p>Demonstrado, assim, que a Democracia moderna é radicalmente anti-social,</p>	<p>E assim demonstrámos que a análise escrupulosa do que seja a opinião pública, e de quais as bases psíquicas de uma vida social são leva inevitavelmente ao esfrangalhamento integral do conceito moderno de Democracia. Cumprir juntar a estas considerações só mais uma, tendente a</p>	<p>democracia</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 744</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	<p>esclarecer o aparecimento nesta análise de urna condicionação constante. Dissemos sempre “Democracia moderna”. Assim dissemos porque “Democracia” de per si, comporta dois outros sentidos: podia entender-se, sem este escrúpulo nosso, que o nosso argumento se entendia também com a Democracia antiga dos pagãos, sistema muito diferente, e solidamente assente na dupla base da servidão e do aristocracismo – dupla aristocratização social; e podia entender-se que o nosso argumento implicava com a democracia monárquica (tal na verdade foi) da Idade Média que, por bárbara é excluída destas considerações, e por sã alheia a</p>			
Mrs. Harris, ou a Democracia (no sul da Europa)	<p>No sul da europa a democracia é uma impossibilidade. O sul-europeu é ditatorial em política e nunca outra coisa senão ditatorial. Pode usar a democracia ou a liberdade como argumentos, mas são argumentos em prol da sua ditadura ou da do seu partido contra a ditadura de outros. Porque o sul-europeu não é um inimigo da ditadura: ele simplesmente é um inimigo da ditadura do outro partido</p>	democracia	fascismo	Barreto (2017 p.163)
Antitradicionalismo: Todo o progresso dum povo. . .	<p>Todo o progresso dum povo é feito pela imposição à plebe de instituições criadas contra a tradição dessa plebe. Assim, na Alemanha, a base antiga, a tradição era democrática; a actual civilização é aristocrática. Em Portugal, a tradição é democrática, de governo popular; por isso a construção deve ser aristocrática. para que haia civilização.</p>	democracia	conservadorismo	txt 3612
O grande problema do Estado futuro	<p>Mais alta é a obra, e ela, a ser feita, terá de ser feita quebrando aos pés toda a</p>	democracia	conservadorismo	txt 836

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
consiste na organização. . .	longa podridão humanitária, democrática, organizando uma aristocracia forte, dominando completamente a nossa plebe ineficaz salvo escravizada.			
ALTO DE SANTA CATARINA	As doutrinas sociais não têm consistência cultural, com que vivam. Não a tem a democracia, que é a tentativa de aplicar um regímen municipal a uma nação inteira, e vale na proporção e só na proporção em que promove ou promoveu o individualismo.	democracia	liberalismo	Barreto (2017, p. 54)
Uma coisa que preocupa muito, ao que parece, os críticos. . .	O anarquismo, o socialismo, o democratismo – todo esse lixo de teorias simpáticas que se esquecem de que teorizam para a humanidade de carne-e-osso – foram divinizações da mentira.	democracia	conservadorismo	txt 892
As únicas duas fórmulas governativas que podem dar glória. . .	A republica aristocrática é o sistema mais perfeito, porque é o mais estável dos dois. A monarquia absoluta depende de um homem; a república aristocrática é já uma instituição. Todos os outros sistemas de governo são maus. A chamada “democracia” é apenas uma oligarquia complexa, ou uma complexidade de oligarquias. A monarquia constitucional é má porque é a média [?] entre o que morreu e o que não pode existir. A sociedade, verdadeiramente, não é composta de homens, mas de agrupamentos; é portanto, uma potencialidade de oligarquias	democracia	conservadorismo	txt 2391
A OPINIÃO PÚBLICA [a]	Nas sociedades tradicionalistas são talvez os Mortos que mandam; nas sociedades democráticas, porém, é a Morte que manda.	democracia	conservadorismo	txt 2908
Reagir é agir contra quem age	O que hoje prepondera em todo o mundo é o ódio à Inteligência. As forças civilizacionais, cujo resultado político mais explícito é a democracia, não têm outro distintivo.	democracia	liberalismo	txt 3841

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
Demonstrado, assim, que a Democracia moderna é radicalmente anti-social,	<p>O sentimento une os homens; a inteligência separa-os. Todo o sistema que não se baseia na separação dos homens, na sua união, baseia-se, por isso, no sentimento, isto é, naquela parte do espírito humano que está dominada pela Inteligência.</p> <p>Vimos que à não intelectualidade do instintivismo se opunha a pseudo-intelectualidade do princípio do sufrágio, e que, assim, e por esse seu princípio, a Democracia moderna é anti-social. Vimos que à conservatividade do instintivismo se opunha o pseudo-altruísmo nivelador do liberalismo, e que, assim, e por esse seu princípio, a Democracia moderna é antipopular. Vimos que ao antagonismo do instintivismo social se opunha o pacifismo fraternitário, e que, assim, e por esse seu princípio, a Democracia moderna é antinacional e antinatriótica</p>	democracia	nacionalismo	txt 744
A NOVA POESIA PORTUGUESA SOCIOLOGICAMENTE E CONSIDERADA	<p>O segundo período é aquele que, precipitando-se na prematura Revolução Francesa, se vai realizando só depois, nas almas, de 1848 a 1870, pouco mais ou menos, e é neste período que a França cria para a civilização a ideia de democracia republicana. Não a cria, é claro, tão criadoramente como a Inglaterra de Cromwell, que a origina no mundo moderno; torna-a porém mais intensa e nítida, desenvolve-a — o que é também, ainda que secundariamente, uma criação. Finalmente, no terceiro período, o de 1870 para cá, a França nada cria para a civilização, nem mesmo a sua própria grandeza cria, visto que decai em valor europeu: vai vivendo, como a Inglaterra no</p>	democracia	liberalismo	txt 3090

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	segundo período, e realizando, apática e despiciendamente, o princípio de democracia republicana que em anterior período criara.			
Que essa arte não é feita para o povo?	A nossa arte é supremamente aristocrática, ainda, porque uma arte aristocrática se torna necessária neste outono da civilização europeia, em que a democracia avança a tal ponto que, para de qualquer maneira reagir, nos incumbe, a nós artistas, pormos entre a elite e o povo aquela barreira que ele, o povo; nunca poderá transpor — a barreira do requinte emotivo e da ideação transcendental da sensação anurada até à subtileza []	democracia	conservadorismo	txt 1422
No limiar desta publicação desejamos saudar o Sr. Dr. Sidónio Pais	Saudamos também todos, de qualquer partido que sejam, [os que] crêem e confiam na República (com ou sem Democracia). Saudamos também todos, de qualquer partido que sejam, que descrêem da Democracia.	democracia	nacionalismo	txt 679
Os princípios pagãos do governo social são:	(3) a ordem nacional, quando a força é dos cultos. Modernamente há a subversão total deste critério: (1) pela democracia, que põe o critério decisivo no número, não na inteligência.	democracia	liberalismo	txt 726
A NOVA POESIA PORTUGUESA NO SEU ASPECTO PSICOLÓGICO	Uma rápida análise, aqui eliminada, determina facilmente que o raciocínio permite profetizar que a futura criação social da Raça portuguesa será qualquer coisa que seja ao mesmo tempo religiosa e política, ao mesmo tempo democrática e aristocrática, ao mesmo tempo ligada à actual fórmula da civilização e a outra coisa nova	democracia	liberalismo	txt 3101
A OPINIÃO PÚBLICA	Demonstrado, assim, que a Democracia moderna é radicalmente	democracia	conservadorismo	txt 2900

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
[b]	anti-social, pois que um dos seus princípios fundamentais, o do sufrágio político, é substancialmente antagónico, por “intelectual”, ao não intelectualismo que caracteriza as manifestações do instintivismo social e da “opinião pública”, manifestação dele e base reconhecida de toda a vida política, resta, neste capítulo, que provemos que a Democracia moderna é por igual antipopular e antipatriótica			
Desde o meio do século dezoito que uma doença terrível. . .	Assim nasceu uma literatura e uma arte feitas de elementos secundários do pensamento —o romantismo; e uma vida social feita de elementos secundários da actividade — a democracia moderna.	democracia	conservadorismo	txt 2509
Uma coisa que preocupa muito, ao que parece, os críticos. . .	Por mim, acho preferível defender, como algum dia farei, com a devida argumentação sociológica, que é mais legítimo que os políticos roubem e espoliem o povo, do que roubar e espoliar o povo chamando a essa atitude “governo popular”, “democracia”, “liberdade” e outras coisas assim.	democracia	conservadorismo	txt 982
O INTERREGNO. — Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal.	Escrevemos estas páginas num tom, num estilo e numa forma propositadamente antipopulares, para que o opúsculo, por si mesmo, eleja quem o entenda. Tudo quanto, em matéria social, é facilmente compreensível, é falso e estúpido. Tão complexa é toda matéria social que ser simples nela é estar fora dela. É essa a principal razão por que a democracia é impossível	democracia	conservadorismo	txt 4343
FRANCISCO — O conceito de tirania é de definição tão	por isso resta, como única força capaz de tyrannizar, a força do número. Isto é, a essência da tyrannia é ser exercida por uma maioria. Em outras	democracia	conservadorismo	txt 3049

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
difícil. . .	palavras, a tirania é democrática			
A OPINIÃO PÚBLICA [rascunho]	A democracia é um sistema político que só aparece nas decadências. Quando uma sociedade sente instintivamente que lhe falta a coesão, espontaneamente tenta substituir a coesão por instinto por uma coesão por voto.	democracia	conservadorismo	txt 731
s/t	Também quando entre nós, e fora de entre nós, se diz que um indivíduo é liberal, subentende-se que é democrata, parlamentarista e anticlerical (quando não anti-religioso). Ora liberalismo nada tem a ver com democracia, nem com parlamentarismo nem com anticlericalismo, supondo que esta última expressão tenha qualquer espécie de sentido.	democracia	liberalismo	Barreto (2017, p. 360)
Repare-se: não temos receio que a sociedade se democratize	O nosso protesto é contra o quererem fazer democracia quando o facto essencialmente social é absolutamente aristocrático. O nosso protesto representa o nosso pasmo perante a inutilidade de pregar e esforçar-se por pôr em prática doutrinas que, além de realmente impossíveis, prejudicam a existência das sociedades e o bem-estar social.	democracia	conservadorismo	txt 2388
A NOVA POESIA PORTUGUESA SOCIOLOGICAMENTE E CONSIDERADA	O segundo período é aquele que, precipitando-se na prematura Revolução Francesa, se vai realizando só depois, nas almas, de 1848 a 1870, pouco mais ou menos, e é neste período que a França cria para a civilização a ideia de democracia republicana. Não a cria, é claro, tão criadoramente como a Inglaterra de Cromwell, que a origina no mundo moderno; torna-a porém mais intensa e nítida, desenvolve-a — o que é também, ainda que secundariamente, uma criação. Finalmente, no terceiro período, o de 1870 para cá, a França nada cria para a civilização, nem mesmo a sua própria grandeza cria,	democracia	liberalismo	txt 3090

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	<p>visto que decai em valor europeu: vai vivendo, como a Inglaterra no segundo período, e realizando, apática e despiciendamente, o princípio de democracia republicana que em anterior período criara.</p>			
<p>A OPINIÃO PÚBLICA [a]</p>	<p>A Democracia moderna, o sistema político que nasceu da Revolução inglesa, e inundou a Europa através do fenómeno inglês chamado a Revolução Francesa, assenta em três bases: o princípio do sufrágio como base da vida política; o princípio chamado "liberalismo", cuja substância consiste na tendência para abolir os privilégios especiais, de certas classes ou de certas pessoas, e de estabelecer entre os homens a maior igualdade possível; e o princípio a que melhor se pode chamar "pacifismo", que significa que a vida das sociedades, essencialmente comercial e industrial, é só episodicamente, ou por um resto de "atraso", guerreira, e que a paz entre os povos é o estado normal, ou que deve ser normal, na vida social. E isto que resume o lema «liberdade, igualdade, fraternidade», que a Revolução Francesa converteu em Santíssima Trindade para uso de quem não tem religião. É fácil demonstrar que os "princípios" democráticos são essencialmente dirigidos contra a opinião pública, contra o povo, e contra a própria essência de toda a vida social, que a Democracia é o resumo de tudo quanto seja antipopular,</p>	<p>democracia</p>	<p>nacionalismo</p>	<p>txt 2908</p>
<p>CARTA A UM HERÓI ESTÚPIDO</p>	<p>onde estudou Vossa Heroicidade a sociologia? Em que loba Romana bebeu</p>	<p>ditador</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 2984</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	<p>este Rómulo de Naulila o leite da ciência do governo? Em vez da atitude comedida e modesta que compete a um homem cuja acção é militar e prática, este indivíduo aventurou-se, com uma coisa que já não é ousadia, porque aqui é estupidez, até formular opiniões sobre a situação do país de que não sabe nada, das condições políticas do país, que não conhece, da atitude dos grupos aristocráticos portugueses, cujo representante espontâneo, o ditador recentemente deposto por uma revolução estomacal, foi das figuras que mais vincou o protesto necessário das elites portuguesas contra este domínio de carbonários e de ladrões, de arruaceiros e de gatunos, que lá vai para cinco anos nos conturba</p>			
s/t	<p>Mas a frase de Salazar, mesmo com esta origem sordidamente instintiva, é ainda mais infeliz do parece. O Ditador dirigia-se a escritores e poetas; era a eles que intimava a não sonharem. Ou ele quer que os escritores portugueses escrevam sem pensar, ou quer que na nas suas obras não figure nada que seja um sonho. Só se farão, assim, em Portugal poemas ou romances sobre as coisas mais materiais da vida. Aqui Salazar revela-se um Zola.</p>	ditador	liberalismo	Barreto (2017, p. 321)
s/t	<p>O homem de acção guia-se, para poder agir, por uma ideia, ou, quando mais não seja, por uma ideia central. Assim, o político, ao governar, e tendo que legislar sobre certo assunto, guia-se por uma ideia: ou por uma ideia sua, se é um pleno ditador, ou por uma ideia de partido, se é um político de partido, em ditadura ou fora dela. O por que nunca se guia é a necessidade do país, ou a opinião pública. Em primeiro lugar, a opinião pública não se manifesta claramente; em segundo lugar, a opinião pública raras vezes é unânime, muitas vezes é vária ou dividida; em terceiro lugar, a consideração de duas coisas - a sua ideia própria e a do</p>	ditador	nacionalismo	Barreto (2017, p. 183)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	país, por assim dizer - quebra a vontade e perturba a acção. Segue, pois, que todo o governo é ditadura, por parlamentar que se finja, e que todo governo é ditadura contra o país.			
s/t	Desde 21 de Fevereiro esta situação mudou, pelo menos em teoria, porque a palavra de ordem dada nesse dia pelo Ditador foi tão execravelmente tirânica que ninguém ousou fazê-la aplicar na totalidade do conteúdo. O Dr. Salazar disse, numa parte, que leu em público, do prefácio do seu livro "Discursos", onde esse trem não, aliás, nada a ver com o resto - que doravante os escritores portugueses deveriam, naturalmente em todos os seus escritos, seguir as directrizes do Estado Novo, que mais não são, de resto, que as do próprio Ditador, puramente pessoais e psicologicamente intransmissíveis.	ditador	liberalismo	Barreto (2017, p. 324)
D[ITADU]RAS	O ódio ao indivíduo, porque eles são inimigos da liberdade e a liberdade, se não for individual, não é nada; o ódio à inteligência, porque a inteligência discute e eles não querem ser discutidos; o ódio ao humor, porque eles são sérios e tristes e o humor para eles um inimigo pessoal. Todos os ditadores são falhos de humor, porque um certo sentido de humor preserva um homem daquela maníaca confiança em si próprio pela qual ele se promove a ditador	ditador	liberalismo	Barreto (2017, p. 212)
Características do Ditador	1- uma visão limitada da realidade, daí, de facto, bons resultados quando a parte limitada da realidade que é vista coincide com um problema que tem que ser resolvido. 2- uma vaidade	ditador	liberalismo	Barreto (2017, p. 210)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
Características do Ditador	<p>desmesurada, natural (M e H) ou induzida a S[alazar], e 3- um sentido do poder como dever, e não como [sic] Saber se uma ditadura actua acertadamente ou erradamente depende de muitos factores, pois um ditador pode ser tudo o que eu disse, mas a sua acção pode, por alguma razão ou razões, adequar-se ao momento ou aos tempos.</p> <p>Quando uma nação realmente necessita de um ditador é sinal de que está doente e o ditador, mesmo que, no melhor dos casos, cure realmente (geralmente cura só superficialmente ou parcialmente ou prepara a sociedade para uma cura), é ainda parte da doença, porque seu produto. Ninguém pode negar que M, H e S são caracteres desequilibrados.</p>	ditador	liberalismo	Barreto (2017, p.210)
INTERREGNO	<p>De facto, é entre liberalismo e ditadura que normalmente surge oposição, mas mesmo aí tem que fazer distinção. A oposição não é entre ditadura e liberalismo em si mesmos, mas sim entre liberalismo e as circunstâncias que fazem surgir uma ditadura e a atitude que os ditadores são levados a adoptar por essas circunstâncias. as ditaduras geralmente surgem do estado anárquico de um país, de uma situação de guerra civil, real ou virtual. nessa situação, a "expressão de opinião" tende a ser tumultuária ou revolucionária e, por isso, muitas expressões de opinião simplesmente verbais ou escritas, que em outros países não poderiam ter ou não teriam quaisquer circunstâncias, tendem a mergulhar o país na desordem</p>	ditadura	conservadorismo	Barreto (2017, p. 204)
O INTERREGNO. – Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal.	<p>Nossas revoluções são, contudo, e em certo modo, um bom sintoma. São o sintoma de que temos consciência da fraude como fraude; e o princípio da verdade no conhecimento do erro. Se, porém, rejeitando a fraude como fundamento de qualquer coisa, temos que apelar para a força para governar o país, a solução está em apelar clara e definidamente para a força, em apelar para aquela força que possa ser consentânea com a tradição e a consecução da</p>	ditadura	conservadorismo	txt 4343

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	<p>vida social. Temos que apelar para uma força que possua um carácter social, tradicional, e que por isso não seja ocasional e desintegrante. Há só uma força com esse carácter: é a Força Armada. É esta a terceira Doutrina do Interregno, a terceira e última justificação da Ditadura Militar</p>			
<p>O argumento essencial contra uma ditadura é que ela é ditadura,</p>	<p>Sucede porém que até o ilegal, se quer que o consideremos justificado, tem que obedecer a certas normas, isto é, tem que ter, em certo modo, uma legalidade sua. Ora uma ditadura, justificável somente quando não há escolha entre ela e a anarquia, existe, por isso mesmo, só para pôr fim a essa anarquia. O seu papel é portanto limitado à manutenção da ordem até que a anarquia desapareça; desaparecida esta, está findo o papel da ditadura. Se a ditadura não consegue dominar a anarquia ou o espírito anárquico, é que o fenómeno anárquico entrou fundo de mais no espírito da sociedade, e então há uma crise profunda, que, por profunda, nenhum governo, de força ou não, pode debelar. Ou é o fim do país ou, para que este se salve, não há outro remédio senão deixar que a anarquia continue e d'ela saia, pela aprovação de leis naturais e sociais que ninguém conhece, a lenta e dolorosa salvação. E, quando um país está neste estado, a existência do governo de força não terá feito mais, pelas várias reacções que provoca do que ter aumentado essa anarquia. Terá sido,</p>	ditadura	conservadorismo	txt 1677

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
<p>Há razões para supor, e adiante direi quais são, que dois terços do país.</p>	<p>Há razões para supor, e adiante direi quais são, que dois terços do país estão com a Ditadura Militar. O que não há razão para supor é que os mesmos dois terços do país, ou qualquer coisa que se pareça com esses dois terços, estejam com o Integralismo Lusitano, cujos princípios, aliás estrangeiros, se nos querem impor como soma de ciência social e necessária condição nossa, pelo Manifesto do Governo e o Relatório Salazar. E porque este movimento político representa uma imoralidade — o servir-se um governo que tem tido simpatias por o que tem sido de anti-doutrinário, dessas mesmas simpatias para nos impor uma doutrina — julgo que é dever de quem quer que seja, que possa contraexpor ou contraditar, opor uma resistência, pelo menos intelectual, ao subterfúgio político pelo qual, não a Ditadura mas os seus maus Mestres, querem cavar a sua própria ruína, que não interessaria se não afectasse o país. O país não quer mais Josés Domingues dos Santos, e nem os quer trazidos pela mão irónica do Prof. Oliveira Salazar. Pertença àquela parte do país que não hostiliza deliberadamente corrente política alguma, desde que essa corrente garanta a ordem e se oriente com</p>	ditadura	nacionalismo	txt 4158
<p>O INTERREGNO. — Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal.</p>	<p>Tão-pouco se inclui nele, explícita ou implicitamente, qualquer defesa dos actos particulares da Ditadura Militar presente. Nem, se amanhã essa Ditadura Militar cair, cairão com ela</p>	ditadura	nacionalismo	txt 4343

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
INTERREGNO	<p>estes argumentos. Não haverá senão que reconstruí-la, que estabelecer de novo o Estado de Interregno: não há outro caminho para a salvação e renascimento do País senão a ditadura militar, seja esta ou seja outra. Cumpre que isto fique desde já entendido como intuito proposto; ficá-lo-á como caso provado quando se houver lido o onúsculo.</p> <p>Em Portugal, por seu lado, quando em 1926 surgiu a Ditadura Militar e, depois, em 1932, a ditadura de Salazar, nada de semelhante foi feito. Só foram afastados, muito naturalmente, aqueles funcionários que, em seguida, conspiraram de facto ou tomaram parte em revoltas contra o novo governo.</p>	ditadura	fascismo	Barreto (2017, p.206)
O INTERREGNO. – Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal.	<p>Ora o mínimo, o indispensável social é a ordem pública, sem a qual as mais simples actividades sociais, individuais ou colectivas, nem sequer podem existir. Os governantes naturalmente indicados por um Estado de Transição são, pois, aqueles cuja função social seja particularmente a manutenção da ordem. Se uma nação fosse uma aldeia, bastaria a polícia; como é um nação, tem que ser a Força Armada inteira. É esta a segunda Doutrina do Interregno, a segunda justificação da Ditadura Militar</p>	ditadura	fascismo	txt 4343
Todo o grande partido político de oposição,	<p>Tal é a história de todas as revoluções; por alto que seja o ideal de onde se despenharam, vêm sempre ter ao mesmo vale da sordidez humana. Forma-se uma ditadura de inferiores. Um período revolucionário é sempre uma ditadura de inferiores. A situação de Portugal, proclamada a República, é a de uma multidão</p>	ditadura	conservadorismo	txt 4154

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	<p>amorfa de pobres diabos, governada por uma minoria violenta de malandros e de comilões. O constitucionalismo republicano, para o descrever com brandura, foi uma orçã lenta de bandidos estúpidos.</p>			
<p>A OPINIÃO PÚBLICA [b]</p>	<p>No que respeita à época presente, com os seus preconceitos liberalistas e igualitários, veremos que eles em nada impedem a operação instintiva, em plena afirmação igualitária, do fundamental egoísmo humano. Escolheremos para exemplo a mesma classe – a classe popular –, e iremos colher a amostra naquela parte da classe popular que mais extremo “liberalismo” estadeia – os infelizes mentais cuja ignorância sociológica e desconhecimento da história os leva a ter ideias socialistas ou parecidas, demência terminal do liberalismo. Vemos, com efeito, que esses pobres diabos busquem espontaneamente qualquer resultado de acordo com a base liberalista e igualitária da sua doutrina? Não o vemos. O que encontramos, é, ao contrário, a tendência para substituir aos pretensos “privilégios” do capital uns outros “privilégios” – os do chamado “trabalho”. A tendência espontânea é para a inversão dos factores, não para a sua igualização. E a célebre “ditadura do proletariado”, último avatar da ignorância e da asneira, revela, com a ingenuidade mental característica dos seus criadores, aquele naturel que revient au galop, quanto mais o querem</p>	<p>ditadura</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 2900</p>
<p>INTERREGNO</p>	<p>Realmente, uma ditadura, sendo um governo sem controlo,</p>	<p>ditadura</p>	<p>liberalismo</p>	<p>Barreto (2017,p. 205)</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs.
	<p>facilmente conduz os ditadores a actos de rudeza política e verdadeira tirania. Isso, porém, tem mais a ver com as pessoas, os países e as circunstâncias do que propriamente com a ditadura em si. Mussolini e Hitler expulsaram dos seus cargos, em todos os departamentos do Estado, todas as pessoas que ocupavam posições de importância nos regimes anteriores, quer essas pessoas se tivessem oposto aos novos regimes quer</p>			
<p>O facto fundamental é que não há entre o sistema liberal de Inglaterra</p>	<p>O que atrai os Povos peninsulares no regime parlamentar e liberal é que esse regime, pela sua insubsistência, a sua fraqueza e a sua prolixidade verbal, se conjuga com a alma impotente dos seus sequazes. O que atrai o povo inglês nesse regime é que ele se ajusta à substância do seu individualismo. Assim, e os ingleses o não compreendem, quando se estabelece uma ditadura nos países latinos, estabelece-se uma disciplina. Nos países do Norte uma ditadura seria uma indisciplina. E, ao invés do mesmo sentido, quando nos países latinos se abre um parlamento, a nação periga</p>	ditadura	fascismo	txt 4152
<p>O INTERREGNO. – Segunda Justificação</p>	<p>Chegados a este ponto os que leram este opúsculo, parecer-lhes-á que, para justificar a Ditadura Militar, não havia mister que o fizéssemos com mais que um só dos fundamentos expostos, nem que, em todos eles, empregássemos razões com tal desenvolvimento. Há, porém, que explicar que o triplo carácter da justificação, assim como o pormenor de toda ela, têm um intuito mais largo que o de só justificar. Para o explicar e o definir, dividamos em três razões o relato do que nos propusemos. Em primeiro lugar, vejamos claro quanto à natureza da coisa</p>	ditadura	fascismo	txt 4343

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>justificada. Repetiremos o que já dissemos. Este opúsculo contém uma justificação completa da Ditadura Militar em Portugal presente. Com isso justificámos a Ditadura de hoje, em seus fundamentos. Não falámos, porém, particularmente dela. Nenhuma consideração particular importava ao nosso argumento, que era geral. provámos que é hoje legítima e necessária uma Ditadura Militar em Portugal; trinlamente o provámos</p>			
<p>APONTAMENTOS PARA UMA ESTÉTICA NÃO-ARISTOTÉLICA</p>	<p>É ditatorial todo o sistema político que vive de subordinar e de subjugar – seja o despotismo artificial do tirano de força física, inorgânico e irrepresentativo, como nos impérios decadentes e nas ditaduras políticas; seja o despotismo natural do tirano de força mental, orgânico e representativo, enviado oculto, na ocasião da sua hora, dos destinos subconscientes de um novo</p>	ditadura	liberalismo	txt 672
<p>O INTERREGNO. – Segunda Justificação</p>	<p>Os governantes naturalmente indicados por um Estado de Transição são, pois, aqueles cuja função social seja particularmente a manutenção da ordem. Se uma nação fosse uma aldeia, bastaria a polícia; como é um nação, tem que ser a Força Armada inteira. É esta a segunda Doutrina do Interregno, a segunda justificação da Ditadura Militar.</p>	ditadura	fascismo	txt 2836
<p>Condições políticas em Portugal nos dias atuais</p>	<p>Ora, a presente ditadura pode ser francamente descrita como liberal. À parte a censura à imprensa, que não é muito severa e é principalmente mutiladora dos produtos do desprezível fanatismo político ou da mais que desprezível calúnia política, não há opressão em Portugal.</p>	ditadura	nacionalismo	Barreto (2017,p. 196)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
O argumento essencial contra uma ditadura é que ela é ditadura,	Sendo o papel da ditadura limitado à manutenção da ordem, o governo de força tem todavia que empregar-se também na resolução de problemas correntes, pois que o Estado não pode deixar de ser administrado. Aqui, porém, deve a ditadura limitar-se a um papel rigorosamente administrativo. É a ditadura, por assim dizer, a suspensão do legislativo pelo executivo; não é a substituição do executivo ao legislativo. Uma ditadura não tem pois que fazer leis. E, na proporção em que, saindo do seu justo papel, as fizer, nessa mesma proporção criará novas inimizades, novos descontentamentos	ditadura	fascismo	txt 1677
O INTERREGNO. – Segunda Justificação	Nossas revoluções são, contudo, e em certo modo, um bom sintoma. São o sintoma de que temos consciência da fraude como fraude; e o princípio da verdade no conhecimento do erro. Se, porém, rejeitando a fraude como fundamento de qualquer coisa, temos que apelar para a força para governar o país, a solução está em apelar clara e definitivamente para a força, em apelar para aquela força que possa ser consentânea com a tradição e a consecução da vida social. Temos que apelar para uma força que possua um carácter social, tradicional, e que por isso não seja ocasional e desintegrante. Há só uma força com esse carácter: é a Força Armada. É esta a terceira Doutrina do Interregno, a terceira e última justificação da Ditadura Militar	ditadura	conservadorismo	txt 2831
As qualidades mentais e morais necessárias para a	O único período útil na vida governativa da República Constitucional foi o Governo	ditadura	fascismo	txt 4363

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
conquista do poder político,	Provisório; é que nele a cisão na chefia não estava mais que esboçada, e que decidiu, e muito bem, governar em ditadura, contra os seus princípios fundamentais – os princípios a cuja sombra haviam pregado e feito a revolução e conquistado o poder.			
O argumento essencial contra uma ditadura é que ela é ditadura,	O argumento essencial contra uma ditadura é que ela é ditadura, isto é, que é ilegal. O apresentarem os seus governos obra melhor, em um ou todos os sentidos, do que os governos legalmente constituídos não diminui a sua ilegalidade. Um homem que matasse outro voluntariamente, sem razão nem provocação, não pode esperar que lhe conte como atenuante – nem como tal lh'a contarão – que esse outro era provavelmente um elemento daninho, que mais útil é morto do que vivo. Uma ditadura, apesar de ilegal, pode ser todavia justificada pelas circunstâncias, quando num país é tal o estado de anarquia, governamental ou social, que se torna impossível a vida da legalidade. Entre um estado de guerra civil, real ou latente, e um governo de força, por ilegal que seja, que coíba essa anarquia, nenhum homem de recto critério, por liberal ou democrata que seja, hesitará	ditadura	conservadorismo	txt 1677
O INTERREGNO. – Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal.	Este opúsculo contém uma justificação completa da Ditadura Militar em Portugal presente. Com isso justificámos a Ditadura de hoje, em seus fundamentos. Não falámos, porém, particularmente dela. Nenhuma consideração particular importava ao nosso	ditadura	nacionalismo	txt 4343

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>argumento, que era geral. provámos que é hoje legítima e necessária uma Ditadura Militar em Portugal; triplamente o provámos. Se esta, que o é, é composta como convém que seja, ou se se orienta como convém que se oriente, ou se subsistirá como convém que subsista – tudo isso é estranho à nossa demonstração. Se amanhã a Ditadura Militar cair, não cairá com ela a justificação dela. O ser necessária uma coisa não implica nem que exista, nem que, existindo, subsista; implica tão-somente que é necessária</p>			
INTERREGNO	<p>Obviamente, quando uma ditadura aparece, o que naturalmente sucede sempre nas referidas circunstâncias, os ditadores, ainda que pessoalmente sejam liberais, dificilmente permitirão aquela liberdade de imprensa e de palavra que, em condições normais, gostariam de permitir. Quando a liberdade de expressão significa liberdade de hostilidades, a liberdade de expressão tem que ser suspensa. Sempre que a liberdade de palavra pode ser um perigo para o país. ela é suspensa.</p>	ditadura	fascismo	Barreto(2017, p. 204)
Sim, sou situacionista. Mas vamos lá a uma coisa.	<p>Confio no General Carmona porque tem a mais segura mão de timoneiro que há muitos anos temos tido. Desde quando, no período agudo da Ditadura, apoiou a acção defensiva e patriótica do General Vicente de Freitas, até quando, havendo já calma para pensar, deu apoio à acção coordenadora do Prof[essor] Salazar, o Presidente da República tem-se mantido numa atitude que é rara em qualquer caso, e raríssima em política – a maleabilidade dentro da dignidade. É um aristocrata da adaptação</p>	ditadura	conservadorismo	txt 4036
Cap: A Guerra	<p>Mas esta guerra, fundamentalmente religiosa, é, por fora disso,</p>	imperialismo	fascismo	txt 3198

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
Presente	civilizacional. Digladiam-se dois tipos cristãos de civilização — o tipo imperialista, e o tipo sentimental. Porque a Alemanha, pertencente a um tempo de civilização cristã, não podia, por pagão que fosse o seu espírito, sequer viver se não se apoiasse em determinados elementos do espírito cristão. Apoiou-se no mais pagão de todos — o imperialismo, criando-se através duma visão evocadora do Sacro Império que foi seu			
A civilização europeia assenta em cinco tradições fundamentais,	Por imperialismo não se entende o agrupamento artificial de várias nações em uma só, mas a tendência de toda a nação para converter em sua substância psíquica as outras nações. Voluntariamente, foi esta tradição menos quebrada que a anterior, porque o imperialismo tem mais força sobre a imaginação do homem que as duas componentes da tradição helénica. Involuntariamente, porém, foi quebrada bastantes vezes, já pelos imperialismos espúrios de Carlos Quinto e os Filipes, de Bismarck, já pelo imperialismo errado de Napoleão, que, para a invasão cultural, levava uma base errada na cultura revolucionária francesa	imperialismo	conservadorismo	txt 3171
Disse Chateaubriand que o romantismo era a literatura. . .	Dos elementos constitutivos do cristismo, vemos que o elemento humanitário decadente aparece na revolução francesa; vemos que o elemento místico, neoplatónico e gnóstico, surge na eflorescência das escolas ocultistas; vemos que o elemento imperialista, à parte acentuar-se nitidamente adentro do catolicismo tentativamente renascente, aparece nas nações ocidentais com um cunho de brutalidade e de incompreensão das leis sociais que não deixa esquecer a origem no império da decadência; que, finalmente, o cosmopolitismo (is this the 4th element? verify!) assume um carácter acentuado em aquelas nações que não curam de um imperialismo nítido. O que é feito, porém, do quinto elemento cristista — o paganismo sobre o qual o cristismo se ergueu e se vitalizou?	imperialismo	liberalismo	
Todo o Império que não é baseado no Império Espiritual é uma Morte de pé,	Criemos um Imperialismo andrógino, reunidor das qualidades masculinas e femininas: imperialismo que seja cheio de todas as subtilezas do domínio feminino e de todas as forças e estruturas do domínio masculino. Realizemos Apolo espiritualmente.	imperialismo	fascismo	txt 3608

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
Império	<p>Uma nação chega ao seu auge de grandeza quando realiza plenamente o seu imperialismo específico. Assim o auge de grandeza da Itália foi sob a Renascença, pois que então, ainda que em circunstâncias não inteiramente favoráveis ao seu bem-estar, realizou plenamente a sua missão civilizacional, que era a de expandir cultura pela Europa, de dominar pelo espírito. A Alemanha, imperialismo de domínio, chegou ao seu auge no século XIX, quando conseguiu o imperialismo unificador, grau mais alto do imperialismo de domínio. (Agora, forçada pelas circunstâncias a adaptar-se a um imperialismo de expansão, dá-se nela uma transformação imperialista.) (Resultados?) A Inglaterra (outro imperialismo de domínio, como as suas ancestrais tendências mostram, pois que, contra toda a lógica nacional, teve durante tempo sob seu jugo parte da França) teve o seu auge quando, sob Cromwell, realizou, qual a Alemanha no século extinto, o seu pleno imperialismo unificador, se bem que unificador mais à força do que no caso germânico. A sua ulterior expansão e nítida prática do imperialismo de domínio tem em passar a ser imperialismo expansivo. O caso da Alemanha prova-o. Mas a Alemanha contemporânea, em vez de transformar o seu imperialismo de domínio em imperialismo expansivo, quis mantê-lo através do imperialismo de expansão, o que envolve fatalmente resultados diversos e consequências que, é de prever, sejam o que forem</p>	imperialismo	nacionalismo	txt 1021
O grande problema do Estado futuro consiste na organização. . .	<p>A coisa que mais urgentemente se impõe hoje em Portugal é a construção de um imperialismo português. Qual deve ser esse imperialismo, de que espécie, agindo de que maneira? Tudo isso sairá da consideração atenta do problema, e do sentido especial que a palavra "imperialismo" terá de tomar neste caso. Para isso, a meu ver, nada pode ter tão férteis resultados como uma aliança espiritual com a Alemanha, que, por ser nossa análoga psíquica, nos deve legar a continuação espiritual daquele imperialismo, daquela atitude anticristã, que ela, por seu grande poder material, não pode doravante tentar realizar senão pela força e não pelo espírito</p>	imperialismo	nacionalismo	txt 836

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
Sensacionismo. [Vida moderna]	Assim, para nos determos apenas no exemplo maior e mais típico, a decadência de Roma não resultou senão da perturbação social produzida pela política do imperialismo, sempre mortal para uma nação, porque um ponto há em que o dominado excede as forças do dominador, e ele nunca sabe parar nesse ponto, tão certo resulta do dominar, como do coçar e comer do prolóquio, que tudo está no começar. Mas a política do imperialismo não foi senão um produto da própria política típica de Roma no auge do seu prestígio, nem foi, ela, um elemento novo. senão na pronorção em que trouxe elementos novos	imperialismo	conservadorismo	txt 1659
Ora, parece que, sendo a constituição fundamental do imperialismo. . .	Ora, parece que, sendo a constituição fundamental do imperialismo romano a cultura grega, a administração romana e o cosmopolitismo europeu, essas devem ser, fundamentalmente, as bases da nossa civilização, por isso que ela assenta no império romano, como origem. Mas repare-se que ela assenta, não no império romano propriamente dito, senão no império romano decadente, e nos princípios que saíram de tal império, quando decadente.	imperialismo	conservadorismo	txt 3182
O ATLANTISMO	Hegemonia Ibérica. A concepção atlântica da vida. O imperialismo espiritual. Germanofilia de alma, anglofilia de corpo. (Admiremos os construtivos, os criadores, ainda que seja de coisas inferiores; não os ponhamos ao nível dos meros arrastadores da vida pelo acaso dos acasos!) Inutilidade e malefício das nossas colónias. Sebastianismo.	imperialismo	fascismo	txt 3604
PROBLEMA IBÉRICO [a]	Formado o Estado Ibérico, qual deve ser a sua orientação conjunta? Tripla: (1) o domínio espiritual das Américas do centro e do sul, e assim o imperialismo de cultura no Novo Mundo, (2) a conquista definitiva dos territórios do Norte de África, onde vi vem os homens nossos parentes, as raças árabes, berberes, [. . .]; (3) a destruição militar da Franca (e da Itália).	imperialismo	nacionalismo	txt 1226
Introdução ao estudo do problema nacional (ou Império)	O imperialismo de expansão tem um sentido normal, para que cumpra os seus fins civilizacionais, em ir ocupar territórios, ou desertos, ou povoados apenas por povos fora da civilização. Esse imperialismo comporta três graus, sendo mais justificado	imperialismo	nacionalismo	txt 1013

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>no primeiro que no segundo, no segundo que no terceiro. Há, em primeiro lugar, a ocupação — obedecendo à natural necessidade de o povo se expandir — de territórios ou desertos, ou povoados por populações ou primitivas ou selvagens. Neste caso estão territórios em que as condições climáticas são de ordem a não poder produzir uma raça autóctone capaz de se civilizar e progredir. O caso do Brasil é típico. Confirma, como já se apontou (J. M. R.) o conceito de Buckle, de que os territórios sujeitos a excessos climáticos, como o calor intenso e a humidade excessiva, não são aptos a criar raças autóctones susceptíveis de civilização. São estes os territórios que um imperialismo expansivo tem, absolutamente, direito de ocupar. O seu destino, mesmo, está na ocupação desses territórios. O imperialismo implica, conforme provámos, a criação preliminar de um ideal nacional; a criação de um ideal nacional envolve uma fixação racial. Por isso, nesses territórios por si incapazes de gerar uma raça civilizável tem, para que neles haja civilização, que aparecer um povo já civilizado — isto é, não apenas em processo de civilização, mas com uma nacionalidade psíquica inteiramente definida.</p>			
O grande problema do Estado futuro consiste na organização. . .	Emprego as razões mais evidentes, e deixo de lado as superiores, as mais importantes. Essas jazem ocultas na teoria do imperialismo, que é quase hora de fazer — não imperialismo entendido como domínio pela força (quem o iria teorizar para o nosso pequeno povo?), mas o imperialismo como influência civilizacional, que um povo, pequeno ou grande, pode realizar, e de esta ou daquela maneira. consoante é grande ou pequeno.	imperialismo	nacionalismo	txt 836
O que a nós verdadeiramente nos caracteriza e define. . .	Antes de sermos imperialistas, já éramos universalistas. Isto o revela a nossa primitiva literatura — a dos cancioneros e novelas de cavalaria —, singularmente desprendida de qualquer dos dois estímulos onde o imperialismo, propriamente dito, tem origem como facto mental, e não necessidade política ou económica: o nacionalismo e o espírito religioso. A exaltação patriótica não aparece.	imperialismo	nacionalismo	txt 1535
Império	Assim o estádio da Renascença foi o do Imperialismo de domínio, o do século XIX, o da expansão, passamos agora,	imperialismo	nacionalismo	txt 1007

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	através da dissolução desses dois imperialismos, para a formação do imperialismo de cultura. Dominavam menos na Renascença aquelas nações cujo império não era de domínio: assim, dominavam a Espanha principalmente, e Portugal, por exemplo, na proporção em que foi de domínio o seu essencial imperialismo de cultura.			
Há três espécies de Portugal, dentro do mesmo Portugal;	Daí a falta de grande literatura nesse tempo (pois Camões, conquanto grande, não está, nas letras, à altura em que estão nos feitos o Infante D. Henrique e o imperador Afonso de Albuquerque, criadores respectivamente do mundo moderno e do imperialismo moderno) (?). E esta nova espécie de mentalidade influi nas outras duas qualidades mentais do português: por influência dela a adaptabilidade torna-se activa, em vez de passiva, e o que era habilidade para fazer tudo torna-se habilidade para ser tudo.	imperialismo	nacionalismo	txt 3477
É um imperialismo de gramáticos?	É um imperialismo de gramáticos? O imperialismo dos gramáticos dura mais e vai mais fundo que o dos generais. É um imperialismo de poetas? Seja. A frase não é ridícula senão para quem defende o antigo imperialismo ridículo. O imperialismo de poetas dura e domina; o dos políticos passa e esquece, se o não lembrar o poeta que os cante. Dizemos Cromwell fez, Milton diz. E nos termos longínquos em que não houver já Inglaterra (porque a Inglaterra não tem a propriedade de ser eterna), não será Cromwell lembrado senão porque Milton a ele se refere num soneto. Com o fim da Inglaterra terá fim o que se pode supor a obra de Cromwell, ou aquela em que colaborou. Mas a poesia de Milton só terá fim quando o tiver o homem sobre a terra, ou a civilização inteira e mesmo então quem sabe se terá fim	imperialismo	conservadorismo	txt 3024
Império	O outro imperialismo de cultura do tempo, o português, vingou mais porque a orientação cultural do imperialismo português era outra – não já artística, mas científica, pois que era a das descobertas. Mas viu-se frente a frente com uma tremenda combinação de circunstâncias. Primeiro, tinha que se adaptar ao imperialismo de domínio do tempo. Faltavam-lhe, para que isso se pudesse fazer bem, algumas condições, como o número de gente precisa para tentar tal adaptação, a prática de processos	imperialismo	nacionalismo	txt 1021

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>militares favoráveis ao imperialismo de domínio (a acção guerreira anterior em Portugal tinha sido defensiva apenas, quer contra os mouros, quer contra os reinos vizinhos). Outras condições possuía – a unidade nacional (que congrega no esforço os indivíduos duma nação), o hábito guerreiro, não propriamente temperamental na Raça, mas educado através da atitude defensiva constante. O pior foi que, iniciando a época ultramarina da civilização europeia, Portugal criou o imperialismo de expansão, a que teve fatalmente que tentar adaptar-se, para o que lhe faltava a primeira e a essencial condição – o número de gente precisa para isso, para não falar na nenhuma necessidade que tinha de vazar os seus indivíduos em qualquer parte fora do país. Assim, Portugal viu-se a braços com a necessidade de uma adaptação dupla; um império construído sobre tão frágeis bases não podia durar muito tempo. O imperialismo de domínio, ao tempo lema civilizacional, favorecia contra Portugal o reino de Castela, adaptado por natureza a esse género de imperialismo; se bem que a decadência desta depois o fizesse poder-se livrar.</p>			
O assunto, é claro, podia ser muito mais aprofundado.	<p>Que esta aspiração de todo o passado ibérico, ressurto agora numa voz isolada, encontre eco nos corações da Ibéria! Que todos nós, por mais que nos custe, nos compenetremos do nosso destino gladiolado! Quebrems (aos pés – nós, portugueses, as nossas fantasias de repúblicas democráticas e outras invenções francesas, procurando-nos a nós em nós; vós, castelhanos, a ânsia até de conservardes o que tendes, o vosso imperialismo estulto de absorções inúteis, que só serve o Estrangeiro Comum; vós, catalães, a vossa ignóbil agitação operária feita por agentes espirituais da França! Sacrifiquemos, cada um de nós, aquilo que nada vale. Tudo isto vai custar, tudo isto é muito difícil, tudo isto pesa e dói e nos separa de coisas amadas, e de um passado próximo, que, embora fosse um erro, foi o nosso passado. Digamos às nossas tradições mortais (letais) como Cristo da sua Mãe: Quem é a minha Mãe [. . .] Construíamos em nós a Ibéria. Um dia a Ibéria será</p>	imperialismo	nacionalismo	txt 1229
Se o nosso	Em relação a si própria o critério definidor é a língua, que é o que	imperialismo	conservadorismo	txt 3009

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
imperialismo é um imperialismo cultural,	define a nação para si mesma. A nação que pretenda a um imperialismo cultural deve, portanto, começar por unificar os elementos que falam a sua língua, porque não há império sem unificação, nem, portanto, império cultural sem unificação cultura			
Todo o Império que não é baseado no Império Espiritual é uma Morte de pé,	Só pode realizar utilmente o Império Espiritual a nação que for pequena, e em quem, portanto, nenhuma tentativa de absorção territorial pode nascer, com o crescimento do ideal nacional, vindo por fim a desvirtuar e desviar do seu destino espiritual o original imperialismo psíquico. Foi o que aconteceu com a Alemanha. O povo era grande de mais para poder realizar o seu destino supremo de imperialista de Espírito. O contrário nos aconteceu, a nós portugueses, quando as descobertas nos levaram a tentar realizar um imperialismo de Matéria, que não tínhamos agente para imor.	imperialismo	nacionalismo	txt 3608
Império	Há três imperialismos: de domínio, de expansão e de cultura. O imperialismo de domínio comporta três expressões: (1) Imperialismo unificador – aquele cujo fim é reduzir a uma unidade, para fins civilizacionais (ainda que egoisticamente instintizados os povos de uma região falando a mesma língua, mas que por razões diversas se não achem fundidas num só povo). (2) Imperialismo cesarista – aquele em que a nação imperialista procura dominar o mais possível, seja quem for, apenas para aumentar o seu território, e para sentir a sua grandeza. (3) Imperialismo hegemónico – aquele em que a nação imperialista procura apenas valorizar-se (e não, já, sentir-se grande) pelo domínio de outros povos: O 1º caso é o da Prússia sobre o resto da Alemanha. O 2.º é o de Roma sobre o que pode alcançar da terra. O 3º é o da Áustria e, até certo ponto, da Espanha.[...] É preciso não cair no erro de julgar que qualquer destes imperialismos é necessariamente consciente. Pode sê-lo e pode não o ser. O resultado da acção, o seu sentido deduzível [?] é que vale – não a intenção, senão correctivamente	imperialismo	nacionalismo	txt 1007
Quando não tivesse o valor que lhe é próprio e directo,	Antes disso, só no Império Romano se encontra uma tão justa harmonia entre as qualidades de planear e as de executar; porém com esta diferença, que o que os Romanos planejaram e	imperialismo	liberalismo	

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs
	<p>executaram estava dentro do imperialismo de sempre, era a conquista e a ocupação sábia, a administração ordenada, sendo de novo ali só a perfeição da ciência administrativa e a notável aplicação à prática da cultura grega e dos seus resultados, ao passo que no império português o elemento cultural, a ciência, era própria, como a execução. Assim tivemos que empregar os três elementos do plano — a ciência, a teoria da prática, e a prática.</p>			
(1) A civilização a que chamamos europeia,	<p>Tudo isto, porém, pouco importa. O que importa, no nosso caso, é que a religião que, viesse de onde viesse, apareceu na história com o nome de Cristianismo, veio contrariar com um individualismo especial e novo o conceito estadista do Império Romano. Herdando deste, em cuja substância se criou, o imperialismo, o espírito de expansão e universalidade, e assim sobrepondo ao seu fundo judaico um proselitismo que os Hebreus desconhecem, surgiu no Império em uma espécie de concorrência com ele, como força dissolvente e anarquizante — o bolchevismo da época</p>	imperialismo	conservadorismo	txt 3160
Se o nosso imperialismo é um imperialismo cultural,	<p>Se o nosso imperialismo é um imperialismo cultural, ou, em outras palavras, se é um imperialismo cujo ponto de apoio é a Cultura, é evidente que, para a sua organização dinâmica, se deve apoiar aos elementos a que culturalmente pertence ou com que culturalmente se conjuga; sendo certo que se não deve esquecer que um imperialismo, embora cultural, é sempre um imperialismo, isto é, que, embora uma política cultural, é sempre uma política.</p>	imperialismo	conservadorismo	txt 3009
A ALIANÇA IBÉRICA	<p>Tivemos de comum, em nosso grande período, que ambos tentámos, dum modo ou de outro, impor o catolicismo, religião estranha a uma origem ibérica. Agimos, assim, ambos de modo cosmopolita, porque criámos atitudes nacionais sobre elementos estranhos à nacionalidade. A Espanha, além disto, agiu imperi- alistamente, segundo um imperialismo de espécie tradicionalmente estranha a ela: e nós mais atenuadamente fizemos o mesmo, seguindo o imperialismo de expansão, mas dum modo diverso do antigo [. . .]</p>	imperialismo	nacionalismo	txt 1232
Aqueles que, como	A Grécia antiga, consciente como nenhum povo e	imperialismo	conservadorismo	txt 3811

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
o sr. Boutroux, abrem uma oposição entre a cultura alemã. .	proeminentemente culta, nunca teve com a esperada clareza a noção de que o seu papel civilizacional era de pura cultura, de pura libertação dos espíritos e não de domínio material. Caiu no imperialismo, finalmente, como toda a fraca humanidade tem de cair.			
Império	Na evolução de uma civilização, o primeiro estágio é o do imperialismo de domínio; segue-se o da expansão, acaba pelo da cultura. É que a uma civilização decadente, onde o poder militar fraqueja, onde o comércio [. . .], só resta de grande a cultura que produziu, porque essa — ao contrário da força militar e do vigor comercial, que são coisas presentes — domina desde o passado, fica.	imperialismo	fascismo	txt 1007
Quem quisesse resumir numa palavra a característica principal da arte moderna. . .	O mundo humano era pequeno e simples. Era-o todo o mundo até à época moderna. Não havia a complexidade de poder a que chamamos a democracia, não havia a intensidade de vida que devemos àquilo a que chamamos o industrialismo, nem havia a dispersão da vida, o alargamento da realidade que as descobertas deram e resulta no imperialismo. Hoje o mundo exterior humano é desta complexidade tripla e horrorosa. Logo no limiar do sonho surge o inevitável pensamento da impossibilidade	imperialismo	conservadorismo	txt 1415
A ALIANÇA IBÉRICA	Um facto fundamental nos separa; toda a aproximação resultará que um de nós ignora a essência sua, ou ambos a ignoram. Donde adviria um perigo ou para um, ou para ambos. Quando da nossa grandeza, de ambos, nós, forçados pelos resultados das descobertas a assumir um imperialismo, fomos tomar uma atitude espanhola. Daí a nossa queda sob o domínio da Espanha. O facto fundamental que nos separa é este: a Espanha é uma nação composta de várias nacionalidades; nós somos uma nação unitária, homogénea, tanto quanto é possível sê-lo uma nação que não é uma mera Andorra ou São Marino	imperialismo	nacionalismo	txt 1232
Se o nosso imperialismo é um imperialismo cultural,	Portugal, na determinação do apoio do seu imperialismo cultural, tem que buscar, primeiro, o Brasil, que tem por língua nacional o português. Portugal, na determinação do seu apoio em grupo civilizacional, tem que buscar a Ibéria, de cuja personalidade	imperialismo	nacionalismo	txt 3009

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	espiritual participa. . . .			
Disse Chateaubriand que o romantismo era a literatura. . .	<p>A primeira foi a de uns dos elementos libertos sobre os outros. Assim o humanitarismo democrático e libertário reagia contra o imperialismo; e este contra aquele; o ocultismo agia contra o democratismo puramente laico, etc. . . O resultado desta interação foi duplo: no que positivo, evitar que cada um dos elementos, tornando-se excessivamente dominador, passasse, na sua qualidade de mórbido, a destruir tiranicamente a civilização; no que negativo, consumir a dissolução do cristismo, pois que, à medida que cada elemento combatia outro, era o cristismo que se combatia a si próprio.</p> <p>O segundo gênero de reação foi a das correntes crististas onde ainda havia mais de um elemento ligado contra as totalmente individuadas, e contra outras contendo também mais de um elemento, mas principalmente contra as individuadas. Assim, a Igreja Católica reagiu contra o democratismo, contra o ocultismo, contra o objectivismo científico, contra o imperialismo não-seu ()</p>	imperialismo	liberalismo	txt 1566
Império	<p>Em que casos que a transformação dos imperialismos envolve uma decadência? Vejamos.</p> <p>Toda a transformação de imperialismo pode ser produzida por três circunstâncias: (1) o desenvolvimento natural desse imperialismo; (2) o aparecimento de circunstâncias civilizacionais, isto é, exteriores (conforme possível) ao desenvolvimento do imperialismo nacional, que levem a nação imperialista a transformar o seu imperialismo, para se adaptar a essas condições; (3) as duas coisas conjuntas, isto é, uma transformação imperialista resultante tanto do desenvolvimento do próprio imperialismo como do aparecimento de circunstâncias externas no sentido desse desenvolvimento. (Porque, no segundo caso, trata-se de circunstâncias externas, ou indiferentes ao sentido do natural desenvolvimento, potencial ou real, do imperialismo, ou contrárias a ele.)</p> <p>O resultado é, nos três casos, diferente, como é de imaginar.</p> <p>É evidente que, onde se trate do natural desenvolvimento dum</p>	imperialismo	nacionalismo	txt 1021

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>imperialismo, não se pode tratar de uma decadência. Parece que aqui se esqueceram as circunstâncias civilizacionais, que existem sempre. O facto, porém, é que se não esqueceram. Mas quando se fala do puro desenvolvimento do imperialismo, é evidente que se entende que as circunstâncias exteriores são no sentido desse imperialismo, de modo a podermos considerar, se quisermos, esse imperialismo isoladamente.</p> <p>Porque o segundo caso envolve referência a circunstâncias externas que provoquem um imperialismo a transformar-se, sem que ele necessariamente siga esse sentido.</p> <p>No terceiro caso trata-se de circunstâncias externas que provoquem um imperialismo a desviar-se de um sentido já tomado, quer por evolução directa, quer por transformação, já, desse sentido original do imperialismo.</p> <p>Suponha-se uma época civilizacional subordinada à ideia imperialista de domínio; tal é, sempre, a primeira época, que é a militar, das civilizações. Todo o imperialismo de cultura que apareça nesta época terá, para viver, que se adaptar ao meio civilizacional. Como “meio civilizacional” quer dizer, neste caso, imperialismo de domínio, esse imperialismo de cultura terá que se tornar imperialismo de domínio para poder agir, para poder, mesmo, existir de certo modo. Quanto mais puro imperialismo de cultura for, mais desgraçado será nessa época. Assim se explica o desgraçado estado da Itália durante o seu grande período, o da Renascença, desde o fim da Idade Média.</p> <p>Imperialismo de cultura, nítido e quase absoluto, a sua existência num período de imperialismo de domínio levou-a à desunião, à submissão ao estrangeiro apto a dominar, quer porque tivesse um imperialismo de domínio (como a Espanha), quer porque simplesmente não tendo imperialismo nenhum, fosse contudo gente militar, como ao tempo era natural, sobretudo em quem não estivesse “estragado” pela sua superioridade, qual a italiana,</p>			
Introdução ao estudo do problema nacional (ou	Em terceiro lugar há aquela última forma do imperialismo de expansão que consiste em querer dominar povos ou igualmente civilizados, mas mais fracos ou menos hábeis em se defender ou	imperialismo	fascismo	txt 1013

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
Império)	fazer a guerra; ou povos menos adiantados na civilização, mas pertencentes ao mesmo esquema civilizacional que o pretense dominador. É caso como o da Alemanha querer apossar-se da Holanda e da Bélgica. Aqui o imperialismo de expansão transforma-se em imperialismo de domínio. É de expansão, porque trata desse imperialismo, quando exercido por uma nação sobrepovoada.			
Introdução ao estudo do problema nacional (ou Império)	Recordemo-nos sempre que o fim de colonizar ou ocupar territórios não é civilizar a gente que lá está, mas sim levar para esses territórios elementos de civilização. O fim não é altruísta, mas puramente egoísta e civilizacional. É o prolongamento da sua própria civilização que o imperialismo expansivo busca e deve buscar; não é, de modo algum, as vantagens que daí possam advir para os habitantes desse país. A escravatura é lógica e legítima; um zulu ou um landim não representa coisa alguma de útil neste mundo. Civilizá-lo, quer religiosamente, quer de outra forma qualquer, é querer-lhe dar aquilo que ele não pode ter. O legítimo é obrigá-lo, visto que não é gente, a servir os fins da civilização. Escravizá-lo é que é lógico, o degenerado conceito igualitário, com que o cristianismo envenenou os nossos conceitos sociais, prejudicou, porém, esta lógica atitude. Povos, como o inglês, hipocritizaram o conceito, e assim conseguiram servir a civilização	imperialismo	fascismo	txt 1013
O grande problema do Estado futuro consiste na organização. . .	É vasto o império inglês, mas a Inglaterra não criou um imperialismo; expandiu-se, mas não civilizacionalizou o espírito de expansão. O seu império é uma obra de acaso, de indivíduos, de muitos indivíduos, de muitos indivíduos pessoalmente activos e trabalhadores, cada qual tratando de si, ou unindo-se em grupos sem outro fim que um fim estreitamente administrativo, como se viu no sentido estreito e material da estreita obra do seu sumo homem, Cecil Rhodes. Ora, nenhuma nação tem o direito de usar do império (to wield empire) se não é capaz de organizar o império	imperialismo	liberalismo	txt 836
A personagem individual e imponente, que os	A personagem individual e imponente, que os românticos figuravam em si mesmos, várias vezes, em sonho, a tentei viver, e, tantas vezes quantas a tentei viver, me encontrei a rir alto da	imperialismo	fascismo	txt 2155

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
românticos. . .	minha ideia de vivê-la. O homem fatal, afinal, existe nos sonhos próprios de todos os homens vulgares, e o romantismo não é senão o virar do avesso do domínio quotidiano de nós mesmos. Quase todos os homens sonham, nos segredos do seu ser, um grande imperialismo próprio, a sujeição de todos os homens, a entrega de todas as mulheres, a adoração dos povos, e, nos mais nobres, de todas as eras. . . Poucos como eu habituados ao sonho, são por isso lúcidos bastante para rir da possibilidade estética de se sonhar assim.			
A única realidade social é o indivíduo	Por isso a sociedade se divide em nações, e não é possível «humanidade» em matéria social. Assim como tem que haver um egoísmo individual, tem que haver um egoísmo colectivo – é o que se chama o instinto patriótico. Assim como há uma vaidade individual – tem que haver uma vaidade colectiva – é o que se chama imperialismo. Só não há uma socialidade	imperialismo	nacionalismo	txt 1767
Bandarra	De todas as religiões, só o cristianismo tem o preciso carácter sincrético: formado com a base da metafísica grega, distribuído com a base do imperialismo romano, construído já com um sincretismo que inclui as religiões orientais, incluindo aquelas de onde o budismo emergiu, o cristianismo absorverá ainda com facilidade o individualismo inglês, que veio depois,	imperialismo	conservadorismo	txt 3415
A acção civilizacional, pela qual dominámos de leste a oeste da terra,	A acção civilizacional, pela qual dominámos de leste a oeste da terra, portugueses e espanhóis, e criámos a América, não foi senão um desvio necessário do nosso imperialismo nativo. Entendamo-nos. Foi um desvio da nossa ibericidade comum. Não foi um desvio da nossa errada existência separada de Portugal e Espanha. Portugal, no que apenas Portugal, tinha, a construir um imperialismo, que construir um imperialismo marítimo, baseado naquelas descobertas que a sua situação geográfica lhe impunha, a que a sua situação geográfica o crucificava. Espanha, no que apenas Espanha, tinha que seguir esse movimento, num sentido, e, ao mesmo tempo, criando um imperialismo, expandir-se para o lado da Europa. A personalidade dispersa da Ibéria expandiu-se, então, em duas direcções: na direcção do imperialismo colonialista, criado então, e na direcção do vulgar imperialismo de domínio, que Filipe II	imperialismo	nacionalismo	txt 3522

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
<p>Antitradicionalismo: Todo o progresso dum povo. . .</p>	<p>realizou. A própria dupla direcção imperialista implica, ilustra, a íntima dispersão da personali- dade natural da Ibéria península. O facto de cairmos — nós, portugueses — sob o domínio espanhol, estava escrito no género de imperialismo que havia aparecido na península. Gerado na península um imperialismo de conquista e de expansão, como não havia ele de surgir dentro da península; e, surgindo adentro da península, como não surgir no povo maior e mais apto a dominar por isso mesmo que não era o povo dos descobridores, mas o que — a própria situação geográfica o indica!— devia seguir às descobertas com a conquista. Foi uma inevitável divisão de trabalho que foi funesta para Portugal</p> <p>Reduzir o proletariado tanto quanto possível à situação dos escravos. Fazer isto de modo disfarçado, cauto, íntimo. A plebe deve ser o instrumento dos imperialistas, casta dominadora, mas escrava deles ligada a eles por uma comunidade de misticismo nacional, de modo que voluntariamente seja escrava, desde nascença esteja involuntariamente conforme com a condição que se lhe impõe. Esta casta dominante não deve escravizar a plebe só pelo prazer de o fazer, porque o imperialismo não tem que existir dentro da nação; apenas é útil o domínio de casta porque é uma educação do Mando, tomando-o possível para o exterior</p>	imperialismo	fascismo	txt 3612
<p>[Civilização cristã] — Nem o Sr. Presidente do Conselho</p>	<p>O próprio cristianismo nada teria sido se por trás dele não tivesse estado, insuflando vida e alma aos elementos orientais (hebreus e outros), o ocultismo da Grécia, que formou parte dos textos sagrados, e designadamente os dois escritos atribuídos a S. João e as Epístolas de S. Paulo, fundador social do cristianismo; a metafísica da Grécia, que formou inteiramente o pensamento dos Padres e dos teólogos; o imperialismo romano, que converteu em religião social e depois universal, o que não era mais, no princípio, que um sistema de Mistérios, análogos em género, quando não em espécie, aos mistérios pagãos, como os de Eleusis, e análogos em tipo, quando não em conteúdo, aos da Maçonaria e das Ordens super-macónicas</p>	imperialismo	conservadorismo	txt 2471
Iberia	A conservação da aliança inglesa é necessária. A Inglaterra é o	imperialismo	conservadorismo	txt 1235

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>único país realmente civilizado da Europa. A Itália, que é o outro, foi-o. A sua era passou; talvez volte, porque o seu espírito é criador, e a sua alma próxima dos Deuses.</p> <p>Que à Inglaterra não convirá. . . Se lhe convir, convir-lhe-á. Gibraltar é um estorvo. Isso, porém, é o menos. É um elemento sentimental.</p> <p>Se no programa do imperialismo ibérico estiver uma aliança com a Inglaterra, contem com o facto de que a Inglaterra não se oporá.</p> <p>A valorização intelectual da Ibéria no estrangeiro. É isso uma coisa que pode começar já. Intelectualmente somos mal conhecidos lá fora, trans-pirenéus. Qual o fim disso? A criação duma personalidade europeia nossa, que nos valorize perante o estrangeiro.</p> <p>As influências franco-germânicas, deleterias para a nossa personalidade ibérica</p>			
Disse Chateaubriand que o romantismo era a literatura. . .	<p>Reagindo contra o misticismo ocultista (. . .) Mas a reacção tem sido fraca, em parte porque ainda se não compreendeu bem quanto o ocultismo tem alastrado, em parte porque, não se vendo o que é o ocultismo adentro do cristismo, não se tem visto o perigo, como elemento de dissolução, que ele representa.</p> <p>Reagindo contra o imperialismo, afirmado supremamente nesta guerra pela Alemanha, acentua-se o princípio são e forte da existência das pequenas nacionalidades</p>	imperialismo	conservadorismo	txt 1566
De todos os povos de Europa somos aquele em que é menor o ódio. . .	<p>Os índios da Índia inglesa dizem que são índios, os da Índia portuguesa que são portugueses. Nisto, que não provém de qualquer cálculo nosso, está a chave do nosso possível domínio futuro. Porque a essência do grande imperialismo é o converter os outros em nossa substância, o converter os outros em nós mesmos. Assim nos aumentamos, ao passo que o imperialismo de conquista só aumenta os nossos terrenos, e o de expansão o número de os imperialismos da Besta da cabala e de Apocalipse.</p>	imperialismo	nacionalismo	txt 3438
COMO ORGANIZAR PORTUGAL	<p>Desde a Revolução Francesa, sobretudo, se perdeu por completo o senso das realidades sociais, em proveito de teorias abstractas, de sentimentalismos vagos, de imperialismos místicos e mistos. E de então para cá, na era dos grandes</p>	imperialismo	conservadorismo	txt 2893

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>estados e do internacionalismo crescente, que a progressiva facilidade de comunicações e de relações instaurou, ficou sendo completa a obnubilação do senso político. Foi em meios como estes que nasceram as modernas teorias sociológicas. Não admira que a nada cheguem e de nada sirvam, e que se possa dizer que estamos ante elas como os velhos diplomatas recomendavam que se estivesse, para aprender, ante o célebre governo da Sicília: esse governo era uma perfeita lição de administração, pois bastava ver o que ele fazia e fazer o contrário. para se acertar</p>			
<p>A civilização europeia assenta em cinco tradições fundamentais,</p>	<p>A tradição romana, que constitui a base da política externa da nossa civilização. Resume-se a tradição romana no imperialismo. Esta tradição foi menos quebrada que a anterior, porque o imperialismo tem mais força sobre a imaginação do homem que as duas ideias componentes da tradição helénica. Em todo o caso, (. . .)</p>	imperialismo	conservadorismo	txt 3171
<p>Mas neste momento, chegados nós a esta solução,</p>	<p>Para a paganização total, seria preciso despir do imperialismo o espírito pagão. Caído o império germânico, esse fim será talvez conseguido. O imperialismo de domínio é da decadência do paganismo, de Atenas e Roma decadentes. Precisamos criar um imperialismo de influência, como o de Atenas original.</p>	imperialismo	nacionalismo	txt 830
<p>Eu não vou, evidentemente, fazer nas escassas páginas</p>	<p>Quando os que iam morrer nas [arenas?] circences elevavam ao César o seu grito, representavam, sem o querer, o símbolo terrível: era como se naquele cenário de decadência se figurasse o drama maior da história — a morte do paganismo, e que ao César — representante ante-típico do imperialismo abjecto que é núcleo do cristismo — eles erguessem o seu pranto de morte, o choro de uma civilização que levou consigo o segredo humano da vida.</p>	imperialismo	liberalismo	txt 1803
<p>German War etc.</p>	<p>O Imperialismo Romano difere de todos os imperialismos antigos. Em quê? De que elementos era constituído o Imperialismo Romano? Isto é, o que levava ele consigo, explícita — ou implicitamente, até onde chegava e se estabelecia? Esses elementos eram três: (1) a cultura grega — esse era o fundo e a base, porque (a) foi ao contacto dela que se</p>	imperialismo	conservadorismo	txt 3177

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>definiu como tipo civilizacional a índole, até ali meramente guerreira, de Roma, o imperialismo até ali puramente de conquista, tornado depois de cultura. O próprio direito romano não é senão um produto da combinação do pensamento grego e da experiência romana. (2) A índole romana, profundamente administrativa e organizadora. (3) O cosmopolitismo. O cosmopolitismo está imanente em todos os imperialismos e na acção de todos os impérios. Mas o cosmopolitismo no império romano difere de outros no seguinte: (a) era um cosmopolitismo localmente organizado, em virtude da influência da índole administrativa de Roma. (b) Era um cosmopolitismo permeado, em todas as suas secções, não só por um tipo de administração, mas por um tipo de cultura, cujos elementos vinham através da língua falada e dos pensamentos contidos na índole definida de tal língua; aqui se vê o papel da cultura grega no imperialismo romano. (c) Era um cosmopolitismo reunindo e enfeixando uma heterogeneidade extraordinária de raças, extremamente diversas entre si, as quais não consistiam em meras hordas de meros bárbaros, mas em criaturas com esboços definidos de pré-civilização — aptas portanto a receber plenamente a influência romana, e aptas a adaptá-la a si segundo as respectivas índoles.</p>			
<p>Prefácio de Ricardo Reis: [b]</p>	<p>Quando os que iam morrer nos circenses elevavam ao César o seu grito, representavam, sem o querer, um símbolo terrível: era como se naquele cenário de decadência se figurasse o drama maior da história — a morte do paganismo, e que ao César — representante antetípico do imperialismo abjecto que é núcleo do cristismo — eles erguessem o seu pranto de morte, e choro de uma civilização que levou consigo o segredo humano da vida.</p>	<p>imperialismo</p>	<p>liberalismo</p>	<p>txt 3866</p>
<p>A acção civilizacional, pela qual dominámos de leste a oeste da terra</p>	<p>nosso passado imperialista deve servir-nos para nos dar o orgulho em que o imperialismo se baseia. Como a tradição do velho império alemão alimentou aqueles românticos alemães modernos por quem o orgulho alemão, renascendo, veio, nas mãos de Bismarck, a criar o grande império actual; assim, façamos da noção orgulhosa do nosso antigo domínio a base para o nosso diferentíssimo domínio futuro. E como o</p>	<p>imperialista</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 3522</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
DITADURAS	<p>imperialismo alemão actual nada tem de comum com o outro, salvo o ser um império; também o nosso imperialismo futuro nada tenha de comum com o passado, salvo o ser imperialismo. Rejeitamos, na sua realização recordada, a lição do passado; aceitamos o espírito do que fomos para renascermos. Deixemos descer à vala o corpo dos impérios que tivemos; ressuscitemos o seu espírito, no que orgulho, ânsia de domínio, glória de expressão.</p> <p>Eles são naturalmente inibidos de considerar o espírito como uma realidade, porque o espírito é individual e eles são anti-individualistas; porque os produtos do espírito são gerados em liberdade e eles são anti-liberais; porque o espírito é alheio, se não oposto, a tudo o que é regular, administrativo e [sic], e eles são homens de regularidade, de administração, de coisas estabelecidas.</p>	individual	liberalismo	Barreto (2017 p. 212)
Manutenção da forma republicana de governo:	<p>Manutenção da forma republicana de governo: No interesse do próprio princípio monárquico, isto é, da sua perfeita aplicação, não deve ser por enquanto implantada a monarquia. O país não está ainda preparado para a monarquia, porque a Monarquia a implantar, devendo ser uma modernização do antigo regime português, é a tal ponto diferente de tudo quanto a mentalidade média, educada nas ideias liberais e democráticas, tem estado habituada a pensar, que a instituição de um sistema desses – supondo mesmo que ele já existisse composto e estudado – provocaria um sentimento de estranheza, breve dando em resultado a revolta, pelo aproveitamento dessa estranheza pelas forças liberais, apoiadas no estrangeiro moralmente, e, aproveitando-se dos erros, poucos ou muitos, que fatalmente os contra-revolucionários,</p>	liberais	conservadorismo	txt 1978

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
s/t	<p>uma vez no poder, haveriam de praticar.</p> <p>Não, nós os liberais, não aceitamos. Não aceitamos que o governo chamado do povo que se pressupõe usar da força que deriva da aritmética, em geral fraudulenta, de eleições pra suprimir todas as liberdades e oprimir todos os sentidos. Mais vale, então, um governo autoritário, que, ao menos, mantém a ordem nas ruas.</p>	liberais	liberalismo	Barreto (2017 p. 57)
Nisto de manifestações populares, o mais difícil é interpretá-las.	<p>Nisto de manifestações — ia eu dizendo — o difícil é interpretá-las. Porque, por exemplo, uma manifestação conservadora é sempre feita por mais gente do que toma parte nela. Com as manifestações liberais sucede o contrário. A razão é simples. O temperamento conservador é naturalmente avesso a manifestar-se, a associar-se com grande facilidade; por isso, a uma manifestação conservadora vai só um reduzido número da gente que poderia, ou mesmo quereria, ir. O feitio psíquico dos liberais é, ao contrário, expansivo e associador; as manifestações dos “avançados” englobam, por isso, os próprios indiferentes de saúde. a quem toda a vitalidade acena.</p>	liberais	conservadorismo	txt 3420
A Maçonaria nada, pois, tem que ver com qualquer regime. . .	<p>Nesse caso é dever de todo maçõn combater quanto possa esse inimigo da liberdade, e é seu dever natural de maçõn, independentemente de indicação directa da oficina de que seja obreiro, ou da obediência a que, ele e ela, pertençam. Tolerantes, ou antes indiferentes, de mais têm sido a M[açõnaria] e os maçõns para com tais doutrinas imprevidentes de mais para com elas quando ainda no início e mais fáceis portanto de combater. Foi esta falta de previsão que levou os maçõns, e os liberais profanos em quem directa ou</p>	liberais	liberalismo	txt 1802

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>indirectamente influem, a considerar o "Integralismo Lusitano" como uma espécie de garotice miguelista, incapaz de crescer ou de ter força.</p>			
S/T	<p>Como Sociedade, a nação³ compõe-se de (1) indivíduos, (2) famílias. Como Estado, a nação compõe-se (1) de dirigentes e dirigidos, (2) de grupos económicos, a que vulgarmente chamamos "classes". Como Nação, a nação compõe-se (1) de regiões, (2) de tradições, que foram a sua história. Os teóricos abstractos da sociedade, sejam liberais, sejam antiliberais, têm até aqui pecado todos por olharem apenas a um ou outro destes grupos de factos, e erigirem esse grupo em equivalente à Nação inteira. Os liberais consideram a nação como essencialmente sociedade, quando ela é tão essencialmente Estado e Nação também. Os antiliberais consideram a Nação como essencialmente Nação, não vendo que ela é sociedade também. É este o lapso grave de Mussolini, que, se prosseguir nele, verá - ou verá por ele os italianos - a consequência de supor que as nossas teorias podem prevalecer contra as leis naturais, que não são liberais nem antiliberais. Os sindicalistas de todas as espécies consideram a Nação como apenas Estado, não vendo que</p>	liberais	conservadorismo	Barreto (2017 p. 66)
Comparação da Alemanha com Portugal. . .	<p>Que período nosso corresponde a esse? As guerras liberais? A Revolução de 1910? Possivelmente, e possivelmente o movimento "liberal" geral que começa num e acaba no outro destes elementos. O facto é que a Revolução</p>	liberais	liberalismo	txt 3151

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>trouxe em verdade uma base nacional para qualquer obra futura. Frederico II não fez nada melhor no que criador. — Em Portugal há um movimento de ordem activa culminando nas descobertas. A esse segue-se o movimento literário que Camões representa supremamente.</p>			
<p>NACIONALISMO LIBERAL</p>	<p>Ponhamos de parte, desde já, o segundo caso. Se de qualquer acção minha, ou expressão de pensamento meu, resulta, através de prejuízo para a sociedade ou o país, um prejuízo reflexo para o indivíduo, esse prejuízo reflexo é, por isso mesmo, indirecto quanto a mim, que fui a fonte e origem dele. Por o que diz respeito a todos esses indivíduos afectados em sua liberdade, ou diminuídos em sua personalidade, o mal que causei foi indirecto. Não violei portanto, quanto a eles, os princípios liberais. Resta saber se os violei quanto à Sociedade ou à Nação</p>	<p>liberais</p>	<p>liberalismo</p>	<p>txt 1171</p>
<p>ULTIMATUM</p>	<p>Passai, romantismo póstumo dos liberalões de toda a parte, classicismo em álcool dos fetos de Racine, dinamismo dos Whitmans de degrau de porta, dos pedintes da inspiração forçada, cabeças ocas que fazem barulho porque vão bater com elas nas paredes!</p>	<p>liberais</p>	<p>nacionalismo</p>	<p>txt 456</p>
<p>A «águia imperial», no primeiro caso é Napoleão</p>	<p>Neste sonho indica o Bandarra as divisões dos portugueses — pelas ideias liberais, em que se cindem em partidos e se separam da sua própria alma; pela independência do Brasil, e porventura no futuro de outras</p>	<p>liberais</p>	<p>nacionalismo</p>	<p>txt 1106</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
O facto fundamental é que não há entre o sistema liberal de Inglaterra. . .	colónias, pela qual materialmente se divide o império A ânsia de liberdade é comum ao homem são superior e ao mendigo que não quer trabalhar. Assim as instituições liberais tanto podem significar a expressão da liberdade, como a expressão da incúria e do desleixo.	liberais	conservadorismo	txt 4152
II. A análise do dinamismo social permite a constatação. . .	Ao passo que conservadores e liberais aceitam os moldes gerais da sociedade com as diferenças já acima citadas, os reaccionários pretendem estupidamente conservar não só todos os moldes sociais instituídos mas a vida social inalterável sempre nesses moldes; os radicais (. . .) idiotamente a um desprezo completo desses moldes na sua noção de progresso. Da basilar divergência de ambos os grupos de desequilibrados em referência ao equilibrismo, nasce a diferença absoluta de métodos. Conservadores e liberais lutam eleitoralmente e procuram cada um para dominar encontrar força na opinião e apoio numericamente superior em urna. Os reaccionários, porém, como querem manter um estado de coisas impossível e cuja evolução ou progresso seria tão absurda que nem sequer [. . .],	liberais	liberalismo	txt 2976
III. A análise do dinamismo social permite a constatação. . .	São liberais aqueles cuja teoria do progresso inculca a ideia de que ele se faz por uma lenta alteração da sociedade, não tanto nem somente dentro dos moldes estabelecidos, mas mais e também por uma progressiva alteração dos próprios moldes em que essa vida social se encontra vazada. Para	liberais	liberalismo	txt 2976

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>o conservador os moldes ficam em forma e tamanho. Muda o conteúdo. Para o liberal os moldes alargam-se mas a sua forma fica. As lutas entre conservadores e liberais são geralmente difíceis de seguir nitidamente porque, dado serem ambos equilibrados, os dois partidos frequentes vezes se interpenetram em partes e seccões se [. . .] e misturam</p>			
<p>A OPINIÃO PÚBLICA [b]</p>	<p>Ao comparar os princípios “liberais”, ou liberalistas, com a essência conservativa do intuitivismo social, temos que, logo de início, excluir uma possibilidade de erro ou de confusão, que é a que resultaria de se confundir o sentido de conservatividade com a significação de conservantismo. Quando tivermos que considerar a opinião pública como fenómeno sempre tradicionalista (o que já provámos que era), será ocasião de encarar o problema do conservantismo, propriamente dito, isto é, da atitude usualmente designada como conservadora. O que nos preocupa agora, na análise comparativa do liberalismo da Democracia moderna e da conservatividade do intuitivismo social, é a definição diferencial dessa conservatividade. E, como o nome sugere conservantismo por semelhança</p>	<p>liberais</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 2900</p>
<p>O NÚCLEO DE ACÇÃO NACIONAL DIRIGE-SE TERMINANTEMEN E À NAÇÃO</p>	<p>2.a-Os ideólogos antinacionais. Temo-los de vária ordem. Os mais evidentes dos antinacionais são os bolchevistas, usando deste termo, por conveniência, para designar os anarco-sindicalistas e os comunistas. Estes indivíduos -e alguns tipos de socialista também-são inimigos orgânicos da Nação, pois obedecem primariamente a correntes e doutrinas não só</p>	<p>liberais</p>	<p>nacionalismo</p>	<p>Barreto (2017 p. 70)</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs
	<p>inimigas dela, mas inimigas do próprio espírito do nacionalismo. Há, porém, outros ideólogos antinacionais mais velados e mais hipócritas: são todos os católicos organizados, ou católicos políticos. Isto para não dizer todos os católicos, se é que o são sinceramente. Um católico tem, por um motivo religioso, que obedecer, primeiro e antes de mais nada, ao Papa; só depois poderá obedecer aos fins da Nação a que pertence. Todo o católico é portanto um traidor virtual. É esta a razão por que Locke, fundador doutrinal do liberalismo e da tolerância, excluía os católicos das funções do Estado inglês; não podia, alegava, admitir-se como funcionário um homem que servia outro soberano além do Rei de Inglaterra. A nossa história antiga está cheia de exemplos desta acção antinacional. Mas eles são ainda mais evidentes se tivermos olhos para os ver - na nossa história menos antiga. Grande parte da nossa decadência se deve à nossa intoxicação católica. Lembrem todos o Domínio Espanhol;</p>			
<p>QUANDO VOLTA D. SEBASTIÃO?</p>	<p>Desprezível está longe de ser – tanto pela razão, estritamente exotérica e sociológica, de que o sebastianismo é o único movimento profundamente nacional que tem havido entre nós, tendo toda a força de um movimento religioso, que é, e todo aquele cunho nacional que falta a todos os movimentos políticos entre nós, quer se trate do mimetismo da Grande França absolutista feito pelo Marquês de Pombal, quer da servil cópia do constitucionalismo inglês realizada esterilmente pelos nossos “liberais”, quer da reles subserviência aos ideais da Revolução Francesa, estrangeiros para nós, que são uma das</p>	<p>liberais</p>	<p>nacionalismo</p>	<p>txt 1091</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	coroas da inglória e do antipatriotismo dos nossos pseudo republicanos de hoje em dia.			
O facto fundamental é que não há entre o sistema liberal de Inglaterra. . .	O facto fundamental é que não há entre o sistema liberal de Inglaterra e os sistemas externamente iguais do Continente uma semelhança senão de cara. O liberalismo substancial inglês corresponde a uma vida de opiniões debatidas e de liberdades individuais autênticas. O liberalismo do continente, e sobretudo peninsular, corresponde a uma inércia e a uma incapacidade de disciplina. Contundir os dois fenómenos equivaleria a confundir a ânsia de liberdade do homem de génio com a incapacidade de esforço do vadio e do mendigo.	liberal	conservadorismo	txt 4152
Demonstrado, assim, que a Democracia moderna é radicalmente anti-social,	Sendo isto assim, não custa a ver que o princípio liberalista, ou igualitário, inteiramente se contrapõe ao egoísmo são dos homens. Busca o liberalismo a abolição de privilégios, a abolição de diferenças entre os homens; e leva isto mais ou menos longe, teoricamente, consoante a ousadia ou indisciplina mental dos teorizadores e praticamente consoante a perturbação social que se achesse. A abolição de privilégios, parece, a princípio, que deve ser concordante com o egoísmo natural dos homens, pois que a abolição do privilégio de um homem pode favorecer o egoísmo de mil homens; e se há aqui egoísmo ferido, é só o egoísmo do desprivilegiado [. . .] Ao destruir privilégios, o liberalismo parte de um princípio falso, porque	liberal	conservadorismo	txt 744

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	antiegoísta. Parte do princípio de que o privilégio é um estorvo, e não de que ele é uma vantagem; isto é, encara o privilégio do lado dos desprivilegiados, e não do lado dos privilegiados. Fazendo isto, o liberalismo encara o privilégio do lado antiegoísta. Encara o privilégio como uma coisa que não deve haver			
EXPLICAÇÃO DE UM LIVRO	O artigo é patentemente de um liberal, de um inimigo radical da Igreja de Roma, e de quem tem para com a Maçonaria e os maçons um sentimento profundamente fraternal.	liberal	liberalismo	txt 612
EXPLICAÇÃO DE UM LIVRO	E a este leitor seria fácil de concluir que, tendo as ordens templárias, embora não exerçam actividade política, conceitos sociais idênticos, no que positivos e no que negativos, aos da Maçonaria; e girando o rosicrucianismo, no que social, em torno de ideias de fraternidade e de paz (Pax profunda, frater!) é a saudação rosicruciana, tanto para Irmãos como para profanos), o autor de um livro assim seria forçosamente um liberal por derivação, quando o não fosse já por índole. Mas, de facto, fui sempre fiel, por índole, e reforçada ainda por educação — a minha educação é toda inglesa —, aos princípios essenciais do liberalismo, — que são o respeito pela dignidade do Homem e pela liberdade do Espírito, ou, em outras palavras, o individualismo e a tolerância, ou, ainda, em uma só palavra, o individualismo fraternitário	liberal	liberalismo	txt 612
s/t	O argumento essencial contra uma ditadura é que ela é ditadura, isto é, que é ilegal. O apresentarem os seus governos obra melhor, em	liberal	fascismo	Barreto (2017 p. 269-270)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>uns ou todos os sentidos, do que os governos legalmente constituídos não diminuídos a sua ilegalidade. Um homem que matasse outro voluntariamente, sem razão nem provocação, não pode esperar que lhe conte como atenuante - nem como tal lhe contarão - que esse outro era provavelmente um elemento daninho, que mais útil é morto do que vivo.</p> <p>Uma ditadura, apesar de ilegal, pode ser todavia justificada pelas circunstâncias, quando num país é tal o estado de anarquia, governamental ou social, que se torna impossível a vida da legalidade.</p> <p>Entre um estado de guerra civil, real ou latente, e um governo de força, por ilegal que seja, que coíba essa anarquia, nenhum homem de recto critério, por liberal ou democrata que seja, hesitará em</p>			
s/t	<p>O N[acionalismo] L[iberal] não combate qualquer internacionalismo, desde que este tenha uma forma nacional. Não combate, por exemplo, a Maçonaria, porque, embora internacional como instituição, existe todavia uma Maçonaria portuguesa, potência nacional autónoma, sem subordinação a qualquer sobrepotência central ou não, do estrangeiro.</p>	liberal	liberalismo	Barreto (2017 p.358)
(1) A civilização a que chamamos europeia,	<p>É evidente que este racionalismo não pode existir sem um certo individualismo, isto é, sem uma certa liberdade do indivíduo para pensar e expor o que pensa. Não devemos, porém, confundir esse individualismo com o individualismo político, que é o que hoje imediatamente se entende por individualismo.</p> <p>Pode haver individualismo sem haver propriamente liberdade.</p> <p>Frederico o Grande da Prússia concedia a mais larga liberdade de pensamento; porém não</p>	liberal	liberalismo	txt 3160

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	pode ser descrito como regime liberal aquele em que ele era rei absoluto.			
A OPINIÃO PÚBLICA [b]	Não custa a ver que o princípio liberalista, ou igualitário, inteiramente se contrapõe ao egoísmo são dos homens. Busca o liberalismo a abolição de privilégios, a abolição de diferenças sociais entre os homens; e leva isto mais ou menos longe – teoricamente, consoante a ousadia ou indisciplina mental dos teorizadores; praticamente, segundo o grau de perturbação social que se atravesse	liberal	conservadorismo	txt 2900
s/t	O romance policial – género felizmente quase inexistente em língua portuguesa vai tornar-se completamente impossível, dado que um personagem democrata ou liberal será imediatamente identificado como o criminoso, pois de outra maneira não poderá ser (ainda que não tenha havido crime).	liberal	nacionalismo	Barreto (2017 p. 324)
Nacionalismo liberal	Se porém, esse ataque a Mussolini envolve directamente um ataque à Itália, ou porque ela presumivelmente o apoia, ou porque ela cobardemente o aceite, deixa a expressão de opinião de estar dentro de seus justos limites, extravasa para um ataque antiliberal à nação, porque o é contra o seu prestígio, que corresponde ao que no indivíduo seria a liberdade	liberal	liberalismo	txt 1171
Em muitas matérias, e principalmente naquelas,	Por liberalismo legitimamente se entende aquele critério das relações sociais pelo qual cada homem é considerado como livre para pensar o que quiser e	liberal	liberalismo	txt 1962

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>para o exprimir como quiser ou pôr em acção como entender, com o único limite de que essa acção não tolha directamente os iguais direitos dos outros à mesma liberdade.</p>			
<p>Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa</p>	<p>Coitado do Álvaro de Campos! Tão isolado na vida! Tão deprimido nas sensações! Coitado dele, enfiado na poltrona da sua melancolia! Coitado dele, que com lágrimas (autênticas) nos olhos, Deu hoje, num gesto largo, liberal e moscovita, Tudo quanto tinha, na algibeira em que tinha pouco, àquele Pobre que não era pobre, que tinha olhos tristes por profissão.</p>	liberal	conservadorismo	txt 553
<p>Sim, sou situacionista. Mas vamos lá a uma coisa. . .</p>	<p>Dito isto, compreendamo-nos melhor. Além do situacionista que sou, sou um individualista absoluto, um homem livre e um liberal. E isto faz que tenha uma perfeita tolerância pelas ideias dos outros, que seja incapaz de considerar um crime o pensar outro do modo que não penso.</p>	liberal	liberalismo	txt 4036
<p>Nacionalismo liberal</p>	<p>O liberalismo é a doutrina que mantém que o indivíduo tem o direito de pensar o que quiser, de exprimir o que pensa como quiser, e de pôr em prática o que pensa como quiser, desde que essa expressão ou essa prática não infrinja directamente a igual liberdade de qualquer outro indivíduo. Nesta definição há que reparar numa palavra que nela é de capital importância – o advérbio “directamente”. O jogo corrente da vida social faz que constantemente estejamos coarctando a liberdade alheia; fazem-no porém indirectamente. O comerciante que vende um produto mais barato do que outro comerciante está indirectamente coarctando a liberdade de vender a que o outro</p>	liberal	liberalismo	txt 1171

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	tem direito. Ninguém dirá, porém, que com isso infringe os princípios liberais, pois a restrição de liberdade, que o prejudicado sofre, resulta, não da acção do prejudicador, mas da acção das leis económicas.			
Fui sempre, e através de quantas flutuações houvesse,	Fui sempre, e através de quantas flutuações houvesse, por hesitação de inteligência crítica, em meu espírito, nacionalista e liberal: nacionalista – quer dizer, crente no País como alma e não como simples nação; e liberal –quer dizer, crente na existência, de origem divina, da alma humana, e da inviolabilidade da sua consciência, em si mesma e em suas manifestações. Por isso me foram sempre origem de repugnância e asco todas as formas do internacionalismo, que são três: a Igreja de Roma, a finança internacional e o comunismo	liberal	liberalismo	txt 2470
Nacionalismo liberal	Uma nação pode prestigiar-se interna e externamente por meio de guerras, mas não pode exigir do indivíduo que respeite um prestígio assente necessariamente na violação do mais fundamental dos seus direitos, que é o direito à vida, na mais fundamental das suas liberdades, que é a de viver. O liberalismo, pois, assim como condena e não respeita a ordem que se apoia na restrição dos direitos individuais, condena e não respeita o prestígio nacional que assenta na guerra agressiva	liberal	liberalismo	txt 1171
Nacionalismo liberal	As objecções, que até aqui tenho previsto, e a que tenho respondido, são as que podem ser postas ao lado antiliberal. Mas do campo liberal podem também	liberal	liberalismo	txt 1171

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>partir objecções ao que tenho exposto. Pode alegar-me um liberal estreme que saí fora do campo do liberalismo ao entrar em conta com a Sociedade e a Nação, pois que, não sendo nenhuma delas um indivíduo, e não tendo o liberalismo que ver senão com indivíduos, nenhuns deveres tem o indivíduo para com a Sociedade nem para com a Nação. Pode alegar-me que, não havendo realidade viva, social, senão o indivíduo, os males que podem advir da desordem social ou do desprestígio nacional não são sensíveis senão pelo indivíduo; e que, portanto, e segundo meu próprio argumento, quem os produz os produz indirectamente, pois é da sociedade e da nação que se reflectem sobre os indivíduos que as compõem; de onde o não haver acto antiliberal no incitamento à desordem, ainda que directo, nem no desprestígio da nação, ainda que consciente e propositado.</p>			
s/t	<p>Violei com isto os princípios liberais? Não violei. Não lhe estorvei directamente a liberdade de exprimir o que pensa, como teria feito a hipotética Censura ou o hipotético ministro.</p>	liberal	liberalismo	Barreto (2017 p. 366)
INTERREGNO	<p>Ditadura quer dizer simplesmente poder político absoluto, isto é, sem entrave prático excepto a revolta armada'. A monarquia absoluta, por exemplo, é uma ditadura hereditária. Se esse poder absoluto for conferido - como, por exemplo, a Hitler² na Alemanha - por maioria de votos em sufrágio universal, essa ditadura será democrática, porque o governar em virtude de tal mandato é que constitui democracia. Se esse poder absoluto é exercido, como pode</p>	liberal	fascismo	Barreto (2017 p. 182)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>ser, com pleno respeito pela liberdade de opinião - como o exerceu na Prússia Frederico Segundo, que permitia toda crítica à sua pessoa, que deu guarida – ele, protestante oficial e maçom - aos jesuítas expulsos³ de tantos países essa ditadura será liberal, pois o liberalismo consiste na tolerância de todas as opiniões e da expressão delas</p>			
s/t	<p>O Nacionalismo Liberal não é um partido político, mas uma corrente de opinião. Como não é um partido político, não tem constituição alguma-nem filiação, nem quadros, nem chefes ou directores, nem sede, nem organização. É uma simples corrente de opinião em que concordam, livre e independentemente, os indivíduos que concordarem, e que, desde que concordam, tomam, não para com terceiros mas para consigo mesmo e suas próprias consciência(s) e inteligência(s) o compromisso de defender os princípios aqui consignados, que constituem a essência do Nacionalismo Liberal.</p> <p>A essência do Nacionalismo Liberal encontra-se resumida nas seguintes frases: tudo pelo Indivíduo, nada contra a Sociedade; tudo pela Humanidade, nada contra a Nação; tudo pela Igualdade, nada contra a Liberdade.</p> <p>O Nacionalismo Liberal reconhece duas, e só duas, realidades sociais o Indivíduo, realidade vital, e a Nação, realidade medial, pois que é, em síntese espiritual, o meio em que o Indivíduo vive. Não reconhece outras realidades sociais-nem família, nem classe, nem partido. Todas essas pseudo-entidades sociais tendem a diminuir o indivíduo e a dividir a nação.</p> <p>O Nacionalismo Liberal considera que uma nação vale o que vale a soma dos seus indivíduos. Combate por isso tudo quanto diminui, ou tende a diminuir, a valia do indivíduo.</p> <p>O Nacionalismo Liberal parte do princípio que há, sociologicamente, científica, isto é, biologicamente', somente duas realidades sociais²-o Indivíduo, que é um organismo físico</p>	liberal	liberalismo	Barreto (2017 p. 359)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>psíquico, e a Humanidade³, que é uma espécie animal. É isto, e só isto, que, na esfera social, é certo, real e concreto.</p> <p>O indivíduo, porém, vive num meio, ou ambiente</p> <p>A Nação é a maneira que o indivíduo tem de ser social-a sua maneira social de pertencer à humanidade. O sentimento de solidariedade humana adquire-se através da solidariedade nacional, firma-se pela solidariedade cultural, completa-se pela solidariedade religiosa-ou porque nos consideremos irmãos em Deus ou em Cristo, ou porque nos tenhamos (e isso é ainda religião) por igualmente filhos da Natureza.</p>			
<p>Mas o problema essencial da democracia moderna. . .</p>	<p>Resulta, pois, da nossa investigação, que tanto a ciência, admitida como princípio supremo, limita a religião, como esta, assim admitida, limita aquela.</p> <p>Mas a ciência, admitida como princípio supremo, limita toda a religião; e a religião limita apenas uma pequena parte da ciência, que é a ciência sociológica (e, ainda assim, não é seguro que limite toda essa ciência). A esta conclusão chegamos, pois: o critério religioso é mais liberal que o critério científico, visto que, ao passo que o critério científico procura tyrannizar integralmente a religião, a religião não oprime senão uma diminuta parte da ciência</p>	<p>liberal</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 604</p>
<p>O melhor regime político é aquele que permita com mais segurança. . .</p>	<p>Sucede com o regime democrático que, tendo, por sua mesma natureza, a primeira vantagem, é, por essa mesma natureza, o pior com respeito à segunda.</p> <p>A sua base liberal, dando azo a que as forças individuais se expandam sem constrangimento, garante a plena valorização destas forças, quanto nelas caiba.</p> <p>Mas o basear o seu sistema de governo num apelo a minorias, forçosamente</p>	<p>liberal</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 1176</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>ignorantes e incultas – ou absolutamente, ou pelo menos, em relação ao resto do país – faz com que o acesso ao poder seja quase limitado a homens dotados para dominar ou suggestionar as minorias, e as qualidades exigidas para esse fim não são as mesmas – são até por vezes contrárias – às que são exigidas para o governo da nação.</p>			
<p>Depende do governo e de nós o haver ou não haver uma reacção monárquica.</p>	<p>Depende do governo e de nós o haver ou não haver uma reacção monárquica. Só há reacção e verdadeiro antiliberalismo onde o liberalismo não compreende a sua missão – onde os "liberais" usam métodos reaccionários e opressivos como esperar que os de tendências reaccionárias os não usem? Primeiro porque esse emprego de tais métodos pelos liberais implica a presença de elementos reaccionários no psiquismo nacional; 2º porque esses métodos andam sempre unidos a uma certa incapacidade administrativa, que dá aos inimigos do "liberalismo" vigentes os argumentos e (. . .); 3º porque naturalmente é contra esses conservadores que os métodos antiliberais se [. . .] praticam e a repressão é suicida em qualquer caso político.</p>	<p>liberal</p>	<p>conservadorismo</p>	<p>txt 1113</p>
<p>s/t</p>	<p>Fui sempre, e através de quantas flutuações houvesse, por hesitação de inteligência crítica, em meu espírito, nacionalista e liberal; e nacionalista-quer dizer, crente no País como alma e não como simples nação; e liberal-quer dizer, crente na existência, de origem divina, da alma humana, e da inviolabilidade da sua consciência, em si mesma e em suas manifestações. Por isso me foram sempre origem de repugnância e asco todas</p>	<p>liberal</p>	<p>liberalismo</p>	<p>Barreto (2017 p. 365)</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	as formas do internacionalismo, que são três: a Igreja de Roma, a finança internacional e o comunismo.			
INTERREGNO	Disse eu que ditadura quer dizer poder absoluto. Isto é sem entrava prático salvo, a revolta. vejamos O que é um entrave: por entrava prático entendo um entrave que tenha ação. Uma minoria parlamentar que vocifere e ataque e nada consiga por ser minoria não é um entrave prático, mas teórico. Esse regime parlamentar será uma ditadura embora ou seja Liberal. Pois dá liberdade de falar. Desde que seja inutilmente.	liberal	liberalismo	Barreto (2017 p. 182)
[Os Fundamentos do Sensacionismo]	Qual, porém, a relação que existe entre o modo de escrever que, perante o público e os «críticos», tem tipificado o Sensacionismo e esta tese que expomos? Se o Sensacionismo é esta coisa liberal, ampla, acolhedora, que apontámos, em que é que não é errado (porque o não é) chamar Sensacionismo, considerar como tipicamente Sensacionista, essa corrente estranha a que pertencem a maioria das composições de Orpheu, os livros de Sá-Carneiro, excepto Princípio, e outras composições análogas?	liberal	liberalismo	txt 1941
A passagem das horas	Sentir tudo de todas as maneiras, Ter todas as opiniões, Ser sincero contradizendo-se a cada minuto, Desagradar a si-próprio pela plena liberalidade de espírito, E amar as coisas como Deus.	liberalidade	liberalismo	txt 814
A OPINIÃO PÚBLICA [b]	Ao destruir privilégios, o liberalismo parte de um princípio social falso, porque de um princípio antiegoísta. Parte do princípio de que o privilégio é um estorvo, e não de que ele é uma vantagem; isto é, encara o privilégio do lado de quem o não tem, e não do lado de quem o tem. Fazendo isto, o liberalismo encara o	liberalismo	conservadorismo	txt 2900

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>privilégio do lado antiegoísta; e, portanto, socialmente falso. Encara o privilégio como uma coisa que não deve haver. Se fosse uma doutrina socialmente sã, devia encará-lo como uma coisa que devia haver em mais abundância, visto que, para quem o tem, é uma vantagem. Tal aplicação do princípio seria — é certo — absurda, mas o absurdo estaria na extensão da aplicação, e não em o próprio princípio; no liberalismo, porém, o princípio é, já de per si, absurdo, de sorte que qualquer aplicação que dele se tente virá sempre eivada do vício de origem</p>			
Interregno	<p>Quando, há um século, a injúria era ainda corrente na imprensa inglesa, também o era a falta de liberalismo das autoridades.</p>	liberalismo	liberalismo	Barreto (2017 p. 205)
Interregno	<p>já acima esboçámos, em simples exemplo ocasional, qual seja a situação presente de Portugal quanto à sua opinião pública. Concentrados dos Filipes ao liberalismo, numa estreita tradição familiar, provincial e religiosa; animalizados, nas classes médias, pela educação fradesca, e, nas classes baixas, bestializados pelo analfabetismo que distingue as nações católicas, onde não é mister conhecer a Bíblia para se ser cristão; desenvolvemos, nas classes superiores, onde principalmente se forma a opinião de intuição, a violenta reacção correspondente a esta accção violenta</p>	liberalismo	conservadorismo	txt 4343
s/t	<p>Sucede, porém, esta coisa notável: as forças dissolventes da nação, quer as intranacionais, quer as extranacionais, são, ao mesmo tempo, inimigas do liberalismo. A família, subtraindo o indivíduo</p>	liberalismo	liberalismo	Barreto (2017 p. 363)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>ao seu pleno interesse pela nação, ao mesmo tempo o diminui em si mesmo¹. A classe, que não é mais que um partido político económico, e, como tal, virtualmente oposto aos interesses nacionais, também tendencialmente enclausura o indivíduo na vileza da técnica, que limita, e na mesquinhez do interesse, que degrada. Com a região sucede o que sucede com a família, pois a região é uma família geográfica; e é tão antinacional equilibrar orçamentos à moda da Beira como é anti-individual querer vestir sonetos³ à moda</p>			
s/t	<p>Não sofre dúvida, contudo, que as ideias, que geralmente se supõem contidas na de liberalismo, têm com ele muito mais parentesco de que têm com o nacionalismo as que a ele se supõem inerentes, por isso mesmo que estas com este não têm parentesco algum. Liberalismo, democratismo e antirreligiosíssimo (este porque remotamente se deriva do chamado livre-exame) têm, ao menos, embora desconjugáveis, o individualismo por origem comum?</p>	liberalismo	liberalismo	Barreto (2017 p. 360)
Em muitas matérias, e principalmente naquelas,	<p>Como é de ver, estes dois conceitos – nacionalismo e liberalismo – em nada se opõem, em nada se podem opor, um ao outro. O primeiro gira em torno do conceito de Nação – não, note-se bem, de Estado –; o segundo gira em torno do conceito de indivíduo – não, note-se bem, de cidadão. E assim é que o nacionalismo pode ser liberal ou antiliberal, o liberalismo nacionalista ou anti-nacionalista. Conquanto, porém, nada haja entre estes dois conceitos, pelo qual eles entre</p>	liberalismo	liberalismo	txt1962

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>si intrinsecamente se possam relacionar, sucede todavia que têm extrinsecamente dois pontos comuns. Em ambos casos se trata da valorização de qualquer coisa; em ambos casos se trata da defesa de qualquer coisa. Os dois conceitos têm pois ainda que em campos diferentes, o mesmo ritmo ou tipo de vibração. O nacionalismo procura a valorização da Nação; o liberalismo procura a valorização do Indivíduo. O nacionalismo busca defender a Nação das influências que a podem desintegrar; o liberalismo busca defender o Indivíduo das influências que o podem diminuir. E assim como o nacionalismo se opõe ao separatismo (ou regionalismo separatista) ao estrangeirismo e ao internacionalismo, assim também o liberalismo se opõe às incursões que sobre o indivíduo podem exercer as influências anti-individuais — a família a classe o Estado</p>			
O ATLANTISMO	Somos contra França, porque a França veio, com o seu democratismo e o seu liberalismo plebeu, destruir os restos de paganismo que havia entre nós.]	liberalismo	nacionalismo	
TERCEIRA JUSTIFICAÇÃO DA DITADURA MILITAR	<p>Já acima esboçámos, em simples exemplo ocasional, qual seja a situação presente de Portugal quanto à sua opinião pública. Concentrados dos Filipes ao liberalismo, numa estreita tradição familiar, provincial e religiosa; animalizados, nas classes médias, pela educação fradesca, e, nas classes baixas, bestializados pelo analfabetismo que distingue as nações católicas, onde não é mister conhecer a Bíblia para se ser cristão; desenvolvemos, nas classes superiores, onde principalmente</p>	liberalismo	nacionalismo	txt 2831

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	se forma a opinião de intuição, a violenta reacção correspondente a esta acção violenta.			
14 DE MAIO	Com liberalismo salvava a monarquia e radicava-a. Mas se fosse liberal, perdia grande parte do seu apoio. Nem, mesmo, por feitiço, podia ser liberal. Pimenta de Castro foi o mais puro representante das classes-médias que foi ao poder em Portugal. Reflectiu perfeitamente a sua ânsia de paz, de tolerância e de liberdade. Caiu.	liberalismo	conservadorismo	txt 3563
A OPINIÃO PÚBLICA [b]	Neste critério antiegoísta está, pois, o erro do liberalismo; e tanto é erro que veremos a espontânea operação do princípio e do critério contrários — primeiro, em uma sociedade bárbara, e, portanto, próxima dos próprios instintos e livre de perversões acumuladas; segundo, na nossa própria sociedade pervertida e decadente, por o que de fundamental opera por baixo da aparência igualitária ou liberalista	liberalismo	conservadorismo	txt 2900
s/t	Se a demonstração de que o liberalismo conduz naturalmente ao nacionalismo magoa de algum modo aqueles nossos liberais que simpatizam com o comunismo, confesso que não tenho pena. Tenho pena, tão-somente, de que qualquer indivíduo que simpatiza com o comunismo — está, é claro, em seu direito de o fazer — venha insultar o liberalismo com o declarar-se liberal. Como são, afinal, os analfabetos do liberalismo, não os poderei magoar, visto que não me poderão ler. Se, por outra parte, a demonstração de que o nacionalismo conduz naturalmente ao liberalismo magoa de algum modo os reacionários portugueses, também não tenho pena. São os lacaios do nacionalismo estrangeiro, e, como não sou estrangeiro, não creio que a minha demonstração, mil vezes	liberalismo	liberalismo	Barreto (2017 p. 364)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>pudesse estorvar na sua ocupação predilecta- a de dizer asneiras. Confio na pétrea solidez das suas cabeças e na fé firme e totalitária que dividem, em três partes iguais, entre Charles Maurras, Nossa Senhora de Fátima e o senhor D. Duarte Nuno de Braganca.</p>			
<p>(Prólogo) – Só conseguiram criar civilizações aqueles elementos «modernos»</p>	<p>Só conseguiram criar civilizações aqueles elementos «modernos» que</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) criaram um cristianismo nacional; 2) equilibraram, ou combateram, a influência cristã com revivescências do paganismo; 3) aceitando o cristianismo à outrance, aceitaram nele, porém, uma coisa de acordo com o próprio cunho (carácter) nacional –, ainda que, como não era essa fé de origem nacional, nem em todos os seus elementos susceptível de ser uma fé nacional, a decadência entrava depressa com essas nações 	nacional	conservadorismo	txt 856
<p>Interregno Defesa e Justificação da ditadura militar</p>	<p>Em Portugal, porém, não há (como se disse) ideal nacional, nem há (como se dirá) opinião pública. Recebemos, assim, em sua plenitude os malefícios do constitucionalismo. Somos nós os perfeitos constitucionais. Os problemas nacionais suscitados pela presença do constitucionalismo, se são graves em qualquer outro país, são, pois, entre nós gravíssimos. Temos que dar-lhes uma solução qualquer, permanente ou provisória, mas certamente imediata.</p>	nacional	conservadorismo	txt 4343
<p>Na farmácia do Evaristo</p>	<p>Em terceiro lugar, reparem que estávamos considerando a justificação irracional da República; a continuidade de que se trate, pois, para esta justificação, é uma continuidade nacional, e não uma continuidade de regímen ou de partido. Ora, como a nacionalidade não começou em 5 de Outubro de 1910, a continuidade nacional também não começa aí. E se há uma continuidade partidária e não nacional, há uma continuidade partidária e anti-nacional. e esse partido está contra a nação.</p>	nacional	nacionalismo	txt 4337
<p>AS NOSSAS ENTREVISTAS</p>	<p>– Estamos tão desnacionalizados que devemos estar renascendo. Para os outros povos, na sua totalidade eles próprios, o desnacionalizar-se é o perder- -se. Para nós, que não somos nacionais, o desnacionalizar-se é o encontrar-se.</p>	nacional	liberalismo	txt 980

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
Podem os elementos militares, que promoveram o pronunciamento recente,	Podem os elementos militares, que promoveram o pronunciamento recente, alegar que não fazem política porque procuram simplesmente manter a ordem, moralizar os serviços públicos e administrar. Seja, mas o facto é que se não pode deixar de fazer política ao fazer política. Limitar a actividade política à manutenção da ordem e à administração é uma doutrina política: é o conservantismo simples, que defende a simples estabilização da vida nacional, em oposição ao conservantismo reformista, que procura impor-lhe um quadro de instituições em qualquer modo semelhantes a instituições do passado. Está certo, e achamos que está bem, que o Exército se declare partidário do conservantismo simples: é uma das doutrinas políticas mais sãs e mais úteis, pois quem não buscar reformar, mas só administrar, dificilmente causará perturbações sociais	nacional	conservadorismo	txt 4340
SIM, É O ESTADO NOVO	Visão grande! Ódio à minúscula! Nem para prová-la tal Tem alguém que ficar triste: União Nacional existe Mas não união nacional.	nacional	liberalismo	txt 4352
AS NOSSAS ENTREVISTAS	Por arte portuguesa deve entender-se uma arte de Portugal que nada tenha de português, por nem sequer imitar o estrangeiro. Ser português, no sentido decente da palavra, é ser europeu sem a má-criação de nacionalidade. Arte portuguesa será aquela em que a Europa – entendendo por Europa principalmente a Grécia antiga e o universo inteiro – se mire e se reconheça sem se lembrar do espelho. Só duas nações – a Grécia passada e Portugal futuro – receberam dos deuses a concessão de serem não só elas mas também todas as outras. Chamo a sua atenção para o facto, mais importante que geográfico, de que Lisboa e Atenas estão quase na mesma latitude. – O regionalismo na literatura e na pintura? – O regionalismo é uma degeneração gordurosa do nacionalismo, e o nacionalismo também. E como o nacionalismo é antiportuguês (sendo bom, cá no Sul, só para os povos latinos e ibéricos), o regionalismo em Portugal é uma doença do que	nacional	liberalismo	txt 980

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	não há. Amar a nossa terra não é gostar do nosso quintal.			
PORTUGAL, VASTO IMPÉRIO – Um inquérito nacional	Há só uma espécie de propaganda com que se pode levantar o moral de uma nação – a construção ou renovação e a difusão consequente e multimoda de um grande mito nacional. De instinto, a humanidade odeia a verdade, porque sabe, com o mesmo instinto, que não há verdade, ou que a verdade é inatingível.	nacional	nacionalismo	txt 982
O grande problema do Estado futuro consiste na organização	Toda a obra antigermânica, hoje, em Portugal, emana de traidores à pátria porque emana de criaturas desintegradas da nossa alma nacional. Os que querem um Portugal honesto, feliz, rico e honrado, querem a negação da acção civilizacional portuguesa, querem que desçamos ao burguesismo nacional dum pseudonação como a Suíça ou a Bélgica, querem que abandonemos o nosso grande papel na construção do novo mundo, que abdiquemos de realizar em espírito aquilo que realizámos outrora em corpo – o alargamento do mundo e a descoberta de novas terras. de novos mares. de novos céus	nacional	conservadorismo	txt 836
Interregno Defesa e Justificação da ditadura militar	Sendo o Estado de Transição, em matéria nacional, a condição de um país em que estão suspensas, por uma necessidade ou compulsão temporária, todas as actividades superiores da Nação como conjunto e elemento histórico, o certo é que não está suspensa a própria Nação, que tem que continuar a viver e, dentro dos limites que esse estado lhe impõe, a orientar-se o melhor que pode. Os governantes de um país, em um período destes, têm pois que limitar a sua acção ao mínimo, ao indispensável.	nacional	liberalismo	Txt 4343
A lucidez, a sobriedade, a concisão não são postulados,	Temos, pois, a hipótese que o paganismo não possa ajustar-se ao cosmopolitismo económico contemporâneo Mas o paganismo não se ajusta a ele: corrige-o dando força às nacionalidades	nacional	liberalismo	txt 877
Interregno Defesa e Justificação da ditadura militar	Escravos da mentalidade estrangeira, uns; escravos da falta de mentalidade própria, todos – nenhuns Portugueses, políticos ou não políticos, têm podido falar nacionalmente ou superiormente a este País. Fá-lo hoje, pela primeira vez desde 1578, e por nosso intermédio, o Núcleo de Acção Nacional.	nacional	fascismo	txt 4343

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	obs
Universalismo imperialista e imperialismo universalista não são a mesma coisa	<p>Para o que vamos afirmar, e para o que depois teremos que propor, não queremos a atenção dos sub-Portugueses que constituem a maioria activa da Nação. Mas a atenção dos outros, dos que têm um cérebro que pode ainda vir a pertencer-lhes, nem a queremos nem a pedimos — exigimo-la.</p> <p>Universalismo imperialista e imperialismo universalista não são a mesma coisa. No primeiro caso, o universalismo é o essencial, o imperialismo o caminho por onde, no período de fixação da nacionalidade, o universalismo derivou. No imperialismo universalista dá-se o caso contrário. Neste a nação, a tal ponto «nacional» que o seu patriotismo lhe não cabe nas fronteiras e se torna espírito de domínio, isto é, imperialismo, expande-se e assim se universaliza; mas procura sempre impor o seu espírito, isto é, a sua nacionalidade, às populações conquistadas. São os casos, antigo, de Roma; moderno, de Inglaterra — aquele, porventura, mais consciente do que este. Nós e a França, essencialmente universalistas (é talvez um dos motivos íntimos da nossa atracção por esse país) não o tentamos fazer — a França nem agora nem nunca; nós só agora, pois antigamente em certo modo o fizemos, desastrosamente para nós, em circunstâncias que adiante referirei</p>	nacional	nacionalismo	txt 3977
Interregno Defesa e Justificação da ditadura militar	<p>Na secção quarta, se, de facto, definimos em que consiste a opinião pública, é que na quarta parte do livro não teremos que defini-la a ela, senão às condições sociais necessárias à sua existência; da Sociedade portuguesa tratará essa quarta parte. Nem dissemos na secção segunda como se extraía um regime do ideal nacional, nem a que ideais convinha este ou aquele regime; tão-pouco dissemos, na secção quarta, qual a maneira de fazer entrar numa constituição política, ou sistema de governo, a opinião pública de uma sociedade: tudo isto fará parte, não da segunda ou da quarta, mas da terceira parte do livro. Como é ela que trata do Estado, nela se projectam as conclusões políticas corolárias da segunda, que trata da Nação, e da quarta, que trata da sociedade; pois no Estado, que é a inteligência do país, se projectam os seus instintos, que formam a Sociedade e os seus hábitos, que constituem a Nação</p>	nacional	fascismo	txt 4343

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
[Carta ao Banco Angola e Metrópole – 20 Out. 1925]	São duas as razões porque apresento este assunto à consideração de V. Exas., de preferência à de qualquer outra entidade susceptível de por ele se interessar. — A primeira é que V. Exas. têm revelado, tanto quanto me tem sido possível observar, um interesse desusado pelos processos e empresas propriamente de expansão nacional; e, se me não engano em supor que seguem esse critério, que aliás a ciência económica presente abona, não deve ser-lhes indiferente um processo inteiramente novo e prático da organização d'aquilo que é fundamental na publicidade comercial de um país, não precisando eu chamar a vossa atenção para o destaque que a publicidade assume na técnica da expansão comercial moderna	nacional	nacionalismo	txt 4500
Resposta ao apelo de J. de Barros	Para o Portugal presente, oprimido e esbatido, como para a Alemanha humilhada do princípio do século passado, o que existe que os levante é uma tradição de império, e, em ambos os casos, uma tradição inteiramente quebrada e envilecida. Em ambos os casos se dá um fenómeno curioso, evocador dessa tradição através dum curioso sentimento de misticismo nacional. No caso da Alemanha é a lenda de Frederico Barbarossa, morto em viagem para o Oriente, e que espera o dia em que, voltando, há-de restituir à sua Pátria o império e a grandeza. (Q. Rückert.) Assim, entre nós, da nossa grandeza ida, do nosso império morto, ficou a lenda mística e nacional de D. Sebastião, o qual também, para além de nós, espera a hora em que regresse para nos restituir a nossa grandeza. Ambas as lendas — bem sei — integram-se, segundo o delírio analógico de certos estudiosos magros destes assuntos, na lenda antiquíssima do Rei Artur. Mas isso é a aparência illusória. O facto essencial é que, no caso da Alemanha, como no de Portugal, há bases concretas nacionais para que a lenda surgisse. Barbarossa e D. Sebastião — a semelhança mística e nacional das duas figuras é de ordem a fazer pensar, sobretudo quando ela se sobrepõe às outras semelhanças essenciais, que	nacional	fascismo	txt 851
Interregno	O terceiro grupo, psicologicamente parecido com o segundo, pois o caracterizam a mesma incapacidade de acção útil, é	nacional	liberalismo	txt 4150

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>formado de grande parte da alta burguesia e de grande parte da burguesia média. São inertes, conservadores e desnacionalizados. São os do "lá fora é outra coisa", "isto é um país único", "isto é pior que Marrocos", frases que, em justiça se diga, ou não aparecem na boca dos outros grupos, ou só episodicamente e por imitação aparecem.</p>			
<p>Divisão das teorias integralistas:</p>	<p>A maneira mais simples de fazer surgir num país uma ideia nacional é o conflito de culturas — atirar para dentro desse país mais do que uma influência estrangeira; uma neutralizará a outra, e no esforço de as confrontar e assimilar, o país desenvolve um espírito próprio, descobre-se finalmente, encontra-se.</p> <p>O nacionalista tradicionalista vai ao passado para descobrir o presente. O nacionalista integral vai ao presente e ao passado para descobrir o presente. O nacionalista cosmopolita busca o presente apenas no presente (ex????).</p> <p>Como se propõem os integralistas acordar o sentimento nacional? Pela tradição. Mas a tradição está quebrada, sobretudo nas classes dirigentes, que estão em contacto com o estrangeiro; onde não está quebrada, representa, não um nacionalismo. mas uma improgressividade chapada: é</p>	<p>nacional</p>	<p>fascismo</p>	<p>txt 649</p>
<p>Sim, sou situacionista. Mas vamos lá a uma coisa. . .</p>	<p>Confio no Prof[essor] Salazar por um motivo primário e dois motivos secundários. O motivo primário é aquele de ter as duas notáveis qualidades que ordinariamente falecem no português: a clareza firme da inteligência, a firmeza clara da vontade. Dos motivos secundários, o primeiro é o que tenho notado de realmente feito e que antes se não fazia — tudo isso que vai desde os navios e as estradas até tentar dar a um país sem ideal nacional pelo menos o pedido de que pense em tê-lo.</p>	<p>nacional</p>	<p>nacionalismo</p>	<p>txt 4036</p>
<p>Resposta ao apelo de J. de Barros</p>	<p>Quanto mais aprofundarmos o assunto, maiores aparecerão as semelhanças, mais claras as razões para que a nossa aproximação espiritual seja com a Alemanha, e não com os aliados.</p> <p>Reportemo-nos ao papel civilizacional dos dois países. Já vimos que esse papel envolveu, em ambos os casos, uma idêntica inversão do carácter nacional, em ambos os casos um conceito</p>	<p>nacional</p>	<p>fascismo</p>	<p>txt 851</p>

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
Interregno Defesa e Justificação da ditadura militar	<p>metódico e organizado da obra civilizacional. Outras, flagrantes, semelhanças existem.</p> <p>A pressão de um ideal nacional, se é forte e constante, faz-se sentir no próprio Parlamento, nos próprios partidos, pois estes existem adentro da nação; a pressão de uma opinião pública espontânea, se é forte, do mesmo modo que a sentiam os reis absolutos, assim a sentem também o Parlamento e os partidos, que recuam, como faziam os reis, ante os seus impulsos mais evidentes. Parece, por isto, que, se o parlamento e os partidos podem ser, como o eram os reis, sensíveis às manifestações directas da opinião pública, tanto faz que haja reis como Parlamento e partidos; parece que basta que haja ideal nacional, e que haja opinião pública verdadeira, pois estes se farão sentir ao Parlamento e aos partidos, e assim os compelirão ao recto caminho. Infelizmente a analogia é errónea. O rei absoluto podia (com grave risco próprio) contrariar o ideal da Nação. O rei absoluto podia (com certo risco próprio) contrariar a opinião do seu povo. Mas o rei absoluto não podia sofismar ou perverter esse ideal ou essa opinião, pois não tinha contacto interno com a opinião pública, que não representava e de quem não dependia, e o ideal nacional, enquanto activo, não se manifesta senão como uma parte da opinião pública. Os partidos, porém, como têm um ideal político distinto do ideal nacional (sem o que não seriam partidos), ora sobrepõem aquele a este, ora o infiltram neste, assim o pervertendo. Os partidos, ainda, como têm que ter a aparência de se basear na opinião pública, buscam "orientá-la" no sentido que desejam, e assim a pervertem; e, para sua própria segurança, buscam servir-se dela, em vez de a servir a ela, e</p>	nacional	nacionalismo	txt 4343
As qualidades mentais e morais necessárias para a conquista do poder político,	<p>É curioso, e oposto, o caso do 28 de Maio. Este foi, como a Revolução Francesa, uma Revolução Nacional, saída deveras do âmago da nação, diversamente vítima, e diversamente revoltada contra, a quase plena anarquia, de rua a cabeça, em que o desmanchamento dos partidos e a eclosão de novos desconhecidos tinham lançado o país. Análogo à Revolução Francesa em carácter, embora diverso em realização — visto que</p>	nacional	conservadorismo	txt 4363

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
SIM, É O ESTADO NOVO	<p>era um movimento contra-revolucionário —, o 28 de Maio tinha forçosamente que resultar numa situação caótica</p> <p>Com directrizes à arte Reata-se a tradição, E juntam-se Apolo e Marte No Teatro Nacional Que é onde era a inquisição.</p>	nacional	nacionalismo	txt 4352
Interregno	<p>O segundo grupo, mais restrito, mas suficientemente largo para ser importante na vida nacional, é o que forma a massa dos partidos políticos; formam-no grande parte da baixa burguesia, grande parte da média burguesia, e uma parte incerta da alta burguesia. Este português, tendo a mesma descontinuidade que o do primeiro grupo, já não tem as boas qualidades fundamentais, que aquele distinguem. O seu patriotismo, às vezes real, é todavia desfigurado por partidarismos vários, que por vezes se sobrepõem a ele. Ignorante, e, por isso, admirador de um estrangeiro que desconhece, esta gente é a que crê nos sagrados princípios da revolução, ou nos princípios igualmente sagrados da Monarquia Integral</p>	nacional	liberalismo	txt 4150
Interregno Defesa e Justificação da ditadura militar	<p>Se a força de desintegração, que por natureza é centrífuga, exceder o seu limite orgânico, ficará o organismo ocupado pela força oposta, e do mesmo modo sofrerá a morte ou a desvitalização. Como no individual, assim no social. Se a opinião de hábito tiver, em vez de um fito nacional, um intuito menos que nacional — província, classe, família, . . . — envolverá em ruína a sociedade, porque a deixara livre à opinião de intuição, que estabelecera o caos em todos os outros elementos sociais. Se a opinião de intuição tiver um intuito mais que nacional — humanidade, civilização, progresso. . . — do mesmo modo arruinará a sociedade, pois a deixará livre à opinião de hábito, que se apoderará de todos os seus outros elementos</p>	nacional	conservadorismo	txt 4343
Interregno Defesa e Justificação da ditadura militar	<p>Em segundo lugar, o fim principal deste opúsculo está, não nele, que é só introdutório, mas nas três partes seguintes do livro de que ele é a primeira. Porém, como ele é introdutório, nele se deviam esboçar não só as matérias por cuja divisão elas são três, mas, mais particularmente, as bases dessas matérias. Da</p>	nacional	nacionalismo	txt 4343

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
Interregno Defesa e Justificação da ditadura militar	<p>segunda secção deste emergirá a segunda parte do livro, da terceira a terceira, da quarta a quarta; a quinta, já o dissemos, não será mais que a peroração. Nessa secção segunda assentámos na importância do ideal nacional; dele, da sua natureza em Portugal, e da sua preparação aqui, tratará a segunda parte do livro.</p> <p>Ora todo ideal nacional, claramente concebido ou claramente sentido, forçosamente tende para certa fórmula política, para certo regime, que lhe seja adequado, e através do qual se exprima. Por exemplo: um imperialismo como o inglês, de domínio e expansão étnica, está necessariamente ligado, intrínseca e extrinsecamente, à ideia monárquica. Outros ideais nacionais, nem altos como aquele, nem sequer seus semelhantes, podem também exprimir-se na ideia monárquica. Ideais de tipo diverso, e entre si também diversos. projectam-se naturalmente, e por diversas razões, na fórmula republicana. Só a ausência de um ideal nacional, pela acção negativa da mesma causa, se exprime na divisão da nação, meçada entre um regime em que não crê e uma oposição a ele em que não confia. É esta a condição sem proveito em que emparceiramos com a França.</p>	nacional	nacionalismo	txt 4343
As qualidades mentais e morais necessárias para a conquista do poder político	<p>A vinda de Salazar trouxe enfim o Chefe de Acção Nacional. Gradualmente se sentiu a sua chefia, foi primeiro um prestígio de pasmo, pela diferença entre ele e todas as espécies de chefes políticos que o povo conhecesse; um prestígio psicológico, sim, antes de mais nada, porque o que primeiro se descobriu de Salazar, à parte o seu carácter ascético (traço que, de per si, não dá prestígio, mas geralmente reforça o que outras qualidades imponham), é que era, ao contrário dos vulgares chefes políticos, um homem de ciência, de trabalho e de poucas palavras, e, ao contrário dos portugueses vulgares, incapazes de pensar claramente e de querer firmemente, um espírito excepcionalmente claro, uma vontade omnimodamente forte.</p>	nacional	fascismo	txt 4363
Interregno Defesa e Justificação da ditadura militar	<p>Em terceiro lugar, tendo nós neste opúsculo esboçado as matérias dessas três partes, e definido as bases delas, em nenhuma secção, contudo, definimos as mesmas matérias, o que faremos só nas partes do livro que se lhes reportem. Não</p>	nacional	nacionalismo	txt 4343

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	dissemos na secção segunda em que consistia um ideal nacional, nem em que deveria consistir o nosso; na segunda parte do livro, que trata da Nação Portuguesa, o faremos. Não dissemos na secção terceira em que consistia a essência do constitucionalismo inglês; na terceira parte do livro, que trata do Estado Português, o definiremos para depois assentarmos na constituição própria desse Estado.			
O INTERREGNO. – Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal.	Desnacionalizámos a nossa política, desnacionalizámos a nossa administração, desnacionalizámos a nossa cultura. A desnacionalização explodiu no constitucionalismo, dádiva que, em reacção, recebemos da Igreja Católica. Com o constitucionalismo deu-se a desnacionalização quase total das esferas superiores da Nação. Produziu-se a reacção contrária, e, do mesmo modo que na Rússia de hoje, se bem que em menor grau, a opinião de hábito recuou para além da província, para além da religião. em muitos casos para além da família	nacionalismo	nacionalismo	txt 4343
ASSOCIAÇÕES SECRETAS	Embora uma interpretação desta ordem legitimamente se extraia do frasear pouco nacionalista do sr. José Cabral, creio, tanto porque assim deve ser, como pelos encómios com que o projecto foi afagado pela imprensa pseudo-cristã, que as "associações secretas", que ele verdadeiramente visa, são aquelas que envolvem o que se chama "iniciação", e portanto o secredo especial a esta inerente.	nacionalista	nacionalismo	txt 4165
[Correntes Literárias]	Finalmente, expressão do revolucionarismo intensificado da época, teremos uma corrente oposta ao decadentismo, que será a corrente nacionalista, já tão marcada; teremos, oposta propriamente ao espírito de organização, outra corrente, estilo «poesia social».	nacionalista	nacionalismo	txt 4065
ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR	Este senhor Salazar É feito de sal e azar. Se um dia chove, A água dissolve O sal, E sob o céu Pica só azar, é natural. Oh. c'os diabos! Parece que iá choveu. . .	Salazar	liberalismo	txt 4357

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
O prestígio de Salazar não se deriva da sua obra financeira,	O prestígio de Salazar não se deriva da sua obra financeira, tanto porque, sendo essa obra uma obra de especialidade, o público não tem competência, nem pretende ter competência, para a compreender, como porque o acolhimento calorosamente favorável, que essa obra teve, denotava já um prestígio anterior. O prestígio de Salazar nasceu vagamente da sugestão do seu prestígio universitário e particular, mas firmou-se junto do público, logo desde as suas primeiras frases como ministro, e as suas primeiras acções como administrador, por um fenómeno nsíquico simples de compreender	Salazar	nacionalismo	txt 4157
[Carta ao Presidente da República — d]	Destinado assim naturalmente por Deus para executor de ideias de outrem, visto que as não tem próprias, de secretário de prestígio alheio, porque o não pode conquistar seu, o Prof[essor] Salazar quis alçar-se, ou deixou que o quisessem alçar, a um pedestal onde mal se acomoda, a um trono onde não sabe como sentar-se. Não conseguiram os titãs, e eram titãs, escalar o Olimpo; como o conseguirão os anões, condenados, para que possam parecer grandes, ao desequilíbrio constante das andas que lhes ataram às pernas?	Salazar	conservadorismo	txt 1729
As qualidades mentais e morais necessárias para a conquista do poder político,	O período entre 28 de Maio de 1926 e 27 de Abril de 1928 — a vinda de Salazar ao poder — é talvez dos períodos mais perigosos para a Nação que ela tem tido em sua longa vida. Não por este ou aquele elemento externo ou visível, mas pela surda confusão, pela permanência, sob forma diferente, da anarquia que o 28 de Maio viera para extinguir, sem saber como. O pior evitou-se logo de início, com a entrega ao general Carmona da chefia da Nação. O seu grande prestígio mantinha, ao menos, a seu lado a maior parte da Força Armada. Assim — e ainda assim com violentas interrupções, como o 7 de Fevereiro — se manteve a ordem na rua, por pouco que ela se mantivesse nos espíritos	Salazar	liberalismo	txt 4363
The very confused political situation in Spain. . .	The primary cause of the failure of the Spanish dictatorship lies outside any matter of politics or administration. It was, so to speak, a personal matter. The Spanish Dictatorship had no outstanding personality, no distinctive man. There was no Mussolini, as in Italy, no Salazar, as in Portugal now. Primo de Rivera was outstanding politically; he was not outstanding	Salazar	fascismo	txt 1967

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	<p>personally. It is the latter distinctiveness that is really important: Salazar is the man with the greatest prestige to-day in Portugal, he is the man who has held together, though a civilian, the Portuguese Military Government, yet he is not the Head of the State, nor even of the Government, being simply the Minister of Finance.</p> <p>A principal causa do fracasso da ditadura espanhola reside fora de qualquer questão de política ou administração. Foi, por assim dizer, uma questão pessoal. A Ditadura Espanhola não contou com uma personalidade marcante, um homem distintivo. Não havia um Mussolini, como na Itália, nem um Salazar, como em Portugal atualmente. Primo de Rivera era destacado politicamente; no entanto, ele não se destacava pessoalmente. É essa distinção pessoal que é realmente importante: Salazar é o homem com maior prestígio nos dias de hoje em Portugal, é o homem que, embora civil, manteve unido o Governo Militar Português; no entanto, ele não é o Chefe de Estado, nem mesmo do Governo, sendo simplesmente o Ministro das Finanças.</p>			
<p>Desejo, pelo presente escrito, contraditar os princípios expostos. . .</p>	<p>A segunda advertência é de ordem mais para reparar. A tese do Prof. Salazar é um apanhado, aliás muito lúcido e lógico de princípios políticos já conhecidos — os da chamada "contra-revolução" ou seja os que distinguem e definem as doutrinas dos chamados integralistas. A minha tese, ao contrário, trará, em seu desenvolvimento, resultados de absoluta novidade. Tendo que expor coisas novas, e sendo o cérebro do público sempre um mau receptor, tenho a desvantagem — quase o dever — de que não serei compreendido. Ao público, ou a qualquer pessoa que pareça público não se pode dizer embora melhor senão o que ela já sabe isto é aquilo que é absolutamente inútil dizer-lhe</p>	Salazar	liberalismo	txt 1971
<p>As qualidades mentais e morais necessárias para a conquista do poder político,</p>	<p>Em outras palavras, Salazar é considerado um grande ser, um homem de inteligência clara e de vontade firme. Não é lógico, mas é humano, e entre os homens é o humano que vinga. Quando um homem tem como qualidades marcantes aquelas que mais notavelmente faltam ao povo a que pertence, o seu prestígio é imediato, embora seja, talvez, sempre um prestígio</p>	Salazar	liberalismo	txt 4363

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
	frio e constrangido – um prestígio intelectual, sem elemento emotivo.			
Na baixa política está bem.	O Sr. Oliveira Salazar é, sem dúvida, mais alguma coisa que um financeiro. Infelizmente o que ele é mais é católico, e, de todas as coisas estranhas a uma especialidade, uma religião fechada, dogmática e intolerante é a pior para corrigir os defeitos da especialização, pela simples razão que os não corrige. Antes os reforça e alarga. dando-lhes uma base espiritual que os radica.	Salazar	liberalismo	txt 4124
Sim, sou situacionista. Mas vamos lá a uma coisa. . .	Sou situacionista por aceitação. Não discuto problemas políticos, constituições ou programas. Confio instintiva mas não irracionalmente, no General Carmona e no Professor Salazar.	Salazar	conservadorismo	txt 4036
Carta a Adolfo Casais Monteiro (rascunho) – 30-10-1935	Desde o discurso que o Salazar fez em 21 de Fevereiro deste ano, na distribuição de prémios no Secretariado da Propaganda Nacional, ficámos sabendo, todos nós que escrevemos, que estava substituída a regra restritiva da Censura, "não se pode dizer isto ou aquilo", pela regra soviética do Poder, "tem que se dizer aquilo ou isto". Em palavras mais claras, tudo quanto escrevermos, não só não tem que contrariar os princípios (cuja natureza ignoro) do Estado Novo (cuja definição desconheço), mas tem que ser subordinado às directrizes traçadas pelos orientadores do citado Estado Novo.	Salazar	liberalismo	txt 1156
s/t	Em Itália os intelectuais estiveram desde o começo contra o regime. Foi claramente uma tirania desde o começo. Em Portugal, os intelectuais que eram a princípio politicamente indiferentes ou mesmo favoravelmente dispostos para com a ditadura, foram sendo gradualmente pressionados e empurrados para a oposição. Nenhum intelectual realmente conceituado, isto é, conceituado tanto moral como intelectualmente, vive agora à sombra do fascismo sonolento de Salazar.	Salazar	liberalismo	Barreto (2017 p. 215)

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
É, a meu ver, um erro de Salazar o filiar o espírito de partido. . .	O espírito partidário é uma consequência da intolerância religiosa do passado, e por isso mais se acentua naqueles países que sofreram, durante séculos, o influxo da mais intolerante de todas as formas de religião – o catolicismo. A Itália, a Espanha e Portugal são os países onde esse espírito de partido, como Salazar o entende, mais se acentua. São também os países onde mais se acentuou a accção da lareia de Roma.	Salazar	liberalismo	txt 4391
PROGRAMA GERAL DO NEOPAGANISMO PORTUGUÊS	Rejeitamos o spartanismo idiota dos eugenistas, e do aperfeiçoamento à má-quina das raças. Rejeitamos a fórmula tradicionalista, porque a única verdadeira tradição civilizada é a tradição pagã: as outras são tradições locais estéreis de efeito civilizacional, prejudiciais às nações. Povo conservador, povo morto.	tradição	liberalismo	txt 1766
LIBERTEMOS O NACIONALISMO DOS SEUS AGREGADOS ESPÚRIOS	O Bandarra, símbolo eterno do que o Povo pensa de Portugal. Que Portugal tome consciência de si mesmo. Que rejeite os elementos estranhos. Ponha de parte Roma e a sua religião. Entregue-se à sua própria alma. Nela encontrará a tradição dos romances de cavalaria, onde passa, próxima ou remota, a Tradição Secreta do Cristianismo, a Sucessão Super-Apostólica, a Demanda do Santo Graal. Todas essas coisas, necessariamente dadas em mistério, representam a verdade íntima da alma. a conversação com os símbolos. [1]	tradição	conservadorismo	txt 1180
Republicanismo: Porque a Monarquia é uma tradição,	Republicanismo: Porque a Monarquia é uma tradição, porque está ligada a Roma, porque é uma limitação do esforço aristocrático, porque é, de sua natureza, um regime democrático, visto que é o que mais agrada ao Povo.	tradição	liberalismo	txt 1218
O GRÉMIO DA CULTURA PORTUGUEZA assenta os seus intuitos. . .	A missão imperial a que têm que obedecer as duas nações que formam o Império Português encontra-se estabelecida nas seguintes origens: (a) como memória e tradição, a fundação da civilização universal moderna pelo Infante D. Henrique, (b) como propósito e utopia, a criação, pelos Sebastianistas, da ideia de um Império Português, designado como o Quinto Império, e formado em bases diversas das de todos os impérios passados, (c) como tipo de acção, a concentração em uma unidade espiritual, a criar progressivamente, da tradição em que assenta	tradição	fascismo	txt 1600

Título	texto	palavra-chave	ideologia preponderante	Obs.
1. Manutenção da forma republicana de governo:	<p>a razão histórica do Quinto Império, e da esperança em que reside a razão religiosa d'ele.</p> <p>O que é preciso, pois, é estabelecer uma fórmula de transição que sirva de declive natural para a monarquia futura, mas esteja em certa continuidade com o regime actual. Essa fórmula de transição, já tentada instintivamente por Sidónio Pais, e a república presidencialista, que, por ser república, não perde continuidade com o actual regime, e por restabelecer o poder pessoal começa já a introduzir um dos princípios fundamentais do regime futuro e da tradição portuguesa. A tradição não se reata: reconstrói-se.</p>	tradição	nacionalismo	txt 1978
The truth about such men as Shaw. . .	<p>A verdade acerca de homens como Shaw e (. . .) é que são bárbaros. Irrumpem na civilização com a novidade de quem não lhe pertence, fazendo a mesma vista que um negro na Escandinávia. A sua própria negrura é o seu selo branco. A verdadeira novidade que permanece é a que pega em todos os fios da tradição e os tece novamente num padrão que a tradição não lograria produzir. As ideias essenciais do génio são tão antigas como a base deste último, que é a existência da humanidade. Todo o homem de génio pega nesta velha vestimenta cocada até ao fio ()</p>	tradição	conservadorismo	txt 1267
O REGRESSO DOS DEUSES	<p>A mais antiga tradição da nossa civilização é a tradição grega. Devemos reatá-la. Temos que nos criar uma alma grega, para podermos continuar a obra da Grécia. Tudo posterior à Grécia tem sido um erro e um desvio.</p>	tradição	conservadorismo	txt 1618
PROBLEMA IBÉRICO [a]	<p>Fortemente aristocrática na sua constituição espiritual, ferrenhamente católica no seu habitus moral, absurdamente tradicionalista no conjunto quotidiano dos seus usos e costumes, Castela apresenta-se como um elemento anteprejudicador de uma confederação, e como um elemento (e é isto que aqui importa) violador da nossa grande tradição árabe – de tolerância e de livre civilização.</p>	tradição	liberalismo	txt 1226
Não é grande, nem absoluta nem relativamente, o	<p>Implica tão-somente um estabelecimento de entendimento e de amizade, natural no caso de Portugal e de Espanha, que nenhum conflito de ambições hoje separa, que uma civilização tradicional</p>	tradição	nacionalismo	txt 1248